



O MEU DICIONÁRIO
DE COUSAS DA
AMAZÔNIA

Raimundo Morais

EDIÇÕES DO
SENADO FEDERAL

Volume 175



Raimundo Moraes, (*Belém-PA, 15/9/1872 – †Belém-PA 3/2/1941),
escritor e jornalista.

.....

O MEU DICIONÁRIO
DE
COUSAS DA AMAZÔNIA



Mesa Diretora

Biênio 2013/2014

Senador Renan Calheiros
Presidente

Senador Jorge Viana
1º Vice-Presidente

Senador Romero Jucá
2º Vice-Presidente

Senador Flexa Ribeiro
1º Secretário

Senadora Ângela Portela
2ª Secretária

Senador Ciro Nogueira
3º Secretário

Senador João Vicente Claudino
4º Secretário

Suplentes de Secretário

Senador Magno Malta
Senador Jayme Campos

Senador João Durval
Senador Casildo Maldaner

Conselho Editorial

Senador José Sarney
Presidente

Joaquim Campelo Marques
Vice-Presidente

Conselheiros

Carlos Henrique Cardim

Carlyle Coutinho Madruga

Raimundo Pontes Cunha Neto

.....
Edições do Senado Federal – Vol. 175

O MEU DICIONÁRIO
DE
COUSAS DA AMAZÔNIA

Raimundo Morais



Brasília – 2013

EDIÇÕES DO
SENADO FEDERAL

Vol. 175

O Conselho Editorial do Senado Federal, criado pela Mesa Diretora em 31 de janeiro de 1997, buscará editar, sempre, obras de valor histórico e cultural e de importância relevante para a compreensão da história política, econômica e social do Brasil e reflexão sobre os destinos do país.

Projeto gráfico: Achilles Milan Neto

© Senado Federal, 2013

Congresso Nacional

Praça dos Três Poderes s/nº – CEP 70165-900 – DF

CEDIT@senado.gov.br

[Http://www.senado.gov.br/publicacoes/conselho](http://www.senado.gov.br/publicacoes/conselho)

Todos os direitos reservados

ISBN: 978-85-7018-441-2

.....

Morais, Raimundo.

O meu dicionário de cousas da Amazônia / Raimundo
Morais. – Brasília : Senado Federal, Conselho Editorial,
2013.

212 p. : il. – (Edições do Senado Federal ; v. 175)

1. Amazônia, dicionário, língua portuguesa. I. Título.
II. Série.

CDD 918.11

.....

.....

Introdução

A *AMAZÔNIA é o trecho do Planeta mais percorrido pelos sábios. Para ali rumam finas inteligências de investigadores, pomposas expedições de naturalistas. O ambiente doce e ameno, de encantamento e de magia, atrai o homem de ciência. Parece boiar na luz meridiana um fluido imperceptível, vibração vaporosa de fascínio, aroma pagão de serralho e de templo. Misturado às ondas de perfume de pataqueira e da baunilha, do jasmim e do cumaru, do pau-rosa e da pripiroca, sente-se que erra também certo eflúvio, cariciosa onda magnética sutil que, agitando e animando o filho da planície, amolece e derreia o pesquisador alheio ao sol cru desta plaga.*

Mas esse aroma e esse fluido – filtro invisível e estonteante – não se limitam a vogar na musselina da nossa atmosfera, no véu etéreo do nosso baldaquino de safiras diluídas. Vão mais longe. Transpõem as lindes do vale, atravessam a lhanura azul-marinho do Atlântico, e volatilizam-se nas brisas do Velho Mundo, quando não fletem, numa curva feiticeira, para o setentrão colombino. Penetram o gabinete do erudito, envolvem-no, saturam-no, embriagam-no e arrastam-no fascinado por um mistério de teatro que não existe aqui e por uma crônica mirabolante, falsa, inventada, animada, decorada, pelos flibusteiros e piratas. Desde as mulheres guerreiras de Orellana, ao incrédulo apóstolo S. Tomé, referido por Vieira, a imaginação do aventureiro forja uma história alheia à verdade.

As peripécias fascinantes do Eldorado, a Atlântida naufragada nalgum recôncavo desta bacia formidável, os monstros, os reis, os tesouros, os deuses divulgados com outros nomes na velha mitologia grega, nos livros de Platão e Marco Polo, entrevistados, enfim, nos dramas universais da Ásia, da África, da Europa, surgiram pela infinda planura do noroeste brasileiro, trazido nos bojos das caravelas, mais complicados e indecifráveis. A delirante fantasia não ficava, entretanto, circunscrita ao tipo simples e de boa fé; empolgava também o arguto portador da ciência. E o mais original de tudo é que a miragem enganadora do sábio se lhe concretiza na descritiva. Seus livros austeros de naturalista devoto da verdade desfecham em romances. Em tom sério e grave, meio matemático e meio profético, a maioria dessas páginas supera as Viagens Gulliver, de Swift.

Daí a nota cósmica e indecifrável, com raras exceções, em tudo que se conta da nossa terra, das nossas águas, dos nossos bichos, das nossas árvores, dos nossos arquiavós. Há um sentido enigmático no pensamento desses bandeirantes da geologia e da botânica, da etnografia e da história, de modo a confundir-lhe as tintas na visada panorâmica. Ao falarem de longe, como Buckle ou Gustavo Le Bon, perdem o equilíbrio de analistas, de sociólogos, tiram conclusões mesquinhas sobre o povo e arquitetam novelas abracadabrantes sobre a terra. Usam talvez do microscópio para ver os astros e do telescópio para ver as bactérias.

O pior, no entanto, é que se perturbam mais ainda quando nos visitam, e, em vez de versarem fielmente as províncias de suas especialidades, fazem como uma boa parte dos médicos que habitam a Amazônia: tratam de tudo. De sorte que se arriscam a cochilos formidáveis, chocantes, sobretudo com a história natural.

Assim, os geólogos examinaram o céu, os cosmógrafos examinaram as flores, os botânicos examinam os ventos, os etnólogos examinam os peixes, os hidrógrafos examinam as aves, paleontólogos examinam as nuvens, e, no fim, sucede o que sucedeu àquele pescador que, obrigado por castigo a contar os grãos de areia de um cômodo, sempre que estava para concluir, vinha Nossa Senhora e, arrastando o seu manto constelado de estrelas sobre a tarefa do condenado, misturava e confundia tudo.

Ora, no esplanar de doutrinas científicas os sábios não se limitam aos surtos líricos da imaginação, contradizem-se. Mais: negam-se, parecendo-nos que alguma divindade autóctone, como a Nossa Senhora dos católicos, de

vez em quando lhes passa o Zaimph miraculoso sobre os cálculos, mistura-lhes os argumentos, os teoremas, as tintas, as paisagens, anarquizando-lhes a ciência e a visão.

E se, de fato, não há interferência de fluidos nem de essências, de magos nem de deuses; se os aromas e as iaras não abalam nem seduzem esses homens de pituitárias invulneráveis à manjerona, planta de Belzebu, e de corações blindados a Rudá, deusa do amor, então o fenômeno que lhes enreda a vasta sabedoria e lhes daltoniza a doce menina dos olhos anda enquadrando, por certo, nalgum agente positivo: no ritmo evolutivo do Planeta, por exemplo, nas dobras telúricas do vale, no girar, no enxugar, no resfriar do globo, ou, quem sabe? apenas na grandeza da planura, se não for, talvez, na própria constituição física da Amazônia.

O sistema hidrográfico, maravilhoso e inexplicável que retalha a gleba do imenso anfiteatro, dando-lhe um aspecto lacustre, é predominante. Num balanço de atividades ali, através de todas as energias em jogo, recolhe-se esta prova curiosa: os pescadores são mil vezes mais numerosos que os caçadores. Há milhões de peixes por um quadrúpede. O boi do vale é a tartaruga.

Além deste argumento esmagador, existe outro maior, se bem que ainda franjado de espumas: não se anda na Planície – navega-se. Para alguém ir, por exemplo, do Rio Branco, no Acre, ao Cruzeiro do Sul, no Juruá, que uma estrada de rodagem ligaria em 12 horas, numa reta transversal, é necessário que se contorne a mesopotâmia separadora daqueles dois extensos rios. O percurso representa quase uma viagem de circunavegação, visto ser preciso baixar milhares de quilômetros até ao Solimões e de novo subir outros milhares de quilômetros a fim de transpor uma estreita língua de terra.

Qualquer passada, na Amazônia, vale por uma remada. A canoa é vista como um cavalo. Vista só, não, tida, designada, usada. Chamam-na mesmo de montaria aquática, faz lembrar o hipocampo dos oceanos e o Pégaso alado dos poetas. Veículo do labirinto potâmico, essa embarcação, de todos os tamanhos e de todos os feitios, elegante, feia, veloz, ronqueira, não equivale somente à gôndola veneziana, que conduz a serenata e o amor; ao bucentauro, de cuja amurada os doges, jogando n'água o anel sponsalício, se casavam com o Adriático; mas, ao corcel no deserto, ao ginete nos areais em fogo, ao tordilho nos pampas.

Galopa espumando sob o acicate dos pilotos e jacumaúbas. Pequeni-na, tocada pelas asas de um par de remos, parece uma libélula; distendida em igarité, ao impulso de vinte pás, parece uma centopeia. Montam-na os frades e os soldados, os seringueiros e os sábios, os exploradores e os naturalistas, os pajés, os tuxauas, os curumins, as cunhantãs, as cunhapuiaras. As procissões vão no seu bojo e muitas vezes os noivos e os defuntos. Passeia-se, ama-se, esmola-se, ora-se e foge-se dentro dela. Sem o seu auxílio, ao sabor e ao arrepio das estradas que andam no país das pedras verdes, a vida, numa síncope monstruosa e singular, pararia de súbito.

Se isso, no entanto, dá alguma vantagem ao povo da planície, porque lhe barateia o transporte, traz-lhe, do mesmo passo, dois inconvenientes; estira-lhe as distâncias, isolando cada núcleo populoso à beira dos caudais, e empareda-o entre panejamentos de verduras na calha monótona dos rios, situação esta que gera a ignorância do que vai para além da fimbria ribeirinha. A frágil cortina de folhagem das orlas fluviais, toda enfestonada de parasitas e epífitas, de buquês e guirlandas de cipós, pano de esmeralda aparentemente destinados apenas a quebrar a vista do navegante no beirão do barranco, é uma verdadeira muralha chinesa, brônzea couraça glauca quase inexplicável.

Para brechar e varar esse painel verdoengo, à primeira vista débil como a sebe dos jardins, é necessária uma peleja, há que travar uma batalha, carece-se dum exército destemido e arguto.

Inaplicáveis a catapulta e o ariete remotos; inapropriados o canhão e o tanque modernos; inviáveis a metralhadores de tiros rolantes e o aeroplano veloz e devassador, resta ao temerário dessa cruzada, que é o seringueiro violador da brenha, não só o seu punho de ferro e a sua alma de aço, como o seu facão e o seu rifle. Com eles o destemido abre a picada, defende a vida e rompe a hinterlândia.

Porque, além do traçado de taquaras, do renque de taxizeiros, da rede de espinhos, que logo à primeira investida entravam a marcha do invasor, o solo, inconsistente ainda, úmido, empapado, dificulta-lhe a empresa. Forrado, é certo, de ervas e trevos, gramíneas e samambaias – tapete diabólico que esconde sob a grama de clorofila imprevisos perigos – cada passo à frente é uma aventura. Por trás das ameias de palmas, flabelos, guirlandas, orquídeas, em que desabotoam vagens perfumadas e flores redolentes, rondam as tucandeiras e as cobras, as lagartas-de-fogo e as onças. Cada sapopema, nos troncos escuros

e rugosos, esconde uma fera. Pelas seteiras vegetais dessa imensa fortaleza verde, defendendo o habitat e a vida, a mulher e a honra, tão exaltada e denodadamente como o civilizado brioso, espia o índio de frecha na mão. As tocaias estão guarneçadas, os pontos estratégicos reforçados, a tribo levantada. O íncola anda certo de que o invasor ou lhe furta a mulher ou lhe escraviza a raça. Dilema inexorável, afiado como os cornos de um touro, ante essa perspectiva horrível o aborigine tem que reagir. E reage, afronta, luta, infelizmente para ele sem resultado vantajoso em virtude das armas aperfeiçoadas do adversário, que, dias depois do choque, vitoriosamente, por entre nomes complicados e papeletas em latim, exhibe pelos museus e galerias, como troféus, os despojos domésticos e guerreiros do selvagem.

O fato de se ir das planuras azuis do Atlântico aos íngremes contrafortes andinos no convés de rompantes navios, levando música e gelo a bordo, demonstra que apenas as artérias potâmicas estão desvendadas. Se a embarcação, por qualquer motivo interromper a derrota, encostar à ribanceira e tiver, em suma, de enviar uma vedetta por terra adentro, quebrando o sigilo ermo da hileia, surgem logo mil desenganos, tal o desconhecimento do que vai pelo interior da mata.

Sabe-se tudo, é verdade, sobre os cursos d'água; ignora-se tudo, porém, dentro da selva. Da beirada do rio a civilização, por mais aparelhada que esteja, não distingue os rumores da floresta. Os dramas do palco sombrio, animado por atores de tanga e canitara, frecha e tacape, são vedados ao olho azul e apressado do globe-trotter de chapéu de cortiça, quinzena de xadrez, binóculo a tiracolo, charuto no queixo, e que vem, depois de anunciar pelos jornais, descobrir a Atlântida nos sertões de Mato Grosso, ou lobrigar na Amazônia vestígios daquele Ofir bíblico, onde as frotas de Salomão se abarrotaram de ouro, macacos, pedras preciosas, pavões e madeira.

Compulsem-se os roteiros dos exploradores por ali andados. Armam as tendas na fimbria dos igapós, dos lagos, dos manadeiros. Vivem à ourela da água dormente ou veloz. Penetram a hinterlândia pela chanfradura sinuosa dos igarapés e a contornam sobre a toalha mansa dos paranás. Encurtam as distâncias, varando pelos furos que anastomosam rios diferentes, e, o que descobrem, é sempre visto do caudal para terra.

Onde o naturalista Natterer topou desavisadamente a paradoxa, bicho meio peixe, meio sapo e meio cobra, já descoberto por Adanson e Ar-

maud, na Ásia, sob o nome de lepidosiren? Num lago de Borba, à margem do rio Madeira.

Em que lugar se deparou ao Conde Castelnau, mais tarde, o mesmo animal, chamado por ele de dissimilis? Nas zonas lacustres do Ucayale.

E Barbosa Rodrigues, como achou o seu Lepidosiren giglioliana,¹ que tem, à semelhança dos já referidos, aspectos íctico e caracteres de batráquio e ofídio? Singrando, quase domesticamente, o igarapé do aterro, em Manaus.

Pergunte-se a qualquer homem de ciência em que lugar viu ele na Planície a novidade ou a surpresa constatada no seu trabalho e, de antemão, ouvir-se-á esta resposta: no talude dum rio, na ravina dum lago, na cabeceira dum igarapé, na ribanceira dum paraná. Chandless observou o fóssil do Mososaurus, no Acre; M. Paul Gervais, o do Dinosuchus terror, no Pauini; G. Gurich, o do Gryposuchus Jessei, no Amazonas; James Orton, a fiada de 17 espécies de conchas marinhas, documento insofismável de uma geografia morta – Mares que naufragaram nas terras que hoje existem – na argila colorida das barrancas de Pebas; John Branner recolheu as provas contrárias ao período glacial do Equador na decomposição da rocha ribeirinha.

Folheiem-se as monografias de cunho científico e veja-se de onde tem aflorado a sabedoria por ali colhida. Agassiz teve a visão retrospectiva da

¹ Estes nomes em latim, leitora amiga, todos cabeludos e arrepiados, devem estar bulindo com seus nervos. O mesmo me sucedeu quando os li pela primeira vez. Quase justifiquei as lendas que dizem ser a Amazônia berço de monstros, de bichos horrendos, que devoram a gente dentro de um mistério sinistro. Mas os sábios possuem, na têmpera, uma grande dose humorística, gostam de brincar com as pessoas alheias a sua seara, de maneira que vivem pilheriando comigo, contigo e com a nossa cozinheira. Tu sabes, leitora, de que família é o bicho que os naturalistas, assim que o descobriram e constataram sob o nome de *Paradoxa*, *Dissimilis*, *Lepidosiren*, etc., quase botam um pedaço do céu abaixo? Da família das enguias aqui conhecidas por piranaoia, trairaboia, poraquê, e, sobretudo, por aquele vagabundo muçu, que tu, eu e a nossa cozinheira estamos fartos de colher até no poço de casa, no balde de água, inesperadamente, numa loura manhã de sol. A circunstância deste rebarbativo muçu ser parente da trairaboia, que já tem pulmões; junto ao fato jovial dos sábios gostarem também de fazer graça com o próximo, é que fez o barulhão da nossa morte quando a acharam, vindo à baila geografias perdidas, continentes naufragados, Platão, Atlântida, e, até, o pirarucu e o aruanã, que andam também, muito caladinhos, cavando, no fundo para obter pulmões, tanto que, cada qual, já possui um. Amanhã viram cobra, isto é *Lepidosiren*, ou, quem nos diz? *Paradoxa*.

fisionomia do vale, cuba fluvial que se cravava no Atlântico até à Paraíba, pescando nas lagunas de Janaucá; Frederico Hartt concebeu a origem geológica da Planície navegando a sirga dentro dela; Orville A. Derby, então membro de uma comissão geológica, descobriu os corais devonianos absolutamente desconhecidos na Amazônia e no resto do Brasil, sulcando o rio Maecuru; Ladislau Neto, o Champollion brasileiro, leu os hieróglifos e caracteres simbólicos dessa louça admirável, que é a cerâmica de Marajó, cruzando as baías do estuário amazônico; Bates concluiu aqueles estudos comparados sobre transformismo e mimetismo, que tanto contribuíram para consolidar os trabalhos de Darwin, na Origem das Espécies, debruçado nove anos nas ribas de Tefé; Wallace reforçou os documentos da sua geografia zoológica, pegando jacumã no Solimões; Luis Cruls fixou nossa faixa lindeira, com o Peru, alcançando as nascentes do Javari.

Em qualquer estudo originário do vale amazônico, desde as lindas paginas de Wappaeus às Grandiosas Migrações de Borboletas, de Emílio Goeldi, é da linfa que brota a verdade. O príncipe Adalberto da Prússia, em companhia dos condes de Bismarck e de Oriolla, librou-se nos círculos navais como um grande hidrógrafo, navegando o Xingu e o Tocantins; o padre Samuel Fritz levantou a primeira carta da Amazônia do banco de uma igarité; e essa mesma carta foi corrigida por La Condamine, depois de medir um arco do Equador, no banco de outra igarité; Alexandre Rodrigues Ferreira escreveu o seu Diário de Viagem Filosófica, remontando os nossos afluentes e defluentes; Francisco Orellana inventou a lenda das amazonas brasileiras, ao sabor de uma tunda memorável, no foz de Nhamundá.

Não há fugir, no Equador brasileiro, do torvelinho aquático, como se as iaras, ali, tivessem império maior que as ninfas, as sereias, as ondinas, as nereíades e a própria Anfitrite, nos mares. Barbosa Rodrigues completou o Sertum Palmarum, rompendo a correnteza e enfiando as angusturas rasgadas nas cachoeiras; Coudreau jogou ao mundo La France Equinoxiale, depois de se perder na rede maremática do desagradouro amazônico; Humboldt, em companhia de Bonpland, estudou as linhas isotérmicas do continente americano, varando do Orenoco, pelo canal do Caciquiare, até S. Carlos, no rio Negro; Martius batizou de Naiades a Amazônia, mirando-lhe o vasto lençol patâmico; o nome de Spruce anda gloriosamente ligado a nossa flora em virtude das suas repetidas singraduras na esplanada; Ferreira Pena avulta na herma do

museu paraense por escrever a sua linda e fragmentada obra sob a tolda dos barcos marajoaras; e os medalhões de Spix e Martius, que noutro momento estabelecem pendant com o do grande mineiro, no mesmo parque, provêm das excursões que fizeram ambos à flor da corrente do rio-mar. Emilio Goeldi foi ouvido com respeito, pelas academias do mundo, depois que perlustrou os Estreitos de Breves; Rondon descobriu o Eldorado dos naturalistas, remontando o Trombetas e o Cuminã; Couto de Magalhães ficou célebre nos arraiais científicos, depois de transportar, desarmado, um navio da bacia do Paraguai para a bacia do Araguaia; Jacques Huber só alcançou a nomeada que fruiu, depois das suas notáveis pesquisas botânicas pelo Purus adentro. Glycon de Paiva chegou a ver as conclusões geológicas na bacia do Negro, levantando o croquis do Caciquiare; Hamilton Rice ganhou as esporas de ouro de sertanista, voando sobre o manadeiro do rio Parima.

É, pois, curial que O Meu Dicionário de Cousas da Amazônia, filho das águas, irmão das lagunas, primo das fontes, aflore também do aranhol hidrográfico. Epítome informativo do que vai por ali, ele reflete a toalha prateada do Guajará, o lençol maravilhoso do estuário, a corda pardo-vermelha do Amazonas, a colcha escura do Negro, o azul, o verde, o laranja, o branco desses afluentes que umedecem, fertilizam e alteiam a gleba da Planície.

Suas páginas agitadas, confusas, contraditórias, serenas, harmoniosas, plácidas, narrando a vida do homem o costume da gente, a crença do silvícola, a dor do vencido, o heroísmo da raça, e o avanço do civilizado, lembram o burburinho flúvio, o rodopio das espumas, as angusturas gorgolejantes, os mananciais silvestres, os pauis escuros, as fontes cristalinas, e constituem, enfim, o ciclo maravilhoso da Amazônia, que marca, pela fuga das águas, uma época assistida por esta geração, vista miraculosamente pelos nossos olhos privilegiados de homens do século. A obra toda, abrangente de mito, de tradição, de folclore, de lenda, de costumes, sintetiza o apocalíptico Amazonas, na figura de gênio ou de deus, transportando no dorso pardo, colhidos no cimo dos montes, na aba das cordilheiras, no regaço das planícies, ao cortar vertiginosamente o continente – sementes, troncos, balsas, gramíneas, aves, pássaros, cadáveres, detritos e areia de ouro.

A terra toda não é filha das águas? É a ciência que o diz através dos cosmógrafos, dos geógrafos, dos geólogos, dos paleontólogos. É a poesia que registra através dos rapsodos, dos bardos, dos menestréis.

Na Canção de Vesta, escrita ao marulhar das espumas na proa do Rei Lear,² Carlos D. Fernandes, o grande aedo patricio, autor daquele poema, conta o vagir da terra no colo do mar neste lindo e sonoro alexandrino.

Água, Esposa do Sol, Virgem mãe do Universo.

Primeiro é uma fosca ogiva que surge. Depois a ogiva se transforma num monte, numa cordilheira; estende-se em campina, escava-se em vale, decora-se de plantas, fica verde, povoa-se de bichos e desdobra-se num continente. A eclosão do pensamento no cérebro do macaco, pitorescamente narrada ali, trazia a fâisca do reino de Netuno.

Quem derramou a beleza no orbe, egressa do mar, numa concha de nácar puxada por tritões? Foi Vênus. O drama universal vem dos pélagos profundos. A primeira célula, monera que havia de evoluir pelas escamas e asas até findar no solo enxuto, transformada em Sócrates ou Mr. de La Palisse, foi encontrada no regaço das ondas.

Se o relógio da Amazônia é uma formidável clepsidra, de aquático mostrador, que marca sonoramente pelas mares e pelos repiques as horas, os dias, os meses, os anos, batendo nos taludes as líquidas e justas badaladas, O meu dicionário, como história viva de tudo que acontece no vale, animado pelas correntes fluviais, cordas hídricas que constroem a terra e civilizam o homem, tinha que ser um produto da água sagrada, fonte da vida; tinha que possuir esse condão plástico e encantado da linfa, que se molda na bacia dos lagos, no cânion dos rios e no leito dos mares.

Não posso, assim, fugir à realidade. O Meu Dicionário reponta da trama aquática, como as ninféias. Feito do que se vê e do que se ouve sobre o lombo do monstro fluvial a que Reclus chamou glória do Planeta, cada palavra é um remanso, cada página é um rebojo, cada capítulo é uma cachoeira. As velas e as canoas, entremeados aos botos e às boiúnas, ilustram e corporificam a sua história.

2 *Rei Lear* era o navio do comando do autor de *O Meu Dicionário* quando Carlos D. Fernandes, então médico de bordo, nele viajou pelo Purus. Velho transatlântico, que transportava carvão para um pontão na boca do Pauini, o famoso poeta crismou-o de *Rei Lear* em virtude das semelhanças do toldo do velho barco e o manto do herói shakespeariano. Cousas literárias do Carlos...

A tentativa humilde desta edição, pitoresca, risonha, quase boêmia, visa apenas lançar as bases de uma espécie de guia que, através de vocábulos, locuções, anedotas, medidas, anexins, biografias, conte levemente, alegremente, ligeiramente, porém verazmente, a crônica da Amazônia, os seus usos, os seus costumes e as suas transformações, no espaço e no tempo.

Belém, janeiro, 1931

As duas iniciais L. G., encontradas ao correr do texto desta obra, significam *língua geral*, idioma aborígene falado mais ou menos pelas tribos amazônicas e oriundo do *tupi-guarani*.

.....

A

Abacate – (*Persea gratissima*). – Árvore da família das lauráceas de porte mediano, dá fruto que lembram mamadeiras verdes e são apreciados em creme, com vinho seco. No interior da Planície reduzem-no a massa, misturam-no à farinha-d’água com açúcar e comem-no às colheradas. É tido como afrodisíaco. O chá das folhas caídas é muito usado nas moléstias renais. O suco do caroço serve para marcar roupa branca. Envolve-se na camisa, lençol ou anágua, com a letra ou nome desenhado a lápis no pano, e com um espinho de tucumã pica-se todo o risco feito. A fazenda impregna-se então de uma tinta cor de castanha, que, dizem, só larga quando o abacateiro frutificar de novo. As folhas do abacateiro são polimorfas, isto é, de diferentes feitios. Assim, vão do lanceolado ao obovado, do elíptico ao arredondado, sucedendo mesmo que, dentro destes contornos, surgem exemplares com pontas secundárias lóbulos, reentrâncias, como se a natureza, hesitasse ainda, andasse procurando um molde para elas.

Abaceté – L. G. O bravo, o homem de respeito.

Abanheém – L. G. Língua de gente.

Abano – Espécie de ventarola sem cabo, de vários feitios, tecida de tucumã, da palha e da tala de outras palmeiras, próprio para abanar o fogo do fogão, do fogareiro, da trempe, do moquém.

Abanque – Sente. Descanse um pouco. Abanque, compadre. Coronel, aban-

que para tomar uma xicrinha de café; ou vaçuncê prefere a rede?

Abati – L. G. Milho.

Abelha – (*Apidae*) – Himenóptero selvagem que fabrica mel jalde e a cera escura. Há no vale várias espécies do gênero *Melipona* e *Trigona*. A *jandaitra*, “melipona interrupta”; a urucu, “melipona scutellaris”; a inchu, “nectarina lecheguana”; a jati, “trigona-jati”; a tataíra, mel-de-fogo, a mombuca, “trigona mombuca”, cujo produto é esverdeado e nocivo. A qualidade do néctar dessas louras e morenas apícolas é sempre determinada pela múltipla variedade de flores silvestres. Certas abelhas mordem, outras não; estas fazem as colmeias de barro, nos galhos; aquelas no oco dos paus, com reduzido orifício, à feição de porta, e que fecham à noite com cera por causa das iraras (cachorros-do-mato), que lhes bebem gulosamente o conteúdo dos favos. Pela sua organização social, as abelhas são as verdadeiras amazonas aladas da Planície. Entre elas o trabalho é da fêmea, a guerra é da fêmea, a inteligência é da fêmea. No cortiço quem manda é a rainha, soberana indiscutível daquele curioso povo. Para mim, a sova mestra que Orellana levou na foz do Nhamundá, foi de abelhas, única espécie de animais no vale entre os quais a galinha canta de galo, e o macho de tão desmoralizado, envergonhado, humilhado, só não é banido inteiramente da colmeia em virtude da função procriadora que lhe deu a natureza.

Aberta – Rasgão na floresta marginal do rio, e que deixa ver, por trás da mata, a campina criadora, a pastagem bucólica

onde engorda, numa ronda pastoril, o rebanho vacum. Em geral, as ourelas do baixo Amazonas e afluentes cobrem-se de uma alta cortina vegetal, muralha botânica, grega de folhagem, friso jade e pagão que intercepta ao observador, postado na calha fluvial, o oceano verde de gramíneas nativas. Terra adentro desse gigantesco muro clorofilado que assinala o beijo dos taludes, estende-se o campo ondulante da várzea infinda, rechã que emerge dos *pirizais* lacustres, aos beijos vivos do sol, para as savanas enxutas de amanhã. É a solução de continuidade nesses debruns da selva que a gente da Planície, e, sobretudo o navegante, chama de “aberta”.

Abicar – Meter a proa da embarcação em terra. Abicar essa canoa. Vamos abicar o navio. Abique o vapor, senão o remanso parte o cabo.

Abiu – (*Lucuna caimito*) – Sapotáceo. O fruto, do tamanho de uma pera, é amarelo por fora. A massa, gomosa, doce, é refrigerante.

Abutua – (*Abutua concolor* Poepp *menispermácea*) – Liana da qual se extrai um pó amarelo-esverdeado que tem gosto amargo e é aplicado em infusão contra hidropisia e areia na bexiga. Em forma de emplasto, desmancha inflamações.

Açacu – (*Hura crepitans*) – Grande árvore varejeira. A seiva é tóxica. Onde medram os açacuzeiros há, infalivelmente, moléstias nas redondezas. Uns atribuem às águas, que se envenenam ao lhes passarem nas raízes. Outros atribuem ao carapanã, que, depois de sentar no açacu, torna tóxica a própria picada.

Açaí – Na várzea existem duas espécies. O que dá em touça, *Euterpe oleracea* Mart., e o que dá isolado, *Euterpe precatoria* Mart., além do da terra firme *E. ca-*

tinga Wall, conhecido por açaí-chumbo. É o alimento do pobre do Pará. Amassado produz um vinho purpúreo, aromático, que é tomado com açúcar e farinha-d’água ou farinha de tapioca. Em Belém, capital paraense, as amassadeiras de açaí assinalam suas quitandas com uma bandeirinha encarnada.

Acanhado – Tímido. Que não tem desembaraço. Sujeito que não sabe estar em sociedade. Pessoa que se mostra constrangida numa sala. Que não quer ser apresentado a ninguém. O filho do juiz é acanhado. Nunca vi um homem tão acanhado como o promotor que chegou. Tem medo até de falar. Tenho acanhamento, mamãe.

Acapu – (*Vouacapoua americana*) – Árvore das terras altas e de grande porte. Muito usada em tabuado, no soalho das casas, das pontes, dos trapiches. Empregam-na ainda em toda a sorte de construção civil. Cinzenta escura quando lavrada, seca, fica negra com o uso. O acapurana da terra firme (*Batesia floribunda*), de um chocolate vermelho, é excelente para a marcenaria e obras de talha.

Acará-açu – (*Acará ocellata*) – Peixe de escama, do tamanho de um palmo, vive nos igarapés e margens de rio que tenham vegetação. Há varias qualidades.

Acari – (*Chaetostomus*) – É um peixe cascudo que se apanha na cabeceira dos igarapés em grande quantidade. Enche-se a canoa com ele e transporta-se vivo para o curral nos sítios e fazendas. O curral é uma fossa quadrilátera aberta no solo, cheia d’água, onde se guardam vivos tartarugas, acaris, tamuatás. O acari tem a carne amarela e gostosa.

Acauã – (*Herpetotheres cachinans*) – Ave agourenta que come cobra. Em Faro

há uma lenda sobre essa espécie de gavião. Dizem que ele obriga os homens, com seu canto sarcástico, a chocarem pedra.

Açu – Grande. Sufixo tupi empregado em várias palavras como jacaré-açu, cupuaçu, mendaruçu.

Açucena – (*Randia formosa*) – Rubiácea arbustiva de perfume delicado. Tem as flores brancas e recortadas em estrela. É silvestre.

Adalberto da Prússia – (Príncipe) – Geógrafo, hidrógrafo, cosmógrafo. Explorou o Xingu e o Tocantins em companhia de dois condes, o de Bismarck, que não era o chanceler, e o de Oriolla. Vagamente conhecido por nós, brasileiros, em virtude da inacessibilidade de suas obras, é tido nos círculos de ciência germânica em grande conta. Narram até a seguinte anedota sobre ele: de volta da peregrinação ao Pará, imprimiu os seus trabalhos, porém tão reduzidamente, que não ultrapassaram a algumas dezenas de exemplares, e estes mesmos destinados a presente a pessoas amigas. Se isto não é verdade é lamentável, porque o autor destas linhas não precisava ser príncipe nem ter condes na rabadilha para fazer o mesmo, bastava ser rico.*

Afomentar – Palavra hostil usada na Amazônia. Vá se afomentar, seu Chico. Afomentem-se você e a sua avó torta. Também é usada nas fricções. Afomente ela com manteiga (óleo) de cacau que isso passa logo. Esfregue ela de com força que é uma vez, meu branco. A construção acima, vício aparente do caboclo, é genuinamente portuguesa. Antes da descoberta do Bra-

sil, já era corrente na “Ocidental praia”. O uso do pronome ele como complemento direto, diz um filólogo, foi comum entre os escritores notáveis de além-mar. E documenta a assertiva com frases como estas: “degradou ele”, “viu ela”, “nomeamos ela”, “desarmarem ele”, “deixarei ele”, “vi ele”, tiradas de clássicos. É, pois, um lusitanismo trazido pelo conquistador, e que a gente da Amazônia, só para enfezar ele, mantém galharda, sutil e maciamente.

Agarrado – Chegado. Amigo. Que não deixa o companheiro. Que só anda junto. Fulano é agarrado com sicrano. Criança agarrada com a mãe. Você anda muito agarrado com a mulher do capitão. Agarre-se com seu coronel.

Agorinha – Neste momento. Agora mesmo. Comadre saiu agorinha, neste instante. Indagorinha eu ouvi apito do vapor. Vem de baixo.

Água-morna – Mole. Fraco. Indeciso. Que home água-morna. Só botando caba em cima dele. Ou então, surrando ele com urtiga, comadre. Aquilo é sangue de peixe. Nunca vi um água-morna assim. Até pra comer precisa ser carregado. Roça dele é só mato.

Aguanambi – L. G. Orelha-de-cão.

Águas mortas – Marés de quadratura. Quando o fluxo e refluxo mal se fazem sentir.

Águas vivas – Marés de lua. Quando a correnteza é forte, quer na enchente, quer na vazante.

Ainda – Tradução da palavra “rain”, empregada pelo índio em certas frases como estas: “xaçô rain”, eu vou ainda; “catu rain”, é bom ainda. O caboclo usa invariavelmente o advérbio ainda. Eu quero ainda, escuta ainda, ele não acaba ainda. É a tradução *verbum adverbum*, diz

* O livro de Adalberto da Prússia a que se refere o autor foi editado nesta coleção do Senado Federal em, sob o número. (Nota desta edição.)

José Veríssimo, das frases indígenas para o português.

Ajuricaba – Tuxaua de uma tribo indígena que viveu nos arredores de Manaus. Está para o Amazonas histórico nas mesmas condições que Calabar para Pernambuco, isto é, foi aliado dos holandeses contra a gente da Península Ibérica. De maneira que os colonizadores de então, portugueses e espanhóis, predominantes da época, o tiveram por traidor. Vem daí o estigma, mas vem daí também a fama, a auréola e o prestígio desse aborígine. Os nossos grandes poetas, que em geral tecem coroas ao eleito da sua simpatia e exaltam os que repontam atrevidamente do seio plácido da turba, vão lhe cantando as façanhas ao soluço das líras ou na prosa re florida de rapsodos. E como é assim, fixando em símbolos, que a história cria os heróis e os mártires, os guerreiros e os santos, nada mais justo que esse enlevo dos nossos coevos, que choram a morte do valente silvícola não só com profunda saudade, mas certos de que se a causa batava triunfasse por aqui. Ajuricaba içaria na sua ubá, como o almirante Tromp o fez no tope dos mastros dos navios da sua esquadra contra os ingleses, uma vassoura para varrer os portugueses destas águas mediterrâneas. Sem discutir o valor de Ajuricaba firmado na tradição, vera ou lendária, como um destemido guerreiro que honrava a sua raça, discutimos o ponto de vista de certos biógrafos seus, que julgam uma infelicidade para a Amazônia não ter predominado aqui a gente dos Países-Baixos. E discutimos com os acontecimentos. Na Guiana estão há séculos os holandeses, sob o mesmo céu e sob o mesmo clima da planície equinocial, e, nem de longe fizeram ainda

a civilização que nós, brasileiros oriundos dos lusos, já fizemos no vale amazônico.

Alçapão – Gaiola com que os curumins apanham passarinhos. Feita de guarumá e talas, com feitiços da igreja portuguesa, o alto das duas torres, aberto, está preparado de maneira que assim que o curió, patativa ou colleiro penetra e senta para comer a alpista, a tampa fecha e o retém. Em geral, embaixo da gaiola, num compartimento separado, está o chamariz, que é sempre um passarinho cantador, já domesticado.

Alcoviteiro – Que leva recados amorosos. Intermediário de bilhetes, lembranças, flores de namorados e amantes.

Alecrim – (*Rosmarinus officinalis*) – Planta cheirosa, empregada nos banhos, nas roupas, nas cômodas. As mulatas andam sempre com um ramo de alecrim no pente ao alto da cabeça. Aclimada.

Aleijões – No meio dos índios não se encontram manetas, pernetas, cegos, mudos ou aleijados. Mal a criança recém-nascida manifesta um sintoma qualquer de aberração psíquica, é sacrificada imediatamente. De maneira que entre os aborígines não sucede o mesmo que entre os civilizados, em cujo seio se encontra uma verdadeira teoria de aleijões: capengas, estrábicos, corcundas, pés tortos, mãos anquilosadas, membros desviados, etc. O índio pode ser feio, mas é sempre normal e perfeito. Mesmo quanto à inteligência, no meio deles não se encontra nem o cretino nem o gênio em estado larvário. Apesar da mentalidade viva, da curiosidade nas crianças, o índio fica num meio termo sadio, que lhe denuncia o equilíbrio da raça.

Alexandre Humboldt (Barão) – Alemão. Maior cabeça que já nos visitou. Era uma enciclopédia. Sabia tudo. Astrôno-

mo, botânico, geólogo, etnólogo, zoólogo, cosmógrafo, passou do vale do Orenoco, na Venezuela, pelo canal do Caciquiare, ao vale do rio Negro, afluente do Amazonas. Baixou até S. Carlos, no mesmo rio Negro, donde espiou o oriente da planície, e subiu depois, Marañón acima. Esteve para ser preso, quando andou por aqui como gente suspeita aos interesses da península. Aimé Bonpland foi seu companheiro, estudando os dois as linhas isotérmicas e as influências meteorológicas desviadas umas e constantes outras no Equador. Além do *Cosmos*, obra admirável, a *Descoberta da América*, escrita por ele, é um trabalho de alta sabedoria, sem falar em muitos outros do insigne homem de ciência. Mas, além desta refulgência mental ou, talvez, por isso mesmo, há uma frase profética do sábio, para a qual, em conversa sobre aquela individualidade, me chamava a atenção o eminente polígrafo Dr. Acilino de Leão: “A Amazônia será o celeiro do mundo.” Com que produtos? Interrogava o grande médico paraense, visto a ausência do trigo no vale amazônico. Entretanto, insistiu, parece que a falta desse cereal aqui não é devido ao clima, visto ele medrar no Egito, e sim, possivelmente, a terra apropriada, que ainda não foi descoberta. Quem nos diz a nós que a excelente terra preta da Amazônia, espalhada em largas zonas na Planície, não tivesse, depois de observada por Humboldt, determinado sua frase de vidente? Porque as maravilhas dessa gleba gorda, como o solo roxo de São Paulo adaptado ao café, podem, do dia para a noite, fazer desabotoar aqui as lindas e louras searas de trigo. Em todo caso é preciso assinalar um fato: a terra preta é, provavelmente, um despojo doméstico do índio.

Alexandre Rodrigues Ferreira – Baiano. Homem de ciência. Considerado como o Humboldt brasileiro, tantas e profícuas foram às observações feitas por ele na bacia amazônica. Seu livro, *Diário da viagem filosófica*, representa uma fonte inesgotável de informações preciosas. Sob o ponto de vista geográfico, esse trabalho já é curioso; mas sob o ponto de vista da história natural, ele cresce e demonstra a erudita inteligência do autor. A capitania de S. José do Rio Negro, que o sábio percorreu e estudou da fauna à flora, do clima às águas ficaram estereotipadas nesse curioso e erudito documento escrito. Destinado à vida eclesiástica, Alexandre Rodrigues Ferreira chegou a tomar ordens menores, seguindo depois para Lisboa, onde se matriculou no curso jurídico. Casou-se em Belém. Peregrinou nove anos na Amazônia, desde Marajó até o alto rio Negro e o alto rio Madeira. Há um caso interessante a seu respeito. Tendo o governo português, além da repreensão que lhe fez, deixado de pagar as despesas com as suas excursões de naturalista, essas despesas foram satisfeitas pelo seu correspondente, na metrópole paraense, capitão Luís Pereira da Cunha, que declarou a nosso patrício ter gasto nesse pagamento o dote de sua filha Germana. Que pensam os senhores que fez o sábio? Simplesmente isto: casou-se com a moça a fim de que ela não fosse prejudicada. Puro filósofo.

Alfazema – (*Lavandula vera*) – Esta planta é empregada para aromatizar a roupa dos recém-nascidos, as gavetas das cômodas, os baús de *marupá*. Tem um perfume delicado. Usam-se também nos banhos de cheiro. Não é silvestre.

Alfredo Russel Wallace – Naturalista inglês. Fundador da geografia zoológica.

As páginas sobre a sua viagem na Amazônia revestem-se de tal fidelidade que há sempre um tom austero no que ele escreve. No vale, além das observações meteorológicas feitas no Pará, colheu mais de 500 qualidades de pássaros. Estudando hidrografia na vasta rede potamográfica da Planície, não apreciava somente o colorido, a velocidade, o gosto, a densidade da água dos rios que sulcava, mas os peixes que nele habitavam, a fim de fixar nas tábuas da sua geografia zoológica o “habitat” das espécies ictiológicas. A velha história de que a onça come o jacaré pelo rabo, sem que o hidrossáurio dê um pio, já vem por ele registrada. Tendo subido o Tocantins em agosto de 1848 até a primeira cachoeira, descreve-o como a parte mais bela e mais feliz do mundo.

Algas – No outeiro do cachorro, afluente do Trombetas, segundo o naturalista John M. Clarke, foram encontradas, em estado fóssil, algas marinhas do tipo *fucus*, entre as quais é reconhecida uma espécie norte-americana. Documento botânico só viável em água salgada, arrastamos os pensamentos para uma geografia morta, naufragada, pré-histórica e longínqua, tão remota e perdida que só a imaginação, num voo atrevido, lhe reconstitui a fisionomia nos tempos idos. Atestado insofismável de que a desmedida planície do norte do Brasil outrora foi mar, ele junta-se a outras provas autênticas, como os corais referidos por Orville A. Derby e citados por John Branner na sua *Geologia Elementar*, e dos quais, falaremos depois. Isto sem meter ainda 17 espécies de conchas marinhas, fósseis encontradas por James Orton na argila das barracas pebas, encontro que documentou uma contradição oposta à teoria de Agassiz, que afirmava

a existência do período glacial no Equador. A denúncia de Orton contra o famoso professor suíço arrastou Darwin e Haeckel ao combate contra o eminente contador dos nossos peixes.

Alqueire – Medida. Alqueire de farinha. Cerca de 30 quilos. Em geral são dois paneiros de tala que contém 15 quilos cada um. Fazem-se também os de alqueire, como também se fazem os de quarta, ou seja, 7 ½ quilos. A medida de alqueire, muito comum na Amazônia, usa-se na farinha-d’água (de mandioca). É nos paneiros de alqueire, e, sobretudo, nos de meio alqueire, que a farinha-d’água, branca ou amarela, é transportada na Planície.

Alvarenga – Grande embarcação de ferro em que os navios descarregavam ao largo. Tem a boca larga e aberta, tolda de zinco corrediça, pouco pontal. Há de várias tonelagens, proa e popa iguais. Navegam rebocadas.

Amapá – (*Hancornia amapa*) – Árvore frondosa. Fruto comestível. O leite, célebre como peitoral, é empregado também contra chagas, feridas e úlceras.

Amazonas – Rio da América do Sul. Corta várias repúblicas na sua trajetória dos Andes ao mar. Nasce no telhado do mundo, Peru, e deságua no Atlântico, Brasil. É a mais grossa artéria fluvial do Planeta. Suas águas são turvas e barrentas, embora alguns de seus afluentes, formidáveis massas líquidas, tenham cores diversas, verdes, negras, azuis. A sua corrente varia muito com o ponto e com o tempo. Branda na derradeira seção, regular na média, é viva na primeira, onde o declive da montanha precipita o caudal de tal maneira que a terra se rasga em *angusturas* por onde ele flui saltando em cachoeiras, derivando em curvas, enfiando estirões. Se, de fato, seu

curso vive solapando as próprias margens, como se vê nas beiradas, é justo que se divise também o fenômeno oposto: ele constrói a maior planície do universo. Toda a Amazônia, patricícia e estrangeira, na vasta planura escapa, é obra da sua vertigem, do seu recuo, da sua hesitação, dos seus desvios, da sua loucura, da sua dinâmica. Chamam-no de cima para baixo, de Marañón, Solimões e Amazonas. O segundo desses nomes vem consoante e fantasia dos historiadores com pinta de arqueólogos e filólogos, do rei Salomão, que teve as frotas reais por aqui a carregarem, na letra do texto bíblico, macaco, pavão, ouro, prata e pedras preciosas. Certas inscrições *petroglíficas* e certos vocábulos arrevesados sugerem essas conclusões. O terceiro nome, isto é Amazonas, foi Orellana, seu explorador inicial, quem lhe deu após ter levado uma surra mestra, na foz do Nhamundá, de uma tribo de índios de cabelos compridos, como em geral usam os silvícolas por aqui, e que se afiguraram ao fugitivo espanhol de mulheres guerreiras do novo continente. Sua bacia verde, luminosa no oriente e fosca no ocidente, tem atraído a maior caravana de sábios do orbe. Alguns, aqui viveram onze anos. Outros foram e voltaram encantados com a natureza. O homem que se fixou nas ribas, selvagem primeiro, catequizado depois e civilizado agora, é um tipo moldado ao ambiente, forte, rijo, sereno, com altos atributos de bondade e índole meiga. Mas o Amazonas, além destas notas físicas, vive correndo dentro da lenda, tantas são as fábulas e os mistérios que o envolvem. Contém um feitiço na atmosfera saturando-lhe o ambiente de paradoxos que se polarizam na realidade e no mito, no vulto e na sombra. O folclore que lhe descreve todos estes

encantos guarda uma nota lírica, ingênua, que reflete a alma do homem e a alma da terra. É o único dos grandes cursos do Planeta que corre de oeste para leste. Os geógrafos calculam a bacia em 5/6 da Europa, dos quais a metade, segundo Wappaeaus, pertence-nos. O seu ponto mais estreito e profundo é em Óbidos. Martius calculou a largura aí em 1.911 metros e a profundidade em 132. Herndon mediu a velocidade, ainda nesse ponto, no tempo do verão, em 1 ½ milhas, o que é um excelente cálculo se acrescentarmos que de inverno a corrente chega a cinco milhas.

Amiudar – Ficar frequente. Cantar repetidamente. Já é madrugada, gente, olha galo amiudando. Galo amiudou que está rachando o bico.

Amolar – Aborrecer. Sujeito que para dizer quatro palavras leva um ano e um dia. Ele vem nos amolar, meu santo. Olha, vai ver se eu estou na avenida, sim? Ora vai amolar o boi.

Anágua – Saia branca usada por baixo do vestido.

Ananás – (*Ananas sativa*) – Herbácea de folhas longas, duras e em forma de grandes lanças. É uma bromeliácea nativa que dá frutos de carne branca, sumarentos, acidulados, espinhentos, de cerca de dois quilos, com uma coroa no alto. O abacaxi, que é uma das variedades do ananás, tem o fruto menor, com a carne amarela como gema de ovo e mais perfumado. É uma sobremesa admirável nos climas quentes, estomacal, digestiva. Um grande poeta que andou por aqui, Carlos D. Fernandes, no tempo em que foi frugívoro, dizia, que comer um ananás pela manhã era o mesmo que engolir um galego, um balde e uma vassoura.

Anani – (*Sinfonia globulifera da f. das Gutíferas*) – Árvore famosa em virtude do leite, que é próprio para emplastar quem sofre do peito, isto é, tuberculoso.

Ananica – Baixinha. De pernas curtas. De tronco baixo – Esta galinha é ananica. Gente, como aquela saracura é ananica, benza-a deus. Olhe, compadre, para este cacauero. É verdade, ananicazinho que é uma beleza.

Andar – Cada pavimento de um sobrado. Estou morando agora numa casa de cinco andares. Sobra ao quarto andar, numero oito. No ultimo andar é que eu resido.

Andejo – Ligeiro. Rápido. Termo nordestino usado no ocidente da Planície. Que navegação andeja, compadre. Apitou, não há meia hora, no Sacado Grande e já vem ali com uma cachoeira branca na proa que parece as barbas do finado Antônio Conselheiro, que Deus haja! E queimando carvão! Aquilo é carvão, compadre? Eu. Espie como é grosso e preto o penacho danado do canudo que até parece cobra se enrolando na fogueira. Oh! Coronel, já aqui? É muito andejo. Varador é comprido... Só botando sebo nas canelas.

Andirá – (*gênero Dysopes*) – Morcego do baixo Amazonas. Rio Mundurucânia. Apesar de se encontrar no baixo Amazonas, é um rio quase inexplorado.

Andiroba – (*Carapa guyanensis*) - Óleo, próprio pra fazer sabão, também é lubrificante e combustível quando usado nas candeias e lamparinas. Abunda no estuário amazônico e no baixo Tocantins. O cupim não ataca essa madeira.

Andorinha – (*Panyptila cayanaensis*) – Pássaro muito conhecido pela sua condição migratória em todas as partes do mundo durante o inverno e o verão. Na

Amazônia não imigra. Quando voa dá impressão de uma seta retesada no arco.

Angatecô – L. G. Alma penada. Espírito pecador.

Angelim – (*Hymenolobium excelsum*) – Madeira de lei própria para construção naval. Há várias espécies: o pedra, o grande, o comum e o pintado.

Anhanga – Deus autóctone que preserva do ataque dos caçadores, nas campinas e savanas, as aves, os quadrúpedes e os pássaros. Nos prados amazônicos ele vigia solícitamente a vida dos bichos. Anhanga corresponde a sombra, espírito, mas corporifica-se num veado branco, de olhos de fogo. Quem persegue no mato um bicho com filho pequenino, é assombrado por ele, que desvaira e enlouquece o temerário. Falando a respeito desta divindade selvagem, primeira referida nesta obra, é preciso avisar o leitor da anarquia por que se classificam os deuses, no que consiste a sexo. Os especialistas, referindo-se à *teogonia* aborígine, confundem lamentavelmente os sexos, ou porque essa confusão já venha tradicionalmente do índio, ou porque o etnólogo o faça. Assim, por exemplo, Guaraci, que significa sol, e, pois masculino, ao se dissecar a palavra, dá outra ideia: “guará”, vivente, e “cy” mãe, significa mãe dos viventes. Tudo para o índio, em matéria de sobrenatural e adoração, é mãe. O mato tem mãe, a água tem mãe, a terra tem mãe, o lago tem mãe, o rio tem mãe, os bichos têm mães.

Anil – (*Indigofera anil*) – Pó azul extraído das folhas do anil. Próprio para tinturaria. Tingem-se as velas das embarcações com ele. Há muito no rio Negro. Entretanto, essa indústria está decadente, quase extinta.

Aninga – (*Montrichardia arborescens*) – Só vinga na beirada dos alagadiços e medra em família. Vista do largo parece uma paliçada defendendo a terra. O tronco, reto, cilíndrico, sem galhos, não ultrapassa a seis metros de altura. As folhas, em buquê, ao topo da haste, tem a forma de corações verdes. De fibras longas e resistentes, a aninga presta-se à fabricação de cordas, cabos e linhas. Além disso, tem um rendimento magnífico de celulose, de maneira a ser um vegetal destinado na Amazônia ao fabrico de papel, ou, pelo menos à pasta destinada àquela indústria. É verdade que neste assunto indústria a embaubeira (*Cecropia*), pelo rendimento de celulose está acima da aninga, se bem que esta, em virtude da rapidez no crescimento, que não excede a um ano, entre um corte e outro, leve vantagem àquela.

Ansim – Assim. O caboclo pronuncia nasalada a palavra assim. Ansim, ansim, meu bem. Vou indo ansim...

Anta – (*Tapirus americanus*) – É o maior quadrúpede da Planície. Os índios chamam-na tapira. Muito tímida, sempre que o caçador a persegue cai na água. Come frutos, ervas e o barro salgado. Da classe dos paquidermes, tem a forma do porco, a tromba do elefante, a crina do cavalo e o olfato do cão. Quando a sucuri a laça, ela reage correndo. Às vezes vence, parte a grande cobra; às vezes é vencida, sendo quebrada pelos anéis poderosos do ofídio.

Antão – Então. Disque nhá madrinha já vai, antão? Antão veja.

Antônio Vieira – (Padre) – Jesuíta. Era um português bronco, dizem os seus biógrafos. Só depois do estalo que teve na cabeça, certo dia, na Bahia, foi que ficou pior que uma navalha de barba, no que diz

respeito a orar e a escrever. Essa alteração mental deu-lhe um prestígio formidável. Mas ele não figura aqui pela sua inteligência. O que o traz para estas notas é sua rusga constante que, por causa dos selvagens, manteve com o elemento laico. Cortesão sem cabresto no engrossamento, a sua correspondência com os soberanos lusos mostra-lhe o talento pelos adjetivos. Já nesse tempo a fita era uma instituição. O padre, para se aumentar mais ovelha no seu rebanho, era muito homem para se mandar frechar por um nheengaíba, contanto que a flecha estivesse embolada como chifres de um cornupeto no redondel. Falou aos nheengaibas, que não entendiam, com a mesma fé e segurança de conquistador de almas com que já falara aos peixes no Maranhão. Belém foi a sua base de operações quando esteve na Planície.

Anu-preto – (*Crotophaga ani*) – Anucoroca (*Crotophaga maior*) – Um é completamente negro; o outro azulado-negro e manchas verde-castanho. São tidos como agourentos. Comem carrapato na costa do gado.

Apegaua – L. G. Homem.

Aperema – (*Nicoria punctularia*) – Tartaruguinha terrestre de palmo e meio de comprido com a cabeça pintalgada de amarelo e vermelho. Caçam-na com fogo no tempo de verão. A ilha de Marajó é onde ela mais se encontra.

Apessoado – Bonito. Jeitoso. Impressionante.

Apresentado – Metido. Cínico. Descarado. Indivíduo que falta com respeito às moças e às senhoras. Mas que sujeito apresentado! Não seja apresentado. Meu pai respondera ao seu apresentação.

Aproveitar – Encurtar caminho. Diminuir a distância. Termo usado pela pra-

ticagem a bordo dos “gaiolas” na subida da viagem. Aproveita a costa, marujo. Isto é: chega-te mais a ela. São dois os motivos que concorrem para semelhante ordem. Em primeiro lugar, junto da margem corre menos; em segundo, essa margem, tanto quanto possível, é sempre a convexa, das duas que ladeiam o rio (côncava e convexa), e pois a que traz maior rendimento à derrota. Aproveita o remanso. Faixa d’água junto à terra que percorre pra cima contra o caudal. Precisamos alcançar Manaus com dia: aproveita a beirada.

Apuizeiro – (*Ficus fagifolia*) – Monstro botânico. Surge primeiro levado em sementes, pelos ventos, pelos pássaros, pelos morcegos, no galho das árvores, na entrecasca das palmeiras. Ali cresce parasitariamente. Depois de sugar, emparedar e matar o indivíduo vegetal onde nasceu, substitui completamente a vítima, com outro aspecto tão diferente que ninguém é capaz de perceber a transformação botânica. Os especialistas classificam-no na família das epífitas, embora esteja provado o seu parasitismo.

Aquiqui – Furo que liga o Xingu ao Amazonas. O rio Xingu tem três bocas. A do jusante que deságua algumas milhas acima de Gurupá, é a verdadeira, maior e mais profunda. A do centro, conhecida por Urucuricaia. E a do monte, chamada Aquiqui, a mais estreita, rasa e sinuosa das três.

Ara – Ora. Ara, vá pro inferno. Ara, se conheça, seu Manduca. Ara rema certo, gente. Cada um parece que vai na sua canoa. Olha pra montaria do nhô Afonso com nhô Cacula; é mesmo que asa de garça; quando um mete, outro mete também. Sempre “mupicando” certo. Na língua geral, “ara” significa hora, tempo.

Araçá – (*Psidium araça*) – Mirtácea. Árvore de pequeno porte. Dá um fruto parecido ao da goiabeira. É ácido e silvestre.

Aracê – L. G. Aurora.

Araci – L. G. Também chamado Guaraci.

Araçóia – L.G. Tanga de penas para mulher.

Aracuã – L. G (*Ortalis Aracuan*) – Ave que reproduz no canto o seu próprio nome. É comum na floresta o grito de aracuã! aracuã! aracuã!

Arame – Dinheiro. Não recebo arame há muito tempo. Vou ver se arranjo arame pra pagar a casa. Arame anda vasqueiro como diabo.

Araponga – (*Chasmorynchus niveus*) – Pássaro também conhecido por ferrador devido ao grito que solta parecido a martelada do ferreiro.

Arapuca – Armadilha para apanhar pássaros. Fazem-na de talas, de junco, em forma de paneiros, cestos e gaiolas. Dão-lhe também o nome de *alçapão*.

Arara – Linda ave trepadora que chega a um metro de comprido. Colorida de azul e encarnado, bico branco, voa aos pares. Gosta da copa alta das árvores, em cujas franças se reúnem bandos. Preferem os jutaís, os castanheiros, os paricás. Tem um grito estridente, que reproduz a palavra arara. Há várias qualidades, como, por exemplo, arara vermelha (*Ara maçã*), a arara canindé (*Ara arary*), a araraúna (*Ara hyacinthina*) a maracanaçu (*Ara severa*), a maracanã (*Conrus pavua*), também conhecida por araguá. O termo arara ainda é empregado como representativo do logrado, do sujeito que se deixa explorar. Mas aquele coronel é mesmo que pássaro: voa. Tomam-no todo.

Araraúba – (*Sickingia tinctoria*) – Rubiácea conhecida por pau de arara da várzea. Da casca se extrai uma tinta carmim vivo.

Arco – Haste dura, pesada, flexível, feita de âmagó, com que os índios lançam as flechas. Em geral é extraída do pau-d’arco da terra firme, cujas flores são roxas. O pau-d’arco da várzea, menos riço, tem as flores amarelas. Também o lavram do âmagó de certas palmeiras como a paixúba.

Arenito – (*Pedra de areia*) – É a pedra por excelência do vale amazônico. De tons vermelhos, vai, do róseo ao roxo, emoldurando o anfiteatro da planície. Em Manaus vê-se o arenito por toda parte: nos degraus da Cachoeirinha e da Cachoeira Grande, no salto do Tarumã, no leito dos igarapés e nas múltiplas chanfraduras por onde reponte a pedra. E isso se reflete na fisionomia da *urbs*. Desde a faixa do cais até as pilastras da caixa-d’água, desde a pavimentação de certas ruas até ao relógio público, desde a parede dos templos, das casas, dos quartéis, dos palácios, dos hospitais, até ao arco das pontes, ao muro dos quintais, ao arcabouço das fábricas – que o arenito avermelha em vários tons.

Arisco – Desconfiado. Tímido. Arredio. Insociável. Gente, como estas picotas são ariscas... Assim aquele veadinho que eu peguei noutra dia. Não é capaz de chegar perto de ninguém.

Arpão – Longa haste cilíndrica de madeira de lei um pouco afilada numa das pontas onde se encasto um bico de aço farpado. Serve para matar peixes grandes, pirarucu e peixe-boi.

Arranjo – Logro. Negócio inescrupuloso. Combinação fraudulenta. Você tenha cuidado, parente, que isso parece arranjo.

Eles já se arranjaram com a morte do André. Agora é com você. Disque doutor que chegou veio fazer um arranjo nas partilhas. A divisão parece que vai ser a de sempre: um pra ele, um pra você, outro pra ele; um pra ele, um pra você, outro pra ele.

Arruda – (*Ruta graveolens*) - Planta aromática. As mulatas usam-lhe as folhas no pente, ao alto da cabeça. É estimulante e muito empregada na pajelança doméstica. Use arruda, comadre, que essa caipora vai logo “se embora”.

Aruãs – Significa tranquilo, manso, bonito na L. G. Nome de uma tribo selvagem que viveu na ilha de Marajó, lado de leste, na parte batida pelos ventos do mar. Há mesmo quem afirme que os aruãs, e não os nheengãbas foram os índios que deixaram o rastro da maior civilização na ilha de Marajó através da cerâmica atualmente exumada.

Arubé – Espécie de mostarda que se fabrica de massa de mandioca adicionando-lhe sal e pimentas cheirosas. Figuras nas mesas da Planície com o tucupi de sol, que é um molho picante.

Arumanduba – Significa muito arumã ou guarumã, na língua geral, *Ischnosiphon*. Da família das marantáceas, os seus talos servem para urdir balaies, paneiros, gurupemas. Sob o nome de arumanduba surge também, pouco abaixo de Almeirim, à margem esquerda do baixo-Amazonas e dentro de verdejante paraná, um núcleo de casas levantadas sobre paliçada em virtude da várzea aí, ampla e panorâmica, vestida de gramíneas como um zaïmph de deusa – ainda estar suspendendo o colo plástico das águas turvas e, pois, sujeita às enchentes anuais do rio-mar. Ao fundo pastoril desse desvão bucólico, em dentado hemiciclo orogê-

nico, recorta-se no tom verde-glaucó a muralha de colinas povoadas de castanha (*Bertholletia excelsa*). Sítio? Povoado? Vila? Cidade? Fazenda? Castanhal? Tudo pode ser pelo aspecto exterior desse estabelecimento humano, que é alegre, movimentado e denunciador de fórmulas progressistas muito raras no país das pedras verdes. Surta no porto – índice de grande tráfego – numerosa flotilha de magníficos “gaiolas” e lanchas transmitem a impressão dinâmica do comércio. Depois, quem desembarca e vê armazéns de molhados e fazendas, farmácia, depósitos de gêneros regionais, filas de habitações, confortáveis casas campestres com água encanada, luz elétrica, telégrafo, de parte as oficinas mecânicas, aparelhos de beneficiar castanha, percebe logo que, para aquele trecho da mata, levaram o que foi possível levar da civilização. Aqui, ali, acolá, revelando método e ordem – depósitos de borracha, sabão, café, querosene, gasolina, castanha, couro, balata, madeira. Em armazéns subdivididos por balcões – ferragens, fazendas, louças, cereais, miudezas, armas, cousas de armarinho e mil objetos, enfim, como somente podem ser encontrados nos magazines das metrópoles. Tudo que ali se produz e tudo que vem dos mercados estrangeiros está arrumado e classificado. A manteiga fresca, lá feita – nos seus depósitos. Barracões, armazéns, rústicas vivendas, casotas, palacetes, acham-se ligados por passeios aéreos que repousam em estacadas a cavaleiro do nível máximo das inundações. No campo imenso – o gado de raça. Bois, vacas, novilhas, burros, porcos, jumentos caros destinados ao cruzamento dos rebanhos. A manada de búfalos, afeita à umidade e para vencer o estilo rigoroso na planície,

abriu ali, instintivamente por certo, em sulco profundo, um igarapé para o banho vernal, igarapé que de inverno, já oferece tráfego às lanchas de pequeno calado e que vai, numa sinuosidade de serpente, da margem do Amazonas ao sopé da serra. Diante destas cousas todas, inexistentes nos estabelecimentos particulares da esplanada, erma de conforto e melhoramentos comuns noutros rios estrangeiros do Planeta, é que se procura saber quem teria sido a individualidade que fez tais cousas. E a resposta cai, sem reclame nem preconício, da boca dos empregados: “Foi o coronel José Júlio de Andrade”. Hosanas a esse homem! Porque a triste verdade é que os desbravadores da Amazônia, com raríssimas exceções, sejam nacionais ou estrangeiros, não amam a nossa querida terra e andam com os olhos voltados para a foz dos rios, por onde fugirão. Só têm um fito: abandonar a gleba generosa que os enriqueceu. Mal se tornam argentinários desprezam a rechã que lhes deu a fortuna, na maioria das vezes sem erguer ao menos uma capela votiva. Transportam seus capitais para outros pontos do mundo, levam a família que os ajudou a ganhar, e vão edificar e viver alheados desta terra máter. Esquecem-se inteiramente de nós e da plaga em que conquistaram o veloccino. Pouquíssimos desses violadores de brenhas se radicam ao rico solo amazônico para o querer, para o beneficiar, para o amar, para o fazer falado e respeitar como este José Júlio, que tem paradoxalmente o físico tardo de burguês e a ideia construtiva do *yankee*, o que me leva o pensamento, por desconcertante contraste, para o meu caro Adriano Jorge, presidente da Academia Amazonense de Letras, que tem o nome de turco e o espí-

rito de grego. Enriquecendo nesse verde recôncavo do vale que é Arumanduba, o coronel José Júlio para lá canaliza os seus bens; para lá dirige as próprias energias de sexagenário; para lá ruma quando quer veranejar; para lá vai beber no ambiente a paz silvana que a labuta lhe pede. Assim, fazendo florescer, povoar, alegrar o desvão que o seu trabalho formidável conquistou na juventude, ao olhar magnânimo de alguma fada propiciatória, aquele industrial conquista também o coração e a amizade da gente paraense, que jamais poderá esquecer semelhante esforço hercúleo e amigo. Identificado, pois, com a natureza do vale, e apesar da cornucópia das graças que a deusa autóctone lhe derramou no colo, facilitando-lhe a saída, o coronel José Júlio cumpre o maior dever, o único dever talvez de todo o bom brasileiro, aqui enriquecido, deve cumprir com a terra augusta, que o selecionou e o elegeu: “nela viver e nela morrer”.

Assado – Irritado. Zangado. Estou assado com aquele sujeito. Não mexa comigo que eu já ando assado. O coronel anda assado com o padre. Diga que é rabo de saia...

Assanhada – Namoradeira. Sapeca. Deus me perdoe, mas nunca vi mulher asanhada como a nora do Chicão. Aquilo envergonha um frade-de-preda.

Assembleia Paraense – Clube onde se reúne a elite da sociedade em Belém, capital do Pará. Edificado na Praça da República especialmente para esse mister, o prédio elegante, amplo, decorado, é talvez o mais distinto no gênero em todo o Norte do Brasil. Faltando construir ainda a ala direita, já ali se gastaram cerca de mil contos. O mobiliário, todo de madeiras paraenses, é suntuoso. Os salões vastos e

belos. É seu atual presidente o capitão-de-corveta Dr. Veiga Cabral e vice-presidente o Dr. Alcindo Cacella.

Ata - (*Anoma squamosa*) – Pequena árvore. Os frutos, do tamanho de laranjas, de cor verde, lembram, pelas saliências, feitos de pinha. A polpa, em gomos, é deliciosa. Não é nativa. Parece oriunda do Peru. No sul chamam-na pinha.

À toa – Sem razão. Sem valor. Coisa sem utilidade. Esforço perdido. Vaçuncê vai à toa, coronel. Capitão Malaquias já emprestou perna da cutia. Virou cobra, meu branco. Aquilo, agora, só volta se a Chica Mangarataia cosicar ceroula dele com linha preta de alguma mortalha. Todo o pau sem importância doméstica, industrial ou econômica, é pau atoa para o caboclo, principalmente se ele, à primeira vista, o desconhece. Que pau é aquele?, compadre Orlando. Qual? O grosso. Aquilo é pau a-toa. E o outro o fino? Também. E aqueles, da capoeira? Tudo é pau a-toa.

Atuá – Cogote, nuca na L. G. Ponta de Marajó fronteira à ilha do Capim. É cheia de pedras.

Aturá – Cesto em forma de paneiro, tecido de talas de guarumã ou jacitara, própria para conduzir coisas da roça para casa, sobretudo mandioca. Adicionam-lhe quatro varinhas exteriormente, e ao comprido, a fim de lhe servir de pernas.

Aturiá – (*Drepanocarpus lunatis*) – Planta ribeirinha, arbustiva, que só vinga no estuário. Vive em família, debruçada na borda dos canais e ilhas. Tem o sinal da maré alta deixado pelos sedimentos fluviais na ramaria. Há também um furo, nos estreitos de Breves, chamado do Aturiá, em cujo cotovelo os navegantes de barcos e canoas não passam sem deixar uma peça de roupa, calça, camisa, saia, anágua,

ceroula, e até mesmo lençóis, redes e colchas, a fim de abrandar a ira dos espíritos do fundo ali: a iara e a velha pobre. Nessa volta do Aturiá, quando se transpõe de dia, veem-se as margens cobertas de roupas. Isso recorda, diz Frederico Hartt, os espíritos aquáticos da Rússia, os rusalcas, que têm semelhanças flagrantes com os amazônicos. São belas raparigas que possuem, como as iaras, palácios no fundo dos rios, dos lagos, recobertos de ouro, pedras preciosas e para onde levam os homens que seduzem. Quando fingem ser pobres, urdem ninhos de palha ou pena colhidas ao correr da “semana verde”. Nas proximidades de Pentecostes fazem-se ofertas aos rusalcas de roupa, trapos suspensos ao ramo das árvores, na beira dos rios, exatamente como no Aturiá, à velha pobre e à iara.

Augusto de Saint-Hilaire – Naturalista que palmilhou o continente colombiano com raro ardor pelas novidades da terra do cruzeiro. Botânico, zoologista, era um namorado francês do enigma do Brasil, na frase cantante desse mágico malabarista da palavra que é o grande escritor Celso Vieira. Rondou a Planície varando os chapadões do sistema brasileiro. Chegou até Goiás. Comeu o bicho da taquara que faz, como ópio, sonhar deliciosamente. Seu olhar de vidente enxergou bem que a saúva era nossa grande inimiga, a nossa grande desgraça, o empecilho constante do nosso progresso. Proferiu então a frase que há um século grita em todos os ouvidos: “Ou o brasileiro extermina a formiga ou a formiga extermina o brasileiro.”

Avaluar – Avaliar. Diga que ele só paga depois de avaliar os teréns da sogra.

Aviado – Seringueiro que tem por sua conta, junto do dono do seringal, um certo número de homens. É um intermediário,

parasita, que vive entre o patrão e o toqueiro, seringueiro este que entrega a borracha no toco da árvore por um preço vil.

Aviador – Comerciante das capitais amazonenses e paraenses que avia, isto é, que remete mercadorias para alimentar o pessoal dos seringais durante a safra. Casa aviadora que vende gêneros e compra os produtos da Planície.

Aviú – Camarãozinho abundante nas redondezas de Cametá. Vive à flor d’água. Tão pequenino, que é preciso um pano de filó muito fechado para apanhá-lo. Seco ao sol dá uma sopa especial, de raro sabor. O autor desta obra não encontrou, na sua biblioteca, o nome científico deste crustáceo.

Axi! – Interjetivo de pouco caso, desprezo, desdém. Quando o cabloco (e a cabloca também), roceiro e mesmo da cidade, até já com a pinta de civilizado, deseja mostrar que repele qualquer indireta, insinuação ou sugestão, é logo: Axi! Ora se conheça, seu calcanhar de frigideira. Era preciso que eu andasse de tamancos como a tal senhora Antônia das Nabiças. Tire o cavalo da chuva e vá plantar suas couves, que é melhor. Está bem, está bem, então aqui é só o boto, hein? Deixe de besteira, seu Jerônimo, e musque-se ... diga que vai casar com o filho do José Cabeludo, o mariscador do vigário? Eu? Axi! Não logo! Antes uma boa morte. Não caso com tocador de bombo nem que desabe um pedaço do céu velho.

Azarado – Panema. Infeliz. Caipora. Sem sorte. Ando azarado mesmo, comadre. Urucubaca da miudinha. Só pé frio... Peixe não pega na minha linha. Não dou uma frechada que acerte. Pirarucu só vive caçoando comigo; funga na proa da montaria que até parece desafio do Tinhoso,

com perdão de Deus. Tartaruga, então nem se fala. Não boto vista numa cunhamucu desde o putirum do major Agapito. Isso é mau olhado de homem, compadre. Você só vive querendo tomar mulher deles... O resultado é esse. Soutrodia fuizinho arriscar os cobres de uma partida de cacau em Óbidos, num pipo disque do Divino Espírito Santo, e, não lhe conto nada, comadre, perdi tudo; era onde eu botava... os outros parceiros só paravam contra mim, cochichando, rindo. O banqueiro, danado como uma onça, dizia isto: vá se defumar primeiro, cunhado, senão você perde até a vergonha. É mesmo, compadre. E arranje uma benção também. Vá com a Xica Engole-Cobra que ela espanta essa panemice. Você está

mas é com o corpo aberto. O padre me aconselhou banho de cheiro, comadre, com bastante pega-não-me-larga, macaca-poranga, casca preciosa, tajá-membeca, cipó-catinga, priprioca, mucurucaá, pau-rosa, baunilha e cumaru.

Azucrinar – Importunar. Atormentar. Que curumim pra azucrinar a gente. Madrinha está doente, não azucrina ela. Este tapuio só anda com história pra minha banda, vivo azucrinada. Me deixe, seu Jerônimo, não me azucrine.

Azulão – Fazenda grossa, azul, usada pelos caboclos. Anda de calças de azulão. Vai vestir tua saia de azulão que tem muita tiririca. Só azulão aguenta: é espinho muito...

.....

B

Babado – Enrabichado. Enamorado. Apaixonado. Você já viu, comadre, como o coletor anda babado pela Chica Bate-lão? Até parece que ela deu pra ele alguma coisa no café. Parece, não, deu; aquilo é mais feiticeira que o Diabo. Você se lembra do finado promotor, que Deus tenha no reino da glória? Era gordo, vermelho, quando chegou aqui, em Alenquer. Pois daí a um ano o homem pegou a amarelar e a emagrecer que era uma pena. Não comia, não dormia, andava falando só. Sabe o que foi, meu bem? Mandinga dessa mulher.

Babau – Interjeição popular. Está perdido. Agora, minha gente, babau, foise tudo quanto Marta fiou. Cunhantã emprestou perna da cutia. Agora, babau!

Bacaba – (*Oenocarpus bacaba* Mart) – Do fruto desta palmeira se faz um vinho creme, gordo, alimentício, porém pesado e indigesto. Muito apreciado no ocidente da Planície pelo seringueiro nordestino, em geral estranho à natureza amazônica, a bacaba concorre, pela frequência com que é bebida, para as moléstias do fígado. É o óleo demais abundante nos frutos, que produz tudo. Em mingau, a sobrecarga de gordura se atenua muito.

Bacorinho – Porco recém-nascido. A porca da minha madrinha teve dez bacorinhos. Cinco leitões. Parecem umas bolas. Aquele bacorinho malhado é uma promessa. Dono dele é S. Bento. Não se dá nem se vende? Não, meu bem, santo

fica zangado com a gente se eu vender o bichinho.

Bacu – (*Doras*) – Peixe do tamanho de um metro. Escuro, manchado de amarelo, tem a pele coriácea. É quase cascu-do. Vive no rio e nas baías. Pescam-no de anzol. No tucupi é um acepipe. Há casas de petisqueiras, em Belém, que anunciam com grande reclamo: Hoje temos bacu de tucupi.⁸

Bacuri – (*Platonia insignis*) Árvore desenvolvida. Dá em grupos. Seu habitat é o lado alto de Marajó, parte que está voltada para o mar. O fruto, amarelo, parece uma laranja grande. A polpa é branca, acidulada e doce. A compota é fina, delicada, incomparável. O sorvete – simplesmente delicioso. Dos frutos naturais da Planície é o mais gostoso. Os filhos, como são chamados os gomos sem caroço do fruto, comidos crus, com farinha-d'água torrada, constituem uma sobremesa excelente.

Bacuripari – (*Rheedea aff. acuminata*) O fruto, menor que o do bacuri, não é tão saboroso.

Baderna – Grupo de rapazes. Ajuntamento de operários, funcionários jovens. Você só anda em baderna... Que baderna era aquela em que estavas ontem? Deixe, Juquinha, de convívio com baderna.

Bagaço – Resíduo de frutos, bagaço de laranja. Bagaço de cana. Esta lima é só o bagaço, não tem sumo.

Bagarote – Dinheiro. Nota de mil réis. Vou pedir dez bagarotes pra meu padrinho, quero comprar um corte.

Baixa-mar – Quando a água da maré atinge o seu mais baixo nível.

Balaio – Cesto raso de talas de palmeira, de boca mais larga que o fundo, tecido caprichosamente colorido, onde se guardam costuras, roupas, miudezas, cousas domésticas. Nas proximidades de Juruti, vila paraense, há um lago chamado Balaio.

Baldeação – Lavagem diária dos “gaiolas” na Amazônia. Ao nascer do sol, com os criados botando a mesa do café, os passageiros de 1ª se acordam ao barulho da guarnição estendendo a mangueira d’água até uma tina de madeira. Leva arriba! Grita o mestre. É o sinal para quem está dormindo em rede, seja tripulante ou não, sair dela e levantá-la na própria corda do armador. E principia a baldeação com grandes baques de conteúdos inteiros de baldes d’água jogados com estrondo no convés. O faroleiro espalha areia grossa e os “moços”, com o pé esquerdo sobre a vassoura e o cabo na mão direita, principiam a esfregar. Pelo ritmo bárbaro, de passadas largas, parece uma dança selvagem. Isto vai, de proa a popa, até dez horas.

Balsa – Aglomerados de peles (bolas) de borracha unidas umas às outras por meio de finos cabos de arame. Desce dos altos seringais quando o rio, seco, não permite o tráfego de lanchas e gaiolas. Baixa, ao sabor da corrente e empurrada a varejão, até aos pontos em que encontra navio para transporte. É a mercadoria levando o mercador. Os condutores vêm em cima, trazendo a bagagem em sacos impermeáveis de seringa amarrados na boca. A viagem representa verdadeira odisséia. A balsa encahada, engancha em paus, se desfaz a cada passo, obrigando a guarnição a passar o dia dentro d’água. É um trabalho hercúleo do homem da Amazônia conduzir a

goma-elástica, por esse processo, no tempo de verão.

Balsedo – Largas touças de plantas arbustivas ou gramíneas, criadas nos alagadiços, e que dão a impressão de flutuarem quando a maré e o rio estão cheios. Lances de canarana emaranhada e que muitas vezes se deslocam em piriantãs rio abaixo.

Bamburral – Lugar encharcado, cheio de vegetação arbustiva, entremeado de juquiris, tabocas e cipós, difícil de atravessar.

Banana – (*Musa*) Julgam-na originária da Índia, tanto que já houve, na Amazônia, uma época chamada pelos historiadores de pré-banânica, o que logo indica se tratar de um vegetal importado, trazido talvez pelo índio. A terra oriental da Planície, no entanto, lhe foi tão propícia, que em parte nenhuma do globo ela medra com tanta facilidade. Já o mesmo não sucede no ocidente da Planície, perto das nossas lindes fronteiriças, onde os tipos surgem mirrados, sem o perfume e o gosto do baixo Amazonas. De banana faz-se pão, aguardente, sabão, vinho, cerveja, vinagre, tinta, papel, doce seco, em calda, além de lindas e sedosas rendas creme para chapéus e vestidos. Existem no vale a maçã, a inajá, a são-tomé, a chorona, a prata, a branca e muitas outras. O tipo famoso, todavia, é a pacova, banana comprida, a mais inocente e rica em vitaminas. Madura, crua, é gostosa. Assada, passada, em calda, de qualquer forma, enfim, é uma grande sobremesa. Não tem caroço e pode ser cortada em várias épocas, antes da maturação, porque a seiva do cacho a faz conservar e amarelecer. Ultimamente ficou provado isto, nos centros científicos mais adiantados do mundo. Que a pacova verde, bem verde, extremamente verde, substitui com

vantagem o melhor legume. Ela pode figurar como a batata e a macaxeira nos pratos de cozidos das refeições e como delicada farinha para mingaus e papas de doentes e crianças. Nenhum fruto já alcançou, como a pacova bem verde, as benemerências na alimentação da humanidade. Hoje, mesmo na Europa, ela é tida como o fruto mais generoso e perfeito do universo. A natureza envolveu a nossa banana comprida num tão delicado encanto propiciatório, que ela substitui vantajosamente, quando verde, os três maiores alimentos do Planeta: o trigo, a carne e o leite.

Bancando – Fingindo. Substituindo. Aparentando. Aquele cara anda bancando o coronel. O Miranda agora banca o herói. Vá bancando a vítima que depois o tiro lhe sai pela culatra. Vocês já viram o Oliveira? Qual deles? Aquele batuta que apontava o coração e mostrava, por um gesto, o tamanho dos filhinhos antes de ser fuzilado? Não. Nunca mais vi meu querido Oliveira. Pois está bancando o príncipe-soldado. Ordens rápidas e secas. Laranjeira, atraca o auto. Leva-nos ao Pinheiro, passeia-nos por Ceca, Meca e Olivais de Santarém. Laranjeira, quantos quilômetros vamos rodando? Quarenta doutor? Pois vira sessenta, por minha conta. Já escapei da morte tantas vezes, que isto pra mim é canja. Bota oitenta quilômetros, cem, Laranjeira, porque te pagaremos o serviço no Céu, ao lado das onze mil virgens, bancando os mártires da 1º República.

Banho de cheiro – Usado na noite de S. João. Depois das sortes, pulamentos da fogueira, nas quais passam os namorados e os compadres, segue-se o banho de cheiro, feito numa bacia com água e na qual se misturam ervas aromáticas, cascas cheirosas, flores e essências vegetais. Tira

o caiporismo. Os “panemas” readquirem os atributos perdidos. Os desprezados por amor voltam à felicidade. Os azarentos no jogo começam a acertar. Você precisa é de um banho de cheiro, seu Maximino. Experimente e veja...

Banzeiro – Vagalhão. Agitação nas águas. Movimento das águas na Amazônia.

Barafunda – Confusão. Anarquia. Aquilo ali é uma barafunda horrível. Ninguém se entende, tal a barafunda. Não dizem cousa com cousa, é uma barafunda dos diabos.

Barão de Tefé – Antônio Luís von Hoonholtz. – Almirante brasileiro. Quando ainda 1º tenente da Armada comandou, na batalha naval do Riachuelo, a canhoneira *Araguari*, em cujo passadicho se cobriu de glória. Foi um herói rebelde. Debaixo de fogo seu navio se achava sempre, contra ordens da capitânia, nos lugares mais perigosos. De sorte que, após o combate, era invariavelmente repreendido e abraçado. Lida a ordem do dia com a censura ao tenente von Hoonholtz por haver desobedecido imprudentemente e gloriosamente as ordens de Barroso, os demais oficiais o apertavam nos braços e a guarnição o aclamava, fazendo-nos lembrar o caso inverso a bordo da corveta *Claymore*, do *Noventa e três*, de Victor Hugo. No castelo de popa desse hungoano navio literário se condecora e fuzila um herói. Mas, nós queremos falar no homem que palmilhou a Planície, no homem que veio ver o vale através dos seus conhecimentos de geógrafo, de hidrógrafo, de astrônomo. É, pois, ao sábio que honrou a ciência como o marujo já honrara os seus galões, que estas linhas envolvem num comovido registro. A primeira situação astronômica das nascentes do Javari, para

limites do Brasil com o Peru, foi ele que a determinou.

Barata (Joaquim Cardoso de Magalhães) – Capitão do Exército. Atual interventor do Estado do Pará. Figura de alto relevo entre os próceres revolucionários, possui a coragem do leão auxiliada por uma fina e lúcida inteligência. Todo o seu governo no grande estado do Norte vem sendo moldado na mais absoluta honestidade e no vero desejo de ser justo, de acertar, de fazer bem à terra em que nasceu restaurando-lhe as prerrogativas, o prestígio moral e o crédito. Quando sente que errou, através de qualquer ato público, recua, emenda a mão com o mais louvável e nobre dos gestos, implantando, assim, a confiança entre o povo, que de há muito o adora. Foi em sua companhia que outro valente e querido, ilustre e modesto capitão Aluísio Ferreira, também paraense e atualmente chefe das linhas telegráficas de Mato Grosso, fez a revolução de 1924 no Amazonas. Esses dois militares representaram, naqueles dias, a alma do movimento. Aluísio, então, foi destacado com rapidez e brilho tão evidentes que não derramou uma gota de sangue.

Baratas – (*Blattes americanas*) – Insetos ortópteros repugnantes que vivem nas casas. A metamorfose da barata é demorada; leva quatro anos, segundo Maximino Maciel. Só os machos voam. Na Amazônia, além da barata comum, há a barata-branca e a barata-cascuda. O cheiro desses corredores é enjoativo. Em geral o sujeito albino, na Planície, é apelidado de barata-branca. Olha a cara daquele barata-branca: tem medo de abrir os olhos.

Barco – Nome por que é conhecida a embarcação que conduz gado de Marajó. Pega de 50 a 100 reses, boca aberta, tolda

à popa, tem dois latinos e uma bujarrona. Feita de madeira, cruza o estuário, navegando entre a contracosta (orla de Marajó aberta para o mar) e a baía do Guajará. É um excelente veleiro, em cujo leme o caboclo paraense afirma sempre as suas inextinguíveis qualidades de navegante. Quando você chegou, minha xera? Ontem. Vim no barco do coronel Lobato. Foram duas panadas. Uma até o Mosteiro e outra até aqui, em Soure.

Baré – Tribo indígena que viveu nas redondezas do ponto em que se ergue hoje a capital amazonense. Por isso muita gente chama para Manaus de Barelândia, e para o ilustre e querido Dr. Silvério Néri de velho baré. A verdade é que a raça baré, através de todos os seus filhos, poetas, escritores, artistas, homens de ciência, revela qualidades de nobreza que engrandecem o povo que ali se funde sob a claridade viva do Equador.

Barra – Saída de um porto. Barra perigosa. Barra franca. Barra aberta. Belém tem três barras: Arrozal, Cutijuba e Chapéu Virado.

Barranco – Terra na beira dos rios. Pano telúrico a prumo no porto das habitações. Atracar ao barranco. Pôr a prancha no barranco. São expressões usadas a bordo dos “gaiolas” que sulcam o sistema hidrográfico da Amazônia. Meter a proa no barranco. Manobra que fazem as embarcações para evitar que se arreie a montaria dos turcos. O navio crava a proa em terra, um marujo salta com o chicote do cabo na mão, amarra-o numa árvore, e o gaiola fica rapidamente atracado ao barranco.

Barreiras – Manchas vermelhas, amarelas, brancas, cinzentas, que se divisam dos rios nas terras altas que marginam os caudais. Trechos da terra firme desnudos,

chagados pela erosão das águas. Barreira do Cuçari, fronteira à ilha das Cuieiras, pouco acima de Monte Alegre. Barreira do Cararauçu, a jusante da boca de baixo do Paraná da Capela. São amostras da qualidade do solo por onde os sábios argutos podem ter o índice da coluna geológica na Planície.

Barreiro – Lugar de terra salgada no seio da floresta às vezes no beicho dos barrancos, à margem dos rios. Os bichos abrem o solo em concha e enchem-se da argila salobra. Veem-se, numa democracia curiosa, papagaios, antas, jabutis, pacas, veados, periquitos, araras, mutuns, capivaras, fungando, bicando, mordendo, escavando a gleba, que fica com aspectos granulados. A esse ponto chamam “barreiros”. Em geral, o fato sucede no alto Amazonas. Esta observação, no entanto, choca-se com o que escreveu o ilustre John Branner na sua *Geologia Elementar*. Diz ele que o fenômeno denominado “barreiro”, produto de uma formação de eflorescência, é característico das regiões áridas ou semi-áridas. Ora os “barreiros” amazônicos demoram em lugares onde chove quase todo o ano, não dando tempo a que um mineral solúvel, como é o sal, se cristalize. Entretanto o cloreto de sódio no solo amazônico, úmido, se bem enxuto, é abundante.

Barrigada – Fartadela. Já me ri, meu bem. Tomei uma barrigada de riso. Nunca vi um sujeito fazer tanta careta. A gente apanha verdadeiras barrigadas de riso.

Barulho – Briga. Rolo. O Chico só anda fazendo barulho, homem. Você ainda leva uma facada num barulho desses. Que sujeito barulhento!

Batata-doce – (*Batata edulis*) – Planta rasteira que dá um tubérculo amarelado,

doce, feculento. Cozida, é um alimento magnífico. Oriunda da Índia.

Bate-boca – Discussão violenta. Polêmica azeda. Vão dormir, curumins, acabem com esse bate-boca. Por causa de um periquito tamanho bate-boca. Deixa de bate-boca, mana. Já vai para dias que doutor Bernardinho bate boca com doutor Simplício no jornal para saberem dis-que que quanto deixou o pai do filho do Zebedeu para mãe do dito Zebedeu, que Deus haja.

Baticum – Pancada no coração. Palpitação acelerada. Gente, estou com um baticum da nossa morte. Às vezes me acordo de noite com um baticum no peito que parece botar minha alma pela boca.

Batelão – Barcaça de 3, 4, 5 e 10 toneladas de deslocamento, em geral de boca aberta, própria para ser tirado a remo de mão ou de faia. Usam-no também rebocado no costado das lanchas que trafegam no Amazonas e seus afluentes. Os estaleiros de Abaeté, Santarém, Óbidos e Uriximiná são famosos na construção de batelões de itaúba preta, madeira insubstituível nesse gênero de transporte.

Batuque – Dança de preto. Gente, onde é aquele batuque? Só sendo em casa de seus Malaquias. Batuque ali é pau que rola. O batuque veio evidentemente com a gente do continente negro. É uma importação da costa da África. Os navios negreiros que traziam o escravo, conduziam também o bicho-de-pé, a lenda, certos vocábulos, muitas moléstias, e essa bárbara música chamada batuque.

Batuta – Valente. Ágil. Decidido. Resistente. Aquele rapaz é batuta. Sujeito batuta. Oh! Bicho batuta, picou a voga desde a saída. Cabra batuta puxou a feira de ponta a ponta.

Beiju – Biscoito da Amazônia. Bolo de fécula de mandioca. É uma das comidas regionais magníficas. O beijuaçu, fino como um disco, branco como a Lua, torrado ao forno, com manteiga, supera qualquer bolacha de água e sal das mais finas. Há ainda o beiju-panqueca, mais grosso e mais úmido, com a massa envolta em folha de banana; o beiju-curuba, tendo adicionado a massa castanha de caju ralada; o beijucica, muito fino, seco e torrado; o beijumembeca, bolo mole.

Bem-te-vi – (*Pitangus bellicosus*) – Pássaro de plumagem escura. Papo amarelo e pescoço branco. Bico forte e comprido. Vive perto das fazendas, dos sítios e até pomares das cidades. Ataca e persegue o gavião no ar como o submarino persegue o couraçado: agindo de forma que o grande rapace não o possa apanhar. Dá um grito claro, sonoro, que diz assim: bem-te-vi! bem-te-vi! bem-te-vi! bem-te-vi!

Benção – Bênção. Pede benção para os brancos, curumim. Benção, madrinha. Quero benção dos mais velhos. O Senhor Bispo, diz que, vai botar benção na fazenda do compadre Malaquias. Pode ser que visagem acabe lá, mas eu duvido. O fantasma é mesmo a mulher dele. Quando ela vira mula sem cabeça, guarda de baixo...

Bentinho – Imagem ou oração costurada dentro de pequeno saquitel de polegada e que é trazido pendurado ao pescoço por um cordão. Espécie de amuleto que defende dos inimigos e dos “amigos” também. Conta-se que um político parense, muito positivista, descrente de santo e creio mesmo que de Deus, tomando banho a bordo de um “gaiola”, deixou o bentinho, por esquecimento, no banheiro. O passageiro que o encontrou foi levá-lo, e, com muita ronha, entregou a imagem

ao dono, que por sua vez fingiu não dar grande importância ao achado. Eu sou ateu, graças a Deus, dizemos nós, batendo no peito.

Besouros – (*Coleópteros*) – Insetos trituradores, providos de quatro asas. Negros, manchados de verde, vermelho e amarelo, cobrem-nos uma espécie de armadura de charão, rija, lustrosa. Têm chifres e pinças. Roem as hortas e as roças; cortam paus, estragam tudo. O vôo de alguns produz um rumor característico, que parece o apito grosso de “gaiola” ao longe. É navio, gente... Duvido... é besouro. São lindíssimos e numerosos. A espécie de escaravelhos (*Magasona*) vive no monturo, nas fossas. O longicorne (*Acrocinus longimanus*) bebe o leite do caucho. Ali vem besouro, criançada...

Bexiga – Varíola. Entre o povo são conhecidas várias espécies: a preta, a branca, e a pele-de-lixia. Disque bexiga em Cametá está arrasando, meu mano? E é a pele-de-lixia. Nunca vi tanta bexiga; isso é algum pecado. Deus não dorme. Aqui se faz, aqui se paga. Um bando de hereges, que não quer saber das imagens. Santo para eles é canja. Agora, aguentem. Vai tudo com a bexiga. Que se peguem com os sabidos da cidade. Já fiz minha promessa para Nossa Senhora de Nazaré. Se a peste não der lá em casa vou acompanhar o círio a pé, levando um pote d’água na cabeça para distribuir pelo povo.

Biboca – Habitação pequena. Lugar apertado. Moradia acanhada. A casa, coronel, é uma biboca. Tanta gente numa biboca daquelas. O quartel é uma biboca. Eu não me acostumo em biboca.

Bichado – Cheio de bichos. Vocês já viram, minha gente, como o feijão está bichado? Bem que eu disse que metesse logo

na frasqueira, mas vocês, nem como cou-sa... Agora, está aí, feijão todo bichado. E milho também, olha aqui.

Bicheira – Ferida em consequência da larva da mosca (*Lucilia macellaria*) depositada na costa de certos animais, principalmente do gado vacum. Já viram boi Estrela, como está de bicheira? E a vaca laranja, também. Bicheira, aqui, é mato. Existem certos pajés na Amazônia que curam a bicheira do gado pelo rasto do animal. Fazem uma cruz no ar, na direção em que o bicho se encontra, rezam certa oração, e pronto. Daí a dias a ferida sara...

Bicudo – Nome por que os caboclos chamam o português.

Bigodes – Frisos d'água que as embarcações produzem à proa, quando navegam. Deslocamentos da toalha líquida em virtude da velocidade do navio. Quem olha do alto do castelo de vante para baixo, em direção ao talhamar, vê aqueles dois rolos de espuma que se apartam das bochechas da nave como se fossem os bigodes dalgum monstro marinho.

Biribá – (*Rollinia*, aff. *ortopetala*) – Árvore de porte regular. O fruto, pouco maior que uma laranja, amarelo-esverdeado, é cheio de bicos na casca. A polpa branca, gomosa, é doce, vagamente ácida e saborosa. Silvestre.

Bisca – Pessoa que tem pequeninos defeitos, falhas de caráter. Aquilo é uma boa bisca, madrinha. Enquanto meu pai foi chefe político ela não saía daqui. Agora, diz que não conhece mais a gente. O promotor é outra bisca, não bota defeito em Jesus Cristo porque ainda não teve ocasião. Não há quem preste para ele. Bom, mesmo, aqui na vila, só ele, mulher dele, filha dele, curumim dele, cunhatã dele.

Bobo – Ridículo. Mas que homem bobo, comadre. Só vive dizendo besteira. Quem é aquele sujeito bobo, que está falando? É o filho do André. Que mulher boba aquela.

Boca – Foz do rio. Desaguadouro. Na Amazônia, depois da boca da noite e da boca do mundo, decerto maior e mais respeitável, a boca por excelência é a boca dos rios. Existe na floresta, a boca da estrada; a bordo, a boca da embarcação; a boca do fogo, a boca-de-lobo, mas nenhuma tão expressiva e capaz de engolir tudo e mais alguma cousa como a boca do Amazonas, do Tocantins, do Tapajós, do Madeira, do Negro.

Bochecho – ato de bochechar. Porção de líquido que pode caber na boca. Faça um bochecho de malva que a inflamação desaparece.

Bocó – Palerma. Sujeito de boca aberta. Cretino. Credo, que bocó! Você já viu, compadre Cornélio, como é bocó o sobrinho do coronel Seca Pimenteira. Não havia de ser outra cousa. Até parece arte do pai do filho do Zebedeu, que Deus não me castigue. Ele vai estudar pra médico disquê. Na minha casa é que ele não entra, com perdão de São Lucas, que é o padroeiro desses doutores. Receita daquele bocó, você vai vê, é pá, casca: sete palmos de terra com ele. Sempre de boca aberta e dizendo tanta besteira que até parece que não foi batizado.

Bogari – (*Jasminum sambac*) – Planta trepadeira, de flores perfumadas e brancas.

Boi – Cordão. Boi-bumba. Certo número de homens e mulheres que, pelo tempo de São João, anda fazendo dançar o boi. Há o “boi-canário”, o “boi-laranja”, o “boi-estrela”. E, por ampliação, a “ema”, o “pavão”, a “garça”. É um velho divertimen-

to popular que parece oriundo da África. Lá vem o boi, minha gente. Ele vai dançar na casa do subdelegado. Dançam, cantam, bebem, e brigam toda noite sob pretexto de fazer dançar o boi. Quando se encontram dois bois, aos magotes, chamam embiricica. Boi do compadre Prudêncio é bom, dança bem, é valente quando briga, mas, porém é assim... de embiricica, lá vem boi Estrela, minha gente. Tira as cadeiras da varanda para ele dançar. Embiricica não entra.

Boia – Sufixo e prefixo da língua geral que significa cobra e entra na composição de muitas palavras indígenas como jaquiranaboia, jiboia, boiuçu, boitátá, etc. No sentido de comida, refeição, empregado na gíria, como, por exemplo: boia de bordo, boia sem tempero, vou pegar a boia, ainda é de origem silvícola e provém do termo guarani boíí, comida, sustento.

Boitátá – Cobra de fogo. É o gênio que defende os campos, as savanas, os prados contra os incendiários. Por essa divindade se tira o sentido por que o selvagem, já naqueles tempos, condenava a queimada nas campinas, costume que não somente esteriliza o solo, tornando árido o terreno, como provoca o crescimento de uma multidão de plantas daninhas em substituição quase sempre de gramíneas próprias a forragens, ou, pelo menos, preferidas pelo gado que as come. Boitátá figura na teogonia indígena como uma pequena serpente de fogo que mora na água e mata os incendiários.

Boiúna – Cobra preta. Cobra grande. Deusa autóctone. Mãe-d'água. Vive nos lagos igarapés, rios, paranás. Transformase em navios, barcos, em canoas, em galeras. Pelas noites escuras os seus olhos, à flor d'água, parecem dois faróis boiando.

A boiúna é um verdadeiro filão literário. Não há recanto na planície em que não se ouça a história da boiúna. Sabe, cunhado, o filho do coronel Venâncio desapareceu ontem no lago. Andavazinho no marisco flechando uns bodecos (filhotes de pirarucu) e nunca mais. Sumiu de vez. Na canoa, meu bem, não se encontrou nem flecha nem arpão. Foi a boiúna, coração. Ontem eu vinha da casa da velha Andreza, e, na volta da meia-noite, ao passar no porto da tapera do finado Jabuti de Colete, tive um aperto na alma. Senti um burro frio no fio do lombo. Vi, então, meu bem, com esses olhos que a terra fria há de comer, atravessando o lago, um vulto enorme. Levava um cacheirão na proa que nem navio, fora dos fachos do fogo. Fiquei... Só deus sabe. Era a cobra grande, meu coração. Dizem que coronel Venâncio não deixou a coroa do Divino pernoita na casa dele e chamou de vagabundo para todos os romeiros. Ele é maçom. Em Belém não deixa a casaca do bode. Boiúna não brinca. Neste mundo se faz, neste mundo se paga. Você não vê como baixou a proa do Dr. Rodela. Dizem que vai ficar de tanga...

Boneca – Espiga de milho. Milharal está embonecado todo, gente. Não bole na boneca do milho. Cada uma bonecal! É a terra que é preta. Até parece milho de índio, que é cada uma boneca deste tamanho.

Borba – Cidade amazonense à margem direita do rio Madeira. Não figura nestas páginas por ter tido várias denominações antes de Borba, sendo que as últimas foram Araratema e Trocano. Também não figura aqui por ter andado por Ceca, Meca e Olivais de Satanrem, a refeição de um povoado cigano, antes de se fixar no

ponto em que se acha. Muito menos por ter sido a comarca, no Amazonas, maior número de vezes rebaixada e maior número de vezes reintegrada no seu privilégio. Ainda não figura neste “dicionário” por ter sido fundada pessoalmente por Francisco Xavier Furtado de Mendonça, então governador da Capitania do Grão-Pará, em 1756; mas, exclusivamente, por ter sido ali que o Marquês de Pombal, então ministro de D. José, deu o primeiro golpe na Companhia de Jesus, apeando os dois missionários alemães que ali dirigiam a catequese, levantando o pelourinho, símbolo das garantias municipais; e nomeando um oficial da milícia para dirigir os negócios públicos.

Borboleta – (Lepidóptero) – A fauna entomológica da Planície é variada. Bates registrou no Amazonas, segundo Wappaeus, 550 qualidades, “e durante uma pequena excursão de 10 minutos colheu em certo lugar 18 espécies de Papillo”. Aquele naturalista, que viveu 10 anos em Tefé, estudou os insetos no vale como Agassiz estudou os peixes. Diz ele que há zonas especiais para certos gêneros. A diurna, Papillo, Bates coloca em três regiões. A primeira, alto Amazonas; a segunda baixo Amazonas; e a terceira estuário. Esta geografia, o sábio atribui a modificações climáticas, tão ligeiras que escapam a nossa observação. Nas cercanias de Belém, na área de uma légua, Bates encontrou 700 espécies de borboletas. Emigraram em bandos à luz do sol. Entre as maiores diurnas ele assinalou a *Macraglossa annulosa*, que se confunde com o beija-flor na busca das essências. Entre as noturnas registrou a *Noctua Stryx*, que não é só a maior da Amazônia, mas a maior do Brasil, e que se confunde no voo com o morcego. A *Cast-*

nia Latreillei e a *Castnia Icarus*, crepusculares, são formas de transição entre os lepidópteros diurnos e noturnos. A *Phalona Atlas*, cujas lagartas vivem nas laranjeiras, ainda consoante Wappaeus, dá um fio de seda forte e brilhante. Entre as borboletas diurnas, crepusculares e noturnas é fácil fazer a distinção: as da primeira espécie, quando pousadas, mantêm as asas erguidas, verticais; as da segunda e terceira, também quando pousadas, mantêm as asas caídas, horizontais. A Amazônia é o paraíso das borboletas.

Boré – Instrumento de madeira, pouco mais grosso que um clarinete, usado pelos índios. Clarim guerreiro. De som esquisito e singular, não é corneta, nem trompa, nem trombeta... é boré mesmo.

Boró – Bilhete de bonde que circulava em Belém como dinheiro. Tinha aceitação tal qual uma cédula do Tesouro. Passa dali um boró, coronel. Estou sem um boró. Boró anda vasqueiro como todos os diabos.

Bota – Cousa embrulhada. Encrenca. Mas que bota é essa? Aquilo é uma bota. Quero só ver quem descalça esta bota. É uma confusão de todos os diabos. Já falei com o vigário, com o promotor, com o agente do correio, com o coronel, e ninguém dá volta. Bota danada!

Brabo – Seringueiro novato, que acaba de chegar do Nordeste. Sem conhecer a região, é completamente cego. Carece pelo menos de um ano para se adaptar à ambiência. Ainda assim, mesmo depois de integrado e identificado aparentemente ao meio, jamais alcança aqueles atributos sutis e extraordinários do caboclo, que distingue os mais contraditórios rumores, os mais suaves perfumes, as mais delicadas nuanças na hileia. Pela folhagem, pelas flo-

res, pelo rastro, pelos frutos, pelos alísios, pelos rios, pelas estrelas, pelos assobios, ele tem o sentido exato das estações, dos meses, dos dias, das horas. O seu grande calendário é a natureza, em cujo seio, como nas folhas de um livro, ele soletra os maiores enigmas da Amazônia. Fenômenos que escapam aos sábios, são anunciados ao caboclo pelo seu almanaque ao ar livre, e que lhe transmite as informações da flora e da fauna, dos ventos e dos astros, da terra e das águas, dos homens e dos bichos, por maneiras tão especiais, que ninguém senão ele as interpreta. O “brabo”, coitado, trocando uma zona calcinada, ardente, por uma planície virente e úmida, vê, ouve, cheira, palpa e não percebe nada.

Braça – Medida usada nos prumos de bordo dos “gaiolas”. A linha é dividida em braças. A primeira braça é marcada por um tolete transversal de madeira, de maneira a ficar bem à vista do marujo que sonda na borda. Cinco braças! Quatro braças! Três braças! Duas braças! Braça e meia! Uma folgada! Uma, na marca! Uma escassa! A embarcação, nesta voz, vai com a quilha roçando o álveo, porque a média do calado dos “gaiolas” é uma braça, quase seis pés. Alguns demandam mais água, outros menos.

Branca – Cachaça. Também chamam branquinha.

Brochar – Espancar. Este sujeito vive aqui bancando o valente. Está procurando ser brochado. O José vai brochar o pai do filho do Zebedeu. Foi uma encrenca da nossa morte.

Bromeliáceas – Família de plantas que tem por tipo o ananás. Há várias espécies que medram nos galhos e forquilhas das árvores em plena floresta. Fritz Muller, o naturalista alemão que viveu estudando

o Sul do Brasil, observou que as folhas da bromélia compõem um curioso vaso verde, no qual se acha a mais esquisita multidão de formas animais. Alguns desses bichos ali se encontram de passagem, como vermes, crustáceos, insetos, batráquios e cobras. Certas espécies vivem lá, em estado larvário, saindo depois da metamorfose. Estas revelações, decerto, são interessantes. Muito mais interessantes, porém, foi a descoberta feita por Fritz Muller no vaso aéreo da bromélia. Ali vive uma conchinha bivalva, o *Edpidium Bromelium*, fóssil noutra parte, semelhante ao *Elpe pinguis*, assinalado por Barrande, na Boêmia. Se bem que cinco vezes menor, é uma cópia fiel deste. O curioso, todavia, é que esse ostracode não podendo emigrar da bromélia, e muito menos da árvore em que esta se encontra, projeta suas colônias por toda a mata. Como? Na costa dos animais que visitam a bromélia. É provável, diz Fritz Muller, que a concha, como a bromélia, floresça em todo o Brasil. Teremos na Amazônia, onde a planta em questão é abundante, o *Elpidium Bromelium* segundo Fritz Muller? É o que se precisa ver. Será pitoresco encontrar, trepada nos galhos das árvores da Planície, depois de desaparecida dos mares brasileiros, uma concha que se transmudou da água salgada para a água doce; que emigrou do oceano para a selva; que subiu da vastidão azul do Atlântico para um vaso aéreo e verde da hileia em misteriosa surtida.

Bubuia – Boiando, flutuando sobre-nadando. Árvore, canoa, corpo que fica à flor d'água. Aquela ilha de canarana, cunhado, como vai de bubuia. É uma beleza. E aquele tronco, também de bubuia, cheio de marrecas. Hoje, pelas matinas, maria-já-é-dia ainda estava anunciando o

sol, passaram de bubuia muitas peles (bolas) de borracha. Aquilo é batelão de boliviano que virou na cachoeira do Inferno. Ou então do porto, que quebrou, do major Guaramiranga. Água 'stavazinho comendo lá toda beirada. Seringa no terreiro dele era mato. Cada pele deste tamanho.

Bucha – Logro. Que bucha é esta, compadre? Negócio com teque-teque. Que bucha! Turco, foi o turco. Ele disse que não ganhava nada pra mim e só agora eu vejo que fui embrulhado. Levei uma bucha dos diabos. Não vá comprar bonde, compadre. Turco não é gente. Você sabe o que me disseram? Que na capital da terra deles, atravessando a cidade, tem um burro corno de ouro. Mentira? Não, comadre. É um igarapé que atravessa Constantinopla chamada, com perdão das pessoas mais velhas, Corno de Ouro. Turco tem olho aberto que parece gaivota. Mulher dele, lá na Turquia, era só de cara tapada para ninguém cobiçar. E você já viu como está aparecendo turco outra vez? No tempo da guerra era só libanês e sírio. Mas eu conheço alguns bons, que até parecem turco de navio; içam a gente na amizade. Agora isso! Só se já foram batizados.

Buçu – (*Manicaria saccifera*) – Palmeira de folhas semelhantes às da bananeira (*musa*). É a melhor palha para cobrir casas, quer pela durabilidade, que atinge 15 anos, quer pela facilidade de manejar, quer, ainda, pelo tamanho da palma. O seu *habitat* predileto é o estuário da Amazônia, principalmente nos arquipélagos conhecidos como ilhas de dentro e ilhas de fora. Entre esta grande área e o baixo Amazonas, Prainha, Monte Alegre, Santarém, há um vasto comércio de palha de buçu. Barcos a vela, carregados do artigo, sobem o caudal e vão distribuindo com os fazendeiros que a adquirem, para teto e parede, não só de grandes vivendas, como de retiros pastoris nos campos. Este negócio entre os dois pontos do vale é a melhor prova de que o buçu, abundantíssimo na foz do Amazonas, é raro para o montante.

Buraçanga – Cacete cilíndrico com que as lavadeiras batem roupa. Também usado para separar o caroço do capulho do algodão.

Burrada – Asneira. Tolice. Fiz uma burrada do tamanho de um bonde. O Artur anda fazendo burrada. Que burrada, gente!

.....

C

Caá – L.G. Folha, mato, planta. Como sufixo e prefixo, no tupi, é termo comum; mucuracaá, caaeté, capiranga, capim, etc.

Caeté – L. G. Selva. Floresta primitiva. Mato virgem.

Caapora – L. G. Deus autóctone defensor da caça do mato. Homem cabeludo, montado num porco, anda enxotando, em gritos contínuos de defesa, certos animais preferidos pelo caçador. Quem o encontra fica infeliz, caipora. É o padrinho de todos os animais silvestres contra a frecha do índio ou a bala do ádvena. Parece que vem daí a palavra caipora, infeliz, sem sorte, panema na caça.

Caaretama – L. G. Região das matas.

Caba – Inseto conhecido por vespa. Marimbondo no Sul. Na Planície há caba-de-igreja, caba-de-peixe, caba-tatu, cabamutuca, caba-beiju, caba-camaleão, caba de fechadura. Algumas são tão bravias que é preciso fogo para espantá-las. A *Polistes lecheguana* faz um mel tóxico, cujos efeitos, segundo Wappaeaus, foram sentidos por Saint-Hilaire.

Cabeção – Nascente dos rios e igarapés. Origem dos caudais. Fonte de cursos d'água. Vou até as cabeceiras do Purus. É, longe de verdade, meu santo. Tenho que remar muito...

Cabeceira – Nascente dos rios e igarapés. Origem dos caudais. Fonte dos cursos d'água. Vou até as cabeceiras do Purus.

É longe de verdade, meu santo. Tenho que remar muito...

Cabeçudo – Teimoso. Casmurro. Pirrônico. Não bula com seu José que ele é cabeçudo; quando cisma certa cousa ninguém dá a volta nele. Que homem cabeçudo; agora deu pra ler de madrugada.

Caboclo – L. G. Vindo do mato. Originário da selva. Produto do estrangeiro invasor com o índio. O termo é afetuosamente empregado com ternura. Meu caboclo. Cabocla da gente. Aquele caboclo é pesado. Todos nós, da Planície, nos orgulhamos de ser caboclos.

Cabra – Mestiço com visíveis sinais de preto. Mulato carregado. Cabra sarado. Cabra bom. Este cabra catinga como bode. Cabra besta. Cabra doido.

Cabresto – Laço curto, de nó correção, com que se amarra o gado a bordo. Afrouxa o cabresto dessa vaca. Aperta o cabresto desse novilho. Olha, aquela vitela esta esganada, afrouxa-lhe o cabresto.

Cabrocha – Mulata ou mulata jovem. Que cabrocha metido a sebo. Disque é doutor. Olha aquela cabrocha roliça. Mas catinga, meu mano, que nem bode.

Cacete – Visita imprevista. Um fulano que nos interrompe o trabalho. Mas você viu sujeito mais cacete que este? Chega em casa e toca a contar história de onça, como se eu não tivesse meus que-fazer. O cacete não sai. Vira tudo quanto é vassoura com o cabo pra baixo. Amarra S. Antônio. Cacete danado!

Cachaça – Aguardente de cana. Também chamam ao sujeito que bebe. Aquilo é um “cachaça” de marca. Quando se mete

no porre não há quem aguente. É o maior “cachaça” da cidade. Olha aquele “cachaça” como vem às guinadas. Há três dias que ele está de fogo aceso.

Cachimbo – Aparelho para fumar. Compõe-se cabeça, feita de barro, tingida de negro, e do tubo, de taquari. Em Cameté fabricam lindos taquaris, pintados de encarnado e decorados de preto e ouro. Alguns esgalham na extremidade, podendo embutir duas cabeças; outros três, lembrando tridentes de Netuno. Cachimbo de Cameté, dizem os entendidos, é pra senhor de engenho: precisa de moleque para segurar na ponta.

Cachoeira – Salto que o rio dá nos travessões de pedra. Descida brusca dos caudais. Água que vinha correndo em um nível, e, de repente, se despenha, espadana, abre-se em espumas, precipitando-se da mesa de granito ao fundo das grotas. A cachoeira, embaixo, é um painel que ruge e ferve. Tem remansos, estoques d’água, rebojos. Quando ela é baixa, os peixes tentam transpô-la. Dão saltos fora da corrente e vingam o segundo nível.

Cacho – Penca de frutos. Cacho de bananas, cacho de pupunhas, cacho de açaí, cacho de bacaba, cacho de patauí. Também se diz cacho de cabelos.

Caciquiare – Canal que liga o vale do Orenoco, na Venezuela, ao vale do Negro, no Amazonas, Brasil. Segundo as melhores observações de naturalistas, e, principalmente, de geólogos, o Caciquiare, antigamente, era afluente do Negro. O monte em que nascia, vizinho do Orenoco, de fato um divisor de águas de onde manavam artérias fluviais para Brasil e para Venezuela, foi-se esfarelado, diminuindo, terraplenando até ao nível dos lhanos e savanas, de maneira que, em certa cheia

inundante do Orenoco, o rio da república vizinha, num salto de tigre por cima das desmornadas cabeceiras do Caciquiare, invadiu o *Canon* deste, enfiou-se-lhe pelos torcicolos e meandros, rasgou-o, aprofundou-o e veio ter, numa bárbara e dominante conquista de escavador de álveos e afastador de margens, a nossa plaga. É da cor de linfa e o desbarrancar das ribanceiras que denunciam tudo isso do estranho invasor. Ele alagou e cavou, de ano para ano, de século para século, num trabalho de contrabandista que reforçava o labor das fiadas aéreas, até transformar por completo o rio Caciquiare em canal do Caciquiare.

Caçula – Derradeiro filho. Este é o meu caçula. Cadê o seu caçula? Está com o avô. Morreu o caçula do seu Figueiredo. Criança linda parecia um anjo, com o perdão de Deus. Oh, belezinha! É o seu caçula? É, comadre. Muito parecido com você, meu compadre, mas também é a cara do padrinho, o vigário. Foi de tanto a Fuluca se confessar. Eu também dizia para ela: não olha para o padre; mas qual, mulher é curiosa pra burro. Vivia espiondo o santo homem pelo ralo do confessionário. Foi por isso que o caçula saiu assim.

Cacuri – Tapagem feita de talas e de varas próprias a apanhar peixe nas praias de areia ou orla de tijuco. Erguem-no no litoral da costa, à margem dos rios e lagos onde haja influência de maré atlântica, isto, é, fluxo e refluxo. Despescam-no durante a baixa-mar. O cacuri tem duas bocas. Uma para o montante e outra para o jusante.

Cadeiruda – De ancas desenvolvidas. De quadris grandes. Que mulher cadeiruda, credo! Parece uma tanajura. Nem pode com a bunda. Cadeiruda como só ela.

Caeira – Fábrica de cal. Casa com fornos onde se queimam as carapaças de moluscos dos sambaquis para transformá-las em cal. Na Amazônia chamam a esses despojos da cozinha do índio, matéria-prima de cal, de mina de sernambi. Os sábios, no entanto, chamam-no de sambaqui. Tanto um vocábulo como o outro provêm do tupi.

Caicara – Manga do curral de gado feita com achas de madeira, esteios e que liga, em geral, o próprio curral à margem onde as reses são embarcadas para os mercados consumidores. Estacada triangular onde se prendem os rebanhos vacuns.

Caçuma – Papa feita com tucupi engrossado com farinha, cará ou fécula de qualquer tubérculo.

Caído – Namorado. Rendido. Você já viu, minha xera, como o Juvêncio está caído pro lado da Josefina? Ficou caído desde a noite em que ele fez quarto pro finado Mirandolino. Namoraram-se nessa noite, junto do caixão do pobre... Desde ali que ele ficou caído. Credo, cadáver ainda quente. Isso é pecado. E grande. A gente deve respeitar ao menos a presença do defunto. Corpo tá duro, mas a alma vigia, vê tudo. Que juízo, o finado não haverá de ficar fazendo mulher...

Caipora – Azarento, infeliz no jogo, sem sorte. José Veríssimo julgava esta palavra derivante de “Caapora”, divindade selvagem que tem a forma de porco. Nunca vi, compadre, sujeito mais caipora que o coronel Berimbau. No jogo do bicho, então, é quanto o ferreiro faça, levou cercando o jacaré um ano. Nada do bicho. Até que ele o abandonou. Pois bem, no mesmo dia em que o homem cercou o veado, bumba! Jacaré. É da miudinha, comadre. Perde tudo na rua, chapéu, gravata, colari-

nho. Um dia destes perdeu a ceroula, coitadinho. Abra olho, comadre, que isso não é bicho. Bote sentido no coronel. Olhe que perder a ceroula... Aí há outra cousa... Ou jacaré ou raposa...

Caiporismo – Desdita, falta de sorte, azar.

Cairé – Lua cheia, segundo Couto de Magalhães, etnólogo, folclorista, sertanista, enfronhado nas lendas e teogonias do aborígene, é subdivindade autóctone. Tem por fim despertar a saudade no amante ausente, levar o espírito do apaixonado para junto do ente querido.

Caititi – L. G. Lua nova.

Caititu – (*Dicotyles torquatus*) – É um porco-do-mato menor que o queixada. Como caça sua carne é mais delicada que a deste.

Caixão – Fundo do rio. Termo por que é designado o álveo. Quando o caudal atinge o seu mínimo volume diz-se que o rio está no caixão, seco, inavegável. O Acre, este ano, ficou no caixão, compadre. Até parece o Ceará, minha gente. Desce o barranco para ir buscar água lá embaixo, é um pau com formiga.

Calangro – (*Tropidurus torquatus*) – Lagarto verde-cinza que anda pelos jardins.

Calombo – Inchaço em forma de bola. Protuberância na pele. Manifestação de tumor. Nasceu um calombo no coronel, aqui na testa, lá nele, que ninguém sabe o que é. Há dias já que aquilo apareceu e nem pra trás nem pra diante. Seu Inácio, da botica, diz que é tumor, mas pra mim, é feitiço. Pobre homem, já nem pode botar o chapéu dele.

Camaleão – (*Polychrus*) – Lagarto grande, verde, que vive no galho das arvores, confundido com a folhagem. Muda de

cor à aproximação do inimigo, homem ou bicho. O mimetismo defende-o, tal a semelhança que ele tem com a casca do pau, com o feitio dos ramos, com o ângulo das forquilhas.

Cambada – Enfiada de peixes num cipó ou envira. Cambada de pacus, de jaraquis, de piramutabas, de mandis. Quanto custa essa cambada? Também usa-se no sentido figurado, como termo pejorativo. Aquela gente não presta, é uma cambada.

Cambeua – Peixe do mato parecido ao tamuatá. Também se chama cambeua aos chifres cujas pontas estão voltadas para baixo e a tudo que é retorcido e torto.

Cameté - De parte a glória de ter sido o berço de homens eminentes, de ser a pátria aviú e o país dos maparás, Cameté é celebre pela resistência que ofereceu aos rebeldes no tempo da cabanagem. Não se rendeu ao sítio nem ao assalto. Devia ser condecorada, à semelhança com as cidades da Europa, que resistem ao assédio e ao ataque inimigo. Como foi, por exemplo, Leyde nos Países-Baixos, que heroicamente se bateu e triunfou das investidas espanholas. Cidade paraense às margens esquerda do rio Tocantins.

Camotim – Vaso de argila em que o índio enterrava os defuntos. Na ilha de Marajó há uma necrópole selvagem, no município da Cachoeira, chamada Camotim, de onde os naturalistas exumaram centenas de ossadas humanas enterradas nesses potes funerários.

Canarana – (*Panicum spectabile*, Ness) – Gramínea aquática que orla as margens do Amazonas, os lagos, os igarapés. É o capim mais apreciado pelo gado da planície. O boi e a vaca deixam qualquer gramínea em terra para, enterrados n'água, comerem a canarana. Ali são muitas vezes vítimas das

piranhas e dos jacarés. A bordo dos “gaiolas” que sobem o rio, rumo dos altos afluentes, abarrotados de cargas, há uma expressão que se prende às gramíneas em questão: é cortar capim. Como esses navios recebem para rancho 20, 30 reses nas fazendas do baixo Amazonas, é necessário dar-lhes diariamente rações de capim fresco, a que eles estão acostumados. Por isso os “gaiolas” param todos os dias a fim de cortar capim, que é a canarana. Até que, numa certa altura dos rios, ela desaparece. O capim que se vê, então, é o mori, que mata a canarana, extingue-a nos lugares onde ela viça e domina. O gado dificilmente o come por ser amargo e agente de disenterias. Cortam-se, por isso, as folhas da embaúba e da taboca, abundantes na orla ribeirinha. O boi gosta desses alimentos.

Candeia – Vaso de barro ou folha-de-flandres, com pavio de algodão, alimentado a azeite de andiroba. Em geral as mulheres da Planície iluminam os oratórios com uma candeia muito simples. Deitam água nem pequeno copo ou tigela de barro, faltando três dedos para encher, e completam o conteúdo com azeite de andiroba, que não só flutua como não se mistura com a água. Colocam, então, sobre o azeite, uma rodinha de cortiça com um pavio ao centro e acendem-no. Dá uma chama pequena e mortiça durante a noite. É a “luz do santo”.

Cândido Mariano Rondon – General brasileiro. O maior bandeirante nacional. Devassa os nossos sertões com indiferença e rapidez. As suas expedições pela hinterlândia passaram a ser cousas comuns, por mais arriscados que sejam os trechos percorridos, tal a confiança que ele inspira. A sua travessia do noroeste brasileiro, as suas pesquisas no vale do rio

Branco, renteando linhas divisórias com a Venezuela e a Guiana Inglesa, a sua descoberta do Eldorado dos naturalistas, nas cabeceiras do Trombetas e Cuminã, a sua batida pelos platôs goianos baixando pelo Tocantins, são viagens tão perigosas como as da África e da Ásia no reino das feras. Entretanto Rondon as faz com elegância de quem não teme segredo nas florestas, nem sigilo nas cachoeiras, nem mistério nas águas. Conhecido por mareante das selvas, a sua inteligência de rara argúcia, a sua cultura de polarizada erudição, sobretudo nos assuntos de naturalista, dão-lhe um alto e inconfundível relevo no exército. Nenhum brasileiro de boa fé, justo, consciente da verdade, poderá negar ao insigne General Rondon o privilégio de maior sertanista nacional, de palmilhador glorioso de toda sua pátria através de ermos platôs, de ínvios recantos, de largas planícies, de perigosas travessias. A hinterlândia quase impenetrável, desde a ilha ribeirinha aos cimos que ostentam o *divortium aquarium*, guarda-lhe a marca atrevida e serena das botas. Seus *raids* memoráveis valem por silenciosas batalhas com a água, com a floresta, com a terra hostil. É sempre comovido que eu lhe registro a obra de epopeia e o nome glorioso, tão glorioso agora como insubstituível quando ele cerrar o ciclo aureolado de sua fecunda passagem pela Terra. Infelizmente, no Brasil, nós somente sagramos as figuras depois de mortas. Antes disso temos o prazer de diminuí-las e até de martirizá-las.

Candiru – (*Cetopsis*) – Peixinho do tamanho do dedo grande, voraz, que vive em grupos, devorando tudo nas beiradas. É perigoso porque entra em qualquer orifício do corpo humano, matando muitas vezes a vítima. Candiru entrou no Juqui-

nha que não há meio de tirar. Veste uma calcinha no banho, Joaninha. Olha que tem muito candiru no porto...

Canelas – Pernas. Aquilo é uma siri-gaita. Só vive mostrando as canelas. Credo! Que canelas finas. Palito não pega. Você está com as canelas de fora, comadre. Ele só vive espiando as canelas da mulher do major. Se ao menos fossem grossas...

Cangote – Região occipital. Cogote. Cangote cheiroso. Cangote de touro. O cangote do Mirandolino está bom para umas farpas, hein?

Canço – Varinha flexível, descascada, com uma linha, que termina em anzol, nas extremidades mais delgadas. É destinada à pesca de peixes miúdos. Usam também no sentido figurado, para assinalar pessoas magras. Comadre Borborema está que é um canço. Aquilo é de tanto estudar direito, fazer leses e escrever sentenças.

Canjica – Papa de milho verde ralado e cozido com leite, açúcar, sal e canela. Fica mais saborosa quando se adiciona o leite de castanha-do-pará ou coco. Prato obrigado nas mesas da Planície pelo Natal e pelo São João. Vai comer uma canjica lá em casa, cunhado, depois da missa do galo, sim?

Canto – Esquina. Eu vi o seu José no canto da rua João Alfredo com a Frutuoso Guimarães. Quem era que estava ali no canto?

Capado – Porco castrado. Sujeito gordo. Credo, gente, como ficou major Jeremias? Parece um capado. Toutiço dele é só banha. Tem cada prega que parece rosca. Dizem que foi batatão, que ele tomou? Nada disso, meu bem. Aquilo é consequência da “saúde da mulher”. Três vidros puseram Jeremias como uma bola; capado não pega.

Capanga – Guarda-costas de político. Cafajeste assalariado. Sujeito da rafameia. Aquele é capanga do coronel Sarmento. Dizem que o capanga deu uma facada aqui, na barriga, lá nele, que botou os miúdos do fulano pra fora. Capanga danado! Nas eleições, quando coronel perde, ele mete a tatajuba na urna e vira tudo em ponta de cigarro. Depois leva os livros que o governo ganhou com os eleitores do cemitério de Santa Isabel. É cada um defunto bem criado... Benza-os Deus.

Capão - Ilha de mato. Rebolada de grandes árvores no meio do campo. Oásis. Mato redondo. Trecho de floresta isolada no prado. Galo castrado.

Capara – Vasilha vegetal, efêmera, em forma de funil, própria para guardar, no mato, líquidos. Nela se bebe água na floresta e transportam-se certas sementes. Fazem-na de várias folhas, mas principalmente das folhas grossas. O vaso cônico, para fechar melhor, é costurado de espinhos, como se fossem alfinetes.

Capenga – Coxo. Sujeito que manca de uma perna. Que é isso, cunhado, capenga? É verdade, seu doutor. Foi armadilha. Compadre Cornélio fez uma armadilha para paca perto da minha roça e quem levou chumbo fui eu. Quase embarco... Doutor queria logo cortar, dizem que dava tétano, gangrena, o diabo! O Pajé dos Parintins botou umas raízes socadas, cobriu com folhas e, quando dei comigo, estava com a perna sarada. Fiquei, então, capengazinho.

Caepena – Trilha que se abre no mato quebrando os galhos miúdos, a mão, de forma a orientar o caçador para a volta.

Capeta – Diabo. Aquilo é o Capeta em pessoa. Até parece cousa do Capeta.

Você tem o Capeta no couro. Apelido por que chamavam Luís XVI, rei da França.

Capim – Gramínea. São numerosas as qualidades de capim silvestre no vale amazônico. Basta enumerar a canarana (*Panicum spectabile*), o mori (*Paspalum fasciculatum*), o primembeca (*Paspalum repens*), também chamado canarana rasteira, o barba-de-bode (*Eragrostis reptans*), próprio para o cavalo, o capim-miçanga (*Coix lacrima*), o barba-de-velho (*Andropogon virginicus*), o capim-rasteiro (*Spermodon setaceus*), o capim mimoso (*Panicum brevifolium*), o capim-açu (*Panicum megistom*), etc. Isto sem contar os importados, como, por exemplo, o de colônia, o guiné, o mium, o gordura, o jaraguá e muitos outros grossos e rústicos. Em geral nos planaltos, cobertos de pastagem, só vicejam gramíneas agrestes, impróprias aos rebanhos selecionados, se bem que alimentícias e comíveis pelo gado, sobretudo “montado” (fugido).

Capinar – Cortar o capim. Limpar o terreiro, o roçado, a horta de ervas e gramíneas.

Capinzal - Lugar onde medra o capim. Terreno plantado de gramíneas. Capinzal já está bom de cortar, seu cunhado. Roçado, vai sendo engolido pelo capinzal. Bota facão nele, minha gente.

Capitão – Bocado de pirão de peixe que o tapuío faz com a mão, em forma cônica e alongada, na beira do prato, quando está comendo. Seu Cazuza faz cada capitão... Nem sei como você engole isso. Meus capitães são gitos...

Capitari – Quelônio. Macho da tartaruga. É menor que a fêmea e tem o rabo mais comprido. Pelo tempo da desova, nos tabuleiros e praias, antes da postura anual, quem sai d'água primeiro e escala a terra é

o capitari. Ele percorre toda a área destinada à cova dos ovos. Abre com o casco, algo inclinado, um sulco na areia e deixa demarcado o terreno em que as tartarugas devem desovar.

Capitiú – (*Siparuna*) – Planta que tem cheiro de peixe. Caá, mato; pitiú, cheiro de peixe.

Capivara – (*Hydrochoerus capivara*) – É o maior roedor da Amazônia. Parece um porco, chegando a pesar 60 quilos. Grande nadadora vive em grupos, na margem dos rios, roendo capim. É pouco apreciada como alimento.

Capoeira – Mato novo crescido no lugar dos roçados, das florestas derrubadas. É mais cerrado e mais baixo que a selva primitiva.

Cará – (*Dioscorea*) – Planta rasteira de talos quadrangulares. Há de tubérculos roxos e de tubérculos brancos. É areento, saboroso. Come-se cozido. Parece de origem africana.

Caraca – Espécie de ostra que dá na madeira das pontes e trapiches, assim como no casco dos navios, no estuário do Amazonas, nas águas submarítimas do Pará.

Caraiá – L. G. Valente, rijo, forte, sábio, sagrado.

Caraibebé – L. G. Anjo das nuvens. Santo que voa.

Carajuru – (*Arrabidoea chica*) – Liana conhecida também por piranga. Abundante no alto Amazonas. Macerada dentro d'água desprende um pó vermelho, solúvel no álcool e no azeite. Alguns índios, como os guerreiros mundurucus, pintavam a cara com ele. Era uma decoração sobre a tatuagem azul escura de toda a tribo. Ficavam horríveis.

Caramujo – (*Ampullaria gigas*) – É um molusco pequeno, quase redondo, de cor escura na carapaça e com a massa cor de chumbo, muito apreciado nas mesas paraenses, quer em tortas, quer com limão e pimenta depois de cozinhado. Vêm em pequenas “peras” de palha de dois palmos, a bordo das vigilengas, da região do Salgado.

Caraná – (*Mauritia martiana*) – Palmeira. Medra nos pântanos. Fazem gaiola dos talos e a fibra é magnífica para ataduras, atilhos, fios.

Caranguejeira – (*Mygale blondii*) – Da família dos aracnídeos, é um dos insetos mais perigosos da Amazônia. De dentada venenosa, o seu contacto produz inflamação. Grande, chegando a vinte centímetros de diâmetro, urde a teia no buraco dos paus podres e na boca das galerias subterrâneas, na qual apanha borboletas e passarinhos. À voz de “aranha caranguejeira”, o susto é grande. Todos a temem. É repugnante, peluda, parda.

Caranguejo – (*Cancer*) – Em toda a Amazônia é comum o “caranguejinho-do-campo”, um crustáceo de quatro centímetros, mais ou menos, que serve de isca aos pescadores. Os peixes grandes devoram-no. Nas praias marítimas e submarítimas do Pará, oriente da Planície, são triviais duas espécies: a do siri (*Neptunus cribarius*), que invade o estuário amazônico na testada das águas verdes do Atlântico, ao tempo do verão, e a do uça (*Gelasinus stenodactylus*), que vive nos mangues das costas vizinhas do mar. Todos os dois são bons alimentos. O segundo, abundante, trazido pelas canoas vigilengas em cofos de palha para os mercados de Belém, é delicioso. Dele fazem os célebres “casquinhos”, unhas e croquetes. Os paraenses

gostam da gordura em molho, pimenta-de-cheiro, sal e limão com que comem-lhe as unhas cozidas. Mas o caranguejo é tão interessante, que não me privarei de transcrever, em seguida a esta papeleta, o que dele disse, no seu pitoresco livro *As praias de Portugal*, Ramalho Ortigão.

“Entre os crustáceos, uma espécie tomada como um símbolo de retrocesso por aquelas que ainda imaginam que ela anda às recuas – o caranguejo, o forte e prestante caranguejo encarregado do importante serviço sanitário da limpeza das praias, representada pela sua configuração e pela sua estrutura, a mais sólida, a mais poderosa, a mais terrível máquina de guerra que se tem inventado. Ao pé dessa fortaleza ambulante, a força do homem armado, coberto d’ aço até os dentes, não é mais que irrisão e miséria.

“Devemos agradecer a natureza, diz Michelet, o ter feito os decápodes tão pequenos. De outro modo quem poderia combatê-los? Nenhuma arma de fogo os morderia. O elefante teria de se esconder. O tigre teria de trepar às árvores. O próprio rinoceronte não teria segura a sua pele tão rija e tão impenetrável. A esbelta elegância do homem”, continua o grande escritor, “a sua forma longitudinal, dividida em três partes, com quatro grandes apêndices, divergente, arredados do centro, fazem dele, por mais que se diga em contrário, um ente fraquíssimo. Nas armaduras dos guerreiros, os grandes braços telegráficos, as pesadas pernas pendentes, dão uma triste impressão de uma criatura descentralizada, impotente, cambaleante, prestes a tombar ao primeiro encontro. No crustáceo, pelo contrário, os apêndices ligam-se tão junto à massa redonda, curta, atarracada, que o

menor golpe que ele dá é a grande massa compacta que o vibra. Quando o animal agarra, corta, ou fura, fá-lo com toda a força que tem, porque a sua grande energia chega até a extremidade de todas as suas armas. Tem dois cérebros (cabeça e tronco); mas para se resumir, para obter essa terrível centralização, como se arranja ele? Arranja-se sem pescoço, tem a cabeça no ventre. Maravilhosa simplificação. A cabeça reúne assim acumulados os olhos, as antenas, as tenazes e as maxilas. Logo que os olhos penetrantes veem, as antenas palpam, as tenazes comprimem, as maxilas despedaçam, e, pelo lado de traz, sem mais intermediário, está o estômago, perfeita máquina de moer, que tritura e dissolve. Num relance, tudo está consumado: a presa desapareceu; ficou digerida. Tudo é superior no crustáceo. Os olhos veem para diante e para trás. Convexos, exteriores, facetados, abrangem uma grande parte do horizonte. As pinças ou as antenas, órgãos de indagação e de aviso, de tríplice experimentação têm na extremidade o tato e na base o ouvido e o olfato. Vantagem imensa que nós não logamos. O que não seria a mão humana se farejasse, se ouvisse! Em que conjunto e com que rapidez faríamos então as nossas observações! A impressão, dispersa pelo contrário entre três sentidos diferentes, que trabalha separadamente, é por esse fato inexata ou fugitiva. No decápode, que tem dez pés, seis deles são ao mesmo tempo mãos, tenazes e ainda órgão da respiração. Assim, por via de um expediente revolucionário, resolve este guerreiro o problema que tanto aflige o pobre molusco: ‘respira apesar da concha’. A isto, o decápode responde: ‘Pois eu respirarei pelo pé, pela mão. Este

ponto fraco – a respiração – por onde me poderiam dominar, coloco-o na ponta da minha espada, ponho-o no gume das minhas armas de guerra. Ora que lhe toquem agora, se são capazes!”

Tal é, na eloquente frase de Michelet, o sábio, o possante, o valoroso, o terrível caranguejo! “Se o prendem à traição por algum dos seus membros, ele mesmo quebra esse membro e retira-se mutilado. Vai com um, dois ou três pés de menos, – embora! Ele tornará a criar pacientemente mais um pé, mais dois, mais três, mais tantos pés, quantos houver sacrificado ao resgate da sua liberdade.

“O caranguejo, porém, cresce. Crescer, tornarmo-nos grandes, é para todos nós uma responsabilidade grave. Para o caranguejo é uma lamentosa desgraça. Tem de despir a sua invencível armadura, que o sufoca como um espartilho demasiadamente apertado, e é obrigado a ir triste, fraco, desarmado, para debaixo de uma pedra, fabricar pacientemente uma vestimenta nova. Todos então o desdenham, todos os maltratam, e, como o velho leão enfermo, ele recebe submisso o coice ultrajoso do asno. Nestas condições, retirado dos combates, das aventuras, das viagens, entregue inteiramente à vida doméstica, o caranguejo tem pela sua esposa uma dedicação sublime: quando ela é aprisionada, ele, não podendo defendê-la nem bater-se por ela, vai espontaneamente render-se, e entrega à discreção do inimigo a sua vida saudosa e viúva.”

Carão – Advertência. Repreensão. Levei um carão da mamãe, que chorei. Deixe de estar me passando carão a toda hora. Você precisa é ouvir um carão do professor. Que carão danado! Há também um pássaro chamado carão, na Amazônia.

Caraoelho – Estrábico. Vesgueta. Zanaga. Quem é aquele caraoelho? É um doutor da capital. Dizem que ficou assim de tanto aprender leses. Que Deus me perdoe, mas quando ele olha para o norte parece que ele está olhando para o sul.

Carapanã – Nome comum a todo os mosquito da planície. *Wappaeus* designa-os genericamente por *culex amazonicus*. Em geral são noturnos, e incomodam não só pela picada como pelo zumbido. Em certos pontos do Amazonas, Solimões, Madeira, Purus, constituem verdadeiro flagelo. O caboclo chama-os, com muita propriedade, de praga. Há uma grande variedade que a ciência cai classificando. A muriçoca (*Cellia argyrotarsis*), a mais trivial das anofelinas, é o veículo do impaludismo. O carapanã-pinima (*Stegomyia fasciata*), transmite a febre amarela. O carapanã (*culex fatigans*) inocula a filariose. Outros transmitem febre de mau caráter, feridas, mazelas. A melhor arma contra eles é o mosquiteiro. O caboclo do baixo Amazonas fecha a casa antes do pôr-do-sol, apaga as luzes e faz fumaça em torno da vivenda, como defesa. Na floresta e nos igapós anda em nuvens. É abundante quando o rio baixa e quase desaparece quando o rio enche. Falando sobre os mosquitos do Pará, Emílio Goeldi pensa que o *stegomyia fasciata* e o “*culex fatigans*”, são africanos; vieram com o preto cativo, a bordo do navio de vela e em companhia do bicho-de-pé, que também é oriundo do continente negro. O primeiro é diurno e o segundo é noturno. O som emitido pela fêmea do *stegomyia* corresponde ao “dó”, e o do macho o “lá”. Havendo se espalhado a notícia de que o manjericão e o mamoeiro afugentavam os carapanãs, Goeldi experimentou-os, obtendo resultados negativos. Segundo A. Periaçu, médico paraense de remarcados

estudos, as cores prediletas dos anofelinos são, na ordem decrescente: azul-marinho, vermelho-escuro, castanho-azulado, escarlate, preto, cinzento-ardósia, verde-escuro, violeta, verde, azul, cinzento-pérola. Apesar de preferirem o sangue dos mamíferos, bebem também o sangue dos pássaros e das aves, obrigando os proprietários de canários e curiós, patativas e coleiros a forrarem as gaiolas de gases. Gostam mais do sangue do boi, do cavalo, da mula, do burro, do porco, que do sangue do homem, tanto que os estábulos, as estrebarias, os chiqueiros, pela atração que exercem nesses insetos, desviam-nos das habitações, deixando indenes os moradores. Sobre o assunto o Dr. Acilino de Leão tem um belo e formidável ensaio. As crianças são mais perseguidas que os adultos. Quando o anófele não encontra sangue para sugar, alimenta-se de açúcar, mel, tâmaras, bananas, suco de frutos ou néctar das flores. Eles proliferam nas forquilhas, na intercessão das palmas, na concavidade das folhas, nas ipueiras, nos cacos de garrafa, no vasilhame abandonado. Assim, as bromélias, os miritizeiros, os bananais, pela água que retêm, são criadores de larvas perigosas, e valem por vasos verdes da morte. A anofelina é crepuscular.

Carapicu – Acará comprido, esguio, na L. G. Vestido de carapicu. Olha aquele mascarado bancando o carapicu. Meu coração, por mal que lhe pergunte, que vestimenta é a daquele mascarado alto? Carapicu, meu bem...

Caraquento – Rugoso. Escamoso. Cheio de granulações. Sarnoso. Pau cheio de conchinhas, que serve na estaca dos trapiches, principalmente nas águas de fluxo e refluxo da maré atlântica. Como está caraquenta esta madeira. Até turu já deu nela.

Caraxué – (*Turdus phaeopygus et autres*) – Pássaro castanho cantador, tido como o sabiá do Norte. No Pará chamam aos sujeitos que vivem à custa das mulheres, de caraxués. Quem é aquele almofadinha que lembra o arco-da-velha: gravata amarela, colete roxo, calça cinzenta, chapéu verde, paletó castanho? Então você não conhece, será? É o caraxué da Muçã.

Caribé – Mingau sem sal, ralo, de farinha-d'água. É muito usado nas convalescenças do caboclo quando em dieta. Dezinho um caribé pra ele levantar sustância. Ele está morrendo é de fraqueza.

Caribebé – L. G. Anjo das nuvens. Santo que voa.

Carimã – Bolo de massa de mandioca próprio para fazer mingau. Vendem-no envolto em folhas. Também o empregam como fécula para engrossar caldos.

Carimbó – Tambor. Feito de um tronco escavado numa das extremidades. Nessa parte aberta é colocado o couro curtido do veado. O tocador do instrumento senta-se em cima e, com as mãos, zabumba-o nos batuques, que é uma dança amazônica de origem evidentemente africana, trazida decerto pelos negros cativos dos tempos coloniais.

Caripé – (*Licania utilis*) – A casca desta árvore reduzida a cinza é aplicada na composição da louça, a fim de que as vasilhas não rachem.

Carlos Frederico Hartt – Depois de Humboldt, foi, talvez, a cabeça mais luminosa que andou na Planície. Sua curiosa e viável concepção do aparecimento do vale amazônico é deveras notável. Geólogo, versou tudo, desde os nossos sambaquis aos nossos mitos. Apesar de não ter estado na ínsula do Pacoval, no lago Arari, Marajó, escreveu sobre a cerâmica dessa ilha

e sobre a das grutas do rio Maracá. Quem fez a exumação da louça marajoara que lhe estudou, a conselho de Ferreira Pena, foi o seu então ajudante Orville A. Derby. Esteve duas vezes na Amazônia. Na primeira, disse que os sambaquis eram fenômenos naturais da vaga, da corrente, e da força eólica. Na segunda, mais esclarecido, disse a verdade, isto é, que eram despojos da cozinha aborígine. Chefiou uma comissão geológica a fim de restabelecer a teoria de Agassiz, abalada por Orton apoiado por Darwin e Haeckel, que impugnou o período glacial no Equador. Fizeram parte dessa expedição, além de outros, John Branner, Rathbun, Herbert Smith e Orville A. Derby, todos apaixonados discípulos do grande suíço, mas que tiveram que se render à evidência: a formação da planície não proveio de geleiras nem foi consequência de um *drift*. Em todo este desmoronamento da teoria do gigante sabem com o que Orton botou abaixo? Com uma simples feira fossilizada de conchas marinhas encontradas entre argilas, nas barrancas de Pebas, Peru. Tanto Hartt, como seus companheiros, depois de largas pesquisas, voltaram certo de que Agassiz errara.

Carlos Frederico Philippe Von Martius – Bávaro. Botânico mais eminente do mundo. Tão carinhoso com as plantas que era conhecido no vale amazônico por “amigo das palmeiras”. Apesar da sua feição científica, e pois recortada na verdade da *História Natural*, dividiu mitologicamente o Brasil em cinco zonas botânicas: a das Hamadriades, a das Oreades, a das Napees, e das Dríades e a das Náíades. A Amazônia ficou enquadrada nesta última, certo por causa de suas águas, de seus rios, de seus lagos, de seus furos, de seus igarapés. E como aqui os naturalistas são como os médicos,

que se não limitam a sua especialidade, vê-se Martius, como um iluminado, versando todos os assuntos: hidrografia, etnografia, geologia, meteorologia, zoologia. Foi companheiro de Spix, outro bávaro, nesta peregrinação à Planície, como Bonpland o foi de Humboldt. Galgou as serras do Parana-coara, da Velha Pobre e do Almeirim. Von Martius e João Batista Spix, que perلustraram a Amazônia com tanto brilho, vieram com outros homens de ciência comissionados pelo rei da Baviera, Maximiliano José, na comitiva da Arquiduquesa Maria Leopoldina da Áustria, quando se casou com D. Pedro I, imperador do Brasil.

Carlos Maria de la Condamine – Francês. Militar quando jovem. Desceu a planície em missão da Academia de Ciências de Paris para medir um arco do Equador. Esse trabalho objetivava determinar, com outras medidas tiradas de um polo a outro, a figura exata da Terra. Depois de haver passado seis meses no deserto de Tarqui, Peru, desceu até Belém numa viagem dramática, na qual perdeu o médico da expedição após um levante em Cuencas consequência de libertinagem. O seu *Diário* é a interessante revelação de um observador ágil e profundo. Nessas páginas ele pretende provar a existência das amazonas brasileiras, se bem que, do mesmo passo, se julgue aí que o Eldorado de Manoa provenha apenas do metal que os índios possuíam em pepitas e folhetas. Manoa e Manaus, diz o sábio, devem ser a mesma cousa. Dourado e ouro também.

Carnegão – Matéria endurecida dos tumores, furúnculos, nascidas. Doutor já rasgou postema do coronel, mas carnegão tá duro, não sai. Matéria saiu toda, meu bem, mas carnegão, quem disse...

Carona – Fiado. Levar carona. Não receber. Ofício dele é esse: passar carona. Aquilo é carona como três e dois são cinco.

Carrapato – (*Amblyomma* e *Dermacentor*) – É um parasita que vive na costa dos animais sugando-lhes o sangue. Elíptico, fica como uma bola depois de cheio. Abunda nos arbustos da terra firme, onde, basta tocar na planta, para ele aderir à pele do homem ou ao couro do animal. É a praga das pastagens alpestres. Ali cobre de tal maneira a rês, que dizima rebanhos inteiros. O anu cata o carrapato da costa do boi, da vaca, do bezerro. O *Ixodes americanus* é uma das maiores da espécie. O *Ixodes crenatus* é uma das menores.

Carregado – Acentuado. Azul carregado. Verde carregado. Mulato carregado. Tom carregado. Também se diz do peixe e da caça remoso. Não comazinho tambaqui, meu santo, que suas perebas voltam todas. Aquilo é carregado por demais. Ah! Minha xera, você está maluca! Como assim, meu nome? Pois você não jantou carne de anta? Jantei. É muito carregado. Ferida com ela não fecha. Coma inhambu, rolinha, pescada, que são inocentes.

Caruanas – Divindades benéficas e secundárias invocadas para obstar malefícios ou desgraças. Os pajés quando trabalham nos seus ritos e têm de desfazer qualquer feitiçaria, agitam o maracá, fumam o cigarro de tauari, e chamam em seu auxílio os caruanas. Lembram os deuses Lares da mitologia romana. São propiciatórios, tidos como patronos da família. Dizem que a Chica do Paraná vive botando berundangas no café do compadre Anastácio?... é tempo perdido. Nossos caruanas já foram avisados e andam de alerta com aquela tipa.

Caruara – L. G. Achaque. Dor pelo corpo, indisposição, quebranto. Aplicam muito nas dores reumáticas. Gente, amañeci hoje com a minha caruara no tornozelo direito. É a chuva que vem. Trovoada ainda está na boca do Amazonas e eu já sinto ela aqui. Quem dá sinal é a caruara. Começa a latejar que só relógio.

Carumbé – Uma das qualidades de jabutis, quelônio terrestre, que vive na floresta. Alguns zoólogos, dos mais argutos que por aqui andaram, afirmam que carumbé é como chamam os índios ao macho do jabuti. De carapaça muito convexa, escura, com quadradinhos amarelos, a sua força é formidável. Não vai além de cinquenta centímetros, mas anda com um homem em pé nas costas.

Caruru – (*Amarantus oleracea*) – Erva. Comida chamada de caruru, que é a erva desse nome, guisada com quiabo e camarão. Vai comer cururu, comigo amanhã, meu bem. Gente, caruru na casa do professor Jacinto Lêndia é pau que rola. Aquilo tanto come caruru como sabe língua dele. É danado pra falar como português do tempo em que se amarrava cachorro com linguça. Fala bonito, não há duvida, cunhado, mas branco pesado disque não entende ele. Só mandando buscar padre Bernardes pra falar com ele.

Casca preciosa – (*Aniba canelilla*) – Laurácea aromática. Muito usada na composição do cheiro de papel.

Cascavel – (*Crotalus horridus*) – Cobra venenosa conhecida por boiacininga. Tem um maracá no rabo. Quando anda, chocalha. Gosta do mato grosso que fica próximo ao campo.

Casco – É a mais humilde embarcação da Amazônia. Tão desconfortável, sem

bancos, sempre com água no poço, que chega a ser inferior à ubá do selvagem.

Caseira – Amante. Aquela é a caseira do padre. De noite, dizem que vira mula sem cabeça. Credo, compadre, não diga isso do vigário, tão bom, tão santo que chega a revirar os olhos quando ouve pecado da gente. Aquele, coitado, até pode morar com as Onze Mil Virgens. Pureza chegou ali e arriou a trouxa. Não meta sua alma no Inferno, dizendo isso, meu bem.

Casquinho – Mulher elegante, fina, miúda, bonitinha, de vida misteriosa. Seu compadre olhe só para aquele casquinho. É de fazer água na boca. Também se chama casquinho aos cascos de muçã e caranguejo contendo picadinho do primeiro e carne do segundo, bem temperado, apimentados, tostados ao forno. Vendidos nas barracas de comidas nas noites de festa, em Belém, representam a petisqueira mais regional do Pará.

Castanha-do-pará – (*Bertholletia excelsa*) – Árvore da terra firme, é um dos mais belos espécimes botânicos da selva amazônica. Copa larga, tronco ereto e cor de tabaco escuro, a sua madeira é de lei e a sua entrecasca uma estopa resistente, própria ao calafeto das embarcações. Embora se encontrem exemplares isolados, medra aos grupos, socialmente, na bacia do Amazonas, Tocantins, seus afluentes e confluente. Pomposa como uma fidalga silvestre, abre o seu chapéu-de-sol verde por cima do nível ondulante e superior da floresta, indicando logo mesmo em zonas baixas, que no seu pé existe um terreno que não alaga nas maiores inundações. Os ouriços lenhosos, vermelho-escuro. Doze centímetros de diâmetro em média, contêm os frutos, amêndoas vestidas de nozes em forma de pequenos gomos, que vão de

13 a 20 castanhas. No tempo da colheita, qualquer vento na mata produz a queda perigosa dos ouriços que, pesando mais de um quilo, acima de 30 metros, desabam tão violentamente a ponto de se enterrarem no solo. Os extratores são vítimas às vezes daquela bala imprevista. Recolhidos os ouriços em pilhas, abertos a terçado por um golpe certo, são as castanhas arrumadas num jamaxi e transportadas para a beira d'água. Postas aí num paneiro, que o beneficiador agita no seio da linfa, selecionam as boas, que se afundam, enquanto as podres e atrofiadas flutuam. Daí para o paiol e do paiol para a embarcação que as conduz a Belém e Manaus, segue rumo dos mercados estrangeiros consumidores. Amêndoa branca, oleosa, as confeitarias da Europa e da América fazem dela os mais variados bombons. Na Amazônia, o leite cru da amêndoa ralada e espremida é empregado nos mingaus, nas papas, nos pudins, emprestando a todos esses pratos da Planície um gosto delicado e saboroso. Se bem que as árvores sejam seculares, aos oito anos já surgem os primeiros frutos, em pequena quantidade. É o artigo da nossa indústria extrativa cujo preço varia mais que o da própria borracha. Assim, de 12\$000, por quanto antigamente se pagava o hectolitro da castanha (a medida, de fato, é barrica), ele subiu a 130\$000, para novamente descer a 80\$000, 50\$000 e 20\$000.

Castanha-sapucaia – (*Lecythis paraensis*) – Indivíduo botânico entroncado, vargeiro, de larga sombra, comum no baixo Amazonas. Plantado, pega de galho à feição do taperebazeiro, servindo como esteio vivo nos currais de gado. O ouriço, cor de gesso-creme, que lhe guarda os frutos fusiformes em ambas as extremidades e

pregueados ao comprido como se fossem encarquilhados em um tom claro, tem a forma de um cone truncado e não despenca ao ficar maduro, passando o ano no respectivo galho. Do ouriço só cai o tampo, aberto na face mais larga, que é a de baixo, quando então desabam as nozes, que não têm grande consistência. As amêndoas, apesar de magníficas, não possuem tanto óleo quando então desabam as nozes, que não têm grande consistência. As amêndoas, apesar de magníficas, não possuem tanto óleo quanto as da *bertholletia*. Além disso, o fato do ouriço se abrir na árvore, na época da maturação, dá motivo aos morcegos, araras e macacos comerem as frutas, evitando, assim, a disseminação da semente. Eis a razão por que a castanha-sapucaia é muito mais rara que a chamada do Pará, e, pois, menos comercial. Entretanto, os seus ouriços guardam elementos medicinais altamente apreciados na farmacopeia doméstica. Basta para isso que se os encha d'água durante 24 horas e logo essa adquire propriedades miraculosas contra certas moléstias.

Catapora – L. G. Afogouamento. Fogo interno. Febre eruptiva. Bexiga de galinha. Varicela. Curumins e cunhantãs em S. Benedito, na costa de cima (Óbidos), estão todos caídos com catapora, me disse comadre Mirandolina. Foi vapor que trouxe de baixo. Ia tanto brabo a bordo, fazia pena. No embarque do gado, curumim abelhudo foi a bordo pegou moléstia.

Catar – Tirar piolho. Costume das mulheres roceiras, nas horas calmas do dia. Uma deita no colo da outra. E a que fica sentada abre o cabelo comprido da deitada e vai tirando lêmdeas e piolhos. Você quer me catar, minha xera? Também

usam como remoque. Ora vá se catar, seu anta. Vá se catar, sua lambisgoia.

Catatau – Embrulho. Consequência de intriga, de mexerico, de fuxico. Tu me armaste um catatau com o coronel que eu mesmo não sei como sair dele. Que catatau é este? Gente, vocês me meteram em cada catatau.

Catereté – L. G. Dança religiosa dos selvagens. Festa dos índios, por motivo de vitória guerreira ou ritual da tribo, em que a dança predomina ao som do carimbó e no passo bárbaro, sem ritmo, duma coreografia mais feroz que alegre.

Catinga – Cheiro desagradável exalado pelo sovaco do mulato, do preto, e que se parece muito com o do bode, da cigana, do jacaré. Que preto pra catingar, seu coronel. É verdade. Mas não fica na frente daquele mulato que tem pretensões a branco. Aquele bicho fede tanto, meu coração, que das ninhadas de pinto, quando passam junto dele, não escapa um.

Catu – L. G. Bom. Boa.

Cauim – L. G. Vinho. Aguardente. Bebida fermentada.

Cauré – (*Falco albigularis*) – Ave de rapina do tamanho de uma pomba juriti. Apesar, no entanto, de parecer com o gavião de menor vulto na planície equatorial, não deixa de ser mais atrevido e perigoso. É tido pelo povo como símbolo da felicidade doméstica. Num voo arranja o que necessita; traz no bico, para casa, as cousas que seduzem; da noite para o dia o ninho cresce-lhe encantadamente. Tudo lhe cai nas garras, repete Goeldi, sem trabalho algum. Ataca os pássaros grandes. O maguari e o mutum sofrem as investidas. As galinhas têm-lhe verdadeiro pavor. A lenda de que seu ninho dá sorte, faz com que se venda, a retalho, nos mercados de

Belém. Os naturalistas do Museu Paraense, todavia, estudam-lhe os hábitos, verificam que ninho que se supunha ser do cauré, não é dele, e sim de um andorinhão (*Panyptila cayanensis*, Cab), ave mimosa, já registrada por Buffon em 1778, e que faz os ninhos como uma bolsa de lã vegetal, impenetrável à chuva, resistente aos vendavais e aderida ao tronco das árvores. Como o cauré persegue até a entrada do ninho esse andorinhão de coleira, a gente do vale julgava que a bolsa pertencia ao gavião. Daí a venda, aos pedaços, como cousa propiciatória, de ninho do *Panyptila cayanensis*, Cab.

Cauxi – Esponja d'água doce que contém espículas silicosas, cuja cinza se emprega para temperar o barro destinado ao trabalho do oleiro. É um desengordurante que, transmitindo homogeneidade à massa plástica, dá à composição cerâmica resistência depois de queimada, diminuindo assim a fragilidade da louça. Esta definição é de Hartt, que o autor copia com ligeiras variantes.

Cavando – Arranjando dinheiro, procurando emprego. Estou cavando fundo para conseguir uns cobres. Ando cavando um lugar de amanuense.

Caxinguba – (*Ficus*. Morácea) – Árvore copada. Quando vista de bordo do navios atracados ao barranco do baixo Amazonas, onde ela vive abundantemente, parece não dar passagem a uma pessoa em pé sob os seus ramos. Seivosa, o leite medicinal dela extraído é aplicado na pajelança doméstica, que usa em emplastos e mandingas. Madeira branca, fácil de lavar, tem pouco uso na indústria.

Cedro – (*Cedrela*) – É a madeira mais comum na Amazônia. Quando o rio enche e caem as ribanceiras com a floresta,

o cedro boia e desce e cai na corrente. De certos pontos, ele já vem em jangada, meio beneficiado pelo homem, com as raízes e copas cortadas. Há de várias qualidades, todas excelentes para obras de marcenaria e carpintaria. O cedro constitui hoje um alto negócio nos mercados paraenses de madeira. Mandam-no para o Sul e estrangeiro em toras e tábuas. É uma árvore colossal, que perde as folhas em certa época do ano. O cupim respeita a espécie vermelha.

Ceém – L. G. Açúcar. Doce.

Ceié – L. G. Sete.

Centopeia – Gênero de miriápodes de mordedura venenosa. Os entomólogos chamam-na cientificamente de “escolopendra”. Habita sobretudo as regiões quentes, onde atinge a 30 centímetros. Na Amazônia ela existe com abundância, e aparece tanto nas habitações domésticas como na floresta, principalmente entre galhos e troncos podres, sendo temida pela ferroada tóxica. Mas a centopeia não figura aqui por todos estes caracteres, mais ou menos comuns no Equador, sim pelo fato de ser um dos primeiros animais terrestres conhecidos, encontrando-se fossilizado em rochas ordovicianas.

Cera – Fingir que trabalha, fazendo cera. Gente, renda da Joaquina não anda. Ela só vive fazendo cera. Eu, então, não sei fazer cera. Quando pego nas cousas quero logo acabar. Por isso que vocês não vão pra diante, só sabem fazer cera.

Cerração – No tempo do verão, todo a Amazonas, principalmente o baixo, é envolvido na fumaça das fogueiras ateadas nos campos. Há ocasião em que cerra tanto que é quase impossível navegar de noite. Os navios ancoram. Também há cerração em virtude das chuvas, no tempo do inverno, e cerração motivada pela eva-

poração da água da terra ensopada, verdadeiros nevoeiros. Esta é comum assim que o rio principia a vaziar.

Cerrado – Sem caminho. Mato fechado, difícil de transpor. Vamos pela direita, coração, que por ali está cerrado. Gente, como ficou cerrado isto! Não faz muito tempo que eu andei por aqui de facão. Mato não respeita...

César Santos – Tratando da vida amazônica, desde o oriente da Planície até aos contrafortes andinos, não se pode esquecer, mesmo que a visada seja em conjunto, panorâmica, as grandes individualidades comerciais, e, pois, a vida econômica da plaga. César Santos é uma delas. A farmácia e drogaria que têm seu nome falam mais alto que qualquer documento escrito, atestam a capacidade que fez do modesto estabelecimento fundado em 1884, há quase meio século, um grande empório de produtos químicos. E a grandeza da Casa, projetando-se para além das lindes a fama do estabelecimento, mas a força da inteligência de César Santos, força e inteligência que hoje se refletem na Casa que ele melhorou, desenvolveu e consolidou esplendidamente na firma César Santos & Comp.

Ceuci – L. G. Mãe da lágrima. Choro. Pranto. Constelação das Plêiades no firmamento da Amazônia. Ceuci está triste... chorando.

Chácara – Residência nos arrabaldes. Habitação dentro de pomares. Antigamente em Belém, no Pará, chamava-se rocinha para este gênero de habitação. Tenho uma chácara no Marco da Légua. Vá ver a minha rocinha na travessa da Glória.

Charles Darwin – Inglês reboante e famoso. Autor da *Origem das Espécies*. Se bem que não tenha estado na Planície, para

justificar o seu registro nesta nota, esteve nos Andes, ciclópica muralha que fecha o imenso vale pelo ocidente. Transpôs a cordilheira duas vezes, descrevendo, na sua *Viagem dum naturalista em volta do mundo*, o rolar das pedras, no torvelinho das águas, pela encosta daquelas montanhas abaixo. E o fez com tal emoção, que essas páginas parecem de um poeta assustado com o fenômeno. Pelo sul patricio visitou o Rio. E pelo norte Bahia e Pernambuco. Ao desembarcar em Olinda, já no regresso do *Beagle*, tentou aí atravessar um quintal. Negada a licença pelo proprietário, que só fez naturalmente por ignorar com quem falava, o sábio irritou-se, abriu as torneiras da maldade contra a nossa gente e disse, naquele diapasão de áugure, quase a mesma coisa que o seu ilustre patricio Thomas Buckle. Cousas fascinantes e falidas como estas: que a nossa raça é inferior; que somos um povo sem energia e sem vontade. Confronte-se, no entanto, a civilização que nós brasileiros estamos arquitetando em baixo do Equador, com a civilização que franceses holandeses e ingleses andam fazendo sob o mesmo clima, nas Guianas, e veja-se qual é a raça inferior. Comparadas as cidades de Belém e Manaus, cheias de esplendor e beleza, às cidades guianenses desses três povos, o contraste é eloquente e triunfante para nós. Foram maus profetas os dois eminentes “taumaturgos”. O brasileiro é tão grande quanto o Brasil.

Chata – Gaiola da Amazon River de roda à popa que trafega no alto Purus, alto Juruá e Acre nos meses de verão. De duas toldas, máquina em cima do convés, três pés de calado, cerca de duzentas toneladas de deslocamento, é uma excelente embarcação para o mister em que é aplicada. Doce de governo, andando a ré, ao sair e ao che-

gar dos portos, manobra melhor, descreven-
do círculos magníficos sobre o flanco para
onde está carregando o leme. Casco frágil,
a sua defesa é a multiplicidade de porões.
Muitas vezes navega com um, dois porões
furados e alagados, sem naufragar, devido
aos demais serem estanques.

Chatear – Aborrecer. Amolar. Que
sujeito para chatear a gente. Vamos em-
bora, senão aquele pândego nos chateia
aqui até a gata miar. Vá chatear assim pras
profundas dos Infernos.

Cheia – Máxima altura dos caudais
alheios ao regime das mares... Este ano,
compadre, nem como cousa... Ano retra-
sado, sim, alagou tudo. Aquelas laranjeiras
que você está vendo ali, foi milagre. Iam
morrer quando me peguei com a gloriosa
Nossa Senhora de Nazaré. Mal abri a boca
água começou descendo. Não gosto de fa-
lar mal, mas aquilo é santa pesada mesmo.
O pé de abiu também é milagre. Foi S.
João que salvou. Só quem come fruta dele
é o senhor Bispo. E uma vez por outra, o
padre Cupertino.

Cheiro de papel – Serradura perfu-
mada. Compõe-se de raízes, rizomas, cas-
cas, paus aromáticos, ralados e misturados
a trevos, jasmims e rosas. Acondicionado
em invólucro delgado de papel, quase
como envelopes, é vendido em balaios de
talas, por mulatas, em Belém. É usado nas
cômodas, baús e *sachetts* da roupa branca.
Perfume suave, impregna-se de tal maneira
na fazenda que, mesmo depois de lavada a
camisa ou lenço, ainda se sente o aroma
delicioso.

Chiba! – Interjeição jocosa. O mes-
mo que viva. Quando alguém espirra,
como pilhéria, se responde chiba! Alusão
ao espirro do bode.

Chibé – Água, farinha e açúcar bebi-
da na cuia. É um refresco muito alimentí-
cio usado pelas populações do interior da
Amazônia.

Chichuta – Bebê. Criançinha. Coita-
do do chichuta, quer mamita não? Você
com essa cara de chichuta, para meu lado,
não arranja nada. Ora, chichuta...

Chifrada – Marrada. Golpe que o
touro, ou novilho, boi ou vaca desfere com
os cornos. Tenho tanto medo de chifrada...
Doutor Elói, coitado, morreu de uma chi-
frada. Eu respeito muito animal galthudo...
Não sei porque é, mas todo bicho de chifre
tem uma quizília comigo... Os cornupetos,
então, não me podem ver. Ficam logo de
olho encarnado. Credo! Desde menino
que eles são assim comigo. Que Deus me
defenda e o resto... como vier.

China – Amante. Aquela é a china do
coronel. Toda vez que nhô Gaudêncio vai
à capital traz uma china. China dele agora
é bonita pra burro.

Chinfrim – Ordinário. Mal arranjado.
Que festa chinfrim. O batizado do filho do
Anastácio foi uma chifrreira. Como está
chinfrim o vestido da Tomásia.

Chiqueiro – Currel de porcos. Pega
um leitão lá no chiqueiro. Estou cevando
um capado no chiqueiro de bacorinhos.

Chocar – Contemplar. Olhar demo-
radamente. Gente, aquele sujeito só vive a
chocar moça do coronel. É um olho com-
prido que até parece jacaré chocando.

Chocolateira – Vasilha de folha-de-
flandres, em forma cônica, com uma asa,
destinada a aquecer água ou leite, fazer café
ou chá. No sentido figurado é cara. Ainda
te arreberto essa chocolateira. Ficou, meu
santo, com a chocolateira toda amarrota-
da. Chocolateira dele está em fanico.

Chumaço – Enchimento. Peito dela é chumaço. Só pra enganar os antas... Não vá atrás daquelas cadeiras, compadre, que aquilo é chumaço. Tire roupa dela, com todos os chumaços, que você vai ver o canço... Nem compadre Borborema.

Chumbada – Peso de chumbo que se põe nas redes de pesca, nas tarrafas, nos espinhéis.

Ci – L. G. Mãe. Origem. Príncipe. Fonte. Manancial.

Cica – L. G. Que cheira a resina.

Cigana – (*Opisthocomus cristatus*). Curioso espécie ornitológico que remarca um período de transição de espécie entre o reptil e a ave. Traz ainda nas asas as garras do dragão. Vive pelas margens do Amazonas e afluentes sobre vegetais arbustivos. No oriente da Planície mora nos aningais, povo botânico de aroídeas e nos galhos do aturiá (*Drepanocarpus lunatus*), uma papilionácea que a defende com a sua vasta folhagem e os seus espinhos, além de alimentá-la, como sucede à aninga, com seus frutos. Vários naturalistas que a examinaram, notaram-lhe, de parte o cheiro particular que lembra o esturme de cavalo, o hábito polígamo. Desde de R. Schomburgk a Bates, desde de Gustavo Wallis a Johannes Natterer, desde Wallace a Goeldi, que a cigana vem sendo discutida cientificamente através dos sinais que a polarizam em bichos de duas famílias. É dos exemplares da nossa avifauna o tipo que, sendo tão remoto, permanece estacionário, como se a natureza quisesse mostrar aos coevos várias etapas da sua criação maravilhosa. De todos os sábios que se dedicaram ao estudo da cigana, observando-lhe a vida através do alimento, da índole, da inteligência, nenhum, ao ver do autor desta obra, conseguiu, com tanta clareza

e proibidade, deslindar o assunto como Emílio Goeldi. A sua monografia, a respeito, ilustrada com o filhote do animal, deixa-nos no espírito a segurança da longa experiência registrada no belo trabalho, em cujo texto cita esta profética opinião do grande zoogeógrafo Alfredo Wallace, referente à cigana: “Possui tais anomalias de estrutura que é impossível colocá-la ao lado de qualquer outra família. É um desses sobreviventes que falam de grupos extintos, a existência dos quais talvez nos ignoramos, sem eles, para sempre.” Com descomunal estômago, as asas têm sinais claros e distintos do que eram primitivamente, não o análogo, mas o homólogo do braço e da mão peratadáctila dos répteis. “É um dos documentos”, diz Goeldi, “filogenéticos dos mais interessantes – nova e inesperada pedra de toque para a verdade da evolução e da transformação, portanto logo também um justo embaraço e perplexidade para aqueles que julgam que a sociedade humana lucraria com a crença na eterna e perpétua rigidez da espécie.”

Cigarra – *Cicada septemdecum* – O nome científico lhe advém do período de transformação, pois a cigarra brasileira, consoante os naturalistas, gasta dezessete anos na sua metamorfose. É um inseto cantor, principalmente nas horas calmas do dia, tanto que lhe chamam também *Zamara tympanum*. A lenda de que ela não trabalha, está sendo desfeita pelos homens de ciência, que a têm hoje por mais ativa de que a própria formiga. O macho possui o aparelho do canto; a fêmea, o da estridulação.

Cinzar – Lograr. Enganar. Consegui cinzar a patrulha. Enquanto o Diabo esfregava um olho ele cinzava o calangro. Dizem que estão cinzando o governo na

eleição, compadre? Parece que o cemitério de Santa Isabel, que votava sempre com a gente de cima, cinzou o pessoal. Todos os defuntos se passaram pro partido que estava debaixo. Era cada um finado, meu bem, com cédula fechada, que eu fiquei frio. Os cadáveres cinzaram os chefes, está tudo revolucionário...

Cipó – O índio traduz por galho que pega, que segura, que tem mão. Que possui a propriedade apreensora de enlear, de atar, de prender. A mata amazônica é o reino dos cipós. De cada galho de árvore se balouça uma liana, um festão sarmentoso, verde, pardo, esbranquiçado, ora oco, ora sólido, com água dentro potável, medicinal, venenosa, ou sem ela. Muitos, cobertos de flores vermelhas, brancas, amarelas, violetas, dão um tom de festa à selva, que parece ter sido decorada por algum deus silvestre. O caboclo, em vez do chiqueirador do nordestino e gente do Sul, usa o cipó. Um metro de cipó-títica, que é forte, flexível, maneiro, serve-lhe de muxinga. Espanta os cães com ele, corrige os filhos com ele, tange os bois e os cavalos com ele, exceção das fazendas de gado, onde o couro de boi predomina. Dá uma cipoadada nesse curumim. Tu estás, mas é procurando uma surra de cipó. Olha, cipó está ali, pendurado...

Cipoadada – Bater com cipó. Dá uma cipoadada nesse cachorro.

Cipó de caçador – (*Dillocarpus*) – Liana vermelha que fornece água cristalina dentro da floresta, onde não há um córrego. Também o chamam “cipó-d’água”. Para se lhe extrair o líquido, porém, é necessário dar-lhe simultaneamente dois golpes. Porque se cortar em baixo, a água doce sobe; se cortar em cima, a água desce.

Cipó-tuba – Cipoal. Lugar de cipó. Região em que abunda o cipó, a liana, o festão vegetal, todas as epífitas, enfim.

Círio – Procissão religiosa que se faz em Belém, capital do Pará, em louvor de Nossa Senhora de Nazaré. É a maior do Norte e talvez de todo o Brasil. Manifestação católica que se inicia pela manhã; os quatorze dias de festejo da santa mais milagrosa da Amazônia representam profunda devoção. Os fiéis, de todas as classes sociais timbram em se exhibir reverentes, cumprindo promessas ridículas, como desejosos de se mostrar humildes ante o poder da Virgem. Todo o Pará se abala para render as homenagens à rainha do Céu. Cem mil pessoas, talvez, tomam parte no Círio. Eu também mandei fazer um fato para o Círio.

Ciscar – Remexer o cisco. Espalhar a terra. Arranhar o solo. Esta galinha só vive de milho, não sai da ração. Ora vai ciscar tuas minhocas, anda, pintada... Também se aplica no sentido figurado. Mulher do compadre Carolino vai ciscar de raiva quando souber que ele anda abanando asa pro lado da Marieta.

Cisma – Prevenção. Desconfiança. Presunção. Coronel tem cisma comigo. Sua cisma, doutor, não tem razão. A mulata só gosta mesmo de você. Tem uma cisma de valente aquele sujeito... Ele anda cismando com suas saídas, nhá Genoveva. Parece que este vocábulo proveio, numa ligeira confusão, de “cisma”.

Coarar – Corar. Roupas estão muito sujas, é preciso coarar. Enquanto não se tem um corador (coradouro) de madeira, estende essas calças e camisas no capim. Elas aí clareiam.

Coari – L. G. Buraquinho.

Coberto – Campo dos altiplanos na zona guianense, ao norte do rio Amazonas. O nome de coberto lhe advém de pastagens mais ou menos sombreadas por uma arborização raquítica, de galhada retorcida, que diminui os ardores do sol no campo. Flora de terras áridas, ela medra dispersivamente, de forma a não tolher o desenvolvimento da gramínea silvestre rústica. Nos terrenos gordos das várzeas não existe o coberto. Onde é campo, parece um mar verde de capim; onde é floresta, os grandes indivíduos botânicos não deixam o pasto se desenvolver.

Cobra de duas cabeças – (*Amphisbena esp.* Div.) – Mãe das saúvas, vive nos formigueiros. É inofensiva.

Cobra papagaio – (*Cophias bilineatus*) – De um metro de comprimento, verde esbranquiçada, muito venenosa. É rara felizmente. Vive pelo capim e pelas ervas próximas do talude dos rios e beira dos lagos.

Cobre – Dinheiro. Quero ver se cavo uns cobres pro carnaval. Tomei emprestados uns cobres a dez por cento ao mês. É de arrancar o couro e o cabelo.

Cobreiro – Cobrelo. Erupção na pele. Atribui-se essa manifestação cutânea ao contato de certos répteis, de certos insetos que roçam a epiderme ou mesmo a roupa que se vestiu.

Cocada – Doce de coco. Quer em tijolinhos, para vender na rua, quer com poteiras, para sobremesa, é uma iguaria saborosa e apreciada.

Cocar – Diadema de penas com que os índios se enfeitam nos dias festivos. Canitar lhe chamam os aborígenes.

Cocho – Depósito de madeira aberto em toros de pau onde, mergulhada, apodrece e fermenta a mandioca, a fim de ser

transformada em farinha. Vem daí o nome de farinha-d'água que lhe dão.

Coera – L. G. Antigo, velho, extinto. Sufixo, que, do mesmo modo que “guéra”, “cué”, “gué” pluraliza certas palavras. Pratiquera. Manicuera. Itaquera. Curuera. Tabatinguera. Mocangué. Parcué. Pacué. Ibiracué.

Cofó – Cesto oblongo feito de folhas de palmeira, de boca estreita, se bem que aberta em todo o comprimento do utensílio, em que os caboclos metem os caranguejos. Foi caranguejo muito... Duzentos cofos. Quantos tem num cofó?

Coirão – Mulher feia, magra, só pele e osso. Eu ando hoje mesmo de azar. Já me encontrei quatro vezes com aquele coirão. Mulher do delegado é mesmo pesada, ó coirão!

Coisa-feita – Feitiço. Puçanga. Aquilo é coisa-feita que deram pra ele. Andam botando coisa feita na porta do compadre Malaquias. A mulher é feiticeira mesmo, por qualquer coisa ela bota coisa-feita no sujeito. Ah! Meu bem, dizem que tem um livro chamado *Puçanga* do Dr. Peregrino Júnior, que conta tudinho. Compra um pra mim, sim, cunhado.

Coivara – Galhos e gravetos escapos das queimadas e que, reunidos de novo, ficam prontos para nova fogueira. Amanhã, compadre, eu vou encoivarar minha roça. É putirum. Pega tudo num abrir e fechar de olhos antes que comece a chover. *Coivara* lindo livro de Gastão Cruis.

Colher de pau – Fabricada de madeira leve, molongó, marupá ou seringueira, serve para mexer panelas. São brancas, compridas e maneiras.

Comedia – Lugar na beirada dos lagos e igarapés orlado de canarana onde certos peixes e anfíbios vão comer. Comedia de

peixe-boi, de pirarucu, de tartaruga. Clareira na floresta em que os quadrúpedes e os quelônios vão comer frutos. Comédia de anta, de paca, de jabuti. Alto de árvore onde os pássaros e aves vão comer. Comédia de arara, de papagaio, de mutum.

Consumição – Perturbação de espírito. Inquietude. Apreensão. Vivo só pensando, coronel. É uma consumição de sol a sol. Não tiro a cabeça daí. Passo as noites em claro. Viro, mexo, ando, sentido está pregado lá. Nunca vi uma consumição assim.

Conto do vigário – Logro. Engano. Esperteza. Seu Malaquias, você vai agora pela primeira vez, pra capital. Tome cuidado com o conto do vigário. Amarre seu dinheiro no lenço e não mostre a ninguém. Não aceite conversa com estranho. Não acredite em morte de mãe dos outros. Quando lhe pedirem para levar qualquer dinheiro, apite logo, chame o soldado. Não facilite. Conto do vigário anda assim por lá. E, sobretudo, não compre bonde...

Copaíba – (*Copaifera reticulata*) – Grande árvore da terra firme de onde se extrairá um óleo louro, transparente, medicinal.

Copiar – Varanda, alpendre, puxada. É rara a casa do interior da Amazônia que não tenha o seu copiar. Arma a rede, do compadre Cornélio, no copiar. É mais fresco.

Coral – Falar em coral na Amazônia, parece à primeira vista uma grande pilhéria, máxime se o leitor souber que o pólipó coralígeno não pode viver senão em água salgada, límpida, tépida, que não tenha menos que 15 metros de profundidade e não vá além de 46 metros. Mas eu falo de corais fósseis, encontrados pelos sábios nos rios Maecuru, Curuá e Trombetas. A des-

coberta representa, com as algas e as conchas marinhas já encontradas, os melhores documentos de que a Planície toda já fora um golfo, ou, quiçá, um braço de mar, ligando o Atlântico ao Pacífico. De maneira que a teoria de Frederico Hartt, na mais eloquente e visada retrospectiva quanto a pré-história fisionomia do vale, avulta, cresce, concretiza-se com essas provas paleontológicas. O fato, aliás, é comum. Não há muito tempo, os geólogos descobriram corais fósseis na Inglaterra. E, por essa autêntica, inofismável documentação, concluíram que as ilhas britânicas foram, em tempos idos, um país tropical.

Coral-verdadeira – (*Elaps Marçgrav*) – Cresce pouco além de meio metro. Tem anéis vermelhos, negros e verdes alternados em todo comprimento. É cobra venenosa.

Coral-vermelha (*Elaps corallinus*) – Escarlate, cheia de anéis negros com frisões brancos, esta cobra venenosa vive no solo, sob as plantas rasteiras. Não agride, respondendo apenas ao assalto ou ao pé que lhe toque.

Corda do sino – Fiel que se prende ao badalo do sino dos navios, “gaiolas” ou transatlânticos. É a única existente a bordo. Há fio, linha, cabo, espia, virador. Mas corda, só a do sino.

Coró – Bicho de buraco de pau que vive roendo as árvores. Rato-coró. Este animal faz tal barulho à noite, no mato, gritando: “coró”, “coró”, “coró”, que parece um monstro.

Coroa – Praia isolada, redonda, de areias alvas, sem vegetação. É a primeira forma da terra ao surgir do seio da águas.

Coroca – Mulher idosa. Velha coroca. Sujeita caduca. Você ainda liga ao que ela diz, meu bem? Aquela velha coroca.

Corriqueiro – Vulgar. Comum. Sabido. Ora isso é um caso corriqueiro, todo mundo sabe. Só versos corriqueiros. Que prosa corriqueira. Falar corriqueiro.

Corte – Medida de fazenda suficiente para fazer um vestido ou um fato. Comprei um corte de chita. O turco tem cortes de casimira fina. Vou lhe dar um corte para a festa de Nazaré, ouviu, coração dos outros?

Cortiço – Habitação coletiva de pobres. Grande casa de madeira cheias de quartos onde residem lavadeiras, operários, amassadeiras de açaí, gente, enfim, desamparada da fortuna. As abelhas também têm cortiço donde parece vir a semelhança da vida em comum.

Couto de Magalhães – General brasileiro. Sertanista. A interlândia do nordeste do Brasil foi toda palmilhada por ele. Trouxe mesmo através dessa região, galgando o *divortium aquarum* dos afluentes platinos e amazônicos, furando florestas virgens, um “gaiola” desarmado. Foi isso um grande troféu dos seus *raids*. Governador das então províncias de Goiás, Mato Grosso e Pará, no tempo em que tudo estava por fazer em capítulo transporte, ele jamais se arreceu das viagens por ínvias e agrestes paragens. Escritor, a sua *Viagem ao Araguaia*, mostra-lhe a força descritiva, e *O Selvagem* que é o seu maior livro, a inteligência do homem que se fez naturalista para estudar o aborígine e ter enfim uma concepção etnológica do homem americano, da origem provável desse homem e da adaptação do seu novo habitat.

Coxo – Capenga. Com defeito numa perna. Aquele sujeito é coxo.

Cria – Filho. Que é da cria da malhada, um bezerro preto-veludo? Aquela novilha melada já está de cria. Morreu a cria

da cegueta. Também chamam cria aos filhos das mulatas e negras que moram com certas famílias. Quem é este moleque? É cria de nhá Mirandolina.

Cruzado – Quatrocentos réis. Dizem que acharam dinheiro no pé daquela árvore. Um pote cheio de cruzados. Foram os cabanos, dizem que, enterraram.

Cuera – Valente. Forte. Destemido. É um sujeito cuera.

Cuí – Farinha muito fina, peneirada, sem os bagos grossos. O termo significa quase pó, visto como se diz “cuí do tabaco”, que é aquele composto de partículas muito reduzidas do tabaco migado.

Cuia – Nalga, tigela, vasilha, enfim, feita do fruto da cuieira (*Crescentia cujete*), fruto que depois de limpo, miolo extraído, cortado pelo meio, dá duas cuias. Sem passar pelo processo de envernizamento, que a torna preta e lustrosa, é conhecida por cuia pitinga. As mais famosas hoje são as de Santarém. Depois de polidas, negras, os artistas ali abrem a buril, nas cuias, paisagens, flores, ramos muito delicados.

Cuiambuca – Fruto da cuieira em cuja parte superior se abre um buraco e que serve para conduzir água do porto, guardar líquidos, etc. Cuia furada. Cumbuca, donde vem o ditado: macaco velho não mete mão em cumbuca.

Cuíra – Impaciente. Inquieto. Desejo de ver uma pessoa. Desde ontem, meu filho, que estou cuíra para te abraçar. A notícia da tua chegada me pôs cuíra, não dormi mais. Ando cuíra, gente, querem ver que é Miloca? Ela disse que havia de nos fazer surpresa.

Cumari – L. G. Pimenta. Excitante. Em Manaus corresponde à pimenta-de-cheiro do Pará, que ali é rara. Fusiforme,

chegando a 3 centímetros, abunda na metrópole amazonense.

Cumaru – (*Cumaruna odorata* Aubl.) – Medra na terra firme. Árvore de grande porte. A amêndoa do fruto tem um perfume agradável e recendente. Seca é negra, encarquilhada, oleosa, de 40 milímetros de comprimento. A essência do cumaru, original, de cheiro caracteristicamente inconfundível, é usada nos sorvetes das festas chiques de Manaus, transmitindo ao gelado um alto requinte de aroma.

Cumaté – (*Macaírea glabrescens*) – Árvore mediana, comum. A casca produz uma tinta roxa, que fica negra e firme sob a ação do amoníaco. É usado nas cuias negras e lustrosas.

Cunambi – (*Clibadium surinamense*) – Arvoreta cujas as flores têm um cheiro vivo e desagradável. As folhas machucadas n'água estonteiam o peixe, que é apanhado nesse estado. A pescaria por esse processo é nociva e condenada, pois o peixe de toda a redondeza onde é dissolvido o tóxico, fica sacrificado, perdendo-se 20, 30 vezes mais da quantidade recolhida.

Cunauaru – Sapo que faz um ninho de matérias resinosas que ele próprio segrega. Em geral, essas panelinhas de breu são encontradas nos ocos de pau. Queimadas, exalam um perfume agradável. As matronas na Amazônia defumam as alcovas com esse perfume admirável, tão penetrante quanto discreto. Vaçuncê vai hoje caçar, cunhado? Parece quê. Pois então, me traga um ninho de cunauaru. O meu está se acabando.

Cunhá – L. G. Mulher.

Cunhado – É uma forma de tratar trivialíssima entre os caboclos na Amazônia. A propósito de qualquer gesto, atitude efetuada por um amigo, conhecido e até

mesmo desconhecido, ele emprega, decerto com uma ponta de ironia e vaga malícia, a palavra “cunhado”. Em lugar de amigo, parente, senhor, ou de qualquer outro título que porventura lhe pudesse ocorrer, para tratar um recém-chegado, hóspede ou emissário, ele usa do termo cunhado; dance, cunhado; almoce, cunhado; reme, cunhado; lembrança, cunhado; adeus, cunhado. Isto, mesmo que o indivíduo assim tratado seja visto pela primeira vez.

Cunhamucu – Quelônio. Tartarugota. Própria para ser comida ou assada inteira, com um furo no peito, por onde lhes tiram as vísceras. Vá comer um cunhamucu, com a gente, capitão. Estão gordas agora, na cheia, que é de se lamber os beiços.

Cunhanpuíara – L. G. Senhora. Matrona. Mulher respeitável nas tribos.

Cunhantã – L. G. Moça, donzela. Toma cuidado com o boto, cunhantã. Ele leva as raparigas que andam assim, pensativas como tu, para o fundo do rio. Sai da ribanceira, vai fazer tua rede, anda, que bicho do fundo d'água não brinca.

Cunhantaim – L. G. Menina. Filha de índio. Corresponde ao masculino curumim, que significa menino.

Cunhanrapixara – L. G. Mulherengo. Efeminado. Corresponde aos almo-fadinhas. São índios que vivem se requebrando e usando mesmo cousas próprias das cunhãs, como enfeite, etc.

Cunhanu – L. G. Mulher preta. Negra.

Cupana – L. G. Nome que os índios da Mundurucânia davam ao guaraná.

Cupim – Inseto da ordem dos nevrópteros. Térmita com aspecto de formiga, que evita a luz e vive em colônias nos lugares sombrios. É mais prejudicial

no estado larvário, quando ainda branco, mole, sem asas. A espécie que ataca a madeira das casas e os móveis é chamada *Termes devastans*. A que constrói habitações de argila que resiste ao vento e à chuva, em forma cônica, à flor da terra, chama-se *Termes cumulans* e destrói grandes plantações. Humboldt atribui ao cupim o fato de raramente se encontrar na Amazônia manuscritos que datem de mais de 60 anos. Os selvagens comem a larva, sobretudo do *Termes flavicolle*, abundante na Planície.

Este inseto é isóptero, na opinião de Maeterlinck. Pode ter, ou não ter asas, segundo pertença a qualquer das 1.200 ou 1.500 espécies que o gênero compreende. É voraz papirófago e xilófago, podendo destruir bibliotecas e árvores, do modo mais dissimulado, persistente e irreprimível. Nalgumas espécies são cegos os indivíduos, que trabalham na treva e não resistem à luz solar. Na maioria das termiteiras, os insetos alimentam-se por intermédio da classe dos operários que têm privativamente capacidade de digerir. Quando uma qualquer térmita sente fome, bate com a antena no primeiro operário que se lhe acerca e este, para logo, lhe oferece o conteúdo do estômago.

Cupuaçu – (*Theobroma grandiflorum*) – Árvore mediana. O fruto elíptico, de palmo e meio, tem a casca lenhosa, pulverulenta e pardo-castanho. Dentro, uma porção de caroços encapulhados em massa gomosa e ácida com certo cheiro vivo. Próprio para vinho, refresco, sorvete, geléia. É primo do cacau.

Curabi – L. G. Pequena flecha envenenada lançada com um arco. Os índios do alto Amazonas intoxicam-nas com o curare, e dosam-nas de forma que dê apenas para abater aves, os pássaros e os

quadrúpedes, paralisando-os momentaneamente.

Curado de cobra – Indivíduo que tomou certa beberagem para que o veneno das cobras não produza efeito nenhum no seu organismo. Puçanga ministrada pelos pajés, a fim de que o sujeito fique imune ao tóxico ofídico. É um fato comprovado pelo autor destas linhas. Sucede apenas que a imunidade tem limites. Em geral, de dois em dois anos, o curado, se quer continuar com esse privilégio, tem de tomar nova dose de remédio. As benzidelas e defumações que acompanham a “cura” são puramente teatrais. O que atua é a droga, são as substâncias vegetais preventivas. É uma espécie de vacina, bebida.

Curare – É uma veneno sagitário, isto é, usado nas frechas indígenas de certas tribos amazônicas. Foi Walter Raleigh, o célebre favorito de Isabel de Inglaterra, quem primeiro o divulgou na Europa depois das suas explorações na Guiana atlântica e no Orenoco. É hoje considerado o veneno mais sutil, paralisante, que imobiliza os músculos motores e pois todos os movimentos, matando, segundo a dosagem, quase fulminantemente. Vários naturalistas, ao estudarem os efeitos, lembram-se do veneno dos Bórgias. Nenhum tóxico até hoje conquistou maior celebridade, tantos são os mistérios e as lendas que o envolvem, as superstições que ele frui. La Condamine também o levou ao Velho Mundo fazendo experiências com ele. Humboldt assistiu-lhe a fabricação no Orenoco, no lugar Esmeralda. Quase todos os botânicos, andados por aqui, de Martius a Barbosa Rodrigues, estudaram-lhe, não somente as propriedades tóxicas, como ainda a planta, melhor, as plantas

de onde se origina. O “uirari” é a liana principal que, junta à “icu”, outra liana, com outras ervas e cipós, maceram-na, filtram-lhe a seiva, fervem-na, condensam-na e embebem as taquaras (frechas grandes) e as curabis (frechas pequenas). Segundo o testemunho dos naturalistas, os índios que melhor fabricam o “curare” são os ticunas, no Solimões, fronteira Peru/Brasil. O cipó “uirari” é um estriquinó e o “icu” uma menispermácea. Segundo Martius, as duas radicais da palavra “uirari”, vocábulo tupi, tem esta significação: “ui”, ir; e “rar” cair; o “i” final é pronome relativo. Assim, diz ele, a palavra composta traduz a ideia do veneno ser levado na seta e a sua ação rápida e paralisadora ao tocar bicho ou homem. Alguns estudiosos da língua tupi acham a pronúncia do “curare” sem o acento agudo na derradeira sílaba, está deturpada, pois devia ser “curaré”, como é “puraqué”, “tucunaré”, “caboré”, “tamanquaré”. Além deste veneno, segundo vários sábios que nos visitaram, os índios usam do suco leitoso de algumas euforbiáceas, entre as quais o açacu (*Hura crepitans*), sem contar o veneno glandular dos sapos. No Museu Nacional do Rio de Janeiro é onde se encontra a coleção mais completa de “curares” e frechas envenenadas.

Curauá – (Bromélia) - De suas fibras, quase brancas, flexíveis, fabricam-se cordas que são consideradas as mais resistentes e duráveis da Amazônia. Servem para atar redes e os índios as usam nos arcos. Há quem teça maqueiras, redes, com essa fibra. Ficam lindas, sedosas e altamente duráveis.

Curera – Restos de farinha-d’água que, por muito grossos, não passam no crivo da gurupena. Massa da mandioca com a qual se faz o bolo chamado “carimã”.

Curi – Até depois. Até logo. Até a vista. Juntando ao advérbio até, é a forma por que o caboclo se despede. Até curi, minha gente, até um dia.

Curiboca – Escuro. Entre caboclo e preto.

Curinga – Carta de jogar que tem todo os valores. Antes dos baralhos trazerem o “Joly”, esse valor, na Amazônia, era dado ao dois de paus. Chamam-se também curinga a certos políticos que obtêm tudo, que fazem tudo. Aquilo é o curinga do P. R. A. Não esconda o curinga. Você é danado para palmilhar o curinga. Curinga já está com ele.

Curuatá – Envólucro da flor de certas palmeiras. É um tecido vermelho, de forma oblonga, aproveitada para carapuças do tapuio.

Curuba – L. G. Coceira. Calombos grossos na epiderme, principalmente nas virilhas, que irritam a pele provocando uma inquietação constante, dolorosa. Você parece que está com curuba, meu branco? É curuba da preta. Que sujeito curubento.

Curuçá – L. G. Cruz.

Curumim – L. G. Rapazinho de seis a dez anos.

Curupá – Lugar de seixo ou cascalho. Cheio de pedregulhos. Gurupá, cidade paraense, que tem o porto cheios de pedras, é uma corrutela.

Curupira – L. G. Deus defensor da floresta. Quem derruba uma árvore ou corta uma planta é punido por ele. Fica então o violador errante, perdido na mata, sem poder atinar com o caminho. Compa-dre, você não liga importância ao curupira. É só cortando mato e apanhando flor a toa. Tome cuidado. Quando ele lhe mundia nunca mais você toma chibé.

Cururu – Dança dos selvagens. Fazia parte do ritual guerreiro. Depois das vitórias, os índios dançam o cururu na maloca. Há um sapo grande conhecido por sapo-cururu.

Cutimboia – (*Herpotodryas carinatus*) – Vive na proximidade das habitações comendo ovos e pintos. É uma cobra ágil nos movimentos, principalmente excitada, quando sua cauda vibra como um chicote aplicando verdadeiras surras no homem. Negra-azulada na costa, barriga amarela, não cresce além de dois metros e meio.

Cutuba – Forte. Bom. Atirado. Oh! Bicho cutuba, o João Orelhudo, brigou com cinco sujeitos e foi pau de verdade. Aquilo é cutuba mesmo, não pode ver ninguém, não pode ver ninguém pedindo; dá a camisa do corpo. Rapaz cutuba, não respeita cara. Na língua geral significa: que fere, que é cortante.

Cutucar – Tocar com o dedo, com o cotovelo, com o pé. Chamar a atenção, avisar alguém. Cutucar um bicho no buraco com o facão ou pedaço de pau. Não me cutuca! Que sujeito, só vive me cutucando por baixo da mesa. Eu chamo já o coronel.

.....

D

Dado – Amável. Insinuante. Acessível. Que moço dado. Nunca vi uma senhora dada como aquela. Da família do doutor é a mais dada.

Dando chá – Fazendo remoque. Pilheriando. Provocando. Você está mais é dando chá. Pra meu lado você vem de carrinho. Vá dar chá para as bestas. Eu tomei chá em criança.

Danisco – Danado. Aquilo é cabra danisco, tanto bebe como assobia.

Defumador – Pequena choupana de palha, junto da habitação, onde o seringueiro defuma a borracha, isto é, onde coagula o leite da hévea por meio da fumaça dos caroços de urucuri ou do cavaco de madeira de lei. É aí que ele transforma a seiva branca, da árvore amazônica, em ouro negro. O líquido vegetal, para lá conduzido numa bacia, é derramado sobre uma pá de madeira, que mantida acima da boca de um grande boião de ferro ou barro, da altura de um metro, que jorra fumaça, vai formando, camada a camada, a pele (bola) de goma-elástica. Minúscula barraca de palha. Que defumador apertado, seu cunhado.

Derrota – Nenhum transatlântico rompe do mar investindo o Amazonas sem ir a Belém. Por quê? Porque está perdido o canal por onde navegaram, vindos do Atlântico, as naus da conquista. Os paquetes que sobem para Manaus e Iquitos, antes de sulcarem as águas barrentas do rio-mar, penetraram o estuário do Tocantins, tocam na capital parense, rumam pelo sul da ilha de Marajó, sul-

cam o braço morto do rio Pará, atravessam o arquipélago conhecido por Furos de Breves, e surgem no canal do Vieirinha, à margem direita do Amazonas. Nenhum navio se arrisca hoje a subir pela verdadeira foz do Amazonas, que fica entre Chaves, na ilha de Marajó e Macapá, em terras guianenses, pelo motivo exposto: o canal perdido; é preciso procurá-lo, balizá-lo e restaurá-lo. Há, pois, uma grande ilusão para o visitante supondo que entrou pela foz do Amazonas quando deixa as planícies azuis do Atlântico. Não. As primeiras centenas de milhas, contando de Salinas até o farol do Mandií, são de águas do Tocantins; depois, de águas misturadas de vários afluentes, até a saída dos estreitos, quando então se encontra em pleno caudal amazônico.

Desbocado – Que usa linguagem imoral. Que se serve de vocábulo torpe. Nunca vi um sujeito desbocado como aquele. É cada nome, credo. Mulher desbocada, a nhá Vicência. Cada palavra cabeluda.

Descansar – Dar à luz. Ter filho. A Maricota descansou ontem. É um menino! Cara do pai. Creio que vou descansar nos primeiros dias do mês que vem. Barriga da comadre é tão grande que eu não faço por menos de três crianças. Pois eu digo que são quatro. Vamos contar, minha xera, quando ela descansar.

Desempenado – Galhardo, forte, alto. Que moço desempenado. Aquilo é o rapaz mais desempenado da vila. Dizem que ele vai sentar praça.

Desencabeçar – Induzir. Arrastar para o mal. Meter na cabeça de outrem ideias maléficas. Vive para desencabeçar

os filhos alheios. Tem desecabeçado muita moça. Sujeito perigoso. Dizem que é turco. Só vive pra desencabeçar mulher casada. E até viúva, meu bem.

Desencaiporar – Tirar o azar. Perder a caipora. Tome um banho de cheiro pra você desencaiporar no jogo, seu Terêncio. Ou então vá com o pajé Desidério, que ele diz logo se é feitiço ou não.

Desenxabido – Sem graça. Insípido. Que homem desenxabido, não sabe nem falar. Que cara desenxabido, parece que não tem sal, nem tempero algum. Que cousa sem paladar. Desenxabida.

Desmentido – Torcicolo. Torcer um nervo, um músculo. Deslocar qualquer articulação. Como vai nhá Puquéria, afilhada? Na rede. Desmentiu o pé. Tá gemendo, coitada, desde ontem. Já fiz uma promessa pra Nossa Senhora de Nazaré. Se aquilo passar, vou acompanhar o círio descalça, carregando um pé de cera. Também chamam “jeito”. Coronel deu um jeito ontem aqui, no pescoço, lá dele, que não pode mexer a cara. Estamos cansada de afomentar com manteiga (gordura) de onça e nada, ninguém dá volta. Parece que foi vento, ou então quabranto...

Desmoralizar – Envergonhar publicamente. Afrontar com testemunhas. Seu Anacleto disse que ainda há de desmoralizar o delegado. Ele quis desmoralizar a professora, mas saiu-lhe o tiro pela culatra. Você está enganado com essa mania de valente, a mim você não desmoraliza, seu Bento.

Despachado – Franco. Pronto. Eu gosto de seu Cazua porque é um homem despachado; o que tem de dizer diz logo. É mesmo. Aquilo que pensa fazer hoje não guarda pra amanhã; despachado num tudo. Nem parece mano da gente da outra banda.

Despencar – Cair do alto. Gente, quando vi, ouriço de castanha despencou bem juntinho de mim. Quase me pega. Castanha de nhô Adelino já principiou a despencar. São graúdas.

Despropósito – Exagero. Descomedimento. Tudo que ele faz é com despropósito. Se vai encher uma cuia, derrama tudo. Quando rema, é sempre com tanta força que molha os outros. Quando come, é cada bocado, que se engasga. Nunca vi despropósito igual.

Destabocado – Destemido. Atrevido. Desenfreado. Filho do compadre Malaquias é destabocado. Esta noite virou a fregue o baile da Miloca. Foi pescoção até umas horas.

Destorcido – Ágil, pronto, lépido. Cabra destorcido. É mão por cima pé por baixo. Cada rabo-de-arraia, a queda é certa. Bicho destorcido dizem que é marinho de bordo.

Destratar – Descompor. Ofender. Dizer palavras injuriosas. Só leva a destratar dos outros. Não há gente séria pra ele. Todos são ladrões. Isso era na 1ª República, cunhado. Agora está se vendo que os que chamavam ladrão pra todo mundo é que devoravam as cousas. Goela deles parecia canoa fazendo água. Engoliam o igarapé, o lago, o Amazonas e bancavam então o menino Jesus, que Deus não me castigue.

Desunhar – Trabalhar. Puxar pelo serviço. Você tem que desunhar já esse artigo. Vá desunhar a notícia, que não há tempo a perder. Tenho desunhado quase todo o livro que estou fazendo.

Dindinha – Madrinha. Eu falei hoje com a dindinha. Dindinha dizem que vem amanhã me botar a benção. Vou passar o domingo com a dindinha.

Disposição – Apetite. Vontade. Venha pra janto, minha xera. Não tenho disposição, “meu nome”. Estou sem disposição de remar; vou guardar a pescaria pra outro dia. Quem sabe se não é gente nova, será?

Disposto – Pronto. Que nunca diz não. Aquilo é homem disposto pra um tudo: pra remar, pra caçar, pra pescar, pra dançar. Disposto, como só ele. Meu finado também era assim. Estava sempre pronto para o que desse e viesse. Já o filho não é.

Disquê – Dizem que. Expressão empregada em tom de dúvida, de motejo, sobretudo ironia. Disquê agora o coronel já é ilustre, honrado, distinto, nobre. É da gente rir às bandeiras despregadas. Ontem eles diziam o diabo. Disquê era isto, aquilo, aquilo outro. Cara deles é estranha, comadre. Vão pra onde o vento sopra, com perdão das pessoas mais velhas. Também já sabe, trastejou, peixe-spada come eles.

Disseminação de sementes – Na Amazônia, a distribuição das plantas, o alargamento das províncias botânicas é feito, nas várzeas, em primeiro lugar, pelas águas. Vêm, em seguida, os ventos, os pássaros, as aves, os morcegos, os macacos e os quadrúpedes, principalmente as cutias. As sementes de seringueira podem frutificar durante meses sem que percam a sua vitalidade.

Distância¹ – Em geral há uma verdadeira balbúrdia nos números de milhas estabelecidos entre Belém e Manaus e entre Manaus e Iquitos. Quando se deseja

apurar o fato, existe sempre uma diferença de cerca de cem milhas entre os dois primeiros pontos e outras cem entre os dois últimos. Uns dizem ter 854 milhas da baía do Guajará à baía do rio Negro; outros, 923. A realidade é que a razão está com os primeiros e com os segundos. No tempo da cheia, março, abril, maio, junho, quando a navegação é feita por dentro dos paranás, isto é, percorrendo derrota mais curta, a distância será de 854 milhas de Belém a Manaus. No tempo da seca, setembro, outubro, novembro e dezembro, quando a viagem é feita por fora dos paranás, nas grandes enseadas por onde flui o canal, a distância é de 923 milhas, subindo a 964 se o trajeto for por Breves, Macacos, Jacaré, Itaquara, e a 984 se for pelo Mututi e Aranaí, furos estes que fazem parte dos Estreitos de Breves. De Manaus a Iquitos em tempo de cheia, quer dizer, por dentro dos paranás, 1.101 milhas; por fora, 1.228. Temos assim, no tempo das cheias, 1.955 milhas de Belém a Iquitos; e, no tempo da seca, 2.151. Quase duzentas milhas de diferença entre a capital brasileira do Estado do Pará e a capital peruana do Departamento de Loreto, diferença determinada pela alternativa dos canais percorridos. Como, porém, nada ocorre na Amazônia sem uma ponta de paradoxo, sucede o seguinte: a distância mais comprida se faz em menos tempo, porque essa distância é navegada na época do verão, quando o Amazonas não corre mais de milha e meia. Enquanto no inverno essa velocidade sobe, nalguns pontos, a mais de cinco milhas.

Distâncias entre Belém e Manaus – Do Guajará (Belém) ao farol do Boiçu, entrada dos Estreitos, navegando pela barra do Arrozal, 120 milhas; pela barra

¹ As presentes tabelas, organizadas pelo chefe da praticagem da campanha Booth Line, Alfredo Salustiano da Silva, e pelo autor do *Dicionário* retificadas de acordo com os mapas americanos, vêm à luz pela primeira vez; eram inéditas.

do Cutijuba, 127; pela barra do Chapéu Virado, 140; do farol do Boiçu à boca de cima do Ituquara (travessia dos Estreitos de Breves), navegando pelo Boiçu, Tajapurú, Limão, Ituquara, 88 milhas, derrota dos paquetes do Lóide Brasileiro. Da boca de Breves (mesma altura do Farol do Boiçu) à boca do Ituquara, indo por Breves, Macacos, Jacaré e Ituquara, derrota dos grandes paquetes da Booth Line, 130 milhas. Este segundo e mais longo trajeto é forçado pela falta d'água do primeiro, pois na passagem do Furo Grande, de maré alta, apenas se obtêm oito metros de profundidade. Da boca do Ituquara (saída dos Estreitos) a cidade de Gurupá, 34 milhas; de Gurupá à vila da Prainha, por fora, 123 milhas e por dentro, 117; da Prainha a Santarém, por fora, 96 milhas, e por dentro, 88; de Santarém a Óbidos, por fora, 74 milhas e por dentro, 64; de Óbidos a Parintins, por fora 98 milhas e por dentro, 90; de Parintins a Itacoatiara, por fora, 154 milhas e por dentro, 133; de Itacoatiara e Manaus, por fora, 116 milhas e por dentro, 130.

Distâncias no Solimões – De Manaus a Manacapuru, por fora dos paranás, 64 milhas, por dentro, 60; de Manacapuru à foz do rio Purus, por fora, 70 milhas, por dentro, 65; da boca do Purus a Codajás, por fora, 52 milhas, por dentro, 44; de Codajás a S. José do Camará, por fora, 56 milhas, por dentro, 50; de S. José do Camará a Coari, por fora, 31 milhas, por dentro, 26; de Coari a Laranjal, por fora, 24 1/2 milhas, por dentro, 23; de Laranjal, ao Barro Alto, por fora, 23 milhas, por dentro, 21; do Barro Alto a Caemambé, por fora, 56 milhas, por dentro, 52; de Caemambé a Caiçara, por fora, 41 milhas, por dentro 32; de Caiçara ao Uareni, por fora, 20

milhas, por dentro, 18; do Uareni a Vista Alegre, por fora, 23 milhas, por dentro, 20, de Vista Alegre ao Uruá, por fora, 41 1/2 milhas, por dentro, 36; do Uruá a boca do Juruá, por fora, 12 milhas, por dentro 10; da boca do Juruá a Fonte Boa, por fora 25 milhas, por dentro, 22; de Fonte Boa ao Mamoriá, por fora, 41 milhas, por dentro, 35; de Memoriá à foz de Jutai, por fora, 37 milhas, por dentro, 32; da foz do Jutai ao Bom Jardim, por fora, 29 1/2 milhas, por dentro 26; do Bom Jardim a Alegria, por fora, 25 milhas, por dentro, 19; de Alegria à vila de Tonantins, 17 milhas, só há um caminho; de Tonantins ao Maturá, por fora, 58 milhas, por dentro 53; de Maturá a S. Paulo de Olivença por fora 51 milhas, por dentro 46; de São Paulo de Olivença a Santa Rita, por fora, 34 milhas, por dentro, 32; de Santa Rita a Boavista, por fora 16 milhas, por dentro, 12; de Boavista a Belém, 19 milhas, só há um caminho; de Belém a Ourique, por fora, 26 milhas, por dentro, 20; de Ourique a Santo Antônio, por fora 32 milhas, por dentro, 30; de Santo Antônio a Tabatinga, 11 milhas, só há um caminho; de Tabatinga a Letícia, 2 1/2 milhas só há um caminho; de Letícia a Loreto, por fora, 40 milhas, por dentro, 38 1/2; de Loreto a Caballo Cocha, 20 milhas, só há um caminho; de Caballo Cocha a San Pablo, por fora, 43 milhas, por dentro, 39; de San Pablo a San Tomás do Peruatá, por fora, 29 milhas, por dentro, 26; de San Tomás de Peruaté a Pevas, por fora, 58 milhas, por dentro, 54; de Pevas a Santa Teresa, por fora, 76 milhas, por dentro, 70; de Santa Teresa a Iquitos, por fora, 24 milhas, por dentro, 20.

Distâncias pequenas – Do castelo ao Fortim da Barra (Baía do Guajará), 4 milhas e 1/2; do Fortim da Barra ao Pinheiro,

5 milhas e $\frac{1}{2}$; do Pinheiro ao Mosqueiro, 7 milhas; do Mosqueiro ao Farol do Cutijuba, 8 milhas, do Farol do Cutijuba ao Farol do Arrozal, 15 milhas; do Farol do Arrozal ao Farol do Capim, 9 milhas; do Farol do Capim ao Farol do Mandií, 19 milhas; do Farol do Mandií à entrada do furo da Jararaca, pelo canal das Pescadas, 8 milhas; pelo canal dos Veados, 9 milhas; da entrada da Jararaca à saída do mesmo, 2 $\frac{1}{2}$ milhas; da saída da Jararaca à cidade de Curalinho, 28 $\frac{1}{2}$ milhas; da cidade de Curalinho ao Farol do Camaleão, 11 milhas; do Farol do Camaleão ao Farol do Boiuçu, 22 milhas; do Farol do Boiuçu ao Furo Grande, 20 milhas; do Furo Grande à boca do Pauxis, 23 milhas; da Boca do Pauxis à vila de Antônio Lemos, 6 milhas; de Antônio Lemos ao Cotovelo do Mutunguara, 12 milhas; do Cotovelo do Mutunguara ao porto Bom Jardim, 9 $\frac{1}{2}$ milhas; do porto Bom Jardim a saída do Furo do Limão, 7 $\frac{1}{2}$ milhas; da saída do Furo do Limão à saída do furo do Ituquara, 10 milhas; da saída do furo do Ituquara ao porto Pucuruí, 17 milhas; do porto de Pucuruí a cidade de Gurupá, 17 milhas; da cidade de Gurupá à ponta do Jariúba (parte montante da ilha grande de Gurupá), 22 milhas; da ponta do Jariúba à boca do Urucuricaia (foz central do Xingu), 19 milhas; da boca do Urucuricaia à boca do Aquiqui (foz montante do Xingu), 19 milhas.

Dobrar – Repetir o canto. Que curió danado pra dobrar; chega estrala o bico. Parece o bicudo do seu Gervásio. Ouça comadre, o soar do sino de S. Sebastião. Aquilo é gente que morreu; é dobre a finado.

Domingos Soares Ferreira Pena – Geógrafo. Etnólogo. Historiador. Arqueólogo talvez, possivelmente botânico, sabedor sem dúvida de todas as províncias da

História Natural. Depois de olhar para a carta, determinando topografias; depois de examinar o índio e a sua cerâmica; depois de recapitular a crônica dos povos, Ferreira Pena se preocupava com a flor e o fruto, com o pássaro e o sapo, com a água e a terra. Foi, dentro da sua dispersiva existência de solteirão, um enamorado da Planície. Mineiro de origem, paraense de coração, só não chegou aos mais altos postos da sabedoria porque, segundo a frase quase verdadeira de Buffon, o gênio é a paciência. Por mais radioso que seja o talento de quem quer que seja, sem disciplina, que examina e constrói, as fulgurações da inteligência findam com a queda do corpo. Só a obra pensada, meditada, trabalhada, deixa posteriormente ver o gênio. A centelha espiritual se apaga com a morte se o proprietário não tiver o cuidado de fixá-la em vida. Sem o documento perquirente, por onde os pósteros afirmam a irradiação mental do indivíduo, ele não se projeta nestes dias positivos, alheios às lendas e sem a ronda de discípulos que estereotiparam na mente as palavras de Sócrates e de Jesus. É o caso de Ferreira Pena. As memórias, relatórios, monografias, ensaios que deixou, salvaram-no, é certo, do olvido, não lhe conquistaram porém o título a que tinha direito – o de gênio. Concorreu também para lhe fixar o nome na História, o derradeiro ponto geográfico em que viveu: Belém, capital do Pará. Como foi por aí que subiram e desceram os homens da caravana científica visitadora da Planície, nenhum deles transpôs a cidade guajarina sem ir ao beija-mão de Ferreira Pena. Era no seu tugúrio da Cruz das Almas que os sábios estrangeiros mais eminentes buscavam se orientar para as jornadas no vale; era lá, por entre livros desarrumados, frechas de índios, igaçabas funerárias, conchas de sambaquis, amuleto propiciatórios, tangas,

zarabatanas e cocares, que as maiores figuras de naturalistas tomavam o açaf amigo ao indagar das cousas amazônicas. Ao lado de Spix e Martius, tem Ferreira Pena e sua herma no Museu Goeldi, lembrança de Augusto Montenegro, então governador. O museu, no entanto, devia chamar-se Ferreira Pena, pois foi dele a ideia dessa instituição, embora Emilio Goeldi tenha, sem que ninguém o conteste, direito a maiores preitos e subidas homenagens nossas.

Dona – Senhora. Mulher respeitável. Quem é aquela dona? É a mulher do seu juiz. Eu vi uma dona em casa do compadre Januário que só Nossa Senhora, que Deus me perdoe. Semblante dela era tão bom, que parecia santa.

Dunga – Excepcional. Incomparável. Sujeito dunga. Ontem ainda era xerimbo do coronel Mirandolino. Coronel deixou intendência e logo ele se mudou para o coronel Venâncio. Cabra dunga.

.....

E

E bem! – Resposta de caráter afirmativo usado pelo caboclo da Amazônia. Dizem que você vai casar com o coronel? E bem! É exato nhá Maricota foi pedida? E bem! Quer dizer, foi, é exato, perfeitamente.

Eliséé Reclus – Francês. Geógrafo. Apesar de nunca ter vindo à Amazônia, e não nos constar mesmo que tenha vindo ao nosso país, o seu grande livro *Estados Unidos do Brasil*, sobre geografia, etnografia, estatísticas, é uma obra de merecimento. A parte referente à Amazônia, incluindo a bacia do Tocantins, é preciosa. Trabalho moldado em cem monografias de naturalistas que andaram por aqui, a versão brasileira, traduzida pelo grande e festejado clássico Ramiz Galvão, reponta superior à francesa, tais as retificações e esclarecimentos feitos pelo tradutor. Fascinado à distância pela natureza brasílica, o eminente escritor que figura nesta nota chama ao rio Amazonas glória do Planeta.

Embaúba – (Cecrópria) – É talvez a árvore mais conhecida na Amazônia. Dela existem doze qualidades no vale. Da foz da Xingu para cima é a teceira manifestação vegetal na terra das margens. A primeira é a gramínea, canarana ou mori, a segunda a ourana, a terceira a embaúba. De porte médio, seus galhos e troncos parecem barrados a cal. As folhas, branco-gesso por baixo e verde por cima, lembram, umas, trevos e outras, estrelas. É o vegetal, até agora conhecido na Amazônia, que dá maior rendimento de pasta de celulose para aplicação

no papel. As formigas-de-fogo gostam dela. O tronco dá estopa e carvão. Do carvão faz-se pólvora. Os pássaros comem-lhe as flores e os índios os frutos. É conhecida também por “árvore da trombeta”, em virtude dos instrumentos de música que o aborígene faz dos seus galhos.

Embiara – Presa do caçador ou pescador. Veado, onça, pirarucu, tartaruga que o caboclo costuma flechar. É raro cunhado Sifrônio voltar do mato sem um jabuti. É embiara dele.

Embiricica – Feira de peixes feita com envira ou embira. Cambada. No sentido figurado: gente que acompanha, em Belém, os cordões de marujo, pelo carnaval; os bois-bumbás, no tempo de S. João; as pastorinhas, pelo Natal. Vem embiricica “assim”, minha gente. Só entram as pastorinhas, embiricica fica de fora.

Embuá – Da família dos miriápodes. Não ferra, mas verte uma secreção cáustica e de cheiro desagradável. Vive dentro da terra, parece uma cobrinha. Em toda Planície, principalmente no oriente, basta cavar um pouco, surge logo embuá.

Encadernado – De roupa nova. Com outro fato. Gente, olha o coronel está encadernado. Ele chegou ontem da capital. É, me disseram; assim como também eu soube que ele tirou um milhar no jacaré. Desde que inventaram o jogo do bicho que ele cerca o jacaré. Até que afinal Santo Antônio teve pena dele. Também, meu mano, se não dá agora, o coronel virava ponta de cigarro. Viciado, coitado, que só ele.

Encaiporar – Dar azar. Fazer desditoso, infeliz. Você é danado pra encaiporar

os outros. É uma sina, cunhado. Até cobra, quando eu olho pra ela, vira logo de papo pro ar.

Encalhe – Ação do navio varar uma praia, um banco, um tabuleiro, ou subir num cabeço de pedra. É comum o encalhe na Amazônia, não só porque os canais se mudam de ano para ano, como ainda devido à cerração da fumaça, das nuvens e dos nevoeiros. Raramente perigoso. Talvez de cem encalhações se perca um navio.

Enchente – No estuário refere-se à maré. Eu vou na maré de enchente. Que horas hoje principia a enchente? Não me lembro, meu bem. Lua parece que sai depois das nove. Maré reponta com ela. Da foz do Xingu pra cima, até o fundo da Planície, a enchente dura seis meses. De maneira que o falar por aí sobre o fenômeno já é outro. Enchente este ano vai ser pequena, até agora não deu “repiquete”, etc... Que enchente grande... Estou com medo da minha roça. Não plante ainda, compadre; deixe baixar mais o rio; olhe o “mata-feijão”, que pode vir. Este ano vai ser peixe assim... Enchente é grande.

Encoivarar – Amontoar os galhos, gravetos e sacaís que restam das queimadas a fim de incendiá-los de novo, de modo que o roçado fique bem limpo.

Encrenca – Imbróglío. Mas que encrenca dos diabos. Ninguém sabe a quantas anda. Encrencou tudo. Foi uma encrenca fechada. Quando o Januário tirou a mulher do Chicão, este se levantou, tocou os cinco mandamentos na verônica do dito cujo, e a encrenca não foi deste mundo. Quebraram as cadeiras, apagaram a luz, não respeitaram as damas. Disquê a política encrencou. Parece que não há mais frente única em Manaus. Foi seu Pe-dreira que disse.

Enduape – L. G. Tanga de pena para homens.

Enecoema – L. G. Bom dia.

Engenho – Estabelecimento agrícola destinado à cultura da cana e à fabricação de açúcar, cachaça, mel. Foi muito comum o engenho nas redondezas de Belém, sobretudo em Barcarena e Igarapé-Miri. A cana dá com facilidade no Pará. Será pela volta à sua cultura, como também à do cacau, à do arroz, à do guaraná que o grande Estado do Norte restabelecerá a sua fortuna, encaçada com a borracha?

Engraçado – Metediço. Cínico. Atrevido. Ora, não seja engraçado comigo, senão conto pra meu pai. Vá ser engraçado com sua avó torta. Vou dar uma lição naquele engraçado que anda bolindo com a minha velha.

Enguá – L. G. Pandeiro.

Enseada – Arco aberto nas margens dos rios, das baías, dos portos. A enseada nos afluentes sinuosos, côncava, talhada a prumo, profunda, entesta a praia, convexa, declive brando, rasa.

Entaniçar – Envolver os molhos de tabaco com a tânica, que é a fita das cascas do talo de certas palmeiras, e de largura inferior à grossura de um dedo. Entaniçam-se também outros produtos a fim de conservá-los.

Entocar – Meter a caça no buraco do pau ou nalguma galeria subterrânea. Esconder. Encafuar. O cachorro entocou o caítitu.

Entrudo – Carnaval. Está chegando o entrudo. Era mais usado o termo nos belos tempos da cabacinha, da laranjinha, do limão cheiroso, feitos de água perfumada em transparentes películas de borracha, e que se projetavam a distância, em verdadeiros bombardeios sem

fumaça, porém molhados. Atiraram-me uma cabacinha daquele sobrado que fiquei como um pinto. Entrudo este ano é pesado. Por que, seu cunhado? Porque é cabacinha à beça.

Envira – Tira da casca da envireira que serve para amarrar. Generalizado, qualquer fibra têxtil usada como fio, linha, corda. Rio afluente do Juruá.

Epiacaba – L. G. Vista.

Epiacatuba – L. G. Boa vista.

Erê-catu – Frase que tem dois sentidos. A de convidar para partir: Erê-catu, vamos, avante, sigamos, arriba acampamento, e a de despedida: Erê-catu, adeus, minha gente, até curi.

Escápula – Gancho, olhal de ferro que todas as casas da Planície têm nas paredes das alcovas e quartos para armar redes.

Escorpião – (*Titius brasillensis*) – É um aracnídeo que tem o aguilhão na cauda, e cuja picada é venenosa e dolorida. As pinças das maxilas, sem tóxico, representam órgãos de apreensão, de defesa e de luta. O preto, maior, é mais perigoso, se bem que a ferretuada não seja mortal.

Esfrega – Surra. Trabalho pesado. Seu Anastácio deu uma esfrega no filho. Tenho levado uma esfrega na cópia das atas... É uma esfrega, este trabalho.

Especular – Verificar preços. Ver onde se pode comprar mais barato. Regatear. Não compre sem especular primeiro, compadre. Especule bem. Cada negociante, em Belém, tem um preço. É preciso especular. Fazenda, então, é uma desgraça; aqui custa tanto, ali tanto, acolá, tanto. Só há um meio: é especular.

Espera – Ponto em que se espera caça. Lugar em que as canoas do estuário esperam maré. Passei um dia no mutá es-

perando uma embiara e nada. Nem paca, nem veado, nem anta. Ando caipora. Vamos fundear na espera, senão amanhã maré não dá pra chegar no nosso destino. É longe... vento está faltando. No reponte da maré o vento marajó bate aí que é um deus nos acuda.

Espernegado – Esparregado. Prato que se faz guisando a erva picadinha do caruru e cobrindo-a depois com ovos estrelados.

Espinhel – Comprida linha tipo americano cheia de anzóis e ligada a duas poitas (pedras), no fundo d'água. Essas poitas estão assinaladas por boias de curcubitáceas. Aparelho com que se pegam certos peixes de pele: piraíba, filhote, dourado, gurijuba, bacu, cangatá. Processo empregado no estuário e nas baías perto do mar.

Espocar – Abrir. Estalar. Rebentar. Fazer ruído. Saltar fora.

Esse – Letra de ferro ou aço representando um S destinado a prender a corda da rede à escápula. Com essa precaução, o constante embalo da rede não corta a corda que a sustém nos armadores.

Estabanado – Estouvado. Sem medida. Que moço estabanado. Estava dançando e, de repente, carregou a dama na sala. A Filuca levantou a saia na igreja para colocar a liga. Aquilo puxa a mãe, é estabanada.

Estabelecimento de porto – Retardamento da preamar sobre a hora da passagem da lua pelo meridiano no dia de uma sigígia equinocial. Somente se verifica este fenômeno onde há fluxo e refluxo de maré. Manaus, por exemplo, não possui estabelecimento de porto.

Estadão – Pompa. Aparato. Ostentação. Aquela gente vive num estadão. Parecem príncipes. Você já viu, comadre, o esta-

dão da viúva do coronel Cornélio. É carro, criado, seda, tudo a beça. Que estadão.

Estado do Pará – Jornal paraense de maior circulação no extremo-norte. Abraçando sempre as grandes causas nacionais, esse matutino alcançou uma popularidade jamais ultrapassada em Belém. Lindo, bem disposto, bem escrito, os seus editoriais e a sua colaboração correm parrelha com a estética. É seu proprietário Afonso Chermont, redator-chefe Alcino Cacella e secretário Santana Marques, figuras de relevo não só no jornalismo como na política.

Estância – Barracão, armazém destinado a depósitos de madeiras. Lugar em que negociantes guardam tábuas, ripas, vigas, dormentes.

Esteira – Rasto de espumas que a embarcação vai deixando pela popa fora. Sinal da passagem do navio feito pelo seu deslocamento e que desaparece da flor d'água mal ele se afasta. Tapete de tábua que se usa embaixo das redes, ou, ainda, nos serões domésticos das cunhantãs, que sobre ele costumam, bordam ou estudam.

Estirão – Trecho reto de rio entre duas curvas. Em geral, na época do verão, é sempre mais raso que a volta, devido ao lençol d'água se espalhar, de uma a outra margem, o que não sucede nas curvas, onde o canal, concentrando a água, aprofunda-se.

Estivador – Nome dado ao trabalhador de terra, a bordo das embarcações, nos portos. Que carrega e descarrega o navio. Que estava a carga, que arruma os volumes no porão.

Estopada – Aborrecimento. Caceteação. Causa penosa. Vou levar uma estopada, hoje. Tenho que ler um livro do Chico Lendia. Antes uma boa morte, compadre. Mas dizem que no português ele é uma

fera. Onde tem de levar vírgula, é vírgula; ponto é ponto mesmo. Deixa longe o finado Vieira e o defunto Castilho, que Deus haja. É exato, compadre; purismo chegou ali e armou rede, mas então pau pra burro; estopada é uma menina de peito ao pé do livro dele. Pode dizer que é clássico de 40 assobios, porém dormideira não pega o bicho, melhor, cousa que o bicho escreve. Pois é isso, tenho que aguentar essa estopada...

Estoque d'água – Ponta de corrente que vara o caudal em sentido oblíquo. É determinado pelo remanso, que, depois de refluir à massa fluvial, volta a fazer parte dela. Penetra então bruscamente na toalha, gerando uma confusão de diretrizes. Quando o prático não é bastante hábil para evitar o estoque d'água, o “gaiola” desgoverna com o choque recebido à proa e muitas vezes enfia-se na margem contrária, vara uma praia ou sobe num berço de pedra. É um fenômeno hidrográfico dos rios velozes.

Estrada – Vereda aberta na floresta por onde o seringueiro anda para cortar as árvores da “hévea”. É um simulacro de caminho, tortuoso, atravessando igarapés, subindo terroradas, que leva o extrator a cem rumos num solo todo movimentado, quando se trata de seringais do alto Amazonas. Nas “ilhas”, ou seja, no estuário, apesar do terreno alagadiço, a terra é mais plana. Já estou sangrando minha estrada. Seringal do compadre quantas estradas tem? Sua estrada é de mais de cem madeiras?

Estrepe – Espinho, lasca de madeira que entra no pé. Que você tem, seu Arruda, pra andar assim coxeando? Estrepe, comadre. Um espinho de tucumã bem no calcanhar. Fui puxar o dardo e a ponta quebrou

dentro. Estou com uma farpa de lenha na sola do pé. Oh! Estrepe cabuloso.

Estropo – Alça de cabo que se enfia nos chifres do boi, de modo que este possa, engatado no aparelho, ser levantado no pau de carga e recolhido a bordo. Ajeita esse estropo! Vira! Os grandes embarques de gado vivo, hoje, são feitos por meio de mangas, não só pela rapidez, como tam-

bém porque evita maltratar a rês, pois o peso do corpo pendurado no estropo quebra-lhe muitas vezes a espinha.

Estrovar – Fazer uma alça de linha no anzol a fim de ligá-lo ao espinhel, ao caniço ou a outro qualquer aparelho de pesca.

Estúrdio – Esquisito. Estapafúrdio. Divertido. Que homem estúrdio. Você já viu mulher mais estúrdia, comadre?

.....

F

Fabulistas – A Amazônia é o recanto do Planeta mais pobre de fabulistas, talvez mesmo sem nenhum. A história dos animais, sempre colorida, tem, aqui, um cunho lendário. É natural, pois, que se anda em busca de uma inteligência que perpetue, no reconto moralista da fábula, os bichos e as cousas da Planície.

Se a origem da fábula é o mistério, ninguém melhor do que nós para urdi-la e movimentá-la tal o segredo que envolve a planura. Entre que povo e em que lugar do universo a imaginação do homem iniciou essa pitoresca linguagem figurada? Na Ásia? Na China? No Egito? Na Grécia? Ninguém sabe. Os crônicos assinalam entre os hindus, 2.000 anos antes de Cristo, o fabulista Bidpay; entre os árabes, outro, Lokman, contemporâneo de Davi. Por muito que se estenda a vista para além de Orellana, para além de Cabral, para além dos piratas que infestavam as nossas águas, não se divulga sequer a sombra de um poeta que, fazendo falar os nossos animais e homens, tire de semelhantes colóquios conceitos que nos façam pensar, ou, pelo menos, que nos desviem do perigo.

A verdade é que a fábula principia na Grécia. Esopo, além do cunho literário, imprime-lhe encanto e originalidade. Há quem duvide da existência dessa figura, como se duvida aliás da existência de Cid, de Homero e do próprio Cristo. Está provado, no entanto, que Esopo foi con-

temporâneo dos sete sábios da Grécia e da poetisa lesbica Safo.

Escravo de Demarco, este o vendeu ao filósofo Xanto, de Samos, que por sua vez o vendeu a Yadmon. Serviu o derradeiro senhor em companhia de Rodope, célebre cortesã que se diz ter mandado erigir uma das pirâmides do Egito. A aguda inteligência de Esopo, as suas extraordinárias réplicas, o seu profundo espírito de observação, a originalidade com que dava ao povo lições de moral, em forma de apólogos e fábulas, conquistaram-lhe a liberdade.

Indo de Samos para a Ásia Menor obteve Esopo o favor de Cresos, que o fez embaixador de sua corte junto ao governo grego, assistindo nesse caráter, no palácio de Corinto, ao banquete oferecido aos sete sábios da Grécia por Periandro, um deles.

Esopo, que significa etíope, era negro horrendo, diz o monge grego Máximo Planude, seu biógrafo. Como se vê, portanto, a formidável cabeça que alguns escritores chegam a comparar à de Homero, pertencia a um escravo, embaixador e mártir, pois Esopo morreu vítima da acusação falsa e infamante que condenou, pela boca dos fracos juizes de Delfos, a ser despenhado do alto da roca Hiampeia.

Desde esse tempo remoto, quando talvez a planície amazônica mal viesse rompendo virginal do seio das águas, que a fábula reflete tonalidades literárias tão finas que a moralidade, sob o véu alegórico dos quadrúpedes, das aves, dos peixes, dos insetos, das árvores, dos seres, se estende sobre os homens. A realidade e a virtude em parábolas de cem tamanhos, já daí,

irônica e mansamente, combatem o erro e o vício. Assim como a ciência teve por batedores os artistas, os filósofos tiveram os fabulistas por vedetas. A clara expressão com que concretizavam, na alegoria dos bichos e das cousas, o pensamento abstrato de esmaçados deveres, fixava o axioma na consciência coletiva.

Acresce ainda que não se escrevendo a fábula para cogitações profundas, a menor agilidade intelectual apreende o sentido moralista que ela contém. Noção universal da argúcia, guarda no fundo, como os anexins e os provérbios, a semente da disciplina social. Por isso ela é constantemente simples, seja rústica ou polida. Falando da rã ou falando do amor, num florido jogo cênico, o que lhe ressalta do texto, através de cenários apropriados, é o risco de fogo que une as personagens que se visam às figuras que se mostram. Voltaire, o iconoclasta, o irreverente Voltaire, aludindo às fábulas, tem coisas líricas, sentindo-se que a inteligência coruscante que traçou o *Dicionário Filosófico*, se comove e emociona quando rebusca o assunto destas linhas. Ouçamo-lo:

“A fábula mais famosa dos gregos é a de Psique; a mais graciosa é a da matrona de Éfeso; e a mais bela entre as modernas é a de Lucrecia, que, depois de arrancar os olhos ao Amor, se viu condenada a lhe servir de guia.”

Saltando, porém, da Hélade, foi na França que a fábula encontrou o seu extraordinário ourives, o seu maravilhoso lavrante, esse inconfundível La Fontaine. Só o fato de o famoso fabulista ter nascido na região da Champagne concorre para essa fina e rendada imaginação com que ele empolga o espírito humano. Mas há um motivo maior. O pai de La Fontaine era diretor de Águas e Florestas, em cujo departamen-

to o filho aprendeu, com os pássaros e as borboletas, os quadrúpedes e as serpentes, ao longo dos campos e bosques em doidas correrias, a falar com a natureza.

Os críticos julgam, entretanto, apesar de toda a sua refulgente projeção, e talvez por isso mesmo, de pouco fôlego, incapaz de manter a força da beleza literária num trabalho de largas rajadas. É apenas um miniaturista, um aquarelista, um iluminurista de gênio. Daí o sucesso das fábulas que ele cria ou adapta.

Apesar do seu egoísmo e do seu descuido, diz um ensaísta, não tinha intenções malignas, antes parecia uma criança grande. Casado com uma linda rapariga de 15 anos, dela separou-se depois de dividirem os bens. A duquesa de Bouillon, sobrinha de Mazarino, dada ao prazer, jovem, alegre, constituiu-se sua protetora. Afirmase que foi ela quem inspirou e excitou a produzir o volume *Nouvelles en Vers*, que contem a “Jocond”, conto de Ariosto.

Mme. de Sevigné aplaudiu essas novelas condenadas pela sociedade da época. Dizem também que depois de mme. Sablière, erudita e gentil senhora daquele tempo, despedir os fiéis que lhe frequentavam o salão, em cujo número figuravam Molière, Chapelle, Racine, além do cão e do gato de mme., só ficou La Fontaine. Mas, por onde me arrastam os fabulistas, santo Deus? A mim, que só queria dizer que fabulista é gente inexistente entre nós, e da qual nós carecemos urgentemente no país das pedras verdes a fim de ver o jeitão de um jabuti, por exemplo, que é o animal mais esperto do vale, levar o contra e perder a vaza com certos políticos de borla e capelo...

Faceira – Taful. Garrida. Que veste bem. Que ama a exibição. Que se mete pelos olhos dos rapazes. Que moça faceira.

Falador – Maldizente. Indiscreto. Irreverente. Que sujeito falador. Falador como só ele.

Faniquito – Desmaio. Era gente com faniquito quando o Mané Cabeludo puxou a pistola dele, que nem lhe digo nada. Primeira que caiu foi a Joanna Tucandeira. Aquilo era só valente de língua. Foi um faniquito do tamanho de um bonde. Nunca vi festa com tanto faniquito. Até a Engole-cobra, aquela mulatona de Janauari, disquê com faniquito, minha madrinha. Também era cada tapa de virar cara da gente do avesso.

Farofa de casco – Aberta a tartaruga, tirados os ovos, vísceras, quartos, filé, o casco (carapaça) fica aparentemente limpo por dentro. Levado, porém, ao forno, depois de lavado e temperado com sal e limão, escorrega-lhe abundante gordura para o fundo, sob a ação do calor. Essa gordura, misturada no próprio casco, com farinha-d'água torrada, é farofa. Cada prato da tartaruga é comido com farofa do casco, como se usa com pão. As famílias pobres fazem render o acepipe levando durante dois, três, quatro dias e até a semana inteira, o casco ao forno e adicionando-lhe novas doses de farinha para diárias farofas.

Fazenda – Propriedade rural de criação de gado, única acepção em que essa palavra é empregada no Pará. É fazendeiro rico, tem mais de cinco mil cabeças. Fazenda dele é em Marajó. Leite, lá, até dá pra tomar banho.

Feição – Fisionomia. Feição dela é bonita. Que feição antipática. Feição do dia é de chuva.

Feitiço – Puçanga. Droga, berundanga, beberagem usada para desgraçar o inimigo. Vou mandar botar esse feitiço na porta dele que nunca mais a Chica da ou-

tra banda se engraça pra ele. Coronel anda triste, falando só. Aquilo é feitiço, dizem que deram pra ele no vinho de cacau, coitado. Era tão alegre... Se não foi a Miquelina Jambu, que Deus me desampare na hora da morte. Oh! Mulher falsa. Não há homem que ela não desgrace. Tão desexabida, perna fina, amarelona, parece vassoura. Ninguém sabe mesmo porque esses brancos se encantam. Só feitiço.

Fiança – Certo. Infalível. Aquilo é homem de fiança. Quando diz sim, é sim mesmo. Caráter de fiança. Não dança de urso. Garantia de um terceiro afiançando certo pagamento. A fiança da minha casa foi dada pelo coronel Anastácio.

Fiapo – Fio de roupa. Fibra. Pedaco pequeno de linha. Me tira este fiapo do ombro. De onde veio este fiapo? Qualquer fiapo serve, é pra um amarrilho ligeiro.

Filhos da Candinha – Anônimos. Povo. Coletividade. Os filhos da Candinha é que dizem. Andam dizendo cousas da D. Marocas... Mas quem, meu coração? Os filhos da Candinha.

Flamboyant – (*Poinciana regia*) – Árvore de porte regular; dizem-na originária de Madagascar. Adaptou-se de tal forma na Planície que se a encontra de um extremo a outro. No princípio do inverno todas as suas folhas se transformam em flores escarlates, dando a impressão de um gigantesco buquê vermelho nos parques, jardins e quintais onde ela medra.

Fogo santelmo – Chama azul, morticça, que se observa no topo dos mastros das embarcações, quando aqueles têm a borla ou a lança de ferro, por ocasião das tempestades. Efeito da eletricidade atmosférica. Nos meses de novembro e dezembro, ao cair das primeiras chuvas na Planície, com o céu negro e carregado, ao estrondar do tro-

vão e ao fuzilar do relâmpago, como a luz de grandes círios acesos no céu, vê-se o fogo santelmo iluminando o topo dos mastros.

Fordlândia – O mal econômico da Amazônia tem sido, desde tempos imemoriais, quando ainda Tavares Bastos lutava gloriosamente pela abertura do mais volumoso rio do Planeta, o receio de que ela nos seja tomada. Entretanto, é imprescindível dizer, pela própria voracidade das potências colonizadoras, o imperialismo territorial tornou-se quase impossível, máxime quando se trata de uma nação como o Brasil, de 42 milhões de habitantes e de unidade geográfica definida. Nenhum país, dos mais atrevidos e gulosos, seria capaz, nestes dias de rivalidade comercial, de um atentado de tal natureza contra a fecunda gleba do Cruzeiro. E isso não tanto pela maneira por que eles, conquistadores, se vingam e entreolham, mas pelo caráter altivo e revel do brasileiro, pela força da raça, pela projeção maravilhosa com que se funde aqui um dos mais poderosos tipos do mundo. Quando o arquimilionário Henry Ford pretendeu fixar uma empresa na Amazônia, correu um arrepio de suspeita entre nossa gente. Desconfiava-se de uma arremetida imperialista. O fato, no entanto, bem examinado, não é possível quando se trata do Brasil. O caráter nacional do homem, na terra imensa que nós vamos povoando com esplendor e carinho, não se ajusta mais aos protetorados, e, muito menos, às afrontas de uma pirataria territorial. O que o rico americano pretende fazer na Tapajônia merece respeito, deve ter a confiança patrícia, tantas são as vantagens recíprocas daí advindas. Dentro em breve Boavista, se não Santarém, parecerá uma Nova Orleans. As plantações de hévea que ali se multiplicam serão o

salvatério do Pará. Porque o ponto de vista largo a enxergar nesse gesto do famoso milionário não é a luta entre o plantador de agora e o proprietário do seringal silvestre dessa mesma Amazônia, mas a luta desse plantador com o plantador do Oriente. É a localidade, a condição geográfica, muito mais que a excelência do produto, que vai decidir da batalha travada entre a Amazônia e o Oriente. A vitória inevitável trará, de novo, o nosso predomínio na exportação da seringa para os mercados consumidores. A posição da Fordlândia, muito mais perto da Europa e da América do Norte que os seringais do Oriente, levantará uma diferença de preços para menos, a nosso favor, que as empresas plantadoras, nas colônias das potências competidoras, não poderão manter. Alguns ingênuos e mal informados ainda argumentam com a facilidade do braço na Ásia ou alhures, como se a época não fosse da maquinofatura, capaz de esmagar a mão-de-obra. Na margem do Tapajós já se está montando a maior serraria da América do Sul, o que significa para breve uma formidável exportação de madeira, isto em igualdade de circunstâncias com os demais madeiros, há muito instalados em Belém, queremos dizer, pagando os mesmos impostos ao Estado. Acresce ainda que um homem da estatura industrial de Henry Ford, vendo com rara argúcia e privilegiada inteligência todos os aspectos da questão referente à goma-elástica, deve já ter pensado em instalar, no próprio terreno da empresa concessionária, ou talvez em Belém, uma vasta fábrica de artigos de borracha, desde os mais delicados aos mais grossos. Avalie-se o futuro do Pará com essas usinas funcionando, exportando para todos os mercados, e, o que é mais importante, trazem-

do para os vizinhos, na própria Amazônia, aperfeiçoamento e capitais na plantação e na colheita do leite. Não podemos, pois, deixar de ficar alegres com o destino, que nos trouxe o ouro fecundo e miraculoso do Conde de Monte Cristo americano, ouro capaz de operar maravilhas naquela nossa terra virgem.

A Fordlândia, levantada pouco além de Santarém, Tapajós acima, vai ser talvez o maior núcleo humano na bacia amazônica, pelo menos o maior centro industrial do vale. O ponto é a política não entorpecer nem perturbar a trajetória da formidável empresa, por interesse e ódios mesquinhos, como já fez com a concessão das terras da Guiana, quando uma empresa tentou fazer ali um grandioso núcleo pastoril. Não fora essa miséria, e nós já exportaríamos hoje carnes para todo o mundo, em competição com a própria Argentina.

Forno-de-jacaré – Folha da vitória-régia. Tem o aspecto de um forno verde flutuante. São grandes charões vegetais, boiando à flor d'água e sob os quais os jacarés se escondem. Ninféacea.

Forquilha – Intercessão de dois galhos de árvore. Pau bifurcado. Olha que lindas catleias na forquilha deste pau. São da família das orquídeas e se chamam *C. superba*. Vê a outra branca. Também é orquídea, conhecida por *C. Eldorado*. E a de folhas grandes, lá mais para cima? Ainda é orquídea. Apelidaram-na por orelha-de-burro. No mundo científico é *Oncidium lanceanum*. As flores são amarelas, mas salpicadas de castanho. E mais além, o festão admirável de lianas, lá, na forquilha de cima? Aquilo é baunilha. As vagens têm um perfume delicioso. Também é da família das orquídeas, *Vanilla aromatica*.

Forreta – Usuário. Miserável. Que não deixa ver a cruz de um vintém. Gênio contrário ao caboclo, que é mãos largas, generoso, dividindo tudo com os parentes e vizinhos, sem pensar no dia de amanhã.

Forro – Liberto. Escravo que obtinha a independência por compra ou dádiva do senhor. Aquele negro já está forro? Olhe o jeito deste preto, parece forro. Você já está forro?

Fósforo – Falso eleitor. Voto fraudulento. Dizque eleitorado dele é só de almas. No dia da eleição vai todo o cemitério da Saudade. Lembra o dia de juízo final. É um partido de defuntos. Na hora de votar, os mesários, de olho no padre e olho na missa, é só no pelo-sinal e rezando baixo o Creio-em-Deus-Padre. Aparece cada pedaço bem criado de fantasma chocalhando os ossos ao meter a cédula na boca da urna, que até tira a fala dos demais. A única vantagem é que é gente firme, não trai nunca. Só vota com o coronel, e mais quando ele está por cima. Subiu agora pra 200 reais. É por causa da constituinte. Até parece café com música.

Fósseis – Segundo a definição de John Branner, antigo presidente e professor de geologia na Universidade Stanford, na Califórnia, América do Norte, fóssil é “qualquer relíquia, rasto, ou impressão de planta ou de animais nas rochas”. São muitas vezes chamados “putrefatos” se bem que não estejam sempre petrificados. Na geologia se empregam “os fósseis para determinar as idades e posições relativas das rochas nas quais eles se apresentam”. Nos rios Maecuru, Curuá, Trombetas, Cuminã, Maraño têm-se descoberto curiosos fósseis como algas, corais, tartarugas, peixes, crustáceos e conchas marinhas, seguros documentos paleontológicos que

provam a remota existência do mar onde hoje se acha a planície amazônica. Derby encontrou madeiras e folhas fósseis nos montes do Ererê e Paituna, vizinhança de Monte Alegre e Óbidos; Chandless achou à margem do Acre, afluente do Purus, restos de uma espécie de *Mososaurus*, que é um gênero característico da idade cretácea; Paulo Gervais achou também, em certo ponto da bacia amazônica, um grande crocodilo, *Dinosuchus terror*; James Orton levantou da argila das barracas de Pebas uma fiada de 17 espécies de concha marinha; G. Gurich topou no rio Pauini, afluente do Purus, um jacaré fóssil, *Gryposuchus jessei*, pertencente ao período terciário ou quaternário. Além dos fósseis descobertos e constatados cientificamente pelos sábios, o autor destas linhas, ao tempo que comandou “gaiolas”, trouxe do alto Purus vários fósseis encontrados no álveo desta artéria fluvial durante as secas. Assim, tartarugas, peixes, crustáceos, galhos de árvores foram achados petrificados, com a circunstância de muitas dessas peças estarem num período de transição, pois via-se um lado, já petrificado; o outro, ainda em estado natural.

Francisco Castelnau (Conde) – Explorador francês. Viajou ao sabor da corrente amazônica, do Peru ao Estado do Pará, onde visitou a bacia do Tocantins. Como La Condamine, andava por conta do governo francês em estudos científicos. Subindo aos platôs de Goiás, observou o bócio e a papeira ali reinantes. Também notou nessa região as fontes termais, principalmente as de águas magnesianas. Foi ele quem registrou a maneira curiosa por que os carajás enterravam seus mortos, em pé, deixando-lhes a cabeça de fora a fim da gente da tribo meter na boca do defunto

alimentos como bananas e cocos para sustentá-los.

Francisco Orellana – Espanhol. Explorador. Flibusteiro. Foi o primeiro homem europeu que sulcou o Amazonas. Desceu-lhe o caudal dos Andes peruanos à foz. Buscava o Eldorado cheio de ouro e pedras preciosas. Encontrou, de lado a lado do rio, floresta e mais floresta. Os índios da foz do Nhamundá, de cabeleiras compridas, rostos glabros, pareceram-lhe mulheres. Não precisava mais para um romance. Inventou a tribo guerreira das amazonas, as icamiabas, que não se acabavam mais e que ele, de regresso à Espanha, contou na corte castelhana. Quando voltou à Amazônia, já no cargo de “adiantado”, à frente de uma expedição, errou o caminho, perdeu-se e naufragou procurando o vestígio de sua saída do Atlântico. Jamais descobriu por onde havia rompido para o mar. Confundiu o estuário do Amazonas com o estuário do Tocantins e andou, em torno da ilha de Marajó, como um pássaro em torno de uma cobra: girando, girando, girando até se perder.

Francisco Xavier Ribeiro Sampaio – Magistrado português dos tempos coloniais. Foi ouvidor e intendente geral do Rio Negro. Espírito arguto. A narrativa de sua viagem dentro da Planície, hoje publicada, excede ao trabalho de correção do homem da lei. Parece coisa de naturalista. A terra, o índio, as águas, o céu, a luz, os ventos merecem-lhe palavras científicas, de quem possuía visão que ia além das “Ordenações do Reino”. E isso a tal ponto, que logo o nosso pensamento se transporta para um caso idêntico: o de Félix de Azara, oficial do exército espanhol, que deixou de sua viagem ao Paraguai dois volumes tão interessantes, tão fiéis e per-

feitos, que os maiores homens de ciência lhe citam a obra, mesmo que esses homens se chamem Charles Darwin.

Frasqueira – Garrafão de vidro forrado exteriormente de cipó fino. Esse tecido, feito na Alemanha, é para evitar que a vasilha se quebre. Há frasqueiras, meias frasqueiras e quartos de frasqueiras. A frasqueira, exclusivamente destinada a conduzir cachaça, principalmente dos engenhos do Pará o alto Amazonas, mede doze frascos; cada frasco cinco quartilhos.

Friagem – Queda brusca da temperatura no ocidente da Amazônia. Inversão periódica dos ventos, que em vez de correr de baixo para cima, correm de cima para baixo. Afiam-se na neve do Andes e descem galopando furiosos, matando peixes, pássaros, quadrúpedes. Ocorre o fenômeno em maio e junho, com as primeiras manifestações da vazante nos altos rios. Olha a friagem. É o céu que se turva no poente em grossas nuvens negras. Daí a nada cai a chuva e o vento frio, cortante, assobia.

Frotas de Salomão – A respeito das frotas de Salomão, no Amazonas, há uma literatura notável, ora de colorido árabe, ora de sisudez matemática. Mesmo no primeiro caso, no planejamento da ficção, ela cobre-se através de múltiplos aspectos com o véu indutivo, extraindo, como os pelotiqueiros na sorte, ou scherloquismo nas conjunturas policiais, elefantes de minhocas, continentes de pedrinhas, girafa de formigas, cataclismo de brisa.

A filologia, com aquela carranca de desmamar crianças, ajuda esse processo imaginativo. Por um simples vocábulo desarticulado, aqui deixando cair letras, ali sílabas, para mais adiante juntar vogais, unir consoantes, os argutos batedores da História chegam a conclusões maravilho-

sas, a resultados extraordinários, no fundo dos quais, por um sortilégio criador da inteligência, abrem-se as velas dessas naus bíblicas, surgem os navios, e a gente vê enfim as frotas.

Certas monografias referentes ao fato guardam um cunho tão severo e positivo, através de rajadas políglotas, de coruscantes notas de sabedoria, que a ninguém é lícito duvidar do memorável incidente, isto é, que por aqui não tenham andado, subindo e descendo as águas caudalosas do nosso sistema hidrográfico, os atrevidos vasos expedicionários do remoto rei de Israel. E não só duvidar do episódio, como também que levassem, segundo os próprios textos sagrados, ouro, prata, pedras preciosas, cedro, bugios e pavões. Tratando de um povo humilde, quase ascético, alheio ao fausto e ao esplendor de outros povos daquelas eras, pode parecer ao espírito coletivo de agora, numa exegese minudente, exagerado tudo aquilo que se registra no *Livro de Reis* sobre a viagem e sobre a mercadoria.

Leve-se, porém, em conta a situação especial do soberano que mandava buscar esses tesouros no fundo do Planeta, como havia de parecer naqueles idos a remota Amazônia. Além dos encargos religiosos, a sua família era enorme. Sem falar em sogras, tios, primos, cunhados, sobrinhos, só esposas, artigo fino, princesas, dispunha o valente monarca de setecentas; concubinas, de sangue mais ou menos azul, trezentas. Fora naturalmente, as que escaparam à estatística religiosa do Velho Testamento.

Avalie-se, pois, o que não seria preciso para contentar o exigente e escaldadiço milheiro de senhoras assim que chegavam os navios. Cada qual queria o seu colar, a sua pulseira, o seu anel, o seu par de brin-

cos, o seu pavão, o seu tamborete; isto sem levarmos em conta o templo de prata e ouro que S. M. andava construindo para agradar também ao Senhor.

Porque, é preciso que se diga aos que não estão bem ao par da *Bíblia*, em matéria de amores, esse rei que sucedera a Davi e passará o trono a Jeroboão, foi tremendo. Era-lhe tão grande o coração como a justiça. Se as sentenças foram profundas, as paixões ultrapassaram. O *Cântico dos Cânticos*, escrito para Sulamita num arrebatamento sensual, vale tanto ou mais que as leis do seu código.

Sábio e ardente, Salomão não decifrava apenas os enigmas da vida, mas as charadas do amor. A rainha de Sabá, quando o visitou, atraída pela fama do magistrado coroado, ficou encantada e satisfeita. Tendo proposto a Salomão vários problemas para resolver, incontestavelmente mais difíceis do que o de cortar um menino pelo meio e dar uma banda a cada mãe, ele, augustamente e sem demora, solucionou tudo.

A soberana, cativa daquela mentalidade e talvez, quem sabe? enamorada, rendeu-se presenteando-o com cento e vinte talentos de ouro, muitíssimas especiarias e pedras preciosas em abundância nunca vista. Além dessa dádiva da rainha de Sabá, que, por sinal, parecia um conde de Monte Cristo de saias, as naus de Hirão andavam no mar, e, de três em três anos, volviam abarrotadas de riquezas.

Pois bem, em torno destas fugidias notas bíblicas se têm arreado bibliotecas, traçado mapas, riscado singraduras, ideado golfos e baías, arquetado continentes que afundam e emergem, no intuito louvável de provar que Ofir demora na bacia amazônica, e, mais, que Solimões provém de Salomão; e que não somente a carga ia

daqui, como os três anos da derrota eram consumidos sob a luz equinocial, mineando, cortando madeira, caçando.

A primeira vez que se lê o folheto intitulado *Viagens dos navios de Salomão no rio Amazonas*, recebe-se um choque, leva-se um tal sacudilela na descença, que se fica abalado, para não dizer logo, convencido. Porque, deve-se confessar, ninguém acreditava nessa armada real por estas paragens.

O risco dos encalhes, o perigo dos rebojos e estoques d'água, as dificuldades da navegação desconhecida, quando ainda não havia práticos habilitados que dirigissem a derrota, e além disso, sem o menor vestígio atual das escalas, como o deixaram ingleses holandeses e franceses, levavam nosso espíritos a reagir contra a possibilidade desses atrevidos *raids*.

Mas o escritor da memória citada. D. Henrique Onfroy de Thoron, nome sonoro, com aquela cultura vinda do mistério, algo apocalíptica e enleante, começa declarando com ares de grande iniciado que os povos da Antiguidade conheciam a América, que os fenícios devassavam todos os mares, que a filologia ajuda a história e a geografia também. Não é preciso mais para se ficar embalado... Ninguém de boa fé, diante destes introitos de áugure, pode continuar negando... A eloquência da afirmativa guarda um tal sentido divinatório que a gente, ainda no meio da leitura, já começa a ouvir o marulhar da água na proa das naves...

Exposto isto, principia o narrador aludido a descobrir a esteira dos barcos fenícios e hebreus; a determinar, por observações astronômicas, as coordenadas geográficas de Parvaim, de Ofir e de Tarschisch. Refere Platão, fala na Atlântida, cita as Antilhas e aponta, num vago e mis-

terioso bordejo pelo mar tenebroso, que é esse glauco e ondulado Atlântico, um continente chamado Meopes, habitado pelo povo dos merópios.

É uma revelação tão singular que Toscanelli, Marco Polo, Cristóvão Colombo, se a ouvissem assim nesse tom profético e barbado, haviam de sentir o que nós sentimos, admiração pelo cosmógrafo. Da feição pré-histórica do universo, o vidente volve-se para idiomas e cai, inspirado na língua quíchua, em pormenores léxicos tão curiosos para mostrar a etimologia de Merope, que quase nos dá na gana consultar uns “bambas” que só acreditam na língua e na morte da bezerra.

“Marop”, diz o iluminado, “é genitivo de ‘maro’, terra; ela é a terra dos merópios, ou nascida da terra, isto é, autóctone, expressão que corresponde ao grego *gheghenes*.

Na hipótese de haver alguém que de-seje, por simples maldade, julgar intuitivamente que “maro” antes devia ser mar, não conta conosco, pois nós estamos satisfeitos. Conhecemos as gretas filológicas, o peso dos clássicos, o labirinto das raízes, e a responsabilidade formidável desses predestinados vigias da língua...

Feita esta restrição aos iconoclastas, damos a palavra novamente ao Sr. Thoron. Ele acha que o termo atlas é quíchua. Cita a Líbia, a Grécia, os cananeus, os cartagineses, Plutarco, Renan (é preciso realmente muito talento para embarcar Renan nas frotas de Salomão!), e fecha galhardo, com esta prova.

“Segundo a história, Belo (com um I só), que foi estabelecer uma colonização na Babilônia e o sacerdócio (parece que também na supradita Babilônia) ao modo dos egípcios, tinha nascido de Líbia e de

Netuno (assim uma espécie de filho de jacaré com cobra), quer dizer, de uma africana e de um habitante vindo do oceano” (habitante apenas não). Netuno era o deus do mar e o marido de Anfitrite. Tinha palácios no fundo do oceano e cavalos brancos de crinas de ouro que lhe puxavam o carro sobre ondas.

“O culto de Belo, Bel ou Baal”, continua o cronista, “estava em princípio identificado com o do Deus-Sol: ora, na América, este mesmo culto existia; a assim como na Babilônia se adorava a Belo, assim no Peru se adorava ao Inca(?) como descendente do Sol.”

Depois desta colorida rajada de erudição, frisada por alguns ingênuos parênteses nossos, o Sr. Thoron deixa escorrer o seguinte:

“Parvaim [pátria, se não estamos em erro, de certos filólogos peso-pluma] é pronúncia alterada de Paruim, por isso que o antigo alfabeto latino confundia o *v* com o *u* [espécie de germano com gênero humano]; que o *iod*, que é a vogal *i*, muitas vezes se lê com a pronúncia do *ai* em hebraico. Porém no texto hebraico”, argumenta o Sr. Thoron, o ouro de Paruim está escrito Zab-Paruim, “e sua versão nos dá aqui completa uniformidade.”

“A terminação *im*”, continua o autor, “indica o plural hebraico; vem acrescentada a Paru porque efetivamente existem na bacia superior das amazonas [apelo aqui para a geografia dos expoentes na matéria], no território oriental do Peru, dois rios auríferos, um com o nome de Paru, outro com o de Apu-Paru, etc.”

E logo adiante: “Montervinos, um dos cronistas espanhóis, por causa da abundância de ouro que se tirava do Peru, supôs que o Peru podia ser o Ofir.”

Embora fiquemos depois disto assim sem saber de que freguesia somos, não se deixa também de achar o argumento muito bem deduzido, ricamente engendrado. É verdade que os espanhóis na Amazônia, a começar por Orellana, seu primeiro explorador, em matéria de petas, benza-o Deus, eram de se lhes tirar o chapéu.

Depois, o honesto destrinchador daquelas maravilhosas viagens, arrisca mais isto: "Inin é a palavra hebraica derivada de *inini* ou *ineni*, "que está convencido". Esses vocábulos hebraicos se referem ao quíchua *inin* "tem a fé, é crente". Eis pois na América um nome cujo feito é todo oriental. Este império? Tem ainda por limites ao sul o ri Beni e a leste o Caiari, que chamam hoje, em português, Madeira. Beni é a palavra hebraica e árabe que tem por significado "filho, gente de seita ou tribo". Caiari é formado do hebraico *Ca* "coragem, resolução" e *irari* "rio", "rio da resolução".

É impossível negar a inteligência maleável do Sr. Thoron. A sua cultura é extraordinária, a sua lógica esmagadora...

Seguidamente, o fascinante filólogo desarticula a palavra Jutáí, faz um fogo de vista de termos rebarbativos e passa ao nome de *Abiria*. Empalma esse vocábulo como um pelotiqueiro no palco, tira sílabas, gruda sílabas, sacode-o, remexe-o na sua luzidia cartola de mágico, e chega a *apir*, *aypir*, *aypira*, "que não é, segundo explica o linguísta, nem mais nem menos que Japurá, grande afluente do Amazonas ou do rio Solimões, em consequência de uma permuta de letras".

É extraordinário! Se isto dito num teatro, a plateia cobriria de palmas. As moças jogar-lhe-iam beijos. Ver-se-iam espectadores rindo e outros chorando. Porque, re-

almente, é preciso ter quatro macaquinhos no sótão para fazer de Apir Japurá. Nada mais autêntico, no entanto.

Transcrevemos na íntegra a explicação seguinte, para que a pessoa que leia isto, se é desconfiada, fique no nosso estado de enlevo, emoção e convencimento, no que toca às frotas de Salomão nestas ensolara-das plagas:

"O quíchua *yura* "folhagem" faz em vasco *urya*; vaso em quíchua é *kirau*, em caldaico *kiura*; sujo em quíchua *millay*, em industâni *maila*; panela em quíchua *paila*, e em persa *piala*, etc.; o mesmo se deve dizer a respeito das mudanças de vogais, como em quíchua o ar *huayra* faz em lapônico *huïro*, em geórgio *hairi*, em caldaico *haiar*, em siríaco *oyar*, no grego e no latim *aer*; o nome do número um em quíchua é *huc*, em industâni *hec*, em búlgaro *hic*, em telegu *hac*; língua, em quíchua, *kalu*, em mongol *kelé*, em siberico *kil*, em finlandês *kieli*; menino, em quíchua, é *churi*, no antigo egípcio *chiru*, e em egípcio-copta *chiri*".

O leitor há de nos perguntar, mas que diabo tem isso com as frotas? Perdão, vamos concluir o raciocínio do chibante poliglota:

"Assim", fecha ele vitorioso, "pelos exemplos de permutas e constituições de vogais que não alteram o significado das palavras, nada se opõe a que o *Aypira* da Bíblia, "água ou rio Apir ou de Ofir, tenha vindo do rio Japurá."

Perguntamos: há alguém entre os nobres cavalheiros quem se oponha? Não há nem poderia haver... Este saber de idiomas é descadeirante. Os pedaços transcritos são realmente durinhos, algo cabeludos e ásperos, porém de rebimba. De maneira que os deletreantes destas cousas, a não ser

que tenham má boca, já devem estar pelos gorgomilos e prontos a declararem honestamente: por aqui já andaram as frotas do rei hebraico.

“Foi evidentemente”, continua, “esta região (Alto Amazonas) que, no tempo de Salomão, recebeu o nome de Tarschisch, pois a etimologia desta palavra é tomada da língua quíchua, que é a dos Antis. Tarschisch origina-se de *tari* ‘descobrir’, *chichiy* ‘colher o ouro miúdo’.

Tantas provas para nós chegariam. Estamos entupidos. Como sabemos, entretanto, o que é a maldade humana, incontentável, irônica, capaz de examinar todas as gretas numa apreciação desta ordem, vamos transcrevendo até nos pegarem na mão.

E não o fazemos mais da monografia do Sr. Thoron, sim da monografia do Sr. Ludovico Schwennhagen, intitulada *Antiga História do Brasil*, e que abrange, consoante explica o autor, uma era que medeia entre 1.100 anos antes de Cristo e 1.500 depois. Nessas páginas surgem o tirrenos na ilha de Marajó, as amazonas em Faro, as naus da empresa de Hirão bordejando no estuário da maior corda d’água do Planeta.

O Sr. Ludovico, incontestavelmente mais pitoresco e sugestivo que o seu colega Thoron, segue aludindo às inscrições abertas na pedra pelos fenícios em todo o Brasil. Atira-se depois à velha história da Atlântida contada por Platão, que a ouvira de sacerdotes nos templos à margem do Nilo, e quase a cerrar o primeiro capítulo, grafa essa nota:

“No museu Goeldi, do Pará, existem alguns vasos com letras que foram encontrados nos aterros da ilha de Marajó.”

E continua, sem esclarecer que letras são essas e em que idioma, quando, para confirmar qualquer indício salomônico, tais letras deviam ser hebraicas, ou, quando muito, fenícias. Assim não são, todavia. Antes de mais nada, é preciso dizer, ali não existem propriamente letras alfabéticas, mas caracteres simbólicos, hieróglifos, que decoram a louça especialmente a da nação do *mound-builders*.

O VI volume dos *Arquivos do Museu Nacional* contém um exaustivo ensaio sobre o assunto, obra do eminente arqueólogo brasileiro Ladislau Neto. Do extraordinário trabalho ressalta um estudo comparativo entre os sinais marajoaras e os sinais mexicanos, chineses, egípcios e hindus, destacando-se, pela síntese e perfeição, os caracteres simbólicos dos marajoaras. Nesse estudo magistral não se faz a menor referência, já não dizemos a letras, mas a hieróglifos fenícios, e, principalmente, hebraicos, o que parece o melhor atestado da inocência nheengáiba e aruã nesta dramática aventura das frotas.

Entretanto, o professor Ludovico não se desconcerta com o silêncio do arqueólogo alagoano, e fala na chegada das amazonas, na foz do rio Parintins, até que, para atingir Faro, conta que semelhante nação de mulheres guerreiras tinha, na Armênia, certo lago com uma ilha chamada por aquele nome. Foi por isso, declara, que elas fundaram a cidade de Faro no Nhamundá (com vistas ao luminoso espírito de Flexa Ribeiro).

A perspicácia do historiador, como se constata, atravessa corpos opacos. Mas o bizarro Sr. Ludovico não se limita a incursões na tribo feminina da Capadócia, enfia-se também pela corte celeste, e, sem receio de uma excomunhão, ou, pelo menos, de ser

considerado apócrifo em qualquer concílio ecumênico, fabula cousas que destoam do *Flos Sanctorum* e mesmo dos evangelistas. Narra, então, numa voz mística e num tom seráfico, a viagem de S. Tomé ao Brasil, 50 ou 60 anos depois de Cristo.

Arriscando-nos possivelmente a ficar de candeia às avessas com algum historiador sacro, cremos nessa viagem; e cremos pelas características morais do santo. Cético, só acreditando no que via, e talvez somente nas cousas em que metia o dedo evangélico, ouviu naturalmente algum pirata falar numa terra cheia de papagaios, de tucanos, de irapurus, de botos, de iaras, de pau-roxo, rica, ouro à beça, prata pra burro – e ficou inquieto, alvoroçado mesmo. A pique de pecar, veio ver o país.

O professor Ludovico baseia toda essa honrada narrativo na palavra austera do padre Vieira que, na terra dos acontecimentos, que é a terra dos referidos papagaios e paus-roxos, muito bem informado, portanto, anunciou que um apóstolo de Cristo já andara antes dele na Amazônia. Nem precisava dizer o nome do apóstolo. A curiosidade de S. Tomé denuncia-o, abrindo esse clarão surpreendido pelo gênio indutivo de Ludovico. É verdade que outros cronistas e historiadores dizem que foi o próprio Cristo que andou por aqui, mas sem o documento do padre Vieira que era a visão do iluminado.

Ora, apesar de todas estas provas, sejamos francos, há uns tantos incidentes sobre as frotas, que a gente acredita, não há dúvida, mas estranha, fica, na expressão indígena: "de pulga atrás da orelha". O rio Paru, por exemplo, que o sábio Thoron colocou no alto da Planície, encontra-se muito embaixo, quase no estuário amazônico, desaguando junto de Almeirim,

próximo dessa bela paisagem bucólica do coronel José Júlio de Andrade e que se chama Arumanduba.

O que também atrapalha um bocado a nossa credulidade cabocla, em tais descritivas, é o negócio dos pavões. Na Amazônia não há semelhante ave, a não ser que se trate do pavão papa-moscas. Se é desse, está bem.

Outra cousa que faz estranhar é o tempo gasto nas viagens das frotas: três anos. É pouco. Pedro Teixeira, de Cameté a Quito, ida e volta, levou dois anos. Estava em casa, regressou sem mercadoria alguma, a não ser notícias... Tinha além disso igarités e montarias apropriadas, remeiros hábeis, pilotos que conheciam a derrota, intérpretes de todos os dialetos, caçadores e pescadores experientes, fora mulheres índias que acompanhavam a expedição e que influíam naturalmente para não haver demora...

De parte, porém, estes leves reparos, estamos de pleno acordo com a história das frotas de Salomão no paraíso verde. Andamos até a procurar, nos livros ilustrados, modelos de navios anteriores à época dos descobrimentos que nos deem uma ideia dessas embarcações a fim de, num sonho de navegante, entrevê-las subindo e descendo o Amazonas, de velas pandas, abarrotadas de ouro, de prata, de pedras preciosas, de bugios, de cedro e de pavões, segundo os Srs. Thoron e Ludovico.

Íamos fazer ponto aqui. Receamos, no entanto, que os Srs. Thoron e Ludovico, com aquela argumentação capaz de abalar montanhas, nos façam esta interrogação sinistra: – E os bugios? Ainda não se falou dos bugios citados pela Bíblia.

Bugio é macaco. Ora, realmente, se as frotas de Salomão vinham até aqui abar-

rotar de macaco, reconhecemos, não estamos firmes, porque nenhuma região do mundo se acha em condições de fornecer essa “mercadoria” como nós. Macaco aqui é o pau que rola.

Apesar da Amazônia não possuir dos grandes, gorilas, chimpanzés, orangotangos, que vivem na Ásia e na África, tem, no capítulo gênero miúdo, o que há de bom. E em quantidade tal que, se em vez das frotas de Hirão, viessem as de S. M. Jorge V, ainda ficava macaco.

Referimos estas cousas com toda a prioridade e com semelhantes minúcias para permanecermos atrás dos Srs Thoron e Ludovico, sempre muito sérios, muito honestos nas histórias que contam... Num caso de discussão “científica” sobre os bugios, vê-se que tudo será contra nós, restando-nos apenas um recurso: perguntar aos nobres cronistas: para que desejaria Salomão tanto macaco?...

Fulo – Zangado. Irritado. Danado. Ah! Meu bem, não posso ver aquele sujeito que não fique fulo. Aquela peste, quando aparece, me deixa fulo. Ando fulo com aquele fulano.

Fumaça – Importância. Impertinência. Cheio de si. Orgulhoso. Mas que sujeito cheio de fumaça. Parece que tem o rei na barriga. Que lhe meteu essas fumaças na cabeça? Isso é fumaça de rapaz, compadre. Passa com a idade. Nevoeiro produzi-

do pela fumaça oriunda da queimação dos campos da Amazônia ao tempo do verão. Gente! Já são 6 horas e a fumaça não deixa ver nada.

Furo – Braço do rio que liga dois caudais; às vezes um lago a outro lago; muitas vezes um furo a outro furo; ou um afluente, pelo montante da foz, ao curso em que deságua. O melhor documento desta classificação hidrográfica são os Furos de Breves, labirinto de canais verdejantes de florestas nas margens, que se comunicam, se ramificam, se anastomosam, se cruzam, se repartem numa orgia de ramos e galhos fluviais. Certos furos no Amazonas imprimem a ilusão, principalmente nas cheias, de que alguns afluentes têm duas, três, quatro e cinco bocas, daí os erros de muitos especialistas, que afirmam ter este ou aquele rio muitos desaguadouros.

Fuxicar – Intrigar. Encrencar. Contar mentiras. Embrulhar situações. Ele já vai fuxicar. Aquilo parece que tem bicho carpinteiro. Só vive fuxicando.

Fuzuê – Briga. Complicação. Rolo em bailaricos. Tempo fechou na sala, compadre, e foi um fuzuê da nossa morte. Primeiro que voou foi candeieiro. Quando a polícia chegou estava tudo em fanico: cadeiras, espelhos, instrumentos. Comadre Chiquinha levou um tapa-olho tão violento que o farol de bombordo se apagou, lá nela, coitada.

.....
Nota do segundo volume da 1ª edição

DEPOIS que circulou o 1º volume* d' O meu dicionário de cousas da Amazônia surgiu quem me chamasse a atenção para aquilo que determinadas pessoas, aliás de boa fé umas, venenosas outras consideraram lacunas do livro, isto é: a ausência de vocábulos que deixaram de ser registrados entre os demais verbetes, artigos, como diria o insigne dicionário Antonio Morais e Silva. A falta de certos bichos, plantas, rios e termos de uso comum na Planície gerou tal crítica. À primeira vista a razão está com os meus censores; de fato, entretanto, não o está. Se aos dois tomos se houvesse chamado de Dicionário de cousas da Amazônia, transeat, os argutos vocabulistas se podiam considerar vitoriosos. Eu, porém, muito de propósito e avisadamente, alvejando logo o objetivo de colocar a obra no seu devido lugar, a tracei em moldes restritos e a chamei de O Meu Dicionário.

Fugi desse modo, a um vocabulário infundável, exaustivo, puramente cacete, sem beleza, sem vibratibilidade, capaz de fazer dormir o temerário que se arriscasse a tê-lo. Seria um novo flagelo mental. Não pretendi, pois, como se procura ensinar malignamente, fazer um trabalho de consulta,

* O primeiro volume desta obra reuniu da letra A à letra F inclusive. Este texto é a introdução do segundo volume, da letra G à letra Z, que se reuniu nesta edição ao primeiro volume da 1ª edição, constituindo aqui a obra num volume só. [Nota desta edição].

repetindo palavra por palavra, definição por definição, banalidade por banalidade do que já existe mais ou menos esparsos em glossários de brasileirismos; mas, e apenas, um trabalho alegre meu, com a sua pitada de ilustração, e, sobretudo, original, fora do âmbito de Morfeu. Nada mais fácil para mim, se desejasse impingir uma farta dormideira, capaz de fazer roncar a gente do Planeta, que inclui todos os peixes, cobras, sapos, quadrúpedes, pássaros, aves, rios, praias, árvores, termos correntes, enfim, naquelas paragens do Equador. Bastava abrir e copiar mazoramente das xerografias e livros especializados o que neles se contém. Para isso, entretanto, não chegariam vinte grossos volumes, em corpo seis, e dentro da maior síntese possível. Graças aos deuses e às onze mil virgens nunca pensei em tal xarope. O que eu desejei e desejo, animado inquestionavelmente por Belzebu, que vive dando ao rabo quando um cristão faz alguma pilhéria com os pseudo-eruditos, foi mostrar da Amazônia aquilo que se me afigura interessante; aquilo que eu julgo curioso, engraçado, notável, através da botânica, da zoologia, do vento, da água, da terra, do céu, do homem e da lenda. Isto explicado, ninguém deve esperar que O Meu Dicionário mencione tudo que há no verde e luminoso vale, deste o mistério das estrelas à fertilidade das minhocas. A obra, em moldes bojudos e rebarbativos como queriam alguns manufatureiros da moléstia do sono, tomaria proporção de tal modo perigoso, que o seu aspecto amedrontador, de bichofolharal —, mil, duas mil, cinco mil páginas — lembraria o Dicionário do Sr. Cândido de Figueiredo, que Deus tenha no reino da glória. Dessa amplitude, fatalmente, gerar-se-iam bate-bocas, controvérsias polêmicas semelhantes às que sucedem em torno da obra do minudente lexicógrafo de além-mar; se não me atraíssem, como também aconteceu ao autor luso, taponas e bengaladas. Ora, o intento deste trabalho inocente, sem complicações gramaticais nem buracos filológicos, é outro, tanto mais respeitável quanto gentil com o público pela repulsa que oferece ao registro de gato e sapato daqueles meus glaucos e amados ermos. O que se procura contar aqui, sem adormecer os incautos, são fatos curiosos, incidentes picantes, fenômenos exóticos, definições pitorescas, circunstâncias da vida e da morte mal entrevistados pela coletividade. Desde que me refiro, por exemplo, de preferência ao candiru, peixe pequenino e que entra em qualquer orifício do corpo humano, deixando de parte o surubim, peixe grande, que apenas entra na panela em virtude da sua finalidade alimentícia, é porque julgo o peixe menor mais interessante. Eis, em linhas

gerais, o espírito d'O Meu Dicionário. E' claro que, á proporção que ele se for reeditando (na profecia do eminente e festejado mestre João Ribeiro), ir-se-á ampliando com outros verbetes, novidades que me ocorrerem, não porque existam na Amazônia, sim porque sejam curiosos, dignos, em suma, de figurar numa galeria de quadrinhos, meio sérios e meio risonhos, ante os quais o que se aspira é o freguês de olhos abertos. Se eu sou contra a morfina, o ópio, a liamba, os entorpecentes, em geral, como não havia de ser hostil ao maior narcótico literário que é um dicionário completo? Caso me tivesse passado pela mente que o simples título da obra, que tanto o restringe, não seria compreendido por todos os leitores, como o foi pelas grandes individualidades da crítica, esta nota já teria sido estampada no 1º volume.

Rio, 15 de junho de 1931.

RAIMUNDO MORAIS.

.....

G

Galeota – Canoa maior que a igarité, com tolda corrida, tendo a ré um compartimento fechado. É a embarcação usada no comércio de regatão.

Gamboa – Cercado de talas para apanhar peixe nas praias. Também se fazem gamboas de pedra.

Gaponga – Instrumento de pescaria. É o simples caniço aumentado com uma boia de madeira leve, na linha, um palmo acima do anzol, destinada não somente a produzir, pelo baque na água, o som da queda de frutos aquáticos, tais o jauari, o taperebá, o catauari – como também a manter a isca a meia-água, sem chegar ao fundo, de modo que o tambaqui a veja de baixo para cima.

Gapuiar – Pescar ao acaso nos baixios com “puçá”, com arpão ou flecha, fora da canoa. Apanhar camarões, mariscar pequenos peixes à ventura, nos lugares rasos, andando com água pelos joelhos.

Garapa – Caldo de cana. Sumo extraído, por meio de moendas, da cana-de-açúcar. Prove esta garapa, coração. E’ doce, doce. Cana veio de Igarapé-miri. Tome um copo de garapa, major. Vaçuncê está muito suado. Garapa azeda, posta no sereno e bebida em jejum, é tida como tonificante, ferruginosa. Você está assim amarelo é de safado. Tome garapa azeda, serenada, que você vai ver como fica.

Garoa – Chuva miudinha, que não chega a ser chuvisco.

Gasolina vegetal – E’ o óleo fino do louro namuí. Com cheiro vivo da te-rebintina, de propriedades combustíveis, produz a mesma explosão nos motores que a gasolina. Faz também as vezes da aguarrás.

Gavião-real – (*Harpia destructor*) – Ave de rapina diurna. Espécie de águaia da planície. Há alguns que medem dois metros duma ponta da asa à outra. Suas patas são verdadeiras garras. Quando os galináceos o sentem planando no ar, o susto não é deste mundo. Reina verdadeiro pânico. Além deste gavião há o acauã (*Herpetotheres cachinans*), que come cobra; o pega-pinto (*Rupornis magnirostris*), que devora ninhas; o pega-macaco (*Spizaetus tiranus*), do qual os saguis têm pavor; o cauré (*Falco albigularis*), o menor de todos, porém o mais atrevido, e muitos outros, sem esquecer o gavião panema, símbolo da caipora, do azar. Quando se quer traduzir calorosamente, no vale amazônico, a urucubaca dum sujeito basta dizer: aquilo é pior que gavião-panema. Não pega nada.

General – (*Gardenia florida*) – Flor branca maior que um cravo, e de menor número de pétalas. Tem um vivo perfume. Dizem ter sido o general Andreia que, de tanto trazê-la ao peito na capital paraense, lhe deu o nome de general.

Gengibre – (*Zingiber Officinalis*) – Do rizoma, pequeno, apimentado, faz-se a gengibirra. E’ parente da mangarataia. Parece ser indiano. Medra com facilidade no vale.

Gênio – Índole. Temperamento. Caráter. Há uma ligeira restrição no sentido

com que a gente amazônica usa este vocábulo, porque só o aplica nesta acepção: Mariquinha é geniosa, isto é, zangada. Que rapaz de gênio barulhento. Você tem muito gênio, seu Sinzenando, só responde com quatro pedras na mão. A não ser na camada culta, não empregam a palavra gênio como princípio inspirador de arte, de virtude, de ação, de formidável talento; e muito menos como espírito sobrenatural que preside ao bem ou ao mal no destino dos homens. Aquilo é um gênio poético. É o gênio da raça que nos guia.

Gira – Idiota. Cretino. Maluco. Aquela sujeito é gira, parece que tem um parafuso frouxo. Lá vem o gira. Ontem queria tirar a roupa na avenida, é gira.

Goiaba – (*Psidium guaiava*) – Pequena árvore. Carrega muito. Os frutos amarelos, redondos, pouco maiores que o limão, têm polpa vermelha, cheia de carocinhos do tamanho de bagos de escumilha. Há uma variedade verde, longa, de polpa branca. Faz-se da massa a célebre goiabada. O doce do fruto, em calda, é muito delicado no paladar e no perfume. A madeira é adstringente. Tem muito tanino. Medra com tal facilidade, que mais mata todas as plantas, e toma conta do terreno fazendo verdadeiros goiabais.

Gonçalves Dias – O grande poeta maranhense também peregrinou na Planície. Esteve em Manaus. Embebeu-se naquela natureza doce e hostil, branda e rústica, quieta e tormentosa. A sua exaltada imaginação, a sua vibrátil sensibilidade tolhem-lhe a segurança visual, a perspectiva direta. Foi, pois, sob o fio luminoso do Equador, um mau naturalista: não sabia observar. O que se lê dele, com fogo e beleza, não há dúvida, a respeito da Amazônia e dessas lendárias guerreiras que sovaram Orellana,

já se lera em outros livros. De seu, nem uma nota nova e original. Porque o condão dos poetas talvez não seja ver, mas inventar, ou, pelo menos, entrever somente. Os maiores poemas do universo, que cantam os dramas surpreendidos na luz idealista dos troveiros e rapsodos, só crescem e vingam dentro da ficção, incluindo mesmo os de Homero, que descreviam batalhas.

Graúdo – Sujeito importante. Chefe político. Coronel. Chegou um graúdo da capital. Dizquê vem fazer a eleição pro governo. Quem não votar com ele parece que é recrutado.

Graveto – Galho seco, fino, combustível, caído da árvore e que se encontra no chão das florestas. Também o chamam sacaí.

Grávida – Pejada. Que vai dar à luz. Também dizem de barriga. Mulher do compadre Cornélio está grávida outra vez. E' filhenta que é danada. Será que comadre Miquelina já esteja outra vez de barriga? A neta do Pafúncio está engordando de repente. Aquilo é gravidez.

Grilo – Inseto, triturador, que salta e tem órgãos estridulantes. Verdes, ao cair da noite, zunem por toda a parte. Há o *grilo doméstico*, que vive em casa, e os *grilos campestres*, que habitam no mato. Há uma espécie chamada “paquinha”, que mora nos jardins, em galerias, dentro da terra. As crianças caçam-nas. Olha uma paquinha que eu peguei, meu mano! Os grilos vivem zunindo. São músicos, boêmios incorrigíveis como as cigarras, segundo a lenda, hoje desvanecida por Fabre.

Guá – L. G. Vale. Seio. Bacia.

Guajará – (*Chrisophyllum et lucuma*) – Nomes científicos do guajará preto e do guajará vermelho, que medram na terra firme. O branco da várzea foi, sem dúvi-

da, o que deu o nome à baía do Guajará, porto de Belém, capital do Pará.

Guará – (*Ibis rubra*) – Pernalta de pernas escarlates. É domesticável e próprio para os lagos nos parques.

Guaraci – Deus autóctone. Encarnase na figura do Sol. É o criador da vida animal, uma espécie de Júpiter do grande Olimpo selvagem. Seus louros raios celestes emprestam a tudo o movimento e a vida, a inteligência e a sabedoria.

Guarafeno – É curiosa a projeção do guaraná através da indústria e da farmacopeia. Porque a base do “Guarafeno”, remédio maravilhoso para dores de qualquer espécie, é a essência da semente daquilo que o índio chama “cupana”, os botânicos *Paullinia surbilis*, e a coletividade, guaraná. Tudo quanto é dor o guarafeno atalha, corta, desfaz, seja nevralgica, intestinal, ciática. Daí a lenda corrente sobre o guaraná, de frutos vermelhos, cujas sementes primitivas foram regadas com as lágrimas duma tribo pela morte de uma criança aborígine que só fazia o bem. Enterrados os olhos do menino repontaram em bagos encarnados, frutos do guaraná, do qual se faz o guarafeno, que cura todas as dores.

Guaraná – (*Paullinia surbilis*) – Sapindácea. Planta arbustiva, trepadeira, de cujos frutos se faz o famoso refresco guaraná. Os índios chamam-na *cupana*. O seu reduto, isto é, o habitat silvestre em que ela medra, é a Mundurucânia. Maués é o foco de exportação comercial desse produto. Refrigerante dos mais apreciados, quer no paladar, fino, esquisito, quer nas virtudes terapêuticas da bebida, que é estomacal e tonificante, espera apenas ser conhecido no mundo para conquistar todos os mercados.

Gurapeva – L. G. Viola, instrumento de corda.

Guererê – Alimento. Guisado que o caboclo faz das vértebras dorsais e da tripa grossa do pirarucu.

Guiana – Formidável ilha entre os estados do Pará e Amazonas e o Atlântico, nessa bacia imensa que se chama a Amazônia brasileira. Apesar de se encontrarem na vasta planura ilhas de dimensões inconcebíveis, verdadeiros países, como, por exemplo, a do Bananal, no Araguaia, a do Marajó, no estuário do rio-mar, a de Tupinambarana, entre Parintins e Borba, no Estado do Amazonas, nenhuma atinge as dimensões da ilha que é toda a região guianense, brasileira, francesa, holandesa e inglesa, invadindo a Venezuela. Formada por várzeas e firmes, ao centro, como a espinha dorsal de um monstro, articulam-se, nela, em vasta cordilheira, as serras do Tumuc-Humac, do Acaraí, do Parima, *divortium aquarum* de grandes rio que deságuam para o mar e para a bacia amazônica. Banhada ao norte pelo Atlântico, ao sul pelo Amazonas, a leste pelo estuário deste e a oeste pelo canal do Caciquire e rio Orenoso, representa uma extensão de terra incalculável, onde correm águas como as do Negro, Branco, Trombetas, Nhamundá, Maecuru, Paru, Jari, Maracá, desaguando no vale amazônico, e rios como o Calçoene, Caciporé, Oiapoque, Essequibo, desaguando no Atlântico. Demoram-lhe, em flancos opostos, Caiena, Paramaribo, Georgetown, Manaus, Itacoatiara, Faro, Óbidos, Alenquer, Monte Alegre, Prainha, Almeirim. No sistema insular do mundo, através de todos os aspectos mesográficos, talvez só a Austrália leve vantagem, em extensão, à ilha Guiana, que forma o aro

esquerdo da pétrea muralha que circunda a desmesurada planície equatorial.

Guinada – Desvio na singradura dos navios ocasionado pelos rebojos, estoques de água e mesmo pela falta de cuidado do homem do leme. Olha essa guinada, marujo. Atenção no governo. Ficaste fora do rumo. Mais a boreste. Mais a bombordo. Andar assim.

Guirá – L. G. Pássaro. Ave. Alado.

Guiratinga – L. G. Nome por que o índio chama a garça. Mesmo domesticada, é perigosa. Fura os olhos das crianças. A pequena *Ardea candissima* dá uma *aigrete* delicada. As penas da grande, *Ardea agretta*, também chamada garça real, não tem o va-

lor da menor. Há também a garça morena, dum branco sujo. Pousadas em certas árvores, na beira dos lagos e dos rios, lembram grandes buquês de noivas, de tal modo encobrem a folhagem.

Guirapepô – L. G. Asa.

Guri – Criança. Menino. Vê o que este guri está fazendo. Já comeu todo o açúcar. Guri danado. Segunda-feira já vais pra escola.

Gurijuba – (*Arius Luniscutis*) – Peixe de mais de metro, vive nas águas submarinas do Pará. E' pegado a espinhel. Comida de pobre. O grude é exportado para o estrangeiro onde fazem dele cola.

.

H

Henrique A. Santa Rosa – Engenheiro. O seu trabalho principal, *História do Rio Amazonas*, é uma síntese luminosa da terra e do homem sob a luz viva do Equador. A Planície emoldurada de montanhas, abrindo o seu anfiteatro para o Atlântico, surge no racconto de Santa Rosa desde os vagidos iniciais no seu berço aquático. Mas se a primeira parte deste belo volume é uma crônica telúrica lavrada nas argilas e nas pedras, nas planuras e nas cordilheiras, a segunda é uma crônica etnográfica onde surge, numa Babel bíblica, as raças, as tribos, os índios. Numa e noutra parte o notável paraense revela a sua capacidade de engenheiro que vê firme e que vê certo todos os aspectos do Vale.

Henry A. Coudreau – Francês. Explorador. Fazia seus trabalhos acompanhado da esposa, que depois lhe sucedeu, completando-lhe a obra. Embora tivesse palmilhado as abas do sul da bacia, os seus mais vivos esforços se dirigiram para as terras guianenses, onde errou, durante muito tempo, em demoradas observações científicas. *La France Equinoxiale* reflete-lhe, nas descritivas, os belos panoramas alpestres dessas lindes, os encacheirados cursos d'água, o espinhaço e as corcovas telúricas da cordilheira do Tumuc-Humac, *divortium aquarum* da rede fluvial que corre para o Amazonas e para o Atlântico.

Henry Ford – O período de transição na Amazônia, entre o mistério e a luz, vai fechando o seu ciclo sombrio com a nota

viva das realizações que marcam um instante de claros, luminosos horizontes nos destinos nacionais. A fábula dos tesouros encantados, desse maravilhoso Eldorado, que os flibusteiros, almirantes, piratas, frades, soldados e ladrões procuravam por todos os quadrantes do vale equinocial, e, principalmente, nas orlas do Parima, desfecha agora, pela mão propiciatória de Henry Ford, numa chuva de ouro, chuva de ouro fecunda como aquela derramada por Júpiter em prol dos seus anseios amorosos. De maneira que o trecho da Amazônia paraense, dessa admirável e pitoresca Tapajônia, colo augusto da terra onde jazem o carvão, o petróleo, e, conseqüentemente, o ferro, em vez de ter uma divindade autótone que lhe arranque das entranhas a riqueza e o esplendor, tem, nestes positivos dias, de acordo com o materialismo do século, apenas um homem, grande por certo na inteligência e no trabalho, na visão e na finalidade, que faz o mesmo prodígio das fadas: Henry Ford. Sua áurea moeda fecundante de imaginativo empreendedor vai realizar ampliadamente ainda aquela profecia de Humboldt: a Amazônia será o celeiro do mundo. E dizemos ampliadamente porque a projeção de todo esse hercúleo esforço não se limitará ao celeiro, indo seguramente a formidáveis usinas. Além das plantas que o homem símbolo do pavilhão estrelado anda fazendo brotar aquele setor afortunado do Pará, retomando, assim, do Oriente o nosso posto perdido de primeiros exportadores de borracha, ele transforma a plaga em fábricas. Charruas e dínamos, acionados pela força metálica desse abençoado miliardário, levarão

a Amazônia, tida como peso morto no Brasil por um mau observador do Prata, aos pináculos agrícolas e industriais.

Honra, pois, aos sentimentos empreendedores desse ianque chamado Henry Ford, que está edificando na face da imensa planície equatorial a Fordlândia roncante de máquinas e povoada de árvores; e, o que é mais, transformando um trecho desabitado do Brasil num dos núcleos mais movimentados do Planeta. Mas, o que sobretudo nos impressiona e alegria na obra que o rico homem está desdobrando na minha terra, é a restauração do nosso prestígio e do nosso predomínio na indústria da borracha. A plantação da seringa dentro de processos modernos, no seu próprio habitat, vai de novo restituir ao Pará o antigo bastão de primeiro exportador não só da hévea, porém, o que é tudo, da melhor hévea do mundo. Associa aqui o Amazonas. E isso consubstanciando logo o que se deve fazer para aniquilar o competidor do Oriente: a estandarização do artigo e a redução do preço. Porque só podemos destruir o adversário longínquo, ao mesmo tempo em que impedimos o nascimento de novas empresas em outros pontos do Planeta, diminuindo o preço do quilo ao mínimo, de maneira que ninguém, por mais poderoso, se anime a concorrer com as nossas baixas cotações. A valorização da nossa goma-elástica tem que repontar da sua desvalorização. O paradoxo, aparentemente inexpressivo, é, de fato, resultante das leis econômicas e constitui a única defesa do nosso produto. O café está

em crise porque lhe elevaram o custo, e a Colúmbia, atraída pela miragem, entrou no mercado prejudicando-nos. Cumpramos afastá-la reduzindo o preço do café. Sozinhos na Amazônia, sem o auxílio do ouro fecundante e protetor, jamais poderíamos realizar o milagre da reconquista de um mercado perdido, como era o da borracha. O exemplo das grandes exportações pelos mínimos preços deixarem os mais lucrativos resultados funda-se na própria indústria dos automóveis Ford. Carros muito perfeitos e baratos, projetaram-se no mundo enriquecendo o homem que os ideou.

Henry Walter Bates – Naturalista inglês dos mais verdadeiros e fiéis, como observador, dos que andaram por aqui. Fala encantado do nosso clima. Dos onze anos que ele viveu na Amazônia, nove residiu em Ega, hoje Tefé, no Solimões. Suas apreciações sobre hábitos, costumes, natureza do vale são preciosas pela verdade que encerram. Durante sua longa estada na Planície colecionou 14.712 espécies animais, sendo 8.000 novas. Constatou ainda no raio de uma hora de excursão em torno de Belém, metrópole paraense, a existência de 700 espécies de borboletas. “Foi, graças à extrema variedade dos lepidópteros”, diz Reclus, “que Bates pôde fazer aqueles estudos comparados sobre o transformismo e o mimetismo, que tanto contribuíram para munir de argumentos o autor da *Origem das Espécies* e consolidar sua hipótese.” As suas observações étnicas sobre a fidalguia, a nobreza e a distinção rude e altiva dos mundurucus, são de raro flagrante.

.....

I

Iaguara – L. G. Cachorro.

Iaiá – Donzela. Senhorita. Mocinha

Iaquá – L. G. Ponta. Cabo.

Iara – Deusa autoctone. Emprestando-lhe atributos de formosura tais, que seduzem os homens. Tem castelos no fundo dos rios, dos lagos e baías recobertos de algas e ninfeias. Aparece na figura do boto; aí, porém, já no caráter masculino, seduzindo as mulheres, arrebatando as cunhantãs para o fundo. Neste segundo caso alguns folcloristas chamam-na de Uiara. Essa aplicação, porém, está em completo desuso, ou porque a forma feminina das divindades seja, de fato, a real na mitologia do aborígine, ou, então, porque ultimamente nós, homens, apenas e somente tenhamos sido as vítimas. É iara a beça, nestes últimos tempos...

Ibi – L. G. Terra. Solo. Chão.

Ibicuí – L. G. Praia de areias.

Ibipeba – L. G. Terrachã. Planície.

Ibitu – L. G. Vento. Ar. Atmosfera.

Içá – Formiga. Também conhecida por tanajura. Os índios gostam dela por causa da gordura. Comem-lhe o traseiro.

Icaraíba – L. G. Água benta.

Ig – L. G. Água.

Igaçaba – L. G. Urna funerária na qual o selvagem enterra os mortos. Forte, jarro, cântaro para guardar água.

Igapará – L. G. Largo canal. Vasto braço de rio.

Igapó – Floresta alagada. Charco onde vegeta a mata aquática. Lagos de água escura e transparente recoberto de selva. Em ge-

ral não se vê um raio de sol no igapó. Tudo por cima é galho e folhagem. A abóbada é verde. Os grandes troncos de árvores mergulham na linfa cristalina, porém negra. Os peixes do igapó são especiais. É o jeju, o tucunaré, o poraquê, a piranha, o tamuatá, o acari, o tambaqui. Dos quelônios, o que mais gosta do igapó é o matamatá.

Igarapaba – L. G. Porto.

Igarapé – Caminho de canoa, segundo a tradução precisa do tupi para o português. Riacho amazônico, ribeiro, curso em miniatura que tem, como os grandes, todas as características fluviais. Principia sendo central, oriundo da hinterlândia, por mais insignificante que seja o seu curso; tem cabeceira, declive, voltas, afluentes *gitos* e *foz*. Não entra e sai no mesmo rio como os paranás. Quem viaja num igarapé, mesopotâmia a dentro, tem a noção fiel dos grandes caudais da Planície, tal a semelhança dele com os maiores rios. Assim como na dos lagos, nenhuma canoa lhe pernoita na boca, onde se encontram batendo, fungando, mergulhando, nadando, jacarés, botos, sucurijus, poraquês, piraias que aí devoram os peixes miúdos erradios. De noite, a foz dum igarapé é um verdadeiro inferno, um lugar pavoroso das nossas lendas, tais os ruídos dantescos que se ouvem.

Igaretê – L. G. Cachorrão, onça.

Igarité – Canoa grande, maior que a montaria e menor que a galeota.

Iguaguaçu – L. G. Grande estuário.

Impostor – Que não é o que diz ser. Que aparenta uma cousa e é outra. Ele diz que é doutor, mas não é. Aquilo é um impostor. Em cada terra que ele chega diz uma cousa. Diz que era coronel na Tutoia, agora diz que é farmacêutico. Em Pernam-

bucu era dentista, em Belém palhaço de circo. O que ele é, é impostor.

Indez – Ovo destinado a acostumar a galinha a pôr num certo lugar. Esta ananica, sem indez, bota em toda parte. É ovo no quarto, na cosinha, na dispensa. Arranja indez pra ela. Assim é aquela perua do divino; sem indez faz ninho por todos os cantos. Não será a forma popular de index latino?

Ingá – (*Inga*) – Leguminosa da beira d'água. Os frutos são vagens compridas com vários capulhos de polpa branca e doce. Há o ingá-cipó, o ingá-chichica, o ingá-de-macaco.

Inhambu – Galináceo sem cauda, pequenas asas, pedrês, nutrido de carnes. Caça delicada. Anda no chão da mata. Tem um canto triste. Há o inhambu-açu (*Tinamus tao*), o inhambu-relógio (*Crypturus strigulosus*) o inhambu pixuna (*Crypturus cinereus*).

Inho, zinho – Diminutivo que acompanha os verbos para dar um tom afetuosos, de carinho, de mágoa. Estazinho doente, não querendo comer nada, embarcou forçado, emagreceu do dia pra noite.

Inimigo – Diabo. Também chamam Tinhoso. Credo meu S. Benedito, parece que o Inimigo não sai desta casa.

Inúbia – L. G. Trompa de guerra feita de madeira. João Ribeiro, o grande polígrafo, contesta a definição.

Ipadu – (*Erythroxylon coca*) – Arbusto donde se extrai a cocaína. Os caboclos torram-lhe as folhas, fazem delas um pó, que, misturado ao pó das folhas também torradas da embaúba, e adicionadas ao polvilho da tapioca, constitui o ipadu, anestésico que pescadores e caçadores trazem na boca durante o serviço para enganar a fome.

Iracema – L. G. Destilando mel.

Iramaia – L. G. Mãe do mel. Abelhamestra.

Iraúna – (*Cassidix orysivora*) – De plumagem escura com reflexos roxos é um verdadeiro parasita do japim, que lhe cria os filhos, pois a iraúna deita os ovos no ninho do grande cantor. É tida como o melro da Planície.

Iriri – L. G. Molusco. Ostra. Lamebrânquio.

Irundi – L. G. Quatro.

Itaboca – L. G. Lapa. Pedra furada. Penhasco solapado.

Itacape – L. G. Espada.

Itacoatiara – Pedra pintada. Cidade do Amazonas a 103 milhas a jusante de Manaus. Ao presente é o núcleo municipal, depois da metrópole amazonense, de maior florescimento. Os últimos melhoramentos que ali se observam, notáveis pelo esforço, abnegação e honestidade com que foram realizados, devem-se ao grande prefeito que ali esteve: Isaque Peres. Itacoatiara também se distingue das outras cidades amazonenses, pelo Curro Modelo que possui, obra de Euclides Figueiredo Dias, um industrial infatigável, probo, distinto, honra da inteligência e do homem da Planície.

Itaiubareru – L. G. Tesouro.

Itajubá – L. G. Ouro. Pedra amarela.

Itajubarana – L. G. Cobre. Pedra amarela falsa.

Itamaracá – L. G. Sino de igreja. Grande maracá de pedra.

Itamembeca – L. G. Chumbo. Pedra mole.

Itanhaém – L. G. Panela ou tacho de cobre. Vaso de metal. Bacia de pedra.

Itapicuru – L. G. Cheio de cascalho, de seixos. Pedra áspera, eriçada de protuberâncias. Rio paraense.

Itapira – L. G. Monte. Serra. Outeiro. Colina.

Itapuá – L. G. Arpão de haste curta.

Itaquicé – L. G. Faca.

.....

J

J. Barbosa Rodrigues – Botânico brasileiro que andou por aqui. Escreveu em francês uma grande obra, na beleza e no tamanho, *Sertum Palmarum*, pois os dois lindos e enormes volumes pesam cerca de 80 quilos. Uma cousa para ser manuseada por gigantes. Também escreveu a *Velosia* e o *Muiraquitã*. A primeira em latim. Era um apaixonado dos vegetais, e tinha, como Von Martius, alegria em descobrir no seio da floresta, no campo, na orla do rio, um novo exemplar do povo de *Dea Palmaris*. Se Von Martius é conhecido por amigo das palmeiras, o autor destas linhas já chamou a Barbosa Rodrigues o irmão das mesmas, de tal modo a sua vida se agitou no coração do Pindorama.

Jabá – Nome por que é conhecida a carne salgada, em mantas, que vem do Rio Grande do Sul, acondicionada em fardos de serapilheira. É o principal alimento do seringueiro nordestino nos altos rios. Come-se muito na Planície de várias formas, mas sobretudo assada na grelha e com feijão. A carne seca do Ceará é chamada “da granja”. E a da Amazônia, “de sol”.

Jabuti – (*Testudo tabulata*) – Quelônio da mata. É o bicho sete-ciências da Planície. Em todas as lendas lá está ele bancando a raposa do Velho Mundo. Corre mais que o veado, tem mais força que a anta, engana o homem. Qualquer festa no Céu, ele é um dos primeiros convidados a chegar. O fígado da jabota é magnífico.

Para fazê-la maior, congestionando-a, antes de matá-la, jogam-na três vezes ao ar.

Jaburu – (*Mycteria americana*) – É o maior pássaro desta parte do continente depois da ema. Tipo de cegonha, vive pensativo pela margem dos lagos. Constrói o ninho de gravetos sobre árvores altas nos campos alagadiços. Ao tempo em que procria, fazem-se cargas de cavalo com os filhotões que, salgados, são magníficos.

Jacamim – Pássaro. Doméstico, é um grande amigo do homem. Conhece o dono da casa. Ajuda a galinha a criar pintos. Ventríloquo, o seu esturro ouve-se longe. Há o de costa cinzenta (*Psophia crepitans*), o de costa branca (*Psophia leucoptera*), e de costa dourada, ouro velho (*Psophia obscura*).

Jacaré – (*Aligator*) – É o maior hidrossáurio da Planície. Voraz, devora todos os animais, de parte a onça, que o come pelo rabo sem que ele faça um movimento. A fêmea desova em terra, cobre os ovos com folhas e galhos, e fica de longe espiando até o sol produzir a ninhada. Há várias espécies na Amazônia. O jacaré-açu (*Caiman niger*), o jacaré-coroa (*Caiman palpebrosus*), e o jacaré-tinga (*Caiman sclerops*). A cauda deste último é muito apreciada como iguaria.

Jaci – Deusa autóctone representada na imagem da Lua. É a mãe da vida vegetal. Desde a erva até as sumaumeiras, é ela quem as cria, defende e sustenta com seus doces raios brancos.

Jacitara – (*Desmoncus*) – Palmeira trepadeira. Parece um junco. Tem a casca muito flexível, própria ao fabrico de estei-

ras, balaios, paneiros. Entaniçam tabaco com ela.

Jacques Huber – Botânico, diretor do Museu Goeldi, intrépido pesquisador da flora amazônica. Não teve, decerto, a penetração de Spruce nem a grandeza de Martius, mas foi um perquirente observador do nosso reino vegetal. Seus trabalhos e *Hevea Bethamiana*, sobre a *Hevea Collena*, sobre *Materiais para a flora amazônica*, sobre *A vegetação do vale do rio Purus*, além da *Origem das colônias de saúva*, e muitos outros, revelam o pesquisador solícito, o enamorado da natureza. Discordo entretanto do eminente naturalista a respeito da pátria da pupunha, que ele suspeita ser no Peru, e eu afirmo ser na Amazônia. Porque, ainda não penetrei na mata do grande vale, sem encontrar a pupunheira em estado silvestre, vivendo nativa, com todos os caracteres de quem medra no seu habitat. Surgirá, talvez, como argumento, para contraditar-me, a bananeira (*Musa paradisiaca*), que vive na Amazônia como na pátria de origem. Há, porém, uma circunstância a observar: a bananeira não é encontrada silvestre. Somente por onde já passou o homem é que se ela encontra, vindo daí a certeza com que alguns historiadores denominam um ciclo brasileiro de época pré-banânica. O fato de existir a banana-sororoca, nativa, é mais um documento. A pupunha é amazônica, tanto mais fácil de constatar quanto é múltipla a variedade que se nota. É de Huber o belo estudo sobre o polimorfismo nas folhas do abacateiro.

Jacuaru – (*Tupinambis esp. div.*) – Sáurio conhecido por papa-ovos. Come frutos, insetos, passarinhos, tem a língua fendida e a cauda longa.

Jacu – Pássaro que recorda o faisão. Há várias qualidades. O jacupema (*Penelo-*

pe superciliaris), o jacu vermelho (*Penelope pileata*), o jacu pintado (*Penelope boliviana*). Vive em bando.

Jacumã – Remo que serve de leme na popa da canoa e é empunhado pelo jacumaúba, piloto que rema, impelindo e dirigindo ao mesmo tempo. Quem vai pegando agora o jacumã é o João Cabeludo.

Jacumaúba – Piloto de canoa. Pessoa que pega o jacumã, isto é, que dirige a montaria ou igarité com um remo de mão à popa. Quem pega o jacumã? Não gosto da Filomena pegando o jacumã, canoa fica doida. Pegue você, compadre. Também se emprega no sentido figurado, sobretudo político. Disquê agora ele é o jacumaúba do partido do governo. Mas parece que canoa dele está furada.

Jacurutu – (*Bubo crassirostris*) – Ave de hábitos noturnos, vive na floresta. Ataca os pequenos mamíferos e os pássaros, chegando mesmo a investir contra a paca. E' tida como agourenta.

Jamaru – O mesmo que cuiambuca. Cucurbitácea furada ao alto para servir de vaso, depósito de água.

Jambu – (*Spilanthes oleracea*) – Planta herbácea, de flores amarelas. Usa-se muito cozinhada no tucupi, principalmente naquele que é misturado no tacacá. De leve sabor travoso, faz tremer o beijo.

James Orton – Naturalista que desceu a planície. “Nas barrancas de Pebas (copio Elisée Reclus) no Maranhão peruano, descobriu Orton no seio das camadas da argila multicolor uma fiada de conchas marinhas compreendendo 17 espécies, todas extintas, que pertenceram ao fim da época terciária.” Foi com esses documentos que ele contestou a teoria de Agassiz sobre as geleiras e o período glacial no Equador, contestação apoiada por Darwin e Haeckel. Dessa opi-

nião de James Orton contrária a Agassiz e à ideia, entre os discípulos deste, de vir à Amazônia uma expedição científica estudar o assunto. Chefiada por Hart, e composta por Branner, Orville, Rathbun e Herbert Smith, essa expedição, que vinha com o sentido de apoiar o mestre, concluiu que Agassiz estava errado.

Jamundá – L. G. Que furta. Ladrão. Povo de larápios. Também chamam Nhamundá. Rio que divide, pela margem esquerda do vale, o Amazonas do Pará. É de água preta e desemboca numa série de lagos.

Jangada – Grande número de toros de madeira flutuante, principalmente de cedro, amarrados em quadriláteros, com aspecto de um vasto estrado à flor d'água. Algumas têm duas e três fiadas sobrepostas, calando mais que um couraçado de esquadra. Esses toros foram árvores tombadas no caudal, com o desabamento da terra, e que vinham de bubuia na corrente. Cortadas as raízes e os galhos, ligados uns aos outros por cabos e cordas, constitui a jangada trazida para os mercados compradores de Manaus e Belém. Parecem verdadeiras cidadelas flutuantes, com uma, duas, três casas de moradia, galinheiro, curral de porcos e tartarugas, mastro. Derivam com a corrente. Algumas vão até aos Furos de Breves, onde se desmancham para os embarques, em virtude de encontrarem o fluxo e refluxo da maré atlântica.

Janta – Jantar. Terceira e última refeição daquelas em que a gente da Amazônia subdivide a sua maneira alimentar. Das sete para as oito da manhã, café com pão, beiju, rosca, farinha de tapioca. Ao meio-dia, almoço. Às seis da tarde janta. Fora dessas horas fixas, come-se muito. Logo ao levantar, uma xicrinha de café. No interior

soca-se o café com erva-doce. Entre o café e o almoço, pra forrar o estômago, mingau de banana verde, mingau de milho, mingau de arroz. Entre o almoço e o jantar, vinhos de açaí e cacau. A sobremesa do caboclo quase sempre se compõe de frutos crus: banana com farinha, laranja, uxi, umari, bacuri, além da pupunha e do piquiá cozidos. Janta, hoje, gente, é tambaqui. Que há pra janta, Maricota? Tamuatás. Estão uma beleza. Vou fazer panela de maniçoba pra nossa janta de domingo. Traga maniva boa, seu Januário, e atire num queixada ou caititu. Tirei na beira do jejui uns ovos de tracajá pra nossa janta.

Japá – Quadrilongo tecido de folhas de palmeira para servir de porta, tolda, teto de paperi.

Japiim – (*Cassicus persicus*) – Pássaro preto e amarelo; gosta da vizinhança das casas. Faz o ninho em bolsas de fibras pardas pendentes da frança das árvores. É o grande cantor alado da Amazônia. Tem fama de arremedar todas as vozes, menos a do tangurupará. Dizem que o bico encarnado desta ave, parecendo estar sujo de sangue, o amedronta.

Japijapa – (*Carludovica palmata*) – Bombonácea, toquila, palha do Chile. James Orton diz que ela é mais da família dos pandanus que propriamente da família das palmeiras. Entretanto o seu flagelo denuncia *Dea Palmaris*. Dá em touças e não cresce mais de 9 pés. É do seu talo, fervido e macerado, que se fazem os célebres chapéus de Chile. Há muita em Manaus, nos jardins, parques, salas. Importada dos altos rios, aclimou-se na capital amazonense.

Jaqueira – Apelido posto na Faculdade de Direito do Amazonas, quando ainda não estava oficializada. É formado, aquele sujeito? Na Jaqueira, coração. Você é ba-

charel da Jaqueira. Entretanto de lá têm saído muitos homens que honram a jurisprudência. Esse achincalhe, felizmente, e para honra do Amazonas, está passado.

Jaquiranaboia – (*Fulgor lanternaria*) – O nome indígena de jaquiranaboia quer dizer cigarra, falsa-cobra, de jaqui, cigarra-rana, falso-mboia, cobra. Colorida de jade-laranja, salpicada de branco e preto, tem em cada asa um ponto escuro circundado de amarelo, que dá ideia de farol. Voando, lembra borboleta; pousada, gafanhoto. Seu ferrão, tido como perigoso, fatal mesmo, não é mais que a tromba sugadora de todos os insetos do seu gênero. Na floresta gosta muito de sentar no tronco da copaíba. Há quem a tenha observado sobre o tóxico açazuzeiro, donde lhe vem talvez a ferretuada venenosa. A lenda sobre a jaquiranaboia é de que a sua picada é mortal.

Jararaca – Mulher danada, má, ruim. Aquilo é uma jararaca, seu Januário. Marido dela come da banda podre. É surra de cipó que o pobre não se apruma. Chega a andar magro, o coitado.

Jararaca – (*Cophias jararaca*) – De cor arroxeadada, com pontos mais claros nos flancos, barriga esbranquiçada, é um dos ofídios mais perigosos da Amazônia. Aproxima-se dos povoados. Invade as casas. Há também a jararacuçu (*Bothrops jararaca* ou *Lachesis lanceolatus*).

Jarina – (*Phytelephas macrocarpa* e *Phytelephas microcarpa*) – Palmeira do marfim vegetal, que são os caroços. Os da macrocarpa, brancos; os da microcarpa, róseos. Com eles se fazem botões, indústria muito desenvolvida na Planície.

Jasmim – (*Jasminum officinale*) – Trepadeira própria para grade de jardins, de caramanchéis, de pavilhões. Resistente à canícula, ela sobe a lavra com facilidade

planta silvestre. Suas flores alvas (fusiforme em botão), possuem um delicadíssimo perfume. As mulheres da Amazônia aromatizam sua roupa branca com ela. Há também o jasmim-da-italia (*Jasminum grandiflorum*) e o jasmim-de-laranja (*Murraya exotica*).

Jaticá – Arpão de haste comprida. Fisga, arpéu, instrumento de arremesso que se atira aos grandes peixes.

Javari – L. G. Rio da Onça. Curso lindeiro, pela margem direta do Amazonas, que separa o Brasil do Peru.

J. E. Wappaeus – Alemão. Quem não lhe conheça a origem, depois de lida a sua admirável *Geografia Física do Brasil*, atribui esse trabalho a um homem de ciência latino, imbuído de estética, enamorado da beleza, tão lindas são as suas descritivas, tão leves as suas páginas, tão decoradas as suas narrativas. Trabalho grafado em alemão, foi vertido para a língua brasileira por Fr. Lutemberger, com a colaboração, nas respectivas especialidades, de Saldanha da Gama, Orville A. Derby, Barão Homem de Melo, Pimenta Bueno Álvaro de Oliveira, Martins Costa, Ramiz Galvão e outros. Se Wappaeus não esteve na Amazônia, era um gênio de assimilação, tal a sua originalidade e a elegância de forma que aviva, na nossa memória, o caso de Reclus, que, apesar de nunca ter vindo aqui, é distinto e verdadeiro nas compilações feitas.

Jeju – (*Erythrinus*) – Peixe do mato que, em certas épocas, é apanhado aos paineiros. No Baixo Amazonas chamam-no maria-doce, devido à sua carne ser mole e vagamente açucarada.

Jenipapo – (*Genipa americana*) – Árvore vargeira, de porte comum, dá uns frutos pardos, do tamanho de laranjas

grandes, dos quais se prepara um vinho admirável. Além desse vinho, os índios extraem da massa exterior do fruto um suco, aplicado na tatuagem.

Jepê – L. G. Um.

Jequi – Armadilha em forma de funil, tecida de talas, para apanhar peixes.

Jereba – Girante. Que volteia, que plana no ar. Grande voador. Urubu (*Cathartes aura*). Chamam na Planície de jereba aos indivíduos hábeis, escovados, que logram os outros, que vivem inventando cousas do arco-da-velha, quando tudo não passa de cenário de papelão, de fita.

Jiboia – (*Boa constrictor*) – Em tamanho chega perto da sucuriju, pois vai a 12 metros de comprido e como esta não tem veneno. Seu tom de chocolate, com pintas negras, é sombrio. Os índios educam-na para caçar ratos. E' o gato da maloca e vive pelo teto das choças. Mesmo nas cidades, alguns taberneiros e quitandeiros se servem desse ofídio para espantar os ratos que lhes devoram as viandas. Não é venenosa. Sua arma é a força com que quebra os ossos da presa para engoli-la inteira depois de bem gosmada. Os velhos tapuios dizem que a jiboia, depois de desenvolvida, vai para o fundo dos rios e lagos, nunca mais voltando a terra.

Jimboçaba – L. G. Reza. Oração.

Jirau – Estrado erguido sobre achas entre o teto e o solo para guardar mantimentos nas dispensas. Palanque usado ao ar livre nas ilhas, onde a terra alaga, como pequenas hortas e jardins aéreos.

Jito – Pequeno. Miúdo. Era um peixe assim, jito, que pulou. Matupiri, será? Que camarão jito, meu São Francisco das Chagas. E' havido, madrinha. Compadre Satiro, mandou, lá de Cameté, disquê pra

senhora fazer sopa com ele. Juiz e o vigário de lá não dispensam.

João Daniel – (*Padre*) – Missionário de rara inteligência, de fulgurante estilo e peregrina imaginação. Inventor de cem aparelhos, inclusive processos de navegar, de observar, de aproveitar a energia da hulha branca. Autor do *Tesouro do Máximo Rio Amazonas*, passou dezoito anos na Planície. Escreveu a parte mais importante da memória referida, por volta de 1797, no cárcere de S. Julião, em Lisboa.

João Lúcio de Azevedo – Escritor português que formou a sua mentalidade no oriente da Planície. Veio para Belém muito jovem, subindo de caixeirinho da importante casa armadora A. Berneaud & Comp. a sócio principal. Além dos dois irmãos Augusto e Alfredo Bernaud, a firma se compunha dos três Joãos, João Lucio, João Afonso e João Borges. O primeiro chegou a grande escritor, de fundo histórico, que é hoje; o segundo, já morto, alcançou o posto de brilhante cronista; e o terceiro, marujo, capitão de navios, o casca-grossa da trindade, chegou a capitalista... Os *Jesuítas no Grão-Pará*, a obra mais importante de João Lúcio, revela-lhe qualidades de fino e vero historiador, colorista, sintético, elegante. Quem escreve esta nota capitaneou vários navios da linda frota fluvial de João Lúcio. Assim o *Rio Aquiri*, o *Rio Afuá* e o *Rio Machados*, belos gaiolas daquela época, foram comandados pelo autor do *Meu Dicionário*.

Joça – Sem importância. Que joça é essa? Não vou nessa joça. Aquilo não passa duma joça.

John C. Branner – Naturalista americano. Presidente e lente de geologia na Universidade Stanford em Califórnia. Foi

um comovido amigo do Brasil, tanto que escreveu a *Geografia Elementar*, que para sua glória, é das maiores, especialmente dedicada aos estudantes brasileiros. A síntese maravilhosa desse trabalho corre parilha com a profundidade da matéria. Os capítulos: “Geologia dinâmica”, “Geologia estrutural” e “Geologia histórica” valem por um surto admirável de sabedoria. As suas considerações sobre a Planície, que ele visitou em companhia de Frederico Hartt, quer na parte referente aos fósseis, quer na parte propriamente telúrica, honram a inteligência do homem, ilustram a evolução do Planeta, aclaram os horizontes da trajetória da Terra e da humanidade. A segunda vez que veio ao Brasil foi por conta de Edison, e no caráter de botânico à procura de madeira apropriada a certos aparelhos elétricos. Era escritor. Em 1921 publicou uma série de contos sobre os negros do Tennessee, sobre a criação, sobre o motivo por que as serpentes não têm pernas, e outros muitos curiosos e alegres. Não foi só amigo da terra brasileira, mas do homem também, no qual reconhecia gênio inventivo, inteligência, operosidade. Residiu no Brasil. Seu juízo sobre nós é valioso porque, além da cultura, possuía um grande caráter. De parte os trabalhos sobre geologia e cerâmica, publicou uma gramática da língua brasileira, o que bem demonstra a projeção da sua inteligência em todas as províncias da sabedoria.

Judas - Divertimento popular do sábado de aleluia. E’ um grande boneco figurando um homem (“O Judas bíblico”)

que amanhece enforcado no galho das árvores. Às nove horas, quando rompe a aleluia, rompe também a pancadaria no lombo do Judas até o deixarem em fânicos. Nos altos rios descem-no da corda a balas de rifle. Também usam colocá-lo numa balsa de madeira e soltam no rio abaixo. Em cada barraca ou barracão que ele passa, estronda a fuzilaria que, por fim o despedaça.

Jupati – (*Raphia tadigera*) – Palmeira que só habita em terras banhadas pelo fluxo e refluxo da maré. Do talo cilíndrico das folhas se extrai uma fibra alva, delicada, da qual se fabricam chapéus tão leves que parecem feitos de plumas.

Jurumum – (*Cucurbita maxima*) – Abóbora alimentícia que figura nas mesas regionais nas mesmas condições da batata. O filho do jurumum é magnífico.

Jurupari – Deus autóctone. É o Demônio. Aparece em pesadelos, tira a fala às vítimas, sufoca-as e aterroriza-as. Sempre que o índio se deita na mata, colhe certa folha que espanta o Jurupari, a fim de que este não lhe flagele o sono.

Jurupencém – L. G. Boca partida, rachada, dividida. Espírito Santo.

Jururu – Triste. Calado. Pescoço mole, cabeça pendida. Você anda jururu, coronel, há alguma cousa? Nunca vi compadre Anastácio tão jururu como agora. Disquê gente da cidade não quer saber mais dele pra chefe.

Jutaí – (*Hymenaea courbaril* L) – Leguminosa. Grande árvore em que as araras pousam para lhes comer os frutos. Dela se extrai a resina jutaica.

.....

L

Lacrau – (*Scolopendra morsitans*) – É um miriápode que pode chegar a seis polegadas e vive na terra, sob a casca dos paus podres. Sua ferroadada é dolorosa.

Ladino – Inteligência precoce. Curumim que responde a tudo. Criança prodígio. Este meu filho é ladino! Conta aqui pra o coronel aquela história que o padre mestre te ensinou. Eu, não. Conta, coração. Eu não. Conta, que eu te dou um vin-tém. Eu, não. Ladino, não é?...

Ladislau Neto – Alagoano. Arqueólogo. Espírito investigador, emotivo, deslumbrado. Seus passos na Planície são de sábio e de artista. A decifração, interpretação e comparação dos caracteres simbólicos da louça marajoara com as caracteres simbólicos chineses, mexicanos, egípcios e hindus, feitas por ele, valem não só por um estudo beneditino, da mais funda sabedoria, como ainda por um documento de emotividade decorativa. Cada hieróglifo soletrado nos pratos, nas tangas, nas urnas, nos jarros nheengábas, não revela somente um capítulo da história do selvagem paraense, a sua perda de civilização, a sua remota e misteriosa origem, mas, e, sobretudo, a sensibilidade do artista, da artista, diríamos melhor, que foi essa pré-histórica mulher amazônica. Revelação da graça e da singeleza, ela, criadora rústica no meio da natureza, decorava os seus cântaros e os seus ofertórios, os seus alguidares e os seus ornatos de terracota para afirmar a nós, seus arquitetos do século XX, o sen-

tido da beleza que lhe animava as mãos ingênuas e os olhos comovidos. E só uma formosa inteligência, que fosse ao mesmo tempo um novo Champollion e um grande esteta, como o era a de Ladislau Neto, poderia traduzir tudo isso com a mesma ingenuidade e a mesma comoção. O intérprete reflete, por uma afinidade étnica, os altos sentimentos plásticos e artísticos do nosso arquivo nheengába.

Lambanceiro – Falador. Contador de histórias. Como é lambanceiro este José da Horta. Lambança chegou ali e parou. Mais lambanceiro que ele só o pai. Aquilo é de família. Já o avô era a mesma coisa, lambanceiro como todos os diabos.

Lambedor – Xarope. Remédio doce. Faça um lambedor de limão que essa tosse passa logo.

Lambisgoia – Delambida. Coscuvilhadeira. Intrigante. Nunca vi uma lambisgoia como a Chica do Lago. Aquilo é sem vergonha como cachorro.

Lambujem – Gorjeta. Gratificação. Faça o trabalho que, além do que lhe compete, ainda lhe dou uma lambujem. Passe a lambujem.

Lamparina – Pequena lâmpada de querosene com pavio de algodão e asa. Acende a lamparina. Bota uma lamparina no porto. Suspende a lamparina. É o candeeiro da barraca do caboclo. Fumaça como todos os diabos, deixando uma nódoa negra na parede junto da qual ela costuma ficar. Significa também tapa-olho, bofetão.

Lancha – Embarcação de 80 pés, em média, casco de madeira de lei, construída

em Santarém, Uruximiná, Abaeté. De máquina possante, uma hélice, tolda corrida de madeira, é empregada como rebocador de batelões de gado do baixo Amazonas e do rio Branco. Trafega constantemente na faina de trazer bois e vacas para o abastecimento da população. Também chamam lancha às pequenas embarcações a vapor que cruzam o quadro. Lancha da alfândega, lancha da saúde, lancha da polícia.

Laranja – (*Citrus aurantium*) – Árvore de porte médio, copada, não medra nos alagadiços. Dizem-na originária da China. A flor trescala um perfume balsâmico. O fruto varia muito com a qualidade. Na Planície amazônica há de várias espécies. A laranja de Cametá, pequenina, do tamanho duma tangerina, é só açúcar. As comuns são muito sumarentas, o que não sucede com o tipo conhecido por laranja-da-baía, que é sempre seca.

Laranja-da-terra – (*Citrus vulgaris*) – Árvore de porte médio, de tal modo rústica na Amazônia, que parece nativa. É indiana. O fruto, de casca verde-vermelho, é empregado em xaropes, lambedores. Tem um leve sabor amargo.

Latada – Caramanchão. Pálio de trepadeiras que se faz nos parques e jardins. O maracujá dá lindas latadas donde pendem os grandes frutos do tamanho de cabeças de crianças. O jasmim é a latada por excelência em virtude do perfume que exala de noite.

Lenha – Combustível usado na Amazônia a bordo dos gaiolas. Achas de madeira que pesam, em média, oito quilos e medem pouco mais de metro. Vende-se aos milheiros. Os preços variam segundo a região. Nas ilhas, estuário amazônico, custa um milheiro, que corresponde em calorias a uma tonelada de carvão, 25\$000. Nos

altos afluentes vai de 100\$000 a 200\$000. Vamos batendo chocolate. É a lenha que é verde. Veja que bigode vai o navio fazendo. A lenha é muiraximbé.

Levado – Boêmio. Indisciplinado. Farrista. Muito levado o filho do seu Anastácio. Só vive dando desgosto pra mãe dele. Que criança, parece que tem bicho carpinteiro, com perdão das pessoas mais velhas.

Lima – (*Citrus medica limetta*) – Árvore regular. Os frutos, de sumo doce amargo, são excelentes para o fígado e estômago. Não é silvestre.

Limão – (*Citrus medica acida*) – Pequena árvore de folhas muito verdes e duras. O fruto, do tamanho de um ovo de galinha, elíptico, tem um cheiro agradável para quem enjoa a bordo. O sumo é muito ácido, próprio para frescos e xaropes.

Liso – Sem uma de xis. Ando liso, liso como quanto nasci.

Lobisomem – Monstro. Espírito maligno. Embora não haja na Amazônia o lobo para que o homem justifique a sua transformação em lobisomem, a verdade é que existe a crença no duende. Isso prova que muitas lendas daqui nos vieram de fora. São documentos das raças que se fundem no vasto cadinho étnico da Planície.

Loca – Roca. Abrigo. Casa. Escondido de peixe.

Loja – Casa comercial em que se vendem fazendas, artigos para mulher e homem.

Lontra – (*Lutra brasiliensis*) – Espécie de foca fluvial, vive em bandos nos rios e lagos. Surgem empinadas à flor de água. Comem peixes e dão gritos que parecem latidos.

Louro namuí – (*Nectandra elaiophora*, Barb. Rodr.) – Também conhecido por pau-

de-candeia. Da família dos lauráceas, medrando nos igapós, de porte desenvolvido, a madeira tem um cheiro vivo de terebintina. O óleo, fino, dourado, em condições de acionar motores antes mesmo de ser purificado, é conhecido por gasolina vegetal.

Luís Agassiz – Naturalista suíço. Geólogo. Zoólogo. Paleontologista. Visitou o Amazonas em companhia da esposa, que era quem escrevia o celebre *Diário* em cujas páginas o habitante da Planície foi tão atacado na sua moralidade. Homem de imaginação, levantou a teoria das geleiras. Reconstruiu a fisionomia do vale, que se estendia, segundo a sua visão retrospectiva, Atlântico a dentro, a ponto de receber como afluentes, naqueles idos pré-históricos, os rios brasileiros que deságuam hoje no mar até a Paraíba do Norte. O seu estudo sobre peixes é dos mais completos que já se fizeram por aqui.

Luís Cruls – Astrônomo notável. Pai do festejado homem de letras Gastão Cruls, autor da *Amazônia Misteriosa*. Foi quem retificou a linha Cunha Gomes, determinando-lhe a verdadeira situação em novas coordenadas. Diretor do observatório do Rio de Janeiro, o eminente cientista deu o seu concurso à Planície nesse definitivo trabalho de limites entre o Brasil e o Peru, ficando desde aí precisamente estabelecida nas cartas geográficas a nascente do Javari. Mas ele andou também nas terras alpestres do Sistema Brasileiro, observando o solo da futura metrópole nacional. Descobriu no sopé dos Pirineus, ao fundo da bacia Tocantins, águas termais; e, se não estamos em erro, foi ele ainda que precisou a verdadeira altura dessa cordilheira, tida em 2.752 metros, quando, na realidade, não excede a 1.385.

.....

M

Maadeus – Nome por que se designam na Índia as inscrições rupestres. Esse termo vem de Maha-Deva, o grande Deus Siva. Tais inscrições ou petróglifos são comuns a todas as terras do mundo. Na Amazônia, se encontram espalhadas às margens dos rios em grande quantidade. Já Martius as notara. Gustavo Barroso, o grande escritor patricio, tem um estudo completo sobre o assunto, com o título “Os maadeus do Sertão”, que faz parte do livro *Aquém da Atlântida*.

Macacaporanga – (*Acroclidium*) – Miúda laurácea aromática. Os seus galhos, ralados ou postos de infusão para os banhos, espalham um perfume agradável.

Macaco – A Amazônia conta 38 espécies de macacos. Todos caudados, trepadores e arborícolas. Vivem na floresta. Há diurnos e noturnos. Entre eles destaca-se o guariba (gênero *Micetes*). Nadador, de 65 centímetros de tamanho, atravessa um rio. De voz forte, metálica, dá gritos apavorantes na mata, principalmente à noite. Pelo comprido, vermelho escuro uns, negro outros, pousam em grandes árvores, onde dormem; o *barrigudo* (gênero *Lagotrix*), domesticável, manso, é um excelente companheiro das crianças. De cabeça escura, corpo cinzento, gestos lentos, tem 60 centímetros de alto e um aspecto de bondade; é insinuante, de olhar doce e rabo comprido; o Coatá (gênero *Atêles*), mede 90 centímetros de estatura. Seu pelo é sedoso, negro, sua cauda longa. Tem cara de ve-

lho alegre, quase cômico. A carne é muito estimada, embora magra; o *macaco-prego* (gênero *Cebus*), não vai além de 50 centímetros. Anda em bando. Domesticado, more tuberculoso; o *caiarara* (*Cebus gracilis*), conhecido por macado-ínglês em virtude da cara vermelha e do pelo alourado, também não ultrapassa de 50 centímetros de altura; o *parauacu* (*Pitecia monachus*), de rabo comprido, mais conhecido por macaco-cabeludo em virtude da sua lanugem, é preto, de 50 centímetros; o *cuxiú* (*Pitecia sataná*s), de face e pelágio escuro, comprido, tem o cabelo repartido ao meio da cabeça, e não excede a 60 centímetros; o *Macaco de cheiro* (*Saimiri ciureus*), de cabelo curto e cauda longa, não excede a 40 centímetros. Amarelo escuro, de cheiro aborrecido, vive perto das roças comendo frutos e insetos. Além destes existem o *macaco-da-noite* (gênero *Nictepitecus*), o *sagui* (gênero *Midas*), e muitos outros. Os zoólogos, pela irrequietude, pela curiosidade, pela instabilidade do macaco, acham-no semelhante ao papagaio, de maneira a entreverem uma certa afinidade entre os quadrúmanos arborícolas e os verdes trepadores alados.

Macacoa – Achaque. Doença. Dor pelo corpo. Indisposição física. Amanheci hoje com a macacoa. Macacoa já vem chegando.

Macaná – L. G. Massa de madeira de lei com que o índio abate o inimigo no combate peito a peito.

Macaxeira – (*Manihot aipi* Pohl) – De tubérculos brancos, não é tóxica. Sendo uma das variedades da mandioca, em-

prega-se ela nos beijos e nos mingaus para convalescentes. Corre, como propaganda talvez da força da terra acriana, que, ali, a mandioca vira macaxera, isto é, planta-se mandioca e nasce macaxera.

Machadinho – Pequenino machado com que o seringueiro corta a hévea a fim de lhe extrair o leite. Debaixo do golpe coloca uma tigelinha de folha-de-flandres ou de barro, para onde escorre o líquido que se vai chamar depois goma-elástica, borracha ou ouro negro.

Macacaua – (*Tinamus, esp.*) – Menor que o inhambu, parece-se com a perdiz. Galináceo, bom prato.

Macuru – Balouço onde as crianças ficam horas e horas brincando. É um arco de cipó forrado de pano com duas faixas também de pano cruzando-se no fundo e nas quais o pequeno senta e enfia as perninhas. Suspenso o aparelho ao teto por uma corda, o pequerrucho com os pés, que mal tocam o solo, balança-o.

Madeira – Árvore. Designação que o seringueiro dá a hévea. Só cortei hoje cinquenta madeiras. O diacho da chuva não me deixou ir adiante. Tinha dez madeiras naquela estrada, junto ao igarapé, que são mesmo monstros. Oh! Madeiras bonitas!

Mãe-d'água – Boiúna. Cobra grande. Espírito aquático das lendas amazônicas. Hartt, registrando os mitos, conta a “História do Paitunaré”, cobra grande.

Malacafento – Prenúncio de doença. Mofino. Presa de mal-estar. Gente, amanhã hoje malacafento, parece que vou adoecer. É uma morrinha, um desejo de rede, que só se zão.

Malarina – Um prospecto da firma César Santos & Cia. Sobre a malarina, há já tempo em minhas mãos, atraiu-me a curiosidade para esse medicamento de

tanta eficiência na Amazônia. E mais me prendeu o livrinho, pelo fato de aí, nessas linhas históricas da moléstia e do medicamento, virem estes dados: “A MALÁRIA, designada também pelos nomes de *impudismo, sezões, maleitas, febres palustres, telúricas*, é uma doença conhecida desde a mais remota Antiguidade. Hipócrates 500 anos antes de Cristo a tinha observado e dividido em quotidiana, terça e quarta. A MALÁRIA começou a ser, entretanto, mais bem diferenciada das demais febres quando, em 1640, a condessa Del Chinchon, mulher dum vice-rei do Peru, e seu médico Juan del Vigo levaram para a Europa as cascas de quina, usadas desde tempos imemoriais pelos peruanos contra as febres intermitentes. O emprego deste remédio, segundo o método dos jesuítas de Lima, curava estas febres ao passo que nenhum efeito produzia sobre outras que passaram a chamar-se *essenciais*. Em 1847, Meckel, descobriu o pigmento malárico; Wirchow, Feschl, Frerichs, Kelsch e Kiner estudaram as lesões produzidas pela infecção no corpo humano e em 1880 Laveran descobriu o germen da MALÁRIA. Ross verificou que esse parasita completa o ciclo da sua evolução no corpo do mosquito, explicando, assim, ser este inseto o transmissor da infecção, opinião aliás corrente há mais de duzentos anos entre os camponeses toscanos e do Tirol italiano. Estas febres não existem somente nos climas tropicais mas ainda em muitos países de clima frio como a Itália, França, Grécia, Inglaterra, Suécia, Rússia, etc.” Transcrevendo estas notas, para o grande público, viso desfazer a impressão geral de que só na Amazônia existe malária. Os homens de ciência conhecem a verdade, mas a massa coletiva da população de outros estados, principalmente, a

ignora. É uma doença que nos foi trazida e que a “Malarina” e a profilaxia brasileira andam combatendo vantajosamente.

Mal-assombrado – Lugar onde aparecem almas do outro mundo. Ponto no qual as visagens se manifestam. Os espíritos não saem daquele barracão. Aquilo é dinheiro enterrado. De noite é assobio, pedrada, grito, gemido, soluço, que assombra o mais pintado. Não há quem durma lá. Barracão mal-assombrado. E’ um tipo mal-assombrado.

Maloca – Aldeia de índios. As barracas, cobertas de palha, têm feitios cônicos. Cada tribo possui a sua maloca, mais ou menos povoada. Algumas, restos de raças quase extintas, só têm uma casa, que é mudada de acordo com a maturação das roças, com o aparecimento das formigas-de-fogo, com a vizinhança dos seringueiros, com o desaparecimento da caça e do peixe.

Mama em onça – Interesseiro. Que namora moça vesga, capenga, maneta. Casado com mulher feia. Comadre já viu a mulher do promotor? Já. E’ medonha, um coirão. Aquele homem mama em onça, que Deus não me castigue. Disquê é por causa do dinheiro do pai.

Mamoeiro – (*Carica papaya*) – Árvore de caule fofo, sem utilidade para marcenaria ou carpintaria. Tronco reto, no topo tem um buquê de grandes folhas. Seu fruto, semelhante a um melão pequeno, quando maduro, constitui uma excelente sobremesa. Verde, é posto como adubo na carne cozida. Dizem que espanta o carapanã. Sem o mamão macho não frutifica. Dá nos terrenos baldios, nas capoeiras, nas taperas. Adaptou-se tanto aqui, a ponto da Amazônia parecer o seu país de origem. E’ mexicana.

Mamote – Bezerra que ainda mama.

Manaus – Tribo selvagem que habitou o local onde se acha atualmente a metrópole amazonense. Lugar da Barra, nome por que foi conhecida nos seus primeiros dias. Perto do atual palácio da prefeitura ainda se encontram, nos cemitérios aborígenes, as urnas funerárias, os despojos da famosa nação dos índios. Os manaus eram uma raça valente e que exibia, como decoração indumentária, folhetas e pepitas de ouro. La Condamine, fazendo algumas considerações sobre o célebre e fantástico Eldorado de Manoa, sugere, com muita argúcia, a possibilidade de ter vindo dos índios manaus, sempre recobertos de metais dourados, a lenda do Eldorado de Manaus. Há, decerto, uma notável semelhança. Deixando, porém, de parte a tradição e a lenda, é justo que se veja a linda capital do Amazonas de agora, limpa, alegre, moderna, subindo e descendo no movimentado terreno em que se levantou à borda de inúmeros igarapés, ao presente aterrados pela mão do homem. Se a cidade crescesse sobre a topografia antiga, verdadeira rede hidráulica, era, nestes dias, uma curiosa Veneza amazônica, pois onde hoje trafegam os bondes e os automóveis, singravam as ubás e igarités. Erguida sobre lombadas de terreno alto, a ponto das viaturas de 30 anos passados necessitarem de três cavalos para trafegarem, Manaus é bem a cidade das colinas, que a população vai, numa terraplenagem insensível, escavando, baixando, nivelando até rasá-la em planície. Capital do vasto e generoso Estado do Amazonas, aí residem, no Palácio Rio Negro, os seus presidentes. O derradeiro deles, na 1º Republica, foi esse querido o bondoso Durval Pires Porto, engenheiro, varão ilustre e de largas virtudes, honesto,

respeitoso, incapaz de um ato que não seja digno e honrado.

Mandií – (*Pimelodus*) – Peixinho de pele que não passa dum palmo. Os garotos pescam-no no porto de Belém a caniço e a linha. No alto Amazonas anda em cardume, sendo maior e mais gordo que o do estuário. É perigoso tirá-lo da malha das tarrafas e redes por causa dos esporões laterais, agudos, dolorosos quando ferem. Excelente alimento assado ou cozido. As caldeiradas de mandiís são famosas. Há ainda a ilha do Mandií no estuário do Tocantins, onde se vê assentado o farol do mesmo nome.

Mandinga – Feitiço. Bruxaria. Amanheceu mandinga na porta do coronel. Disquê é cabelo de defunto com terra de cemitério e pena de coruja.

Maneira – Abertura perpendicular, do tamanho dum palmo, que costuma ter, num dos flancos, a saia da mulher do interior da Planície. Estás com a maneira aberta, Chiquinha. Fizeste a maneira grande demais.

Maneta – Que tem falta de uma das mãos.

Mangaba – (*Hancornia speciosa*) – Pequena árvore nativa gomífera. O fruto, gosmento, pegajoso, dum verde ferruginoso por fora e branco por dentro, posto na água depois de caído da árvore, maduro, pois, perde a resina e fica em condições de ser comido. O sorvete é excelente.

Mangar – Zombar. Caçar. Vá mangar do boi, seu José. Quem manga também morre. Deixe de mangar dos outros. Olhe castigo espanhol.

Mangaua – Irmão de leite. Filho da nossa ama. Que se criou conosco. Quem é esse moleque? Meu irmão mangaua.

Mangue – (*Risofora mangle*) – Planta palustre do litoral, com raízes aéreas. Medra sobre o tijuco e possui tanino. O caranguejo gosta muito dos mangues, porque as raízes levantadas como grandes e finos pés de galinha, facilitam-lhe o movimento, a fuga para os esconderijos abertos no tijuco.

Mangueira – (*Mangifera indica*) – Aclimado na Amazônia, este grande vegetal oriundo da Ásia é, além de magnífica árvore de sombra, um excelente fornecedor de frutos, que amadurecem e caem nos primeiros meses de inverno. Não fora a sua raiz, que rebenta o calçamento das ruas à proporção que cresce, e nenhum outro indivíduo botânico lhe disputaria a primazia como árvore decorativa e de sombra nas avenidas e parques.

Maniçoba – Panelada de folhas de maniva socadas ao pilão e cozinhadas com adubo de peixe ou carne. Em geral a gente da Amazônia faz hoje esse prato com mocotó, língua salgada, tripa, cabeça de porco. Iguaria excelente, muito parecida a uma feijoada completa, precisa ferver pelo menos 24 horas, a fim de que as folhas fiquem tenras e macias.

Manicoré – L. G. Alma de porco. Cidade e afluente à margem direita do rio Madeira. O caudal tem roído de tal forma o porto da cidade, que a primeira fila de casas está para se precipitar nas águas.

Manipueira – Caldo de mandioca. Tucupi antes de ir ao sol ou ser fervido, cru. É um tóxico terrível.

Maniva – (*Manihot utilissima* L., euforbiácea) – Vegetal arbustivo, cujos tubérculos se chamam mandioca. Não é silvestre. Parece trazido pelo índio, ou pelo negro, como o foi o milho do selvagem, de

espigas enormes e cujos grãos são pintados de preto e amarelo.

Manjerona – (*Origanum majoranoides*) – Deliciosamente perfumado, cheiro delicado. Usa-se nos balaios de roupas. É uma planta medicinal e aromática adaptada à Planície.

Manso – Seringueiro que fez, pelo menos, um fabrico, já distingue o assobio dos pássaros, o bater dos peixes, a pegada dos quadrúpedes, se bem que não possua o sentido instintivo do caboclo amazônico.

Manteiga – Nome por que são conhecidos os óleos e as gorduras na Planície. Manteiga de cacau, manteiga de tartaruga, manteiga de peixe-boi, manteiga de castanha. O caboclo não diz sebo, nem óleo, nem gordura. Tudo para ele é manteiga.

Manuel Maroja Neto – Paraibano. Desembargador do Superior Tribunal de Justiça do Pará. É um dos mais íntegros magistrados da planície amazônica. O povo, que possui o sentido da verdade, o instinto da razão, a respeito de seus atos, como juiz, o vê como alta encarnação da própria lei, tantas provas vem ele dando nas sentenças que profere. Como homem particular, é um verdadeiro padrão de virtudes.

Mapará – (*Hypophthalmus dawalla*) – Peixe do baixo Tocantins, onde é comum o seu cardume e não cresce mais de dois palmos. Tão abundante em certas épocas, que o exportam salgado. O do alto Amazonas, muito gorduroso, chega a ser enjoativo.

Maqueira – Rede de tucum.

Mará – Vara. Empregam-na para retesar a vela, amarar a canoa no porto ou empurrar a igarité como varejão.

Maracá – Chocalho. Fazem-no de cucurbitácea cheia de seixos ou favas, ou, ainda, de barro, com cabo de madeira.

É brinquedo de criança e instrumento dos pajés no ritual das feitiçarias. Certos índios chamam ao sino da igreja dos civilizados (*cariuas*) tamaracá, sino grande de pedra, porque todo o metal para o aborígene é pedra.

Maracatim – L. G. Igarité antiga de selvagens, que trazia à proa, como símbolo rostral, o maracá. Algumas tribos chamam aos navios a vapor maracatim, talvez pelo barulho do gaiola, que eles ouvem ao longe.

Marajó – A maior ilha do Estado do Pará. Autêntico pedaço do paraíso verde na parte do quadrante de nordeste, que é a região alta e pastoril, cheia de fazendas de gado. A outra banda da ilha é gomífera. Abundam os seringais. Deste lado a ilha cresce, do lado contrário diminui, de modo a dar impressão, dentro de ciclos milenares, já se vê, de uma terra que se muda dum flanco do vale para outro flanco. De fato, a ilha imigra. Também chamam de Marajó aos ventos duros do largo, que caem à tarde na baía do Guajará, e refrescam a cidade de Belém. O mais interessante desta ilha, no entanto, já notável pelo tamanho, é ter sido o núcleo de uma civilização adiantada para o tempo em que floresceu. Os múltiplos cemitérios ali achados denunciam, pela decoração cerâmica, o sentido estético daquele povo. E mais de que pelo molde estético, seapura o adiantamento das tribos que lá viveram, pelos caracteres simbólicos que enfeitavam a louça indígena, hoje desenterrada dos sarcófagos marajoaras.

Marapatá – Pequena ilha da foz do rio Negro. Celebre hoje pelo desígnio inepto que o forasteiro lhe atribui: de guardar consciências. Esta lenda irreverente com que os brasileiros do Sul preten-

dem mostrar a falta de escrúpulos da gente hospitaleira, carinhosa, ordeira de Manaus e do Amazonas, só fulmina o próprio adventício, pois se há quem deixe a consciência para viver aqui, não somos nós, os nascidos na Planície, que morremos pobres, trabalhando sem ambição, e sempre orientandos no sentido de engrandecer a terra que Humbolt chamou o celeiro do mundo. Os filhos da Amazônia jamais deixaram a sua consciência em qualquer parte a fim de prosperar.

Maré – Elevação e abaixamento periódico das águas do mar. Mas até onde chega esse fenômeno, pelo Amazonas a dentro? E' isso que o autor deseja informar aqui, visto como sobre assunto reina o maior desacordo, a maior confusão, mesmo entre escritores notáveis e até entre sábios. Uns marcam Santarém como seu ponto terminável; outros vão até Óbidos. A verdade, observada por quem escreve estas linhas, é que maré sobe até Parintins, no mês de outubro, quando o Amazonas, quase parando, perde toda a sua força. Ela não tem fluxo aí quando enche, isto é, não corre para cima – tufa apenas. De bordo, amarrado o navio ao porto, vê-se no barranco uma estreita faixa molhada de dois dedos, quando a maré vazou. De Parintins para baixo observa-se a maré no caldeirão, que é um furo transversal ligando o paraná do Bom Jardim ao Amazonas, fluindo e refluindo, queremos dizer, correndo pra dentro e pra fora sob a ação da Lua. Ora, o caldeirão é um furo que fica à margem esquerda do Amazonas, 42 milhas a jusante de Parintins e 56 a montante de Óbidos. Se a maré se faz sentir nele, embora o tempo seco, no mês de outubro, fluindo e refluindo, é porque ela remonta muito acima. Nestas condições, que fique como

padrão: Parintins é o derradeiro ponto em que se observa a maré Amazonas a dentro, ou sejam 618 milhas acima de Belém, navegando pelos paranás.

Maré de lua – Água viva. Sizígia. Ação forte do fluxo e refluxo na lua nova, principalmente nos tempos de equinócio.

Maré de quarto – Quadratura. Fluxo e refluxo dos quartos minguantes. Ação lenta das águas.

Maresia – Mareta. Onda pequena. Agitação miúda das águas. Toalha crespa da corrente. Baía braba, compadre? Não. Maresia só. Vem certamente de maré, que é o fluxo e refluxo determinado pela ação astral da Lua e do Sol.

Maria-já-é-dia – (*Myarchus ferox*) – Passarinho que anuncia a aurora repetindo o seu nome num grito aromato paico: Maria, já é dia.

Maricas – Efeminado. Mulherengo. Frouxo. Sujeito que tem medo de tudo. Gente, filho do compadre Zebedeu não pode botar olho num cipó que pensa logo que é cobra. Que maricas!

Mariscador – Indivíduo que sabe pescar e caçar. Em geral, todos os barracões da Planície tem um mariscador que supre a mesa de mantimento fresco. Ele sabe onde está o pirarucu, o tambaqui, o tucunaré, a paca, a anta, o inhambu. Para o mariscador não há mata despovoada nem lago desabitado. Quando, por acaso, ele volta sem a embiara, se diz panema. Estava panema, hoje. Não batia na água. O lago era “sarú”, “sarú”.

Maromba – Grande jirau ao ar livre, de achas grossas, onde o gado sabe nas alagações por falta de terra. Palanque imenso, feito sobre a várzea, de caráter provisório, as reses ficam aí ilhadas durante a inundação da gleba. Bois, vacas, vitelas, novilhos,

mamotes, aí passam 30, 40, 60 dias sustentados pelos vaqueiros que trazem canoas cheias de canarana e a distribuem em duas rações diárias pela manada. Na generalidade morre parte desse gado, triste, mal alimentado, casco descolado, quando não é o caudal que sobe a arrebatada as reses, maromba e tudo.

Marrecão – (*Chenalopex jubatus*) – Corpo de ganso, cores vermelhas, azuis, negras e bronzeadas, é um dos mais lindos palmípedes de Planície. Ouvido fino, representa um guarda vigilante, pois qualquer estranho à casa é denunciado por uma espécie de grunhido, de canto tremido, de aviso baixo que ele dá.

Maruim – (*Ceratopogon*) – Pequeno díptero, quase redondo, que aparece em nuvens pela manhã. É comum no inverno. Causa vivo aborrecimento pela impossibilidade de evitá-lo.

Mastruço – (*Chenopodium ambrosioides*) – Também conhecido por-erva-de-santa-maria, esta planta herbácea é muito aplicada contra vermes intestinais. Tanto os médicos, cientistas, como a pagelança doméstica, usam-na misturada ao óleo de rícino contra lombrigas; mentraz.

Mata-feijão – Repiquete inesperado que aparece, no princípio da vazante, nos altos afluentes do Amazonas e Solimões. Em maio e junho, quando as praias marginais já estão descobertas, os moradores plantam nelas a mandioca, o milho, a melancia, o melão, o feijão. Areias adubadas pela *colmatage*, são fertilíssimas. Sucede, porém, que em certos anos, quando a plantação já está grelando, vem uma enchente inesperada que interrompe a vazante, alaga a praia e destrói a sementeira. É a isso que os habitantes do ocidente da Planície chamam de mata-feijão. Gai-

las encalhados lá por cima, destinados a passar ali perto de um ano, muitas vezes desencalham com o “repiquete” do mata-feijão e descem a salvo.

Matalotagem – Farnel. Comida que se leva para viagem. Peixe ou carne assada com farinha, num saco de pano, que se conduz no jamaxi ou no panacu a fim de se passarem alguns dias na roça ou nas pescarias. Sua matalotagem, mano João, é pra quatro dias; carne está bem seca; o peixe é piracuí. Vai também tucumã e uxi pra vaçumê ir roendozinho na canoa.

Matapi – Cesto cônico feito de talas de palmeira para apanhar peixe no fundo dos igarapés e lagos.

Mateiro – Caminhante das selvas. Indivíduo que tem o instinto de se locomover na floresta amazônica sem instrumentos. Vai para onde quer. É o mateiro que abre as estradas de seringa. O solo, a flora, a fauna são os seus guias. Sem bússola, ele vara as mesopotâmias, corta dum rio pra outro. É um privilegiado da natureza.

Matéria – Pus. Nascida dele parecia uma laranja de grande; quando rompeu, foi matéria que nem sei. Inda está saindo matéria do tumor do Joanico aqui no peito, já nele.

Matinas – Primeiros repiques de sino nas igrejas com o raiar do dia. Assim que bater matinas, em Nazaré, nós levanta.

Matintaperera – (*Diplopterus navius*) – Ave trepadora e que come inseto. Reputada como descobridora de mananciais, que assinala com a presença, o selvagem a tem como encarnação de uma divindade silvestre. Às vezes ela se transforma num tapuinho capenga de barrete vermelho, segundo lenda, e é, então, o deus autóctone que castiga os meninos rebeldes, malcriados, travessos, desobe-

dientes às mães e às avozinhas. Quando as crianças não se corrigem ele as furta de casa.

Matupiri – (*Tetragonopterus*) – Um dos menores peixes da Amazônia. De escama, prateado, com algumas manchas escuras, serve para isca na pescaria que se faz aos grandes peixes. Vive nos igarapés e igapós. Decorativo, botam-no junto às tartaruguinhas nos vasos de vidro, espécie de aquário de algumas salas da Planície.

Matuto – Sujeito do interior. Rocieiro. Acanhado. Que leva conto do vigário. Que compra bonde. Que pergunta tudo. Que anda de fraque de noite. Que veste *smoking* de manhã. Que pede licença para entrar em botequim. Que vive examinando as notas que recebe. Que calça borzequins de rangedeiras. Que bota ponta de cigarro atrás da orelha. Que anda com o lenço no pescoço. Que cumprimenta quanta cara encontra. Que diz amém a tudo. Que volta para o sítio sem xeta.

Maximiliano da Áustria – (Príncipe) – Naturalista. Botânico. Descrevendo a nossa floresta, disse que o Brasil era a república livre das plantas, onde em geral o déspota humano pouco aparecia. Naqueles tempos. A vida dessa república, na referência de Wappaeus, mostra a luta incessante pela liberdade e igualdade dos tipos vegetais, atividade que se desdobra também entre os homens na luta pela vida.

Melado – Suado. Encharcado. Molhado. Suei tanto que fiquei todo melado. Me dê uma camisa que estou melado. Aquela chuva me deixou melado. Venho escorrendo em suor, todo melado. Melado, no Sul, é símbolo de mel. Aqui na Planície, não, mel é mel mesmo.

Melancia – (*Citrullus vulgaris*) – Cucurbitácea verde, rajada de branco e

lisa, por fora. Por dentro, ora é encarnada, com as sementes pretas, ora branca com as sementes claras. Também dá muito nas praias. É uma das frutas refrigerantes na Planície.

Melão – (*Cucumis melo*) – Perfumada cucurbitácea que se cultiva nas praias do Amazonas e de todo o vale, se bem que não seja silvestre. Há uma espécie branca esverdeada por dentro e outra alaranjada. Por fora é amarela e cheia de gomos.

Mel-de-pau – Mel de abelha. Encontra-se na mata, principalmente nas árvores podres, nas madeiras de lei. A melípona é muito comum na floresta amazônica. Além do mel, fabrica a cera preta, perfumada. Também aplicam a expressão em casos complicados, misteriosos, cheios de lances ocultos. Aquilo é um verdadeiro mel-de-pau, cunhado. Ninguém sabe de nada. Que mel-de-pau é esse, minha gente, disquê Mirandolina teve um filho?

Membí – L. G. Gaita.

Memória – Anel. Bonita aquela memória dela. A sua memória de prata é uma lindeza. Fiz esta memória de tucumã destinada ao dedo mindinho: é pra me lembrar duma coisa...adivinhe? Perdi minha memória de ouro.

Mentruz – Mastruço.

Me-olha – Na maneira de falar do caboclo da Amazônia, os pronomes precedem os verbos. Ele não diz *olha-me* nem que o rachim; é *me olha, me escuta, me manda, me ama*. Erro, segundo os puristas; a verdade, no entanto, é que assim se usa no espanhol. E não há motivo para se julgar a língua de Cervantes um idioma atrasado ou sem beleza. Ao contrário, é mais plástico, harmonioso e sonoro que o português. Eu estou inteiramente com o caboclo. Me dá, me belisca, me cutuca, me

escreve, me beija representam expressões mais doces, mais comovidas, que definem melhor a psicologia do povo, a sensibilidade verbal da nossa gente. Me parece que os gramáticos, com todo o seu arsenal de regras, na Planície, dão sempre com os burros na água.

Metido a sebo – Sujeito que se dá ares de grande figura, de alta personagem. Gentes, mas como está metido a sebo o Juca. Ainda ontem engraxava trilho e agora disque já é astrônomo.

Meué-meué – Vamos indo. Assim, assim. Então, como vai isso parente? Meué-meué, lutando, como Deus é servido.

Mexerico – Enredo. Intriga.

Mexeriqueiro – Intrigante. Leva-e-traz. Pessoa que só vive inimizando. Como tu és mexeriqueira, Petronilha. Não seja mexeriqueiro.

M. F. Maury – Americano que assinalou a distribuição do calor pelos mares e terras do Globo, explica, com rara precisão meteorológica, o motivo por que o equador térmico, em vez de penetrar o vale amazônico, flete para o norte e vai cortar o continente colombiano na altura do istmo do Panamá. Tenente da marinha de guerra americana, foi um precursor da livre navegação do Amazonas. A memória que apresentou sobre a planície equatorial fez grande ruído no mundo. A esse respeito escreveu Gonçalves Dias a Tavares Bastos: “V. me permitirá manifestar-lhe a minha opinião quanto ao resultado final da sua impressão. Autor infesto ao Brasil e mesmo odiado por muitos dos nossos homens ilustrados como advogados de desenfreadas ambições dos americanos, Maury, no meu entender, deve ser qualificado como um dos beneméritos do Amazonas. As suas exagerações mesmo serviram e data

de então o maior cuidado que o governo tem tido com as cousas daquelas províncias, ‘futuro paraíso’ do mundo como se antolhou a Humboldt. Pelo menos sabe que existe o Amazonas, sabe que é seu, e mostra considerá-lo, por isso mesmo que os americanos o ambicionam.” O trabalho de Maury foi muito apreciado por Humboldt, Wallace, Bates e Agassiz, diz Joaquim Nabuco, acrescentando que Tavares Bastos recebeu do livro de Maury o impulso patriótico que o tornou o ardente e fértil propagandista da grande causa da abertura do Amazonas às bandeiras de todas as nações.

Mingau – Papa de milho, banana, arroz. Os de açaí, bacaba, patauí são adubados com farinha-d’água. Mingau, na Planície, é o alimento por excelência do roceiro. Para as bandas do oriente, nas regiões do Pará, predomina o de açaí; para as bandas do ocidente, nas regiões do Amazonas e Peru, predomina o da banana.

Minhoca – (*Anteus gigas*) – Espécie de lombriga que vive embaixo da terra. Inofensiva, a sua principal utilidade é servir de isca na pesca de anzol. O peixe é doído pela minhoca. As aves também esgravatam a terra por causa dela. O unicorne, herbívoro, não dispensa a minhoca.

Miúdo – Vísceras. Não compre só carne, nhá Fuluca. Traga também uns miúdos: bobó, tripa, fígado, coração. Falta miúdo pra panela. Mocotó sem miúdo não presta.

Mixira – Conserva de gordura do peixe-boi, grande cetáceo, de banha branca, compacta; é excelente isoladora do ar. Faz-se a mixira não somente da carne do próprio peixe-boi, como ainda do tambaqui e das tartaruguinhas recém-saídas da cova, nas praias. Frita-se primeiro, na gordura

do peixe-boi, a peça a conservar, e, depois de fria, é ela encerrada, recoberta da banha em que sofreu a ação do fogo, em latas de cinco e dez galões hermeticamente fechadas. É um petisco apreciadíssimo, comido com farinha-d'água torrada, em todo o vale amazônico. No baixo Purus e no baixo Solimões essa indústria é muito desenvolvida, se bem não se compare já à dos tempos coloniais, quando o peixe-boi, abundante, dava para carregar os navios holandeses no porto de Gurupá, ponto em que atualmente não existe nenhum desses cetáceos.

Moça – Amante. Capitão passou ontem com a moça dele. Moça do coronel Anastácio é bem bonita. O caboclo suprime o artigo definido. Não diz: o vapor chegou, mas: vapor chegou, canoa virou, dia findou, rio secou.

Mocambo – Refúgio de negro fugido. Aldeamento de escravos que desertavam do ergástulo. Ali tem mocambo. É preto assim... Cada negralhão que mete medo. Acima de Parintins há um igarapé em cuja cabeceira existiu um mocambo. Vem daí o nome de Paraná do Mocambo, onde deságua o referido igarapé. No sul chamam quilombo.

Mocõe – L. G. Dois.

Mocotó – Artelho da rês. Em geral, o prato desse nome, conhecido também por mão-de-vaca, é feito de pé de boi com adubos de fiambre, orelhas de porco, chispe, tripa, chouriço. De digestão difícil, dá uma sonolência que convida logo à sesta. Vou fazer um mocotó no domingo, está ouvindo, será? Gente, mocotó está dando na minha fraqueza... Estou mole, mole.

Moçuni – L. G. Seis.

Moda – Uso. Trajo, costume da época. Esse figurino já não está na moda,

Candinha. Aquele vestido da Miquelina caiu da moda. Ela só veste fora da moda. Cabelo comprido já não é moda. Agora as mulheres, que Deus não me castigue, parecem umas sururinas sem rabo.

Mofino – Covarde. Mole. Como é mofino o filho da tia Chica. O Janjão depois de lhe dizer as últimas ainda lhe deu um sopapo. Também o aplicam no sentido de adoentado. Gente, ando, sem vontade de trabalhar, sem alegria de viver, sem desejo, sem paladar. Só sendo doença.

Mojica – Maneira de engrossar um caldo acrescentando-lhe féculas.

Moju – L. G. Rio das cobras.

Molambo – Trapo molhado. Em sentido figurado: sem firmeza. Sujeito que diz amém a tudo, que concorda sempre, que profere sim e não sobre o mesmo motivo. Molambo de gente.

Moleque – Mulatinho. Pretinho. Cria das casas. Passa pra dentro, moleque! Mas este moleque não está brincando comigo... Pega esse moleque! Vou meter este moleque na escola de aprendizes. Andas procedendo como um verdadeiro moleque. Moleque é rapazinho empregado na serventia doméstica.

Montaria – Pequena embarcação em que se navega a remo na Amazônia. É o cavalo do caboclo. Rasa, de três metros de comprimento e um de boca, não pega mais de quatro pessoas. Há algumas, na região das ilhas (estuário do Amazonas), que só permitem um tripulante dentro. Parecem verdadeiros brinquedos. Pintadinhas, limpas, com os bancos, rodela, casco, poço extremamente asseados e enxutos, dá gosto vê-las cortando rapidamente as águas quietas dos Furos de Breves. O homem ou mulher, curumim ou cunhantã sentado a meia-nau, na remada que dá, impele e

dirige ao mesmo tempo, tal a habilidade canoieira da gente que aí vive.

Moquear – Assar a fogo lento, sobre varinhas verdes, carne ou peixe. É trabalho que demora mais de dia e constitui uma das formas por que o índio conserva os alimentos, visto como não usa do sal. A peça moqueada, depois de bem seca, com leve sabor a fumaça, dura semanas e semanas, bastando que, de vez em quando, sofra um ligeiro aquecimento no moquém.

Moqueca – Peixe quisado e embrulhado em folhas verdes de palmeira ou banana-sororoca. Também chamam poqueca.

Morganho – Ratinho. Camondongo no Sul.

Mori – (*Paspalum fasciculatum*, Willd.) – Gramínea que medra pelos barrancos na margem dos rios e lagos da bacia amazônica. Dá disenteria no gado e mata à canarana que lhe reponte na vizinhança. Parecida à canarana, é mais amarelada, no entanto, que a sua similar e sem aquele tom verde-cinza aveludado da sua vítima.

Moringue – Vaso de barro, de dois palmos de alto, próprio para esfriar água em virtude da argila e com duas asas. Visto de flanco, tem a forma de um coração que possuísse ao alto um pequeno gargalo.

Mortalha – Papel de cigarro. Livro de mortalha. Queria fazer um cigarro mas não tenho mortalha. O caboclo usa a mortalha de tauari, extraída do líber, entrecasca das sapopemas do tauari. É vermelha. Também se chama mortalha à fazenda com que envolve o cadáver dos pobres, da gente sem recursos. Sinônimo de sambenito.

Mosquiteiro – Se há lugares, na Amazônia, em que não existe carapanã, em outros o homem, para dormir, preci-

sa de defesa. Entre as melhores, contra o mosquito, usa-se o mosquiteiro. E como Roquete Pinto, no seu grande livro *Rondônia*, descreveu-o, a ele damos a palavra: “O mosquiteiro, largamente usado no interior, tem a forma geral de um fuso. Suas extremidades terminam nos punhos da rede; da parte média desce, como a vesícula umbilical dum peixe recém-nascido, o seu bojo fechado, ao nível do chão, por duas abas que se cruzam. Um cordel (duplo) mantém o plano superior acima de quem dorme; e, algumas varetas (duas), cortadas na ocasião de o armar, distendem horizontalmente o pano.

Muçu – (*Symbbranchus marmoratus*). Da família das enguias d’água doce, tem o aspecto de cobra. É primo do poraquê e cunhado da traíra mboia que é na escala evolutiva do grupo, apesar de não ser o maior, o mais adiantado porque, além das guelras, já tem pulmões. A carne do muçu é magnífica, parecida à das lampreias, constituindo pois um excelente prato na mesa da planície amazônica. Vivendo na cabeceira dos igarapés, nos igapós, nós aquaçais, ele, de vez em quando, nos faz uma surpresa agradável deixando-se içar no balde d’água potável do poço de certas vivendas que ainda usam a cisterna doméstica dos tempos coloniais. Como foi ter ali o muçu? Nas asas do vento? No estômago ou costa do sapo? Nas garras do gavião? Ainda em óvulo ou já desenvolvido? Ninguém sabe. Entretanto ele está só no poço, sem mãe, nem pai, nem irmãos. O fato é que, de vez em quando a nossa cozinheira, entre alarmada e alegre, anuncia: “Um muçu, patroa, gordo que faz gosto, benza-o Deus”. E zás! Panela com ele.

Muçuã – (*Cinosternum scorpoides*) – É o quelônio preferido nas comezainas festi-

vas da Planície. Pequeninno, preparam-lhe a carne na própria carapaça, que, depois de ir ao forno com o picado dentro, tem o nome de casquinho de muçua. Vive nos lagos pouco profundos e em terra, quando eles secam. Caçam-no a fogo no verão.

Mucuíim – (*Tetranychus molestissimus*) – Do gênero *Trombidium*, quase microscópico, vermelho, vive no capim e nas ervas no tempo do inverno. Com o verão duro desaparece. Produz uma coceira terrível. Quando se volta do campo, é tal a carga de mucuíim, que se torna necessária fazer uma fricção de álcool pelo corpo, a fim de matá-los.

Mucuracaá – (*Petiveria aliaceae*) – Planta de cheiro esquisito, sarmentosa, sudorífica, empregada na terapêutica regional.

Muçurana – (*Rhachidelus bras.*) – Muçu falso. Cobra sem veneno que, depois de lutar com as venenosas, as mata infalivelmente. Parece uma aliada do homem. É escura, lisa e lustrosa. Os zoólogos bem informados da fauna brasileira recomendam aos caçadores que não a matem, tão útil ela nos é.

Muirapuama – (*Ftychopetalum olacoides*) – Árvore mediana e florestal da terra alta na Amazônia. As raízes são empregadas em banhos contra o beribéri. É tida como afrodisíaca.

Muiraquitã – Amuleto de pedra verde atribuído às icamiabas, mulheres sem marido, tidas como pertencentes a uma nação guerreira que enjeitava o filho varão. A tribo feminina é pura lenda inventada pelo espanhol Orellana, que foi o primeiro a explorar a descer o caudal do Amazonas, dos Andes ao Atlântico. Quanto ao talismã, é um fato. Existe. Feito de pedra verde malva, com finos veios ferruginosos,

alguns são lavrados em forma simples, cilíndrica, elíptica ou de conta. Outros, de linhas zoomórficas, representam quelônios, batráquios, quadrúpedes, serpentes. Ainda outros, de modelos antropomorfos, lembram focinhos, carrancas, bicos, chifres de monstros. A essa relíquia se emprestam atributos miraculosos. Dão amor, felicidade, saúde, riqueza. O mineral em que é talhado o muiraquitã amazônico, é a nefrite. O do asiático é a jadeíte.

Mujanguê – Massa de ovos crus de tartaruga, tracajá, gaivota, misturados com farinha-d'água e açúcar. É um acepipe muito usado nas viagens da planície amazônica. Salta-se nas praias, colhem-se os ovos nas covas, e a refeição, forte, substancial, está feita. É o mujanguê.

Mundé – L. G. Armadilha de madeira para apanhar caça, principalmente graúda. Feito de tronco ou taboa suspensa numa das extremidades, o chamariz está ligado a um aparelho que desprende a peça principal, pesada, e que esmaga o quadrúpede ou ave que a toca.

Mundurucânia – País dos mundurucus. Região do guaraná. Terra em que vivia a grande tribo selvagem dos mundurucus, que foram os índios por fidalgos das selvas, tais os seus atributos de caráter e dignidade. É um dos trechos da planura amazônica de um raro futuro pela fecundidade de sua gleba, virgindade de suas matas, riquezas de sua fauna. O grande índice de tudo isso são os japoneses, que estão lá instalados com uma próspera colônia.

Mungubeira – (*Bombax munguba*) – Árvore vargeira, porte mediano, da família das bombáceas. Em certos meses do ano perde as folhas, de sorte a parecer, ao cair dos nevoeiros, uma árvore europeia sob a

neve. Sua paina, creme, brota dentro de grandes cápsulas roxas.

Munguzá – Mingau de milho branco feito com leite de castanha ou de coco.

Mupicar – Remar ligeiro, miudinho, acelerado. Mupica essa remada, parente. Também se emprega no sentido de marcar o caminho na floresta, quebrando ramos na passagem para orientar a volta.

Mureru – Ninfeácea que erra de buíva nos lagos. Tem a forma de uma campânula. No estuário chamam-na de mururé. É um dos alimentos do peixe-boi.

Muruci – (*Byrsonima*) – Além dos frutos, que são excelentes, próprios para compotas e doces em pasta, a sua casca dá uma tinta castanho-vermelha com que a nossa gente tingia as suas velas a fim do caruncho não dar no pano. Até mesmo a roupa dos curumins e dos vaqueiros, impregnada des-

sa tinta, resiste mais. Há um ditado: “Já é tempo de muruci, cada um cuide em si”.

Murucututu – (*Athene torquata*) – Ave noturna, agourenta, com que as amas amedrontam as crianças contando ao fazê-las dormir. Vive nas matas próximas aos lagos e igarapés. É uma subdivindade da mitologia aborígine da Amazônia.

Mururé – (*Brosimopsis acutifolia*) – Árvore donde se extrai o mercúrio vegetal.

Mutá – Palanque no tronco das árvores onde o caçador espera a embiara, peixe ou caça, para frechá-los.

Mutum – Pássaro negro, do tamanho dum peru, bico encarnado, come prego, dedal, chifre, anéis, o que encontra. Há varias espécies. O mutum-poranga (*Crax alector*), o mutum vulgar (*Crax carunculata*), o mutum fava, o mutum cavalo (*ourax mitu*) e o mutum-pinima.

Muiracuruçá – L. G. Rosário.

.....

N

Naco – Peça de carne. Bocado. Deixa ver um naco do assado. Só um naco, churrasco está muito gordo.

Nadinha – Instante. Momento. Espere um pouco, seu José, que eu já vou. E' um nadinha. Demorei? Não. Foi um nadinha.

Na masquê – Não mais quê. Sem mais quê. Expressão que traduz a palavra – regularmente – ou a frase – sem maior novidade – Vou indo na masquê. Na Forma do costume. Na masquê.

Nambi – L. G. Orelha.

Nascida – Pequeno tumor que dá nas crianças. Furúnculo. Caçula do compadre está coberto de nascidas. Nunca vi tanta nascida assim. E' o leite da ama que é ruim. Pobre da criança, ficou pintada de nascidas.

Navegação – Gaiola. Navio. Lancha. É como o seringueiro nordestino, no ocidente da Planície, chama a qualquer transporte a vapor. Há aí um profundo equívoco entre a arte de navegar e o principal instrumento dessa arte, que é a embarcação. Sente-se que ele confunde o abstrato com o concreto. Aplicando impropriamente o termo navegação, mostra o seu alheamento das cousas marinhas, e justifica a anedota que lhe atribui a frase espantada de quando viu pela primeira vez o Atlântico: ó marzão besta! Ano desgraçado este, compadre, não chega navegação. Tem uma navegação encalhada nos torrões do Bagaço. Salão do Arapixi está esperando aquela navegação que vai ali cachimbando preto. Que navegação de apito mais grosso. Até

parece besouro. Vote! O caboclo nativo do baixo Amazonas chama, a qualquer espécie de navio, vapor. Ainda não passou vapor da linha, será? Vapor buzinou longe, gente. E' lenha que ele vai receber em casa do compadre Mocambira. Vapor de apito fanhoso. Parece carapanã.

Negrada – Rapaziada. Termo de gíria que significa turma, grupo, farândola. A negrada vai toda ao piquenique. Negrada valente, a guarnição do Ruder Clube. A negrada do meu *team* é batuta.

Nevoeiros – Produzidos pela evaporação, quando os rios pricipiam a secar, aparecem nos tributários do Amazonas, de maio em diante, espessos nevoeiros que envolvem a terra toda. Rios e florestas ficam invisíveis. São mais fortes com o luar. E' o melhor sinal da vazante, pois enquanto o rio enche ele não se manifesta. Não existem na corda-máter do Amazonas, se bem que nos meses de verão duro surjam de noite nos estreitos de Breves, forçando os paquetes a ancorar e esperar pelo dia.

Nhá – L. G. Senhora.

Nheengaiá – Tribo indígena que viveu nos arredores do lago Arari, em Marajó. Os naturalistas, em virtude desse povo fazer cemitério em terreno artificial, designaram-no por *mound builders*. Exímios ceramistas, a louça exumada do sarcófago do Pacoval é uma verdadeira maravilha no contorno e na decoração. E como era à mulher indígena que competia o serviço de oleira, verifica-se que há milênios a nossa arquiavó tapuia marajoara já possuía tal sentido estético, tal noção de beleza, que lhe dá o direito de mestra admirável de

artes plásticas. Foi, sem contestação, uma grande artista, a quem devemos levantar uma estátua que lhe eternize a figura no bronze. É a maior brasileira pré-histórica. Há quem diga terem sido os aruãs e não os nheegahibas os povoadores desse trecho de Marajó, quando, na verdade, os aruãs viviam mais para o norte, de Chaves para o setentrião. Uma das duas tribos, no entanto, povoou a região. Não tomamos partido por esta ou aquela.

Nheengatu – L. G. Língua boa.

Nimbaba – L. G. Manso. Domesticação.

Nódoa – Mancha indelével produzida pelo suco de certos frutos, pela seiva de alguns paus. O pingo do caju é nódoa; a essência do caroço do abacate é nódoa; a água da bananeira é nódoa. Você está com uma nódoa de caju na saia, comadre. Fui chupar caju na casa do coronel, fiquei cheia de nódoas. Agora só para o ano, quando o cajueiro florir de novo é que a mancha desaparece.

.....

O

Óbidos – Cidade paraense. Demora numa colina à margem esquerda do Amazonas, exatamente no ponto mais apertado e mais profundo da formidável artéria que Elisée Reclus chamou de glória do Planeta. No tempo do verão, quando se navega por fora dos paranás, quem vem de baixo (leste), vê Óbidos de longe subindo, como um presepe, a encosta verde da terra alta. Tem uma fortaleza junto, na serra da Escama, e é o berço de José Veríssimo e Inglês de Sousa.

Oicê – L. G. Oito.

Oicepê – L. G. Nove.

Orelha-de-burro – (*Oncidium lanceanum*) – Parasita da família das orquídeas. Vive pela forquilha das grandes árvores, nos bosques, sobretudo nos da terra firme. O nome típico vem-lhe das folhas grossas, verdes, recortadas em orelhas de burro. As flores dessa planta silvestre e aérea têm um colorido cróceo, que provém dum fundo amarelo com pintas escuras. Desabotoa em espigões que parecem cachos com dezenas de campainhas. De perfume delicado, as flores duram mais de 25 dias.

Ornamentação – Frederico Hartt falando sobre a origem da arte e da or-

namentação da marajoara diz, textualmente, o seguinte: “A artista índia sabia bem a arte de modelar e era perita na ornamentação por meio de linhas simples, mas não se tinha adiantado na arte do desenho imitativo. Nenhuma folha, flor ou fruto é representado na louça antiga do Amazonas ou em relevo ou sobre a superfície plana. Parece singular que, habitando uma região em que o reino vegetal oferece tantas formas belas, a artista não escolhesse nenhuma destas para a ornamentação.”

Ourana – Arvoreta do Baixo Amazonas, em forma de chorão, aspecto de cipreste, chama-se *Salix Martiana* Leyb; a do alto, lembrando o araçá-bravo, o salgueiro (*Salix homboldtiana*). Nos de fluentes do Amazonas, estreitos, de voltas rápidas e onde a cada momento os navios desgovernam, serve de almofada aos gaiolas, que, em vez de se chocarem com as grandes árvores das margens, adormecem a guinada de encontro à ourana, verdadeiro colchão vegetal.

Ova – É o nome genérico dos óvulos de peixe. Ova de tainha, muito abundante, é um alimento precioso. Seca ao sol e, depois de assada ou frita, faz parte das melhores mesas.

.....

P

Paca – (*Coelogenys paca*) – Roedor sem rabo, chega a 70 centímetros. É uma das caças mais apreciadas do vale. Abundante na floresta, gosta muito dos buracos de pau e das galerias no solo. Penetra nos formigueiros de saúva e há mesmo a lenda de que ela vive, com a surucucu, no oco dos paus. Anda de noite, que é quando busca o alimento constituído de frutos.

Paçoca – É a amêndoa da castanha assada – e socada num pilão com farinha-d'água, sal e açúcar. Reduzido tudo a pequeninos grãos, impregnada a farinha de óleo e açúcar, está feita a paçoca, que é vendida em cartuchos de papel nas cidades. Em geral é preparada com a castanha comum, *Bertoletia excelsa*, mas há quem faça da sapucaia, e até mesmo da castanha de caju.

Paiquicé – Corta-cabeça. Degolador. Apelido por que era conhecido o mundurucu, índio que no ardor da peleja cortava a cabeça do inimigo para depois fazer dela um troféu e espetá-la numa vara da maloca. Estudando, no entanto, esse tipo de selvagem pelos naturalistas, ficou apurado que, apesar deste processo bárbaro, nenhum indígena possuía mais nobreza e fidalguia, mais caráter e sensibilidade que o mundurucu. Não atacava sem avisar o inimigo, e, depois da peleja adotava as crianças. Seus trabalhos artísticos em pedra, argila e fibras, são notáveis.

Pajé – Feiticeiro indígena. Também é o sacerdote da maloca. Cura o corpo e a alma. Receita a puçanga e a reza. Com o

maracá e a planta ele conversa com os espíritos e restabelece os enfermos. Nas tribos selvagens, mantém um poder soberano. Já meio civilizado, ambulante pelos velórios e cidades, a sua terapêutica e os seus agoiros são suspeitos, ridículos, troçados.

Palerma – Idiota. Atoleimado. Cretino. Mas que sujeito palerma. Dizquê foi cousa-feita que ele bebeu dada pela Faustina do Janauari. Era um homem e tanto antes disso. Até ia ser professor. Mas a mulher começou a botar mais isto e mais aquilo no café, no açaí, no mingau dele, até que o pobre ficou nesse estado.

Palito – Fósforo. A população nativa do interior da Amazônia não chama fósforo nem à mão de Deus Padre, é palito. Gente, querem ver que me esqueci do palito? Curumim, vai na taberna comprar uma caixa de palitos. Risque logo o palito, seu Jerônimo. Credo, como está escura a sala! Oh Benedito, acende aí o palito! Parece breu.

Pamonha – Bolo de farinha de arroz ou milho com açúcar e sal, enrolado em palha. Também chamam pamonha ao sujeito mole, sem iniciativa, preguiçoso. Mas que pamonha. Não faz nada. É só de boca aberta, sentado, comendo. Vá ser pamonha, assim, no inferno.

Panacu – Cesto cônico de talas no qual se conduzem roupas e objetos durante as viagens. Arruma o panacu pra esta noite. Largaremos com o romper da lua. Não esquece tabaco migado no panacu gito.

Pancada – Maluco. Desequilibrado. Que tem parafuso frouxo, aduela de menos, macaquinho no sótão. Não brinca com esse sujeito que ele é pancada. De vez

em quando vira cobra. Não quero negócio com gente pancada.

Paneiro – Cesto muito comum na Amazônia, de grandes olhos, feito de talas de palmeira, onde se acondiciona, depois de forrado interiormente com a palha de ubim, a farinha-d'água. Há de várias medidas: meia quarta, uma quarta, meio alqueire, um alqueire. Este regula, em média, 30 litros ou 30 quilos.

Panema – Desditoso. Inútil. Que não encontra caça nem peixe. Caipora. Desde que eu botei os olhos naquele sujeito, D. Florência, que nunca mais vi um papagaio, uma tartaruga, um macaco. Fiquei panema, panema. Parece que ele espalha urucubaca da miudinha. Disque casa dele é só coruja, gavião, lagarto, matintaperera, murucututu. Se defume, meu bem, com arruda e pega-não-me-larga. Espanta tudo.

Papagaio – Brinquedo feito de talas e papel, com rabo de pano, que os meninos empinam preso ao barbante ou linha. Nos dias de verão, quando sopram os alísios, o céu da Planície fica pintado de papagaios de todos os tamanhos e feitios. Fazem-nos também redondos e chamam-nos arraias. Guerream-se e lutam no ar. Alguns levam laminas de vidro na cauda para cortar a linha do adversário quando quer dar o golpe chamado *moquear*, isto é, colher o outro pelo rabo.

Papaná – L. G. Borboleta.

Paperi – Pequeno abrigo, feito na mata e na borda dos rios, de algumas folhas de palmeira. Casota improvisada para ligeira defesa da chuva e do sol; há muita gente no Amazonas, principalmente o nordestino que, estropiando a pronúncia, chama *taperi*, em desacordo com os velhos caboclos do baixo Amazonas, guardas fiéis da língua geral e de seus dialetos. Ninguém, de Manaus

para o jusante, ouve, entre pessoas radicadas ao solo, e, pois, afeitas ao falar coríntio, senão *paperi*. *Taperi* deve ser uma corruptela, derivada certamente da suposição que o vocábulo venha de *tapera*, casa velha, o que seria absurdo ao se tratar de uma casota recente e que não dura um ano.

Papoula – (*Hibiscus rosa sinensis*) – Planta arbustiva com lindas flores de várias tintas. As mais bonitas são as encarnadas, sangue vivo, em forma de grandes campanhas. Plantadas aqui, ali, nos gramados, picam o verde de vermelho e dão um pitoresco original à *pelouse*.

Pará – L. G. Mar.

Paraém – L. G. Peixe seco.

Parajuru – L. G. Estreito. Furo.

Paraná – Braço de rio, com saída pelo montante e pelo jusante no mesmo rio, constituído em geral por uma ilha encostada a uma das margens continentais da bacia. Também há paranás rasgados entre ilhas, como, por exemplo, os do Marimarituba, Amador e Maracauçu. A navegação na Amazônia, tanto quando possível, é feita dentro dos paranás, por dois motivos: 1º, porque encurta a distância, em virtude deles se acharem na parte convexa das voltas; 2º porque aí a água corre menos. Arredios, pela natureza da sua posição geográfica, da linha profunda do canal, são quase sempre inavergáveis de verão.

Paranamiri – E' o mesmo Paraná, se bem que mais estreito e sinuoso. Sucede até que certos paranamiris são mais extensos que os verdadeiros paranás. Apenas pela diminuta largura e pelas voltas vivas, próprios pois à navegação miúda, de lanchas e gaiolas, vinga a designação diminutiva.

Paranapucu – L. G. Braço de mar.

Pardavasco – Mulato metido a branco. Aquilo é um pardavasco de 18 quilates.

Sujeito com todos os estigmas do afer e que só leva dizendo que é apenas moreno. Meu noivo é branco moreno. Dizem que ele é preto, mas por inveja, por ciúme...

Parasquê – Parece quê. Revela dúvida, se bem que não seja irônica. Paresquê ele desta vez embarca. Mais usada no fim da frase: o noivo passou esta noite, paresquê. Está chovendo no roçado dele, paresquê.

Pari – Pano de talas e varas com que se constrói o cacuri, que é uma espécie de tapagem armada nas praias e onde o peixe que desce ou sobe a margem esbarra, resvala, procurando o fundo e cai no saco do cacuri.

Parola – Contador de histórias. Falador. Você não passa de um parola.

Parte – Modo. Maneira. Exigência. Deixa de parte pra meu lado. Só vives com partes. Isto é parte dele. Estou farto de parte. Leva este menino que só vive fazendo parte.

Passagem – Termo por que os navegantes da Amazônia designam certos pontos difíceis na derrota. Passagem de pedras. Passagem de bancos. Passagem de paus. A passagem mais rasa entre Belém e Manaus é o Furo Grande, no estreito do Boiuçu, arquipélago de Breves. A passagem mais profunda é Óbidos, garganta do Amazonas. A passagem de pedras mais perigosa, nas grandes vazantes, é a Puraquecoara, também conhecida por Morona. Tem um farol e está balizada com duas pirâmides de cimento sobre cabeços de pedra. Demora a jusante de Manaus duas horas.

Pataua – (*Oenocarpus pataua* Mart). – Palmeira. O vinho do fruto, grosso, parece chocolate, se bem tenha a cor creme laranja. Muito oleoso.

Patchuli – (*Andropogon squarrosus*) – A raiz desta erva, fina como um cipó, produz um perfume agradável. Com ela

fazem-se ventarolas, pastas e bolsas para guardar lenços, camisas, roupa branca.

Patranha – Mentira. Boato falso. E' tanta patranha agora que a gente não sabe de que freguesia é. Isso é patranha. Disque vem ai a 3º Republica, meu bem? Sei lá! O tempo é de patranha.

Paturi – (*Heliornis fulica*) – Patinho d'água.

Pau à-toa – Classificação de que se serve o caboclo para designar certos vegetais de que ele não sabe o nome. Maneira de despertar pra esquerda. Que árvore é aquela, seu Sizenando? Pau à-toa. E aquela outra? Também. E aquela, lá ao longe? Iguualmente. Então aqui é só pau à-toa? Quase só.

Paumaris – Tribo indígena que habita as margens do rio Purus. Sofre de moléstia do fígado, tendo a epiderme, principalmente nas partes expostas à luz, toda manchada de placas cinzentas, quase azuladas. São talvez os selvagens mais degradados do vale. Não plantam, não criam, não têm indústria. De verão, vivem nas praias ribeirinhas do rio comendo ovos de gaivotas, camaleão e tartaruga. De inverno, sobre rústicas jangadas de madeira com ligeiros paperis por moradias, internam-se nos lagos onde se alimentam de peixe. Uma raça aborígene vencida e quase extinta.

Pavão – (*Euripiga solaris*) – Papa-moscas e tem um movimento no corpo, sobre as pernas fixas, que dá ideia de estar dançando um minueto. Quando vê um inseto, fixa-o de tal modo que parece hipnotizá-lo. Depois, com rápida e certa bicada, devora-o. Rajado de preto e branco, sua vida é comer moscas.

Pávulo – Gabola. Fanfarrão. Pedante. Que se vangloria de amores, de valentias. Mas que sujeito pávulo. Mulher nem olha pra ele e é aquela gabolice. Apanhou como

cachorro e anda com pavulagem, bancando o herói.

Paxicá – Guisado do fígado da tataruga. Cortam essa víscera em quadrinhos do tamanho de dados e guisam-na numa caçarola. É um dos mais finos pratos do magnífico *boi do Amazonas*; muito oleoso, porém.

Paxiúba – (*Iriartea exorrhiza*) – Palmeira donde se extraem fibras têxteis e tabuado em forma de ribas, que servem para soalho de casa e de ponte, revestimento de paredes, etc. As raízes, sobre as quais assenta o tronco, parecem um feixe de espingardas ensarilhadas.

Peconha – Circuito de enviras que os apanhadores de açai metem nos pés para se firmarem nos caules e subirem com segurança as arvores de tronco fino.

Pé-d'água – Chuva grossa. Apanhei um pé-d'água no caminho que estou como um pinto, todo molhado.

Pé-de-chumbo – Alcinha antiga dada ao português. Também chamavam calcanhar-de-frigideira.

Pé-de-prato – Demônio. Espírito maligno. Gente, parece que o pé-de-pato se meteu na casa do compadre? Lá ninguém se entende. É um bate-boca da nossa morte.

Pé de vento – Trovoada seca. Corrente aérea súbita, imprevista, que surpreende o navegante, virando-lhe a canoa, rompendo-lhe a vela, levantando em tromba as areias da praia.

Pedra-ume-caá – (*Myrcia* ou *Eugenia*) – Planta arbustiva das praias enxutas. É muito procurada a de Parintins, excelente contra a diabetes. Empregam-na fazendo chá das folhas.

Pedro de Ursúa – Explorador espanhol que desceu o Amazonas, de Lima à ilha Margarida (1560). Governador no

Peru, fidalgo de Castela, a sua viagem constituiu a maior tragédia que já se escreveu sobre as águas barrentas do rio-mar. Buscava o aventureiro os tesouros encantados do Eldorado. Ele próprio, soberano daquele reino ambulante, pereceu vítima, com outros companheiros, de Pedro de Aguirre, membro da mesma expedição, que lhe tomou o comando da frota. Vinte e tantas embarcações miseráveis, sem conforto, remadas por índios, representavam aquele triste reino em marcha. Traziam, quando largaram do Peru, carta de prego para o Inferno. Até a amante de Ursúa, como se fizesse parte dos despojos, passou às mãos do usurpador que, por fim, foi morto nas Antilhas.

Peiê – L.G. Dez.

Peito-de-forno – É o picado da tataruga temperado com limão, sal e pimenta, espalhado no próprio peito, recoberto com uma leve camada de farinha-d'água bem fina, passada numa gurupena de crivo miúdo, e levado ao forno. Serve-se na mesa, mesmo nas cidades, onde as famílias já têm hábitos apurados, assim ao natural, como saiu ao forno.

Peixão – Mulher bonita, gordota. Você viu, compadre, na saída da igreja, aquele peixão? Cabocla de verdade, chega a estar roliça. Aquilo é de comer tambaqui e beber açai. Se não estou em erro, é da outra banda. Já dancei com ela no Januári. É só priprioica e jasmim. Foi compare Julinho que me apresentou esse peixão numa noite em que a coroa do Divino pernoitou no sítio do senador Silvério.

Pele – Nome por que é conhecida a bola de borracha, vinda dos seringais. Algumas chegam a pesar 50 e 100 quilos. O conhecimento de bordo, os manifestos, os despachos registram peles de borracha,

como se a mercadoria fosse couro de algum animal.

Pequena – Namorada. Hoje só danço com a minha pequena. A pequena ficou assada por causa da flor que eu dei pra outra. Está como uma cobra. Que pequena sapeca.

Pequetito – Pequenino. Que mosquito é este? Maruim. Como é pequetito.

Perau – L. G. Caminho falso. Grande profundidade junto dos taludes, à beira dos barrancos. Sumidouro, fojo. Vem do tupi *pirau* (onde falta o pé). Depressão funda, ignorada do leito.

Percejejo – (*Canorhinus vestitus*) – E' a espécie, segundo Wappaeus, mais hemófila. Há o percejejo doméstico e o percejejo do mato. Este mais sugador, aquele mais fedorento.

Pereba – Feridinha, sarna, erupção herpética.

Periantã – L. G. Ilha flutuante de canarana que desce a flor d'água na corrente. Chamam-na erradamente de barranco as pessoas que não são da Planície.

Periquito – Nó. Laço que se faz com o próprio cabelo no alto da cabeça das crianças. Faz um periquito nesse menino. Está com as madeixas todas atrapalhadas, é melhor fazer um periquito. Também se chamam de periquito os dois nós extremos feitos na mortalha dos defuntos indígenas, nos sambenitos.

Perlenga – Discurso. Falatório. Parlenda. Palavreado. Que perlenga pau. Eu já estava dorme não dorme. A perlenga daquele sujeito é pior que dormideira.

Pernóstico – Paroleiro. Que fala difícil. Que emprega palavras científicas sem que nem pra-quê.

Pescada – E' um dos peixes mais estimados da Amazônia. Manjar de casa rica e

de doente. Do palácio e do hospital, por ser fina e inofensiva. A branca (*Sciaena amazonica*), é a mais procurada. A preta (*Plagioscion auratus*), não é tão abundante quanto a primeira. Nada de comida pesada, está ouvindo? Pescadinha branca, em água e sal, ou gralhada, até que lhe voltem as forças.

Pescoção – Tabefe. Dei quatro pescoções naquele caraolho, que ele viu estrelinhas.

Piaçaba – (*Leopoldinia piassava*). – Palmeira. Dá uma fibra arroxeadada que lembra a cerda do porco. Dela fazem-se cabos, cordas, espias, viradouros, escovas, vassouras. Abunda no rio Negro.

Picada – Vereda aberta a facão. Caminho no meio da floresta que mal dá passagem para uma pessoa. Estou abrindo uma picada que vai da minha estrada de seringa à estrada do compadre Malaquias. Vi hoje uma picada na mata. Aquilo é peruano que anda atrás de caucho.

Pichana – L. G. Gato.

Picota – Galinha-de-angola. No Sul chamam-na capote. Geralmente pedrês. Criada nos sítios da Amazônia, ao ar livre, fica rústica e com hábitos silvestres. Põe os ovos fora de casa, no mato, em densas capoeiras onde é difícil penetrar. Desaparece na volta dum mês. E quando regressa é com a ninhada de picotinhos. Vem bicando, ciscando, cantando. Os jacamins mansos do terreiro, amigos de pinto, saúdam-na com esturros ventríloquos, agachando-se, de asas abertas. Cumprimento que a picota responde, no caráter de mãe que está criando muitos filhos, com esta queixa: “stou fraco! 'stou fraco, stou fraco!” E está fraca mesmo. Perto de um mês no choco.

Picuá – L. G. Cesto, saco, balaio onde se guardam objetos domésticos. Também

se usa na acepção de mobília. Arruma os picuás, minha gente, e vamos embora.

Picumã – L. G. Penduricalho de fuligem nas chaminés em forma de bambinelas.

Pilão – Gral de madeira de lei feito de um tronco de âmago de árvore cilíndrico e cintado, de 6 palos de alto. A parte de cima é escavada, de forma a poder a mão de pilão esmagar e triturar o milho, o café, o guaraná, o peixe e a carne-seca. Socar no pilão é esfariñar, reduzir a pó tudo que lá se mete.

Pílula – Palavra interjetiva da gíria popular. Ora, pílula! Que pílula! Pílula, já não aguento esta maçada.

Pimenta – (*Capsicum*) – Há uma grande variedade na Amazônia. A mais estimada é a malagueta (*Capsicum pendulum*), de um e meio centímetro de comprimento, fusiforme, vermelha. Come-se ainda a de cheiro, a olho de peixe, a murupi, a mata-frade, e muitas outras. Também existem os pimentões (*Capsicum annum*), grossos, verdes, próprios para serem recheados.

Pincho – Jogo de dinheiro entre crianças. Colocam um caroço de tucumã ou uma bola de chumbo a seis passos, e cada um, entre dois, três, quatro, parceiros, faz pontaria com uma moeda de cobre ou níquel. O que tiver melhor pontaria coloca todas as moedas de cara, numa ruma, e bate com a bola. As que voltarem a coroa para cima são ganhas. Se restarem algumas, dá segunda pancada. Sobrando ainda, o segundo parceiro faz a mesma cousa. Liquidado isto, principiam de novo. Disque tu estavas jogando o pincho, Quincas? Ainda mando soldado te pegar. E' mentira, mamãe.

Pindaíba – Quebradeira. Sem dinheiro. Ando numa burra pindaíba. A pindaíba é geral, minha gente. Parece que o dinheiro

fugiu. Na língua geral pindaíba significa outra cousa: é caniço, vara de anzol.

Pindorama – País das Palmeiras. E' como chamam ao Brasil as raças ando-peruanas e pampianas, isto é, as gentes das cordilheiras e das savanas. O coração do Pindorama, se tomarmos em conta o povo botânico de *Dea Palmaris*, é a Amazônia, sobretudo o oriente da Planície, nesse verdejante estuário onde tudo é leque verde, pluma, palma verde, ventarola verde, flabelo verde.

Pinho – Violão. O pinto fala na mão do Jerônimo. Que bicho danado no pinho. Aquele pinho é de verdade.

Pinicar – Bicar. Beliscar. Tocar de leve. A garça quis me pinicar, mamãe. Não me pinique, seu atrevido. Está muito doente, mal come, só pinicazinho um peixinho, um franguinho, uma papinha.

Pinoia – Imprestável. Sem valor. Este relógio é uma pinoia: não trabalha. Mas que pinoia é está? E' um realejo velho. Você só compra pinoia, meu bem.

Pipoca – Milho estalado ao fogo para comer. Coloca-se o bago de milho na cinza, junto à chama do fogão, e ele estala, virando a massa do avesso.

Piquiá – (*Caryocar vilosum*) – Vive nas terras altas. E' uma das maiores árvores da Planície. Alguns troncos medem cinco metros de diâmetro. Madeira de lei, os frutos oleosos, cosidos, são muito apreciados.

Pira – Sarna que ataca os animais. Doença de pele comum aos cães e gatos. Cachorro pirento. Que preto ruço, tuíra; aquilo é pira...

Piracema – Cardume de peixe que sai dos lagos no tempo das cheias e sobe o rio para a desova anual. A água reflete esse fenômeno ficando toda agitada na superfície, como se um navio tivesse passado. Em geral o fato ocorre na cheia, pela beirada

dos rios, quando os moradores das margens, com paneiros, tarrafas, serapilheiras, frechas enchem canoas e canoas de piramutabas, mandiís, pacus e outros peixes. O som confuso que essa multidão ictiológica provoca, parece vir de longe.

Piracuí – Farinha de peixe. Depois de secar bem a carne do pirarucu, tambaqui, pirapitinga, ao moquém, socam-na em pilão de madeira até reduzi-la a farinha. Tal processo faz conservar por muito tempo esse alimento, próprio para a matalotagem dos viajantes, caçadores, pescadores. Fácil de conduzir num pequeno jamaxi, o piracuí é dos alimentos do índio o mais comum e sadio.

Piraíba – (*Piratinga pirá-aiba*) – Peixe de pele, é, ainda, o maior da Amazônia. Chega a três metros de comprimento, engolindo um homem. Vive nos grandes rios e baías. De vez em quando salta fora d'água quase a prumo. O caboclo conhece, pelo salto da piraíba, se o rio enche ou vasa. Quando ela pula para o montante, enche; para o jusante, vasa. Malvista a sua carne, que aliás é saborosa, pela gente rica, só as classes menos abastadas das cidades da Amazônia a comem. No entanto os médicos americanos, do Hospital da Candelária, acima de Porto Velho, no rio Madeira, preferem-na a qualquer peixe, mesmo à pescada, na alimentação dos doentes. O caso se torna mais singular, porque alguns desses médicos eram verdadeiras sumidades no mundo científico.

Piramutaba – (*Platystoma Vaillantii*) – Peixe de pele, de três palmos, que nem é muito procurado nem muito desprezado. É comida de pobre. No baixo Amazonas, no tempo da desova, maio e junho, os cardumes sobem estrondando pela margem do rio. Nas baías de Marajó, do Sol, de

Colares, esturário do Tocantins, é abundante e pescado a espinhel.

Piranha – (*Serrasalmo*) – Há branca, vermelha e preta. De escama, quase redonda, como um disco, vive em cardume, pronta a devorar a presa, seja embora um grande animal, como boi ou cavalo. O ponto é haver um rasgão no couro do bicho ou na pele do homem ao atravessar um rio ou laguna. Voracíssima, como o tigre, não pode ver carne ou sangue. E mesmo conhecida, por esses caracteres ferozes, como o tigre da água.

Pirão – Farinha-d'água misturada com caldo de peixe ou carne para servir de pão.

Pirapaném – L. G. Estrela dalva. Piloto da manhã no céu.

Pirapitinga – (*Chalceus opalinus*) – Peixe branco, na tradução indígena. Apesar de ter muita espinha, é um prato delicado. De meio metro de comprimento, no tempo da desova sobe em piracemas, estrondando nas margens do Amazonas rio acima.

Pirarara – (*Silurus pirarara*) – Peixe de pele dos rios. Malhada de preto, branco e vermelho, a sua gordura é tida como de muito valor na pagelança doméstica. Fomente ele, comadre, com manteiga de pirarara. É tiro e queda. Mano Chico estava assim. Pois com dois fomentos foi roçar. A gordura é aplicada ainda com grande êxito nos papagaios e periquitos. Obrigam esses trepadores a engolir nacos de carne da pirarara para lhes transformar o colorido da plumagem. De verdes, ficam todos malhados de encarnado. Gente, como o louro tá diferente... Foi manteiga de pirarara, nhá Zefa.

Pirarucu – (*Sudis gigas*) – Um dos grandes peixes da Amazônia. De escamas vermelhas, donde lhe vem o nome, é co-

nhecido por bacalhau da Amazônia. Chega a pesar cem quilos. Fresco ou salgado é magnífico. A ventrecha é um petisco. A cabeça moqueada – deliciosa. As peças secas ao sol chamam-se postas e também mantas. Pescam-no de frecha, arpão e rede. A língua seca é uma grosa onde se ralam guaraná, madeira, tubérculos. As escamas servem de lixa. Choca os ovos nas guelras e cria os filhos sob os opérculos. A salga do pirarucu nos lagos é muito interessante, reveladora de hábitos, costumes, inteligência do caboclo. Tem um pulmão, como o aruanã, por isso respira à tona.

Piririca – Enrugamento, tremor da água quando passa um cardume de peixe. Escamoso, como lixa. Pele piririca, irritada.

Pirizal – Terreno baixo, úmido, recoberto de gramíneas. Brejo. Charco. A tabúia, conhecida por (*Cypereus giganteus*) no mundo científico, é o principal elemento vegetal desses trechos alagadiços.

Piroca – Calvo, careca. Pelado. Cabeça de recém-nascido. Criança piroca.

Pisa – Sova, surra, tunda. Dei-lhe uma pisa que o deixei a sal e vinagre. Tu queres é uma pisa...

Pitinga – Claro, branco. Cuia pitinga. Jacaretinga, urubutinga.

Pitiú – (*Podoenemis unifilis*) – Pequena tartaruga, peito branco, casco bruno. Vive nos lagos e igarapé. Desova nas praias, onde é apanhada. Delicada, morre de súbito quando fora de seu ambiente. Cheiro de peixe. Mau cheiro, fétido.

Pitorra – Pequeno. Socadote. Quem é este pitorra? Segura aqui o meu pitorra. Aquele pitorra me parece que é filho do compadre Simplício.

Pium – (*Simulium*) – Abundante nos altos rios. Tem a forma de um bicho de milho, porém menor. Só voa de dia, mas obriga

as populações a usarem um capuz de pano na cabeça, piuneiro. Tão irritante é a sua picada, que muitas vezes, de tanto coçar, se abre em chaga. Há lugares, no Purus e no Juruá onde, para ler e comer, é necessário estar em baixo de um grande mosquito.

Piuneiro – Capuz de pano que se usa nos altos rios para evitar a ferretuada do pium nas orelhas, na face, no pescoço, na testa. Coberta assim a cabeça até aos ombros, só aparecem os olhos, o nariz e a boca. A picada do pium deixa um sinal que, depois de alguns dias, fica preto, quando não inflama transformando-se numa ferida.

Pixaim – L. G. Emaranhado. Cabelo de preto. Crespo. Embaraçado. Que negro metido a sebo, hein, seu Alcides? Carapinha dele parece pimenta-do-reino; tão retorcida e fechada que lembra capoeira de roça. E' pixaim pra burro.

Pixé – L. G. Nauseabundo. Mau cheiro. Que preto danado pra tresandar a pixé! Ele não toma banho e só muda as meias no sábado. E' por isso, então?...

Poção – Lugar nas Ilhas de Dentro (Furos de Breves) onde desembocam vários canais. Claros redondos no labirinto fluvial. Poção dos Macacos. Poção da Olaria.

Poço – Cisterna de água potável que em geral as casas da Amazônia têm no quintal. Tira-se o líquido em balde ligado à corda que passa numa roldana presa ao travessão de madeira armado sobre o poço.

Poita – Pedra amarrada a um cabo e que serve de âncora aos pescadores. Fundeiam as canoas com a poita nos pesqueiros.

Ponha-mesa – (*Locusta viridissima*) – Lindo gafanhoto inofensivo, tido como bom agouro. E' uma esperança. Eu vi hoje uma ponha-mesa. Alguém está pra chegar. E' mano João que vem aí. Vamos pegar aquela ponha-mesa pra gente ser feliz, ma-

ninho. As pessoas do interior julgam que a ponha-mesa adivinha o sexo das crianças que estão para nascer. Assim, se há alguém para descansar no sítio, pegam a ponha-mesa e sopram-lhe na testa; se ela bate com as duas patinhas dianteiras, é fêmea; se faz um gesto de querer flechar, é macho. No Sul chamam-na de louva-deus.

Popocar – Ferver em borbotões. Borbulhar.

Poronga – L. G. Bonito. Bom.

Poraquê – (*Gymnotus electricus*) – E' peixe dos lagos, dos igapós e igarapés, em cujas bocas vive. Parece uma enguia e chega até dois metros de comprimento. Dá descargas elétricas que parecem pilhas. Às vezes fulmina um homem, quando lhe passa sobre o coração. E' muito temido. Faz cair certos frutos, como o do juari, do carauari e do taperebá, dando choque no tronco dessas árvores aquáticas. Negro, manchado de amarelo e branco, constitui um perigo para quem mergulha ou toma banho onde ele existe. Ninguém lhe come a carne, que é mole e desenhada. Humboldt e Bonpland observaram uma pesca de poraquês, muito original, na bacia do Orenoco, Venezuela, e que constitui em lançar uma cavallhada em lagoa rasa, cheia de poraquês. Os quadrúpedes, a princípio, ficaram verdadeiramente loucos, tomados de pânico com o choque das enguias. Alguns foram fulminados. Mas, à proporção que o tempo ia passando, eles ganharam coragem e dominaram o campo, quando então os poraquês começaram a fugir para as margens. Este desfecho imprevisto, julga Humboldt ser devido ao enfraquecimento das baterias elétricas dos peixes, que, depois de descargas e mais descargas, vão ficando sem energia para grandes choques, ou, talvez, para nenhum.

Pororoca – Choque entre as águas do mar e as águas do rio em lugares onde o leito é raso e cheio de altos e baixos. Só é possível a pororoca onde haja maré, fluxo e refluxo lunar, enfim. Manifesta-se com as águas vivas de equinócio nos cursos fluviais da Guiana brasileira e nos rios Guamá e Capim, a montante de Belém. O fenômeno não é exclusivo da foz do Amazonas. Com outros nomes ele existe na Europa, na Ásia, na África.

Porre – Bebedeira. Está porre. Sujeito tonto, bêbedo, alcoolizado, borracho. Também aplicam o termo como medida de cachaça. Dê cá um porre de cana, de branquinha, de água que passarinho não bebe. Compadre, você está porre. Venha de lá um porre aqui por conta do branco.

Porrete – Bengala grossa, tosca. Aquele sujeito tem cara de agente de polícia, olha o porrete dele. Você agora anda de porrete, parece secreta. Isto é um porrete de maçaranduba; pois este é de paxiúba.

Porto de Belém – O porto de Belém, capital do Estado do Pará, demora à margem oriental da baía do Guajará, a pouco mais de 100 milhas do Atlântico. Possui três canais do sentido norte-sul. O de leste, que passa junto ao cais da cidade, é o mais raso de todos; o do centro; e o de oeste, que banha a ilha das Onças, do outro lado da baía, e é o mais profundo. O seu regime de águas é de marés: enche e vaza de seis em seis horas, sendo as marés de sizíguas, nos equinócios, as mais altas. Os transatlânticos atracam ao cais de cimento. Apesar de haver quem lastime o fato das águas não enfiarem pelo canal que margina o porto, obrigando a companhia construtora a uma constante dragagem para manter a profundidade aproximada do contrato com o governo da República,

isso é um bem para a cidade e para a empresa concessionária. Se a corrente penetrasse por aí, a erosão seria fatal, trazendo como consequência o desmoronamento da muralha, como há pouco sucedeu com o velho trecho próximo ao Ver-o-peso. O estabelecimento do porto de Belém é de 30'. Ele tem três barras que lhe dão acesso: a do Chapéu Virado, que é a do norte, mais profunda, assinalada pelo farol do mesmo nome e o farol do Tatuoca; a do centro, chamada do Cotijuba e assinalada pelo farol deste nome; e a do sul, mais rasa, perigosa e estreita, conhecida pelo nome do farol que a baliza: Arrozal.

Porto de Manaus – O regime do porto de Manaus é fluvial. Enche e vaza de seis em seis meses. As águas principiam a baixar em junho e a encher em novembro, com pequenas variantes determinadas pelo verão e pelo inverno mais ou menos brando ou copioso. A maré atlântica não chega até Manaus, de sorte que não há aí estabelecimento do porto, que é o retardamento da preamar sobre a hora da passagem da Lua pelo meridiano no dia de uma sizígia equinocial. Seu porto de acesso, construído sobre flutuantes onde podem atracar os maiores paquetes do mundo, honra a inteligência do homem amazonense. À margem setentrional da baía do rio Negro, distante 6 milhas da foz, circunda, além do flutuante de embarque e desembarque, uma vermelha muralha de pedra (“Arenito”). Nas grandes inundações, quando o degelo andino coincide com as chuvas da Planície, a água sobe ao último pano da muralha, pouco faltando para alagar a terra marginal dentro do cais. A influência hidrográfica aí é mais meteorológica que astral. Ao contrário do porto de Belém, no oriente da Planície, onde a Lua é que rege o movimento de fluxo e

refluxo, em Manaus são os ventos alísios, vindos do mar, que, depois de carregados de umidade na travessia do Atlântico, despenham as chuvas no vale, auxiliados, para as cheias periódicas, pelo gelo derretido na cordilheira dos Andes.

Posta – Manta de pirarucu. Nome por que, na Amazônia, se chama a uma das bandas do *Sudis gigas*, aberta ao comprido, para depois secar ao sol. Que posta rosada de pirarucu! Veja esta posta de peixe como está bonita, compadre. Tenho trinta postas para empacotar.

Potoqueiro – Cantador de mentiras. Nunca vi um potoqueiro como este regatão. Mente mais do que a preta do leite. Potoca vive na língua dele. Não respeita barba das pessoas mais velhas.

Poxi – L. G. Mau, feio.

Praga – Abundância de carapanã. Hoje tem muita praga, chega a estar zunindo. Tranca porta, janela, tudo cedo que praga é demais. Quanta praga, doutor! No baixo Amazonas, o processo de defesa contra o carapanã é a casa fechada antes de cair a noite. Cerram-se as portas, as janelas e apagam-se as luzes. Pouca gente aí usa mosquitoieiro, como sucede no ocidente da Planície, nos altos rios, onde o nordestino se serve dele invariavelmente, e chama, em vez de praga, mosquito. E' mosquito pra mandar pra o Cão. Vote!

Praia de viração – Tabuleiro em que se viram tartarugas; só possível em tempo de verão, quando o quelônio sai d'água e sobe a terra para desovar na areia. Viram-no então de peito para cima aos cem, duzentos, milhares, de forma que ele não pode mais se locomover. Vamos fazer uma viração amanhã na praia do Tamandua. E' um processo que concorre para extinguir a tartaruga,

pois é feito antes da reprodução. Já existem posturas municipais proibitivas.

Prancha – Grande tábua de um só pau, que os “gaiolas” conduzem a bordo para estabelecer comunicação entre o navio e os portos de escala. E’ pela prancha que carregam e descarregam mercadorias; embarcam e desembarcam passageiros. Bota a prancha! Tira a prancha! São vozes ouvidas nos “gaiolas” durante a chegada e a saída de qualquer lugar no curso da derrota.

Prático – Piloto fluvial. Que dirige a navegação a bordo dos “gaiolas”. E’ quem dá o rumo, ordena a mudança de diretriz, manda sondar. Todos os movimentos da água lhe são familiares. O rebojo, o remanso, o estoque d’água, a corredeira corresponde para ele a um fenômeno telúrico, a um acidente topográfico, no fundo do rio nas margens. A derrota é feita pela terra. As enseadas, as pontas, as árvores, as abertas, os capinzais é que marcam o canal. Uma sumaumeira manda abrir da margem; um capinzal manda encostar.

Preamar – Quando a água da maré atinge ao seu mais alto nível.

Prego – Casa de penhor. Está com as joias todas no prego. Relógio dele só vive no prego, coitado! Também se emprega no sentido de parar por cansaço ou falta de combustível. Gente, carroça do Mané da Horta deu o prego. Também cavalo dele não come, disque vive como o cavalo do inglês, que Deus não me castigue. Automóvel do governador deu o prego na Avenida. Falta de gasolina, parece quê. Por que não usam álcool, que é cousa nossa e mais barata?

Prenda – Jogo de salão. Divertimento doméstico entre rapazes e raparigas. Vamos brincar de prenda? Pague prenda. Por que o seu fulano na berlinda? Porque é bonito. Porque é rico. Porque é namorador. Por-

que é falso. Que deseja a senhora que se faça ao dono ou dona desta prenda? Que vá lamber sabão. Que vá ver o sol nascer. Que não minta mais.

Pripioca – (*Killinga*) – Herbácea. As raízes, tubérculos ganglionados, têm um aroma original. Raladas, servem ao cheiro de papel usado na Amazônia para perfumar as gavetas de cômodas, os baús, os *sachets*.

Proa – Insolência. Arrogância. Veja aquela proa, seu doutor. Nem navio de guerra... Que proa! Quanto mais se ele fosse mesmo formado. Rábula barato... Nem da Jaqueira ao menos ele é...

Promessa – Voto que os fiéis fazem ante os seus padroeiros e que cumprem num determinado dia depois de atendidos. Por doenças físicas e morais prometem dinheiro, penitências, rezas, velas, membros de cera. O santo, então, cremos que antes por bondade que pela paga, faz o milagre. Há indivíduos, todavia, tão caloteiros, que depois de servidos, esquecem o benefício. Outros, sovinas, só no momento do aperto é que dizem dar isto e aquilo. Outros, ainda, mesmo no instante afetivo, estão usurariamente regateando com a divindade. Existe um conto nas *Várias histórias*, de Machado de Assis, que é uma verdadeira vergonha em matéria de promessa. Um devoto diminui tanto o preço da cura da mulher, que S. Francisco de Sales fica escandalizado. E’ o próprio silvícola que narra isso aos colegas na presença alarmada de um sacristão. Depois do fiel prometer uma perna de cera para o azeite do culto, arrepende-se e só quer dar 1.000 Padre Nossos e 1.000 Ave Marias. Miséria inconcebível que o santo conta ironicamente, sorrindo, a S. Miguel, a S. João Batista e a S. Francisco de Paula, numa doce cavaqueira sagrada, em hora de

folga religiosa, para mostrar a usura de certos católicos.

Pronto – Sem dinheiro. Estou hoje liso, sem um tostão. Não tenho com que mandar cantar um cego. Fiquei pronto no jogo do bicho. Ando cercando o macaco há dois meses, mas nada. O bicho salta que nem o macaco-de-cheiro no mato.

Prosa – Falador. Padroeiro. Este sujeito é um prosa, vice contanto histórias do arco-da-velha. Que prosa, aquilo é só da boca pra fora. Vá ser prosa assim para o diabo.

Puba – Apodrecida. Mandioca puba, amolecida na água durante muitos dias.

Puçá – Instrumento de pesca. Simples aparelho com que o caboclo apanha peixe miúdo, marisco. É um arco de cipó ou arame em que se veste um saco de pano, em forma de funil, de malhas mais ou menos abertas. Usam-no com cabo, nas pescarias de camarão, como um saco de entomólogo para apanhar borboletas. E usam-no com alça, atada à linha, quando o mergulham no leito dos rios e lagos.

Puçanga – Medicamento de curandeiro. Droga da pagelança. Beberagem. Mezinha, em geral de ervas, folhas, cipós, aplicada na feitiçaria. Cuidado com alguma puçanga. Não toma nada lá no sítio dela, nem vinho de cacau, nem açáí, nem café. Aquilo é mestra em puçanga. O major Bonifácio, quando andou enrabichado pela Chica Engole-cobra, diz que foi mandinga feita por ela. Assim compadre Caetano... Bebeu lá um café, e, não lhe digo nada, nunca mais pegou um mandíí, de panema, minha xera. Um doutor inglês, coitado, que, andava por aqui pegando as suas aranhas, as suas minhocas, os seus grilos, ficou tão virado da bola com a feitiçaria da mulher, que não podia ver boto

vermelho sem dizer que era o príncipe de Gales. E pedia logo uísque para oferecer ao herdeiro do trono da Inglaterra. Mim pesado, mim bife, mim patriota. E dizia horrores da rainha Isabel com sir Walter Raleigh. *Puçanga* é o nome de um formoso livro de Peregrino Júnior e que foi premiado pela Academia Brasileira de Letras.

Pucuri – (*Nectandra puchuri major*) – Da família das lauráceas. Os frutos, com favas ovoides, aromáticas, têm o sabor da noz-moscada. São medicinais.

Puera – Lama enxuta. Fundo de lagoa seca. Campos desencharcados, endurecidos pelo sol. Há quem chame ipuera.

Putirum – Ajuntamento de vizinhos e amigos para trabalhos de roça, construção de casa, pescaria. Auxílio recíproco dos pequenos lavradores. O putirum, apesar de ser uma reunião para fins agrícolas e domésticos, é, de fato, um pretexto para festas, ladainhas, danças. Tanto que, antes, na casa em que se faz o putirum, há uma verdadeira acumulação de comestíveis para o sustento de 10, 20, 30 pessoas. Juntam-se o pirarucu, a farinha, os xerimbados destinados ao alimento dos convidados. Comem-se até as galinhas dos santos, os leitões do senhor bispo, os jabutis do vigário. Verdadeira heresia, pecado mesmo. Credo!

Puxando – Depressa. Olha como aquele “gaiola” vem puxando pra chegar de dia. Naveguei desde ontem puxando. Também se diz do bêbedo. Um sujeito que só vive puxando. Não te mete que ele está puxando.

Puxar fogo – Sinal dado à máquina a fim de que maquinista de quarto mande ativar os fogos para a embarcação partir. Mande puxar fogo, imediato.

.....

Q

Quando – (*Coendu prehensilis*) – Rodeador que lembra o porco-espinho. Tem o rabo comprido. Passa a vida sobre as árvores. Come frutos e anda mais de noite que de dia.

Quaresma – Mentiroso. Contador de potoca. Você já viu quaresma como seu Inácio? Mentira chegou ali e armou rede, que Deus me perdoe. Não acredite, nhá Mirandolina, isso é um quaresma de marca.

Quebrado – Que não tem dinheiro. Ultimamente, compadre, tenho andando quebrado mesmo. Nunca estive quebrado como agora. Também empregam no sentido de falido. E' negociante quebrado. Perdiu moratória primeiro e depois quebrou.

Quebranto – Prostração, cansaço, fraqueza, abatimento físico atribuído a mau olhado. Gente, este menino não come, não chora, não ri; querem ver que ele está com quebranto. Foi o capitão. Botava ontem cada olho pra criança que parecia um espinho. Só benzendo...

Queimada – E' o nome que se dá ao incêndio propositado dos roçados e dos campos no tempo seco. Na região varzeira, onde as pastagens alagam, o fogo não prejudica a terra que se fertiliza com a colmatagem. Nas campinas alpestres, nos pontos altos, onde a água das enchentes não chega, a queimada é muito prejudicial. Os campos do rio Branco, verdadeiro Far West do Amazonas, têm sido tão bati-

dos pelo fogo, que estão ficando estéreis, calcinados, áridos.

Queimar – Usar. Gastar. Vestir. Agora vou queimar casimira. Queimando colarinho alto, ein? Só queimando seda, coração. Bicho pra queimar lenço bordado.

Queixada – (*Dicotyles labiatus*) – Também chamado porco-do-mato. Anda em varas numerosas devastando roças e plantações. O bater das mandíbulas é ouvido a distância na floresta. E' atrevido. Investe contra o homem, que, para se lhe defender das presas ameaçadoras, tem que subir em qualquer árvore.

Quengo – Inteligência. Astúcia. Perspicácia. Sujeito de quengo. Embrulhou a negrada toda. Foi uma quengada do tamanho de um bonde. Não escapou nem rato.

Querosene – Petróleo. A metade talvez dos candeeiros, lamparinas, faróis do interior do vale, nos barracões, nos sítios, nas fazendas, nos retiros é cheia com esse combustível líquido, importado da América do Norte em caixas que contém duas latas de cinco galões cada uma. A outra metade é cheia com azeite e óleos regionais, figurando em primeira linha o azeite de andiroba.

Quindim – Afago, carinho, encanto, meiguice. Mulher cheia de quindim, faceira. A Maricota ontem, gente, estava que era um quindim pra o lado do capitão.

Quintal – Terreno aos fundos, ao lado ou ao redor da casa. Baldio ou com pomar, quase todas as residências amazônicas, mesmo nas capitais, o possuem. Em geral as senhoras preferem as moradias que têm quintais. Quando escolhem casa para

se mudar predomina, na preferência, o quintal. A casa é boa, meu velho, mas não tem quintal. Onde eu vou criar minhas galinhas, meus perus, minhas picotas, meus xerimbabos? Vamos ver outra, que tenha quintal.

Quirana – L. G. Piolho falso. Lên-dea.

Quiriri – L. G. Calada noturna. Aparente silêncio da natureza. Ilusão acústica. Imperceptível burburinho de vozes de insetos, cujo som, aos nossos sentidos, parece mudo. Expressão onomatopaica talvez dos grilos, das cigarras, dos besouros, a zunir ao longe, e que o íncola traduz numa palavra estridulada.

Quiriru – (*Octopteryx guira*) – Também conhecido por anu-branco. E' todo arrepiado. Das aves trepadora é a que mais gosta do litoral.

Quitanda – Casita de comércio em que se vendem frutos. Vai na quitanda do canto que tem laranjas. Comprei estas mangas na quitanda do Manuel das Vatas. Lá também se encontram umas sapolilhas tão grandes e bonitas que só faltam dizer: me comam.

Quiticar – Golpe diagonal, um junto do outro, que se dá nos peixes miúdos, de muita espinha, pra serem fritos ou assados inteiros. Quitique bem esse jaraqui que tem espinha demais. Eu quitico um peixe que ninguém sente espinha.

Quitute – Comida gostosa. Prato especial. Petisco de peixe ou carne. Coronel não come nada. Pinica só, comadre. Se vaçuncê não fizer um quitutezinho para ele, é como se não houvesse comida na mesa. É homem que gosta de rolinha, tortinha, papinha, canjiquinha. Tem paladar fino que até parece estrangeiro.

.....

R

Rabicho – Namoro. Paixão. Isso é rabicho. Você não larga a Vicência. Parece que o coronel anda de rabicho com a professora.

Rabo do olho – Olhar disfarçado. Aquele sujeito só vive me olhando pelo rabo do olho. Não sei o que ele quer comigo. Olha pelo rabo de olho pra mulher do coronel. Credo! Parece uma arara de tanta fita encarnada. Bota o rabo do olho ali pra o outro lado.

Rafameia – De baixa esfera. Sem imputabilidade. Da escória social. Aquele sujeito não presta, é da rafameia. Veja a proa dele, compadre; nem parece vindo da rafameia.

Ralhar – Admoestar. Não vá ralhar à toa à criança. Você só vive ralhando á gente. Que mulher danada pra ralhar.

Rana – L. G. Sufixo da língua tupi guarani que significa parecido, semelhante. Canarana, cana falsa; suçuarana, onça pintada como veado; abiurana, abiu parecido.

Ranzinza – Intransigente. Que só torce pelas cores do seu clube. Que só acha valor e agilidade nos jogadores da sua sociedade. Aquela mocinha é ranzinza de verdade, chega a ficar torta quando a bola não faz gol.

Rebanada – Modo brusco por que qualquer pessoa se volta e retira de junto de outra. Movimento de ira e de raiva por que é cortado um diálogo, uma discussão. Ele deu uma rebanada e foi-se embora. Ação do rabo do peixe e do sáurio ao bater

à flor d'água. Rebanada da piraíba, rebanada do jacaré, rebanada do boto.

Rebojo – Funil d'água que a corrente abre sobre cabeços de pedra, troncos de árvore fincados no álveo, ou nos encontros de caudais na confluência dos rios.

Reboque – Montaria rebocada pelos barcos a vela que trafegam na contracosta paraense conduzindo gado de Marajó. Pequena embarcação destinada às manobras de atração do veleiro como dar uma espiá pra terra, ligar um cabo vaivém; ou, ainda, fazer o serviço dos tripulantes. O reboque está alagado. Ala o reboque. Vá no reboque.

Reboldosa – Rebordosa. Repreensão. Advertência. Passei-lhe ontem uma reboldosa que ele ficou com a cara no chão. Basta outra reboldosa para ele ficar direito.

Rebuçado – Calda de açúcar endurecida em bola e embrulha em papel. É um bombom nacional, sobretudo da Amazônia. Fazem-no com doce de bacuri, cupuaçu e caju dentro da massa. No Sul chamam-no bala.

Rede – Cama pendurada. Pano grosso com punhos nas extremidades, armado em cordas no ar, em que se dorme na Amazônia. Tecida de algodão ou tucum, ela é o leito da gente da Planície. Todos aqui dormem em redes. Algumas brancas, com varandas de labirintos, tecidas de linha fina, são admiráveis de macias. Outras, de tucum creme claro, espécie de linho do vale, bem urdidas, decoradas, são magníficas de resistência, se bem não tenha a brandura das de algodão. A mais belas ainda nos vêm do Maranhão, e as mais ordinárias, do Ceará. A mulher da

Amazônia tece um tipo intermediário, mais forte, porém menos belo. As varandas, em geral, em vez de serem urdidas do mesmo fio ou linha, são de chita.

Regatão – Embarcação de comércio ambulante. Galeota, maior que a igarité, de tolda corrida, com um compartimento fechado à popa. E' tirada a remo de faia por dois tripulantes. Propriedade hoje do turco, já o foi do hebraico e do português. Trafega em toda a Amazônia, vendendo artigos de estiva e artigos de armarinho. Há, no seu bojo, desde o jabá, a conserva, a farinha, o feijão, o sal até à conta, ao pente, ao brinco, à seda, ao anel. Chamam indiferentemente de regatão ao dono e à galeota. Não falo com esse regatão safado. O regatão está fazendo água.

Reimoso – Que faz mal ao sangue. Que produz erupção de pele. A carne de anta é muito reimoso, a da piraíba também. Não coma nada reimoso, compadre. Só uma pescadinha de grelha, um inhambuzinho e um chazinho de cidreira (ervacidreira). Também dizem *carregado*. E' muito *carregado* esse peixe. Isso é a caça mais carregada que eu conheço. Comadre Camélia está com a cara grossa só de provar caititu. Assim o coronel. Pegou a comer jabuti e tracajá, olha a idade das pe-rebas... E' cada uma rodela que parece tajá. Ele que tome batatão, que é remédio bom para essas *moléstias de inglês*.

Remanso – Água dos rios que corre na beirada em sentido contrário do caudal em virtude de pontas de terra, fins de praias, enseadas, onde o ângulo morto provoca uma espécie de refluxo fluvial.

Remediado – Que tem alguma fortuna. Sujeito que dispõe de recursos, que tem seu "sítio", seus bicos de galinha, suas

cabeças de gado, seu cacau, sua roca, seu batelão. O capitão Nicolau é remediado, já tem seus teréns. Está para ser coronel, dizquê. Filha dele vai pra capital estudar pra professora. E' tão bonitinha, benza-a Deus.

Rengideira – Barulho que fazem certas botinas. Que reúnas para rangerem. Só queimo agora rengideira, hein, compadre?

Repiquete – Sinal de enchente, acima do estuário amazônico, onde não predomina mais a força da maré atlântica. Primeiras manifestações anuais das cheias. Enxurrada. Lençóis turvos de linfa. Água nova que invade a água transparente, quieta, manchando de placas barrentas a toalha líquida. Gente, rio está enchendo! E' repiquete. Canoa fugiu com o repique. Cuida de desmanchar a roça por causa da cheia; repiquete vem aí.

Repuxo – Resistência. Você não tem cara de quem aguenta repuxo.

Rês – Boi, vaca, novilho, vitela, touro dos rebanhos vacuns amazônicos. Aplique o termo, indistintamente, aos machos e fêmeas. Que rês é aquela, capataz? E' a vaca da comadre Josefa. E aquela outra? Qual? Aquele cornopeto de armação retorcida. E' o touro do dr. Figueiredo.

Restinga – Cordão de praia nova coberta de lodo e que geralmente reponta do seio das águas à costa. Baixio recente, comprido, isolado; às vezes uma das extremidades toca na beirada.

Retiro – Barraca afastada das fazendas de gado, próprio pra domitório dos vaqueiros. Vou levar cinco homens para o retiro a fim de examinar as reses do Bom Jesus. Está dando muita bicheira lá. Carrapato também é demais. Então, aproveite e ferre a bezerrada.

Reúnas – Borzequins de soldado. Bostas ordinárias. Anda com umas reúnas de rengideira, que se ouve na Marapatá, credo! Onde arranjaste estas reúnas? Eu agora não quero calçado fino, que não dura; vou comprar reúnas.

Ribanceira – Talude à margem do rio. Terra escarpada, nua, talhada a pique na orla dos cursos d'água.

Richard Spruce – Inglês nascido na Escócia. Naturalista de alevantados méritos. Depois de Von Martius, foi ele o maior botânico estrangeiro que visitou a Planície. Seu *Notes of a botanist* é um repositório magnífico de informações sobre a nossa flora. Quem coligiu e publicou esse trabalho foi Alfredo R. Wallace, pois Spruce, doente, desanimado, não pôde levar a cabo tal obra, cheia de mapas geográficos e múltiplos documentos do *Arboretum Amazonicum*. O primeiro volume, referente a Belém, Santarém, Óbidos, rio Trombetas, Manaus, rio Negro, rio Uapés e rio Orenoco, além das minuciosas anotações do mundo vegetal, estuda a índole do nosso povo. Spruce, porém, afora estas viagens no baixo Amazonas, esteve no Peru cisandino e nos Andes do Equador.

Rio Pará – E' como se chama o caudal que contorna o sul de Marajó. Ele foi um volumoso galho do Amazonas em tempos idos, quando o grande rio rompeu a comporta que o separava do Atlântico. A rechã do Marajó, que nessa era não passava de parte do bloco continental, ficou ao centro, como ilha. O lençol líquido que principiou a banhá-la então pelo flanco meridional, em virtude da curva, foi perdendo a velocidade e o sedimento começou a colmatagem até que surgiu o numeroso arquipélago chamado agora de Ilhas de Dentro, e que ameaça fechar o

lance em questão pelo ocidente. Nos dias correntes, esse trecho é um braço quase morto, que seca a todo instante. Os filetes d'água que passam do Amazonas para ele, pelos Furos de Breves, auxiliados pelo Anapu, Pacajás e Jacundá, não o alimentam suficientemente, de maneira a dar oportunidade. Só depois que ele recebe o Tocantins, na altura do Mandi, é que seu leito se escava rumo do mar. Assim todo o trecho que vai dos Furos de Breves ao Joroca, incluindo as baías de Melgaço, Portel, Bagre, Oeiras, e que se chama rio Pará, levanta o colo, seca, ganglionar-se, rasando continuamente. E não passarão muitos séculos que esse primitivo galho amazônico se transformará no istmo que vai fazer de Marajó uma península. O rio Pará, pois, à proporção que o tempo avança, definha e morre.

Rios gêmeos – Todos os tipos de curso fluviais do mundo são encontrados na Amazônia, como se aí fosse o reino monumental de uma feira hidrográfica. Além do colorido das águas, barrento, transparente, verde, azul, branco, amarelo, vermelho, negro, surgem os tipos antagônicos ora parecidos, quase iguais, ora diferentes, como se fossem antípodas. Desde o rio de planície ao rio de montanha, passando pelo misto, que é o rio de planície e de montanha, ao mesmo tempo, ao se encontram. Mas, entre essa variedade de artérias de água doce, há que registrar os gêmeos, isto é, os parecidos, que lembram filhos do mesmo pai e da mesma mãe. Assim, o Purus e o Juruá são os mais semelhantes do grande anfiteatro. Atravessando a mesma infinda planura coberta de floresta ao sul da corda máter, que é o Amazonas, as suas barrentas, as suas voltas sinuosas, as suas penínsu-

las rasgadas em “sacados”, são idênticas. Flora e fauna irmãs, há que remarcar, na vegetação, uma dessemelhança: enquanto abunda no Purus, desde a foz até às nascentes, o castanheiro, *Bertholetia excelsa*, no Juruá não existe a famosa árvore, estragando-nos o “similis” das selvas. De parte isto, porém, ver o Purus correndo de verão e de inverno, por entre duas paredes de verdura, é ver o Juruá correndo. Em seguida vêm outros dois gêmeos: o Xingu e o Tapajós, de linfas esverdeadas, transparentes, encachoeirados, com vegetação diferente da dos rios de água branca carregados de sedimentos. Fluindo ambos ao sul da Amazônia, de correntes pobres de detritos, coloração úmida, parecem-se profundamente, desde o perfil de suas margens até ao panorama de seus vales. Da banda do norte, isto é, nas terras guianenses, correm outros dois parecidos: Nhamundá é Trombetas. Vê-se, depois, uma série de rios difíceis de aproximar. Assim, o Negro e o Branco são, logo pelos nomes que lhes refletem a coloração hídrica, dessemelhantes. O Tocantins, que nasce na terra mais velha do globo e morre na terra mais nova, é único na bacia, desde os rumos em que rola, de sul a norte, até à sua flora de cabeceira e de desaguadouro. O Javari, o Japurá, o Jari, o Maecuru, cada qual tem a sua fisionomia mais ou menos desigual.

Roçado – Mata desbastada para cultivar o terreno. Área que se limpa para plantar. Fiz um roçado que parece um campo. Só deixei de pé, como o índio, as pupunheiras. Abri um roçado na terra firme. Também se emprega no sentido figurado, para exprimir felicidade ou caipora. Disque tiraste, pela segunda vez, prêmio na loteria? E’, está chovendo no

meu roçado. Então, não foste promovido? Cabia-te a vez. No meu roçado não chove, meu velho.

Roceiro – Pessoa do interior, que corresponde ao camponês da Europa. Indivíduo, simples, que veste e fala em desacordo com a gente da cidade. Aspecto roceiro. Sujeito, que, longe, demonstra logo sua proveniência dos povoados, vilas e cidades da planície. Coronel roceiro. Matuto. Chefe político da roça. Moça chegada na capital é roceira. Estou ainda roceiro, compadre.

Rocinha – Habitação nos arrabaldes de Belém. Casa fora da cidade, espécie de quinta, toda de pomar. Moradia antiga da gente rica do Pará. Vai caindo em desuso essa designação, substituída agora por vila, *bungalow*, retiro.

Rodela – Tábua da proa e popa da canoa que fecha a embarcação. Também significa, carapetão.

Rolo – Briga entre muitas pessoas. Que rolo danando ali na estância do seu Manuel do Minho.

Ronca – Antigo. Remoto. Apareceu com uma roupa do tempo do ronca. Aquilo é dança do tempo do ronca. Festa do tempo do ronca.

Rouqueira – Pequeno canhão grosso de ferro ou bronze usado no interior da Amazônia para anunciar, nos sítios e velórios, festejos populares e religiosos. Gente, parece que ouvi um tiro de rouqueira na outra banda o rio, será? E’ no sítio compadre Silvério. Querem ver que foi padre Ananias que chegou. Ou então é Coroa do Divino que vem subindo na desobriga. Se for, eles pernoitam aqui. Vamos dançar. E se mata o capado de S. Benedito. Aqueles dois patos de S. José também vão pra faca; e as quatro frangas das Onze Mil

Virgens. Não vejo a jabota de S. Pedro. Festa de Santo só se come xerimbabo de santo. Aproveitemos ocasião pra mandar também pro leilão da matriz de Manaus o casal de “nicorne” que se criou em louvor de S. Cornélio.

Rudá – L. G. Deus do amor. Figuram-no como um guerreiro que reside nas

nuvens. Ele preside às paixões; é encarregado de agitar os sentimentos nobres no coração humano, de despertar a saudade, a simpatia, a generosidade, o desejo. Sua missão principal é fazer amar. Outros figuram-na como deusa, pois os mitos autóctones, consoante observação minuciosa, são todos femininos.

.....

S

Sabão – Repreensão. Levei um sabão da dindinha. Padre-mestre me passou um sabão.

Sabido – Advogado, bacharel, sujeito da cidade, contador de histórias. Que homem sabido! Da notícia de tudo, meu bem. O coronel, ontem, estava dizendo pra nhá Venância: Trate bem o doutor que ele bota suspensório em cobra, sabe até latim, é sabido de verdade.

Sabrecar – Passar ligeiramente pelo fogo. Tostar. Sabreca esse pirarucu na chama.

Sacado – Corte que a corrente faz para abreviar o curso do rio. Seccionamento de uma península fluvial pelo istmo. O caudal, depois de passar num ponto, dá uma, duas, três voltas e vem passar, em sentido contrário, renteando a mesma margem. Quando sucede fazer-se enseada nos dois lados do istmo, a água corre, fura a terra, abandona o caminho velho, que fica morto como um lago, e abre passagem nova. Em geral os rios de mais sacados são os de água preta, de menor velocidade. O Pausini, afluente do Purus, parece conter o maior número, segundo observação direta do autor.

Sacái – Galho seco e fino das árvores encontrado no solo das florestas. Pisado pelo caçador, produz um estalido característico de madeira seca que se quebra. Vá buscar hoje, compadre, um bocado de sacái pra o fogão. Estamos sem lenha.

Safado – Reles. Indigno. Cínico. Aquilo é o sujeito mais safado que o sol cobre. Safado como só ele. Me deu um beliscão e fingiu que estava olhando pra o outro lado. Perguntei se será pra casar ou pra o que era e ele respondeu: é pra o que era... Safado!

Saí – (*Coereba cyanea*) – Pássaro dos mais belos da Planície. Azul claro, com penas brancas e escuras, gosta das árvores baixas, das goiabeiras e mamoeiros, cujos frutos ele devora com seu bico fino. Não tem medo do homem e senta nos pomares das cidades.

Saiçupira – L. G. Amado.

Saído – Irreverente. Atrevido. Que sujeito saído, diz que perguntando se eu tenho a perna grossa. Não seja saído, seu pelintra. Que sacristão saído, querendo saber qual é o santo da minha freguesia. Já se viu...

Salão – Tabatinga escorregada dos barrancos e que forma, junto das ribanceiras, uma segunda mesa telúrica e que só descobre no verão. Às vezes os “gaiolas” atracam em certos portos, com o rio vazando, e quando querem largar estão encalhados no “salão”, ficando durante a seca. É comum no fim das voltas rápidas do Acre, onde se quebram as palhetas da hélice que nele tocam.

Salpreso – Ligeiramente salgado. Com pequena camada de sal. Bota esse peixe de salpreso, só pra aguentar amanhã. Chega uma salpresa; isso é pirarucu pra se comer esta semana.

Salseiro – Desordem. Briga entre muitos. Rolo em festa. Bem no meio da

quadrilha, meu santo, um cavalheiro porre pisou no pé de uma dama e haja taponar. Foi um salseiro tão grande que chamaram o subdelegado.

Samambaia – (*Adiantum*) – Lindo feto rendado, gênero avenca, parece um labirinto verde na floresta. Existem diversas espécies, todas curiosamente recortadas, abertas, complicadas como se fossem urdidadas por alguma artista da selva ou tecidas por alguma divindade autóctone.

Samba – Baile de roceiros. Os instrumentos são viola, cavaquinho, harmônica. Aquilo é samba na casa do capitão Vítor. Diz que ele comprou um gramofone que toca de um tudo. Estão estreado. Capitão é dunga no samba. Terreiro da casa dele é limpo, capinado, bom pra samba.

Sambaqui – Colina de carapaças de moluscos. Monte de conchas. Despojo da cozinha selvagem. Mais conhecido na Amazônia por mina de sernambi, é donde se tira a matéria-prima com que se fabrica a cal nas caieiras da Planície.

Samburá – Cesto feito de talas. É termo africano, vindo do Sul e pouco usado na Amazônia. Aqui, o que não é paneiro é balaio, jamaxi, uru, panacu.

Samuel Fritz – (Padre) – Filho da Boêmia. Conhecido por Apóstolo do Amazonas. Catequista, membro da Companhia de Jesus servindo nas missões espanholas do ocidente da Planície foi dela a primeira carta geográfica do Amazonas, depois corrigida por La Condamine. Levantou-a quando desceu dos cimos rumo do Atlântico. Apesar de ter baixado até Belém por doença, foi aí preso à ordem do governador Sá de Meneses (1689). Recluso perto de dois anos no Pará, onde elaborou o seu mapa, por fim o recambiaram para as missões castelhanas do alto Amazonas.

Sangrar – Primeiros golpes que o seringueiro dá nas árvores antes de colher o leite. Já estou sangrando a estrada. A seringueira, antes de principiar a produzir, é sangrada diariamente, para acostumar. Vou principiar a cortar amanhã. A estrada já está sangrada.

Sanguessuga – (*Hementeria Ghiliani*) – Vive nos charcos, nos pirizais, nos igapós, onde, enfim, houver uma toalha d'água estagnada. Além da espécie determinada acima, que é a maior de todas da Planície, existem várias. Quem entra num aguçal vem coberto de sanguessugas. O limão espremido sobre o animal obriga-o a largar a presa. Da cesura, quando ele cai, escorre um fio vivo de sangue. Embora se amplie este nome de sanguessuga às lombrigas parasitas internas do organismo humano, no Amazônia só se chama sanguessuga à lacustre.

Santarém – Cidade paraense à margem direita da foz do Tapajós. Parece uma *urbs* marítima pelas águas verdes e pelas praias louras. Contornado uma colina que desce mansamente sobre o rio, é a cidade mais industrial e alegre da Planície. Faz do navio ao “cheiro” de papel. Tem estaleiro, caieira, fábricas de cuias, de vinhos, de canoas, de batelões, de remos, de doces. Industriosa e feiticeira, por entre os artigos manufaturados ela vai empurrando aos araras o seu irapuru embalsamado, o seu olho de boto, a sua canela de socó, o seu rabo de tamanquaré. No fundo lodoso da sua baía para o montante já houve molusco, lindos bivalves, curiosas conchas nacaradas que se apanhavam enterradas na lama. O miliardário norte-americano Ford, instalado pouco acima, Tapajós a dentro, planta borracha nas suas terras e

constrói uma grande cidade, que será a Nova Orleans amazônica.

Santos, Estanislau Pessoa de Vasconcelos – Desembargador de raros atributos de inteligência. Magistrado erudito, senhor de vasta competência em matéria jurídica, tem sido várias vezes presidente do Tribunal Superior de Justiça do Pará. Suas sentenças, proferidas invariavelmente com aquela consciência pura dos homens justos e de bem, são acatadas pelo Brasil todo e principalmente pela gente da terra do insigne professor de Direito Samuel Mac Dowell, com o respeito que se vota aos mestres.

Sape – Interjeição com que se espanta o gato. Sape! Olha o Veludo, minha gente, comendo a banda de tambaqui da janta. Sape, amaldiçoado. Vai caçar. Pega tuas rolas, teus lagartos e deixa da gente. Mas o gato, que já conhece a bondade da dona, nem como cousa... Entra pra um balaio de costuras, deita-se, e lambe as patitas.

Sapeca – Namoradeira. Que namora toda gente. Que não pode ver calças. Que mocinha sapeca! Todas as irmãs são sapecas. É a rainha das sapecas. Aquilo não casa, tão sapeca é.

Sapo – Reptil. Batráquio. Na Amazônia são muito conhecidos as pererecas (*Hyla*), as rãs (*Leptodactylus*), os sapos (*Bufo*), as pipas (*Pipas*). A planície toda, em virtude de suas terras baixas, é um reino de sapos. Desde o negro cururu, de Spix, até as rãs crepusculares, verdes e azuis; desde os que vivem pelas árvores aos que vivem pelos charcos, estes comendo larvas aqueles insetos, que no vale amazônico pululam os batráquios, chiando, batendo, roncando, cantando. Alguns desses sons parecem remadas de canoas, outros rufos de tambor, outros mugidos

de vaca, outros gritos humanos. Nos alagadiços, mal anoitece, ouvem-se cem duetos destes: Foi, grita um sapo. Não foi, grita o outro. Foi... Não foi... Foi.. Não foi... Foi... Não foi...

Sapotilha – (*Achras sapota*) – Árvore pequena. O fruto redondo ou ovoide, de cor terrosa, tem a casca áspera. Maduro, a massa é mole, cheirosa, trescalando a baunilha. Em toda a Amazônia, as de Belém são as maiores, chegando algumas a tamanho de laranjas. Não é silvestre. No Sul chamam-na de sapota e sapoti.

Sapucaia – L. G. Galinha. Há também uma castanha na Planície, de grandes ouriços ovoides (*Lecithis paraensis*), que se chama de sapucaia.

Sapupema – Suporte do tronco das árvores, aberto em porta de leme, à flor da terra. Parecem grandes raízes chatas, fora do solo, destinadas a esconderijos de fera e gente. Nem todos os espécimes botânicos a possuem. A sumaumeira, uma das maiores e mais belas árvores da várzea, é a que mais ostenta esse contraforte curioso, chegando certos exemplares a ter mais de trinta sapupemas. Os índios transmitem avisos aos companheiros pelo baque na sapupema, donde sai um som reboante e sonoro.

Saracura – (*Aramides chircote*) – Pernalta de canto esquisito; ao amanhecer e ao cair da noite, se ouve na mata o seu grito estridente: Três potes! Três potes! Três potes! Anuncia o tempo seco.

Sarapatel – Espécie de sopa de tartaruga. São as tripas do quelônio conzinhada no próprio sangue. Tem um sabor magnífico. Há quem faça esse prato no casco da tartaruga. Em geral, é na panela.

Sarapó – (*Carapus fasciatus*) – Peixe vagabundo. Espécie de enguia inapreciada

na alimentação. Soltam-no quando é apanhado nas tarrafas ou armadilhas.

Sarará – Caranguejo da água do estuário. Pequeno crustáceo que só chega até onde vai a maré atlântica.

Sararaca – Frecha usada na pesca da tataruga, nos lagos, nos rios e igapós.

Saru – Manso. Calado. Palavra com que os pescadores traduzem a tranquilidade do lago desabitado de peixe, silencioso, noturno, sem vida, quieto. Está mesmo saru, não bate um matupiri.

Satisfação – Explicação. Se ele não me der uma satisfação eu parto-lhe ao chifres. Ficou manso depois e veio me dar uma satisfação. A satisfação dada dói completa, restabeleceu a verdade. Sem uma satisfação eu não fico.

Sauívas – (*Ata sexdens* e *Ata cephalotes*) – Formigas de cor vermelho escuro, quinze mm, mais ou menos de comprimento, cabeça grande armada de tesoura, constituem verdadeiro flagelo do agricultor, sobretudo do jardineiro da Planície. Roseiras que anoitecem virentes, amanhecem sem uma folha. Árvores que na véspera tinham a copa verde, surgem como árvores europeias no inverno, desfolhadas. Terrível, inexorável, ainda não sofreu aqui o combate necessário. Vive em formigueiros subterrâneos, largos panelões profundos onde vão ter as galerias de acesso. Para lá ela conduz as folhas destinadas à cultura dos seus cogumelos alimentares. É tão funesta que desequilibra paredes, abala alicerces, derruba casas. Com ela vive uma cobra inofensiva, de suas cabeças. É o inseto mais daninho da Amazônia. Quando Saint Hilaire andou nos chapadões de Goiás se impressionou tanto com a sua destruição que disse: “Ou o brasileiro acaba com a formiga ou a formiga acaba com o brasileiro.”

Semáforo aborígine – O índio comunica-se com os companheiros a distância, na guerra e na paz, por meio de um semáforo original: a fumaça. Envolve os troncos secos, sem copa e já meio carbonizados pelo fogo, em espirais de gramíneas e outras matérias vegetais a fim de que acessos, a fumaça, enovelada em altas colunas, transmita aos da tribo distante notícias que devem ser conhecidas urgentemente.

Será – Forma interrogativa. José Veríssimo, referindo-se a esta palavra, chama a atenção da sua semelhança com a portuguesa, com outro sentido, porém. Assim, o caboclo diz: Você vai à missa, será? Você tem sapato, será? Que homem é aquele, será? A palavra “será” era empregada para substituir o ponto de interrogação, que não existe no alfabeto do índio. Está compreendendo, será?

Serão – Trabalho nas primeiras horas da noite. Hoje, minha xera, vamos fazer um serãozinho até dez da noite. É pra acabar as costuras da moça do coronel.

Sereno – Orvalho. Neblina que se condensa e cai em pequeninas gotas sobre os corpos expostos ao ar livre. De manhã, nas partes baixas da Planície, as plantas repontam aljofradas. Com os primeiros raios de sol parecem cobertas de pequeninas pedras preciosas. Também se chama sereno à massa popular que assiste das ruas aos bailes. O sereno do Sporte Clube estava uma beleza. Era pequena, assim...

Seringueira – Árvore da borracha. Vegetal amazônico donde se extrai um leite que, depois de coagulado, se transforma na goma-elástica aplicada em milhares de indústrias. Há numerosas, que melhor se diferenciam pelas sementes que propriamente pelo perfil botânico. Entre

a *Hevea brasiliensis* e a *Hevea guyanensis* reportam dezenas de qualidades mais ou menos elásticas, mais ou menos duradouras, mais ou menos delicadas. Nativa da Planície, foi transportada para o estrangeiro, Ásia e Índia, onde a inteligência do homem a adaptou para concorrer com a silvestre. O grande problema a fim de readquirirmos o mercado, hoje perdido, é o da plantação em grande escala. Falhando o capital para semelhante trabalho, temos que aguardar a vinda do ouro dos grandes industriais, dos grandes banqueiros, das grandes empresas, nacionais ou estrangeiras.

Sermão – Conselho. Admoestação. Não venha com sermão pra meu lado, seu Peregrino, que eu já estou farta. Vá pregar sermão pra sua vó torta. A toda hora é sermão nesta casa.

Sernambi – Nome que atualmente se dá na Amazônia à borracha que não é defumada. Resto de seringa. Tipo inferior da goma-elástica. Sernambi, antigamente, chamavam-se os conglomerados de carapaças de moluscos e de onde se extrai a matéria-prima na fabricação da cal.

Servilha – Chinela.

Sesta – Pequeno repouso em rede depois do almoço. Uns pegam no sono, outros descansam apenas. A não ser quem tenha obrigações imediatas, todos na Planície dormem a sesta. Que é do seu padrinho? Está na sesta. Não faça barulho que mamãe está sestando. Que sesta comprida, “meu nome”.

Sexta-feira – Amante. Aquela é a sexta-feira do doutor.

Sinagoga – Cabeça. Alto da sinagoga, algo da cabeça. Não sei o que este sujeito tem na sinagoga. Só sendo pedra. Templo hebraico.

Sinhô – Rapaz, jovem, moço. Também o usam como resposta. Venâncio, ó Venâncio, por onde andas, Venâncio? Sinhô, responde o Venâncio.

Sirga – Processo por que as canoas e batelões navegam no Amazonas no tempo da vazante. Amarra-se à proa uma linha de barca ou cabo fino e os tripulantes, correndo pela praia, rebocam a embarcação, que é guiada pelo piloto à popa, no jacumã ou no leme.

Siri – Nome que o aborígine traduz por deslizar, correr para trás. É o caranguejo das praias arenosas, gênero decápode. Há várias espécies. O *siri-chita* (*Neptunus cribarius*), por exemplo, pintado na carapaça, é uma variedade. Todos se deslocam nas águas vivas de verão, quando as toalhas verdes do Atlântico invadem o estuário, e vão na testada da maré pelos rios a dentro. São apanhados a puçá e a paneiro, com isca de carne ou peixe. É um marisco muito apreciado.

Sirigaita – Leviana. Assanhada. Mulher que não namora carrapato porque não sabe qual é o macho. Que sirigaita! Só vive de olho nos homens alheios. Qualquer dia eu dou uns tapa naquela sirigaita.

Sítio – Pequeno estabelecimento agrícola. Moradia fora da sede dos municípios. Espécie de retiro que as pessoas mais abonadas possuem na proximidade dos povoados, vilas ou cidades. O sítio de nhá Eufrásia é só cacau. O sítio de nhá Evangelina tem de um tudo.

Situação – Estado moral. Que situação, a minha. Preso por ter cão e preso por não ter. Que triste situação a do compadre Cornélio. Aquilo só a bala. Estou numa situação muito melindrosa.

Soco! – Exclamação do caboclo ao perceber exageros em qualquer cousa. Que

fazenda cara, soco! Que homem alto, soco! Como enriqueceu depressa, soco!

Solidônia – (*Boerhavia paniculata*) – Planta rasteira herbácea. As raízes são muito apreciadas para combater as moléstias do fígado.

Solimões – Nome dado ao trecho do Amazonas que medeia entre a foz do rio Negro e a fronteira de Tabatinga. Uns pensam, como La Condamine, que esse nome provém das frechas intoxicadas do selvagem, e que significa rio dos venenos. Outros, que ele se origina das frotas de Salomão, que andaram por aqui em busca de ouro, prata, cedro, macaco, pavão, e que reproduz, num eco bíblico, o nome do rei sábio, ilustre e amoroso, que não só espantava a rainha de Sabá com as suas sentenças maravilhosas, como cantava, no *Cântico dos Cânticos*, a graça e a beleza da infortunada Sulamita.

Sopapo – Bofetada. Taponá. Tu andas procurando mas é levar uns sapapos.

Sovina – Mesquinho. Que não reparte as cousas. Alheio a sentimentos generosos. Que sujeito sovina, não dá um vestido pra gente...

Súcia – Gente sem cotação. Grupo de pessoas desacreditadas. Que súcia é aquela, compadre? E' de Canudos, é do Curro, é do Galpão. Aquela súcia não entra na festa. Mas que súcia...

Sucuriju – (*Eunectes murinus*) – Esta cobra é uma verdadeira mina literária. Apesar de ser a maior da Amazônia, encontra-se mais nos livros que nos igapós. Tem feito piores estragos entre leitores que entre pescadores. Sobre o seu tamanho, a fantasia trovadoresca dos rapsodos e a grave medida dos naturalistas ainda não chegaram a um acordo. Vai do tamanho de uma montaria ao tamanho de uma galera.

Em casos de aperto dramático, botam-lhe olhos de fogo, metem-lhe velas, máquinas e mandam-na espantar a humanidade com o nome de cobra grande, boiúna, mãe d'água. A verdade é que ela não é venenosa, mede cerca de 15 metros, e o perigo que oferece reside na força constringente com que parte os ossos da presa para depois engoli-la.

Sumaumeira – (*Ceiba pentandra*) – Da família das bombáceas, é uma das maiores árvores da Amazônia e a maior da várzea. Embora medre na terra firme, o seu habitat é a região baixa de solo novo, onde a terra mal levanta ainda o colo da linfa. Bela, imponente, dá uma paina sedosa, creme, própria para encher almofadas e travesseiros. Abrindo a sua formidável umbela sobre o mar clorofilado da folhagem da selva, os seus galhos horizontais, como braços ciclo ciclópicos distendidos, vivem cobertos de epífitas e parasitas, de tal modo, que é raro o exemplar que não apresenta uma decoração caprichosa de lianas, orquídeas e bromélias. O seu reino predileto é o estuário do rio-mar, em cujo arquipélago reponta aos milhares. Isto, por certo, em virtude da disseminação aí das sementes, feita pelo fluxo e refluxo da maré atlântica. Tronco soberbamente defendido por sapupemas, há exemplares que apresentam mais de vinte dessas raízes fora da terra e em forma de porta de leme, constituindo muitos abrigos em volta do tronco. Madeira ordinária, branca, leve, sem cotação nos mercados da carpintaria e marcenaria, viva, na árvore, resiste por séculos a fora.

Sumetume – Porta secreta, aberta entre paus e folhagens, disfarçadamente, pela paca. Sempre que o caçador entoca

esse roedor, tapando-lhe as saídas visíveis, ela foge pelo sumetume.

Supetão – De repente. Fui agredido de supetão. Eu nem esperava quando ele me deu a bofetada. Só mesmo de supetão. Dei-lhe um tapa de supetão que o bicho embolou.

Supimpa – Excelente. Delicioso. Superior. Que boia supimpa. As festas da comadre Jucundina são supimpas, têm de um tudo. Comes e bebes à farta. Bagunça dela é supimpa, mas acaba sempre em fuzuê.

Suruanã – Tartaruga do mar. Grande quelônio do oceano quase desaparecido das costas marítimas do Pará. Do seu cas-

co se fazem pentes, cofres, castões, piteiras muito delicados.

Surubim – (*Platistoma fasciatum*) – Peixe de pele de regular tamanho, malhado de branco e preto. Chega a 20 quilos. E' apanhado a linha, rede, e representa, principalmente quando está gordo, no tempo da cheia, um prato delicioso.

Surucucu – (*Lachesis rhombeata*) ou *Bothrops surucucu*). Cobra venenosa, tanto mais respeitada quanto são rápidos os seus movimentos. Dá o bote num relâmpago e mata quase fulminantemente. Vive na floresta e habita no buraco das pacas. Tem um silvo fino e agudo. Gosta da terra alta.

.....

T

Tabaco – (*Nicotiana tabacum*) – No Sul chamam fumo. Escritores nossos, aclimados, porém que não são da Amazônia, buscaram mil rodeios para evitar a palavra tabaco, que não é imoral na Planície, como sucede nos demais pontos do Brasil. Fumo aqui é fumaça e tabaco, tabaco mesmo.

Tabatinga – Argila plástica, escorregadia, de todas as cores. Agassiz quando andou na Planície, ficou admirado da variedade da tabatinga. Percebe-se, na maneira por que o homem civilizado emprega essa palavra tratando de barro de vários tons, o esquecimento do significado aborígine, pois *tinga*, na língua tupi, significa branco. Não é assim natural que se chame à argila verde, azul, vermelha, de tabatinga.

Taberna – Mercearia. Casa de comércio a retalho. Taberna bem sortida a daquele cutruco.

Taboca – (*Guadua*) – Da família dos bambus. As pequenas, de hastes finas, são usadas nas flechas. As grandes, conhecidas por taquaras, altas de vinte metros, grossas de vinte centímetros, lembrando tubos de encanamento d'água. Servem para construir casas, postes, canis, galinheiros.

Taboa – (*Cyperus giganteus*) – Grandes juncos que florescem nos pirizais. Com o seu talo se fabricam esteiras.

Tabuleiro – Praia alta, às vezes renteando a terra, às vezes isolada a meio rio, onde desovam as tartarugas.

Tacacá – Goma da tapioca misturada ao tucupi fervido com alho, sal, camarões,

jambu e pimentas-de-cheiro. Serve-se quente em pequenas cuias pretas. À primeira vista é desagradável, principalmente a quem desconhece a bebida. Os paraenses e amazonenses apreciam o tacacá.

Tacuruá – Fogão indígena. Compõe-se de três pedras ou bolas de barro, dispostas em triângulo, onde assenta a panela.

Tainha – (*Mugil incilis*) – Peixe que aparece com abundância nas costas de Marajó voltadas para o Atlântico, no tempo do verão. Os currais de Soure ficam cheios. Vendem-na fresca, moqueada e salgada. A ova, seca ao sol, é muito procurada. Nos tempos coloniais corria como dinheiro, pois era com pacotes de tainha que se pagavam os funcionários públicos. Uns ganhavam 20 pacotes, outros 30, 40, 100. Não virá daí o termo pacote, que se dá ao conto de réis?

Tajá – (*Caladium bicolor*) – Há de vários tamanhos e de várias cores. Os mais comuns são o verde-rosa, o verde-branco e o puramente verde. Este, de folhas enormes. Tanto medram no solo como nos galhos das árvores. Há o tajá-quepia, o tajá-membeca, o tajá-brasileiro, e o tajá-de-sol. Todos apropriados à decoração dos parques, salas, e, alguns, à pajelança doméstica. Silvestre.

Tala – Tira de casca de certas palmeiras com que se tecem balaios, gaiolas, cestos, paneiros, panacus. Vou tirar tala para fazer minhas gurupemas e meus abanos. Tala de jacitara é que é boa, dura muito.

Talha – Grande vaso de barro poroso destinado a esfriar água. É vermelha e do feitio de um cântaro. Usa-se muito a

bordo dos “gaiolas”, dentro de caixas de madeira. A água é tirada com um púcaro de folha-de-flandres e passada para os copos enfiados em buracos abertos no alto da caixa. Também se dá a bordo o nome de talha à subdivisão na contagem de lenha, de paneiros de farinha, de tijolos, de peles de borracha. Quando perfaz, por exemplo, o número vinte, cinquenta, cem, o marinheiro exclama: talha! E principia de novo, um, dois, três. Há uma anedota pitoresca sobre isto. Conta-se que um imediato muito esperto, para lograr nos portos o recebedor da mercadoria trazida pelo “gaiola”, ensinara o marinheiro encarregado das talhas, na entrega dos paneiros de farinha, a contar assim: diz um, diz dois, diz três, diz quatro, diz cinco, diz seis, diz sete, dezenove, vinte. O caboclo recebia invariavelmente dez por vinte, porque do diz oito o talhador passava, não pra diz nove, mas para dezenove e vinte.

Tamacuaré – (*Enyalius*) Lindo lagarto verde com serra no dorso.

Tambaqui – (*Miletes bidens*) – Peixe dos lagos, igarapés e igapós. Apanham-no a linha e a frecha. Gosta muito de frutinhas. Como os do taperebá, catauari, jaurá. Qualquer baque na superfície dos lagos e igarapés chama-o à tona. O pescador engana-o batendo o anzol do caniço à flor d’água. Ele sobe rápido e engole a isca. Abrem-no em duas bandas; enfiam cada uma, ao comprimento, numa varinha e moqueam-no. Assim, é chamado em Manaus tambaqui de cacete. Há um tempo em que sua carne está dura, revessa. E’ logo depois da desova. Tambaqui no choco, apelidam-no.

Tamuatá – (*Calichthy*) – Peixe cascuado que vive, como o acari, nos aguaçais, entre o lodo. Pega-se a mão. Carregam-se montarias com ele para depositar nos cur-

rais das casas. Cozinham-no sem o abrir, porque o caboclo o que mais estima do tamuatá são as vísceras com tripa e tudo.

Tanga-de-barro – (*Folium vitis*) – Também chamada *babal*, este adorno feminino foi usado pelas primitivas mulheres de Marajó. As mais simples, segundo Ladislau Neto, eram pintadas de vermelho. “São placas triangulares”, explica o grande arqueólogo alagando, “curvilíneas, ou, melhor, triângulos esféricos ligeiramente irregulares nas extremidades e no encurvamento, quanto necessário a se adaptarem ao órgão destinado. Em cada ângulo existe um orifício para atá-las por meio de um cordão”. Há dúvidas sobre o uso dessa tanga. Seriam ornamentais ou litúrgicas? Isto em virtude dos desenhos, que, apesar de finos, delicados, guardam certo cunho misterioso. Cheias de hieróglifos, umas apresentam faces humanas com a cruz grega ao centro; outras emblemas, alegorias, meandros, braços. Muitos caracteres simbólicos da escrita marajoara aparecem nesses *babais* de argila. Numa nota da redação do 1º volume dos arquivos do Museu Nacional, a propósito dum trabalho de Carlos Frederico Hartt sobre tangas de barro marajoaras, lê-se o seguintes:

“**Tanga**, e mais acertadamente *ntanga*, é o nome dado a uma moeda asiática. No plural significa direitos ou rendas de terras, ou ainda essas mesmas terras de certo modo caracterizadas. Nas possessões portuguesas da África e da Ásia, assim como no Brasil, estendeu-se este nome à denominação do pedaço de tecido com que os indígenas destes países ocultam as partes pudendas. Diz-se que esta homonímia é devida ao custar outrora uma tanga o retalho de pano que na Ásia era para este fim comprado. A língua brasileira em seus dialetos tem palavras com

que designa objetos do mesmo uso, mas fabricados de pena e de tecidos vegetais; não os possuem, que saibamos, para a espécie de que se fala (de barro), a qual, verdadeiro artefato arqueológico, não o conhece nenhuma das tribos nossas coevas. E' a folha da videira das antigas Evas de Marajó. O segredo de seu nome guardam-no para sempre, com as urnas dos perfumes das virgens morenas dos tupis, as areias mudas da grande ilha.”

Tangapema – L. G. Espécie de sabre de madeira dura, pesada, afiada e que os índios trazem pendentes da cintura como uma baioneta.

Tangurupará – (*Monasa nigra*) – Ave trepadora negra, rabo longo, bico escarlate. Abundante nos cacauais, onde destrói os insetos. Segundo a lenda indígena, é o único alado que não é arremedado pelo japiim. Isto porque o japiim julga que o bico do tangurupará, vermelho, anda tinto de sangue, sendo, pois um animal temível.

Tapagem – Um dos muitos processos de pescaria na Amazônia. Tapam a boca dos lagos, dos igarapés, dos aguaçais com redes de fio de algodão, fibra de envira, talas de palmeira e tocam o peixe, que vai ter à saída, fechada pela tapagem, e onde é apanhado.

Tapajônia – Bacia do rio Tapajós. Região da Amazônia que os geólogos consideram carbonífera. Hart já andou lá; Agassiz e Branner também. Ford, o arquimilionário ianque, está fazendo grandes plantações de seringueira à margem desse vale. Há pontos da Tapajônica em que os lençóis de petróleo estão visíveis.

Tapera – Casa em ruína. Lugar abandonado. Sítio, palhoça, que não tem mais moradores.

Taperebá – (*Spondias lutea*) – Grande árvore silvestre. O fruto amarelo, ácido, chei-

ro ativo, polpa sumarenta, tem o tamanho dum ovo de rola. Em refresco e sorvete é magnífico. No Sul chamam-no de cajamiri.

Taperebá-do-sertão – (*Spondias dulcis*) – Árvore regular. O fruto, chamado no Sul cajá-manga, é do tamanho dum ovo de jacaré; doce, é vivamente acidulado, dum amarelo-esverdeado na casca e alaranjado na polpa que envolve o caroço de fiapos duros.

Tapicuim – L. G. Ninho de cupim feito no chão. Em geral afetam a forma cônica, com seis palmos de altura, argamassa de argila vermelha e parda.

Tapioca – Amido. Pó alvo extraído da mandioca. Excelente polvilho usado pelas engomadeiras da Amazônia nos peitos e punhos de camisas brancas. Com ela se faz o tacacá e a farinha de tapioca, além de bolos.

Tapira – L. G. Anta. (*Tapirus americanus*) – E' o maior quadrúpede da Amazônia.

Tapuru – Larva de lagarta que se cria na entrecasca podre dos paus. Algumas são peçonhentas, outras venenosas, e outras comidas de índios.

Taquara – Frecha de taboca. A maior da Amazônia. Tem o bico largo, em lança, do próprio bambu.

Taquizeiro – (*Triplaris surinamensis*) – Árvore de porte médio, esguia, de tronco avermelhado, é um excelente “habitat” aéreo da formiga taci, sobretudo nas cheias, quando os rios desbordam e alagam as margens. Própria das várzeas, floresce no princípio da vazante, e vai, de junho a setembro, enfeitando o debrum ribeirinho do baixo Amazonas. É uma verdadeira festa de flora pelos barrancos quando ela desabotoa. Marcam, então, nas pétalas brancas e ferruginosas, o aparecimento do carapanã, que só se extingue depois de sumir a derradeira flor do taquizeiro.

Tartaruga – (*Podocnemos expansa*) – a água doce, os nativos chamam-na iurara-guassu. Pescam-na de viração, nos tabuleiros, ao tempo da desova; de anzol, de frecha, de tapagem, em outras épocas. Põe em média cem ovos, que o sol se incumbe de chocar, enterrados nas praias. É uma das iguarias delicadas da Amazônia. O boi do caboclo. Dela se fazem vários pratos: o guisado, o sarapatel, o paxicá, o picado no peito, a farofa no casco. A gordura derretida é um tempero superior à banha de porco. Assada, de um dia pra outro e posta no tucupi, é deliciosa.

Tarubá – Bebida composta de beijuaguá dissolvido em água.

Tatá – L. G. Fogo.

Tatajuba – (*Chlorophora tinctoria*) – Conhecido por limãorana, é o pau-brasil amarelo do baixo Amazonas. Da madeira se extrai uma tinta com que se colorem o algodão e o linho.

Taticumã – Fuligem. Quase a mesma cousa que “picumã”. A diferença é simplesmente na falta de bambinelas daquele.

Tauá – Nome exclusivo da tinta que se extrai da tabatinga amarela. Gente, como está o compadre João, parece tauá. Está amarelo que só tauá.

Tauari – (*Couratari*) – Grande árvore cheia de saponemas donde se extrai o “líber” que fornece a celebre mortalha para os cigarros indígenas.

Tavares Bastos – Publicista, parlamentar, político, nascido em Alagoas em 1839, faleceu em Nice em 1875. Deputado pela sua província natal aos 21 anos de idade, conquista no Parlamento do Segundo Império um dos postos mais notáveis. Entre as grandes campanhas, destaca-se, pelo vulto, a da abertura do Amazonas às bandeiras de todos os países. Apresentou a respeito o pri-

meiro projeto na Câmara temporária, projeto que nem foi tomado em consideração. Insistiu nesse objetivo com a tenacidade dum apóstolo que pretendia vitoriosa aquela ideia. Um ano antes de ser aberto o grande rio, Tavares Bastos empreendeu por sua conta uma longa viagem de estudos pelo imenso vale. Examinou como político que tem o senso das realidades todas as vitais necessidades da gleba maravilhosa. Como fruto de tão fecundas observações publicou um livro, hoje raro, o *Vale do Amazonas*, no qual, com uma admirável lucidez profética, surpreendia o futuro da formidável planura. Muitos dos problemas de que tratou estão aí desafiando a atividade dos homens de Estado. Tavares Bastos foi um dos beneméritos da Amazônia, da qual se fez ardente e desinteressado paladino. “Maior do que isto só o Universo”, exclama ele ao se defrontar com o radioso vale.

Tear – Grande quadro de madeira, colocado no solo em sentido vertical, com pequena inclinação para a parede em que se apoia, e no qual as mulheres da Amazônia tecem excelentes redes de tucum e fio de algodão.

Tecô – L. G. Assim... assim. Do mesmo modo. Na forma do costume. Como vai você? No meu tecô. Remando...

Tecoaiá – L. G. Pecado.

Tejupá – Barraquinha de palha. Pouso, rancho.

Tembetá – L. G. Adorno selvagem. Batoque de pedra ou madeira que os índios introduziam no lábio inferior. A pedra verde era sempre a preferida. Tinha o feitio dum prego grosso, ficando a cabeça do prego pela parte de cima do beicho.

Tendal – Jirau de madeira ao ar livre onde secam os bagos de cacau depois de aberto o fruto. Em geral tem uma cober-

ta para a noite, de folhas de zinco ou de palmeira, a fim de que os caroços não apanhem sereno e não umedeçam.

Tento – Fava de certas árvores. Alguns são encarnados ou amarelos, outros encarnado-preto.

Terçado – Grande faca de arrasto que os vaqueiros e seringueiros trazem pendentes da cintura. Facão. É instrumento imprescindível ao agricultor para abrir roças, cortar árvores finas, decepar cipós. Não há casa na Planície que não tenha um terçado. É colega do machado, que se vê por toda a parte.

Teréns – Haveres. Já não resta nada dos teréns dele. Vendeuzinho todos os teréns pra se curar. Tinha o peito aberto de tanto carregar lenha.

Terma – Em toda a planície amazônica, até hoje desvendada, não são bastante conhecidas as regiões termais, as fontes medicinais com águas variáveis em graus caloríficos. Em Monte Alegre, na Prainha, e em outros lugares altos, ao norte do Amazonas, isto é, na região guianense, conhecem-se vários mananciais, sulfóreos, ferruginosos, magnesianos, sem, contudo, já ter havido por aí um exame capaz de transformar essas fontes em estâncias termais.

Terno – Fato completo: calça, colete e paletó. Parece que o Jeremias tirou sorte grande, gente. Por quê? Está de terno novo. Aquele forreta só compra terno com a loteria. Vou mandar fazer um terno cinzento.

Terra firme – Terreno alto, que não alaga. A cavaleiro das cheias, mesmo nas grandes inundações. O seringal do compadre é numa terra firme coberta de laranjais. Que linda rebolada de terra firme.

Terreiro – Solo varrido, limpo, plantado, na frente das moradias do interior, à beira dos rios e lagos. Que terreiro bem

tratado, não tem um capim. O terreiro do “sítio” do capitão Policarpo dá vontade da gente deitar. Seu terreiro, nhá Chica, é uma beleza.

Terroada – Lugar alto. O barracão é numa terroada. Naquela terroada é só castanheira.

Teso – Língua de terra que liga, através de regiões lacustres, lugares alagadiços, estabelecendo comunicação entre duas zonas enxutas.

Teteia – Moça bonita. Rapariga formosa. Olha aquela teteia que vai ali na procissão. Lembra uma santa. Tem jeito de imagem. Parece que desceu do altar. Quem é aquela teteia com quem tu andavas ontem? É minha noiva.

Theodor Kock Grunberg – Etnógrafo alemão. Foi um dos derradeiros naturalistas que visitaram a Planície nas suas lindes do ocidente. Palmilhou as abas do sul, nas regiões de Mato Grosso e as abas do norte, nas regiões guianenses. Estudou as tribos indígenas do Xingu, do Japurá, no Uapés, do Negro com rara minúcia e inteligência. Tomou parte na expedição de Hamilton Rice. É citado como um dos poucos homens civilizados que atravessaram o divisor de águas entre o Brasil e a Venezuela. Sentindo-se prestes a morrer em Vista Alegre do rio Branco, pediu que lhe enterrassem o corpo em pleno campo, no meio da natureza bravia. Assim foi feito. Os maldizentes afirmam que o livro *Macunatna*, do festejado escritor Mário de Andrade, é todo inspirado no *Von Roroimã Zum Orinoco* do sábio. Desconhecendo eu o livro do naturalista germânico, não creio nesse boato, pois o romancista patricio, com quem privei em Manaus, possui talento e imaginação que dispensa inspirações estranhas. Infelizmente

te o brasileiro só crê e exalta a obra do ádvena. E' uma falha do nosso caráter.

Tiçãõ – Parte carbonizada de um pequeno pedaço de madeira combustível que serviu no fogão ou na trempe do moquéim. Ponta negra de uma lasca de pau que já ardeu e que apagou. Chamam também ironicamente ao preto de tiçãõ. Olha aquele preto, parece um tiçãõ. Gente, que negro retinto. Só tiçãõ. Ah! Uma onça...

Tico – Pequeno. Pedaço. Pouco. Não corte muito pra mim. Quero só um tico. Olhe aquele sujeito, compadre, é um tico de gente. O' seu Benâncio, probe-me cá este binho. Eu não bebo espírito, seu Mané da Horta. Mas enfim bote um tiquinho, bem gito.

Tigelinha – Vasilha. Recipiente usado pelo seringueiro para colher o leite que escorre da cesura pelo golpe de machadinho no tronco da seringueira. Antigamente era de barro, agora é de folhade-flandres. Esta seringueira é de verdade, pega dez tigelinhas.

Tijuco – Lodo, lama. Massa muito plástica e fina de sedimentos carreados pelos cursos fluviais. Tem a cor cinzento-escuro.

Tijucopaua – L. G. Lugar de tijuco, lama, tremedal, praia de lodo. Atoleiro.

Timbó – (*Lngocarpus*) – Cipó donde se extrai um tóxico com que os pescadores envenenam a água dos igarapés e lagos para estontear os peixes e apanhá-los. Às vezes carregam na dose, e, em vez de atordoá-los apenas, matam-no. Ficam, então as águas coalhadas de peixe de bubuia, que apodrece e em sua maioria se perde. Em muitos casos o tóxico, mesmo depois do peixe fervido ou moqueado, se transmite a quem o come, produzindo envenenamentos de famílias inteiras. E' a mais daninha forma de pescar na Amazônia.

Tipiti – Cilindro de talas de palmeiras tecido de forma que, esticado nas duas extremidades, comprime a massa que está dentro e faz escorrer o suco. E' com ele que se obtém o tucupi e o vinho de cacau. Faz parte da aparelhagem do fabrico da farinha d'água.

Tipoia – Alça de pano enfiada no pescoço, na qual se descansa o braço ferido, a mão doente. Também chamam à rede tipoia. Vou dormir a sexta na minha tipoia. Tenho uma tipoia branca que é uma beleza de macia.

Tipuca – Leite que se extrai da vaca no momento em que esta já tem o úbere quase esgotado. E' grosso, rico em gordura. Os doentes, nas fazendas, só tomam tipuca. Comadre, você está quase como um baiacu. E' tipuca, meu bem.

Tiquara – Aguado, que leva água, chibé.

Tirando uma linha – Observando. Estava tirando uma linha daquela pequena. E' bonita de verdade. Que linha é essa que você está tirando, meu coração. Ah! É da Carlota. Tirei uma linha da tua conversa com a Gertrudes.

Titica – Excremento. Gente, pisei na titica de galinha. Estou fedendo a titica de gato. Credo, como está cheio de titica de cabra... Minha roupa está cheia de titica, parece que saí de algum galinheiro.

Toca – Esconderijo. Cova. Buraco de paca ou caititu. Toca nos paus ou nas galerias subterrâneas.

Tocaia – Espera nos galhos de árvore, atrás das arvores. Está de tocaia; aguardando caça ou inimigo.

Tocantins – Rio que desce do sul para o norte. Vem do platô sereno de Goiás às várzeas inconstantes do Pará. Dos grandes caudais do setentrião, ele é o mais brasileiro dos rios: só rói a sua terra. Nasce na gleba

mais velha do Planeta e morre na mais nova. Encachoeirado, é um curso de montanha e de planície. De águas esverdeadas, antes de penetrar o oceano mistura-se à corrente que vem do Amazonas pelos Furos de Breves, turva-se, atravessa várias baías, como a do Marajó, e lança-se no Atlântico.

Toqueiro – Seringueiro que entrega a borracha no toco da hévea, isto é, vende o artigo pelo preço que o aviado lhe faz no momento de recebê-lo na floresta. Há seringueiros que mandam o gênero por conta própria, sujeitando-se ao preço que vigorar quando for negociado em Manaus ou Belém. Esse não é toqueiro.

Torrão – Bloco de tabatinga que escorrega das ribanceiras e fica no meio dos altos afluentes, endurecidos por muito tempo. Parece pedra. Produz grande rebojo. Os “gaiolas”, enquanto o rio não enche inteiramente, evitam-no. Dissolve-se com a ação das águas.

Tostão – Moeda de níquel de cem réis. Cinco tostão: antigas notas de papel. Dez tostão: notas atuais de mil réis.

Tracajá – (*Prodocnemis dumerliana*) – Dos quelônios, amazônicos é o de ovos mais gostosos, mais finos, mais delicados. Não excedendo no Baixo Amazonas a cinquenta centímetros, no alto vai a um metro. Desova no Baixo Amazonas pelos barrancos de argila, enquanto que no alto é pelas praias. Gosta do sol. Sobe aos troncos deitados nas beiradas e aí fica muito tempo aquecendo a carapaça.

Traíra – (*Macrodon*) – Peixe do mato, isto é, dos igapós, dos alagadiços, das beiradas cobertas de vegetação. Há um ditado que se refere à traíra, decorrente talvez da sua indiferença pelo anzol iscado com a carne de outra traíra. Sempre que se vê um sujeito qualquer da política, no comércio,

nas letras, na religião, no jogo, ser tolerante com o adversário, ou porque o tema ou porque o despreze, diz-se o seguinte: Traíra não come seu parente...

Trairamboia ou **Piramboia** – (*Lepidosirem Paradoxa*) – Da família das enguias de água doce, até 1837, os sábios hesitavam em classificá-la na tábua dos peixes, dos sapos e das cobras. Foi Blainville que, depois de minuciosos estudos, a incluiu na ordem ictiológica. Hoje a zoologia a cita como forma intermediária entre os peixes e os batráquios, em virtude de um par de pulmões que, além do aparelho branquial, dá ao animal as vantagens de respirar na água e em seco, podendo viver no fundo dos igarapés ou na toca argamassada dos barrancos. Como se vê, é um peixe que está no período de transição, evoluindo dos lençóis aquáticos para a terra úmida. Confirma, assim, a hipótese de que todas as vidas surgiram do mar. Daí o interesse que têm os sábios em ver o animal que reforça e remarca um instante milenar de transição. Preta, pintada de branco, com cerca de um metro de comprimento, tem a cauda chata, em cuja zona e exteriormente se encontram débeis filamentos. A primeira traíra m'boia encontrada num lago de Borba, bacia do Madeira, o foi por Natterer, célebre naturalista que andou na Amazônia (1832). O conde de Castelnau descobriu a segunda no rio Ucayale, Peru, em 1845. Barbosa Rodrigues topou a terceira no igarapé do Aterro, em Manaus. Antes, na Ásia, Adanson e Arnaud já haviam descoberto alguns espécimes. Natterer acrescentou ao nome do *lepidosiren* o de *paradoxa*, Castelnau o de *dissimilis*, e, Barbosa Rodrigues, o de *giglioliana*. Mas, além deste espécime, há, na família das lepidosireias, outros exemplares, como o

muçu, *Simbrachus marmoratus*, e o poraquê, *Gymnotus electricus*, que são cunhados e primos da traíra m'boia. (trairamboia).

Tranca – Escora. Frecha bem a porta, com tranca. Depois da casa roubada, tranca na porta. Manda botar uma tranca senão gatuno entra de novo.

Trapiche – Ponte sobre a qual é construído um armazém para abrigar mercadorias e onde atracam os navios a fim de carregar e descarregar. O porto de Belém, antes do cais atual era cheio de trapiches. Cada empresa de navegação, transatlântica ou fluvial, tinha o seu. Com os melhoramentos do porto estão desaparecendo. Ainda assim, quase todas as cidades e vilas paraenses do estuário tocantino e amazônico, têm, no porto principal, um trapiche. Na região das Ilhas, onde a terra ainda é muito baixa, não é possível um barracão sem o trapiche. Em geral são armados sobre estacada de madeira de lei.

Traquejo – Experiência. Prática. Você parece que não tem traquejo de vaqueiro. Tenho. Sou traquejado. Laço, aperto, derubido. Quero é três cavalos pra minha sela. Nem um, nem dois cavalos aguentam serviço da férrea. Só de três pra cima.

Traste – Falso. Mau amigo. Cheio de defeitos. Aquilo é um traste. Safadeza chegou ali e armou rede.

Trastejar – Hesitar. Vacilar. Não traça na corrida, compadre. Mão firme na rédea e perna apertada na barriga da montada. Olho “fixe” entre as orelhas do animal e relho nele.

Trepa-moleque – Pente grande em forma de telha que as mulheres da Planície usavam. Vai caindo em desuso. Inglês de Sousa, nos seus *Contos amazônicos*, ainda se refere a ele.

Troça – Ironia. Remoque. É um sujeito que só vive fazendo troça. Ele faz troça até com a mãe dos outros.

Troceno – Tambor de guerra com que o selvagem transmite, pelo som, sinais aos companheiros distantes.

Tronco – Instrumento de castigo feito de um toro de pau furado por onde entram as pernas do castigado. Boto este preto no tronco. Aquele brabo anda procurando é tronco. Antigamente era usado para castigo dos escravos, nas senzalas. Agora usam-no em certos seringais onde a lei do 44 é que rege a sociedade.

Tronqueira – Muitos paus fortes fincados casualmente no leito do rio dificultando a navegação. Aqueles rebojos são de uma tronqueira. Está bem no meio do rio. *Curuçá* já furou nela. A passagem é ruim por causa da tronqueira. É tudo piranheira. Cada uma desta idade. Machado ali é besteira. Só fogo.

Tropa – Rapaziada. Grupo de moços de clubes, de sociedades que vai aqui, ou acolá, em reunião. A tropa vem aí. Ontem combinamos que a tropa chegaria ao bater das dez. A minha tropa é limpa. A tropa lá do Sport Clube é ranzinza.

Trote – Surriada. Mofa. Os estudantes deram um trote ontem num calouro. Levei um trote por ter escorregado na sala. Tenho mais medo de trote do que o Diabo tem da cruz.

Truque – Trapaça. Logro. Ele fez um truque com as cartas. Ninguém lhe vê os truques. É muito ágil. Eu perdi no negócio devido a um truque. Sua vantagem é fazer truques.

Tucano – Trepador considerado entre as aves o que são as preguiças entre os mamíferos. Isto, em virtude dos movimentos lentos, demorados. O tucanaçu

(*Rhamphastos toco*), de plumagem negra, grande bico amarelo, é o maior de todos; há o de bico preto (*Rhamphastos vitellinus*), e o de bico preto e branco (*Rhamphastos Cuvieri*).

Tucumã – (*Astrocarium tucumã*) – Palmeira do Solimões e rio Negro. Dá uma fibra magnífica, chamada tucum, própria para as redes conhecidas pelo nome de maloqueiras. Algumas são mais claras, produzindo fio quase branco; outras pardacentas. Há redes dessas que valem, pela qualidade do tecido e pela perfeição de linha, um conto de réis. As maloqueiras comuns, urdidas em ponto de tarrafa, custam dez, quinze e vinte mil réis.

Tucupi – Caldo de mandioca. Antes de ser fervido é venenoso. Além do tacacá, ele serve para cozinhar caças e peixes, aos quais transmite gosto especial, sabor picante e esquisito. A paca no tucupi, a tartaruga no tucupi, o tambaqui no tucupi são acepipes estimados na Planície.

Tuíra – Cinzento. Preto desbotado. A epiderme do negro, quando em contato com o tijuco, fica tuíra. Os grandes caules escuros de palmeira deitado nos taludes do estuário, para servir de ponte entre o porto e a barraca, ficam tuíras de lama.

Tupã – L. G. Trovão. Deus.

Tupaci – L. G. Mãe de Deus.

Tupana – L. G. Imagem ou santo. Deusa.

Tupanaroca – L. G. Templo. Igreja. Casa de Deus.

Tupana taíra rangaba – L. G. Cruzifixo. Imagem. Parecido. Filho de Deus.

Tupanauatá – L. G. Procissão.

Tuparendaba – L. G. Oratório. Sacrário.

Tupé – Esteira. Fazem-na de tábua, de palha, de tala. O caboclo “remediado” usa em baixo de sua rede, como um tapete, o tupé de tábua. As cunhantãs fazem serões de costura, de renda, de leitura, sobre tupés.

Tupinambarana – Tupinambá falso. A maior ilha do Estado do Amazonas. É saudável, cheia de florestas e campinas, toda cortada de furos. Na sua extremidade oriental está a cidade de Parintins, que já foi Vila Nova da Rainha, cidade da imperatriz e aldeia dos tupinambaranas.

Tutu – Fantasma. Duende. Não esteja gritando meu bem, senão chamo o tutu. Tutu, vem aí para comer as crianças choronas e levar todas as que não dormem. Durma já, meu filho. Vem, decerto, de murucututu, que é uma ave agourenta, tida entre os selvagens como fantasma.

Tuxaua – Chefe de tribo indígena. General aborígine. Maior figura na direção das malocas. Também chamam pejorativamente de taxaua aos paredros políticos da Amazônia. Pelo interior vão mudando a casca desde capitão, major, coronel, até chefe, isto é, tuxaua. Nas cidades, com o advento de certos governadores, tipos sem importância viram cobra de repente e bancam o tuxaua, o chefe. Disque já é chefe do Partido Limão com Açúcar em Garrafa de Litro. Casa dele vive assim, de gente. Roceiro é só mandando lembrança, tartarugota, jacamim, jacu, mutum, galinha, até cunhantã pra servi-lo. Papo dele tá tufando que nem baiacu.

.....

U

Uai! – Interjeição de espanto, de surpresa. Uai! Por onde você entrou, será? Uai! Não é que tem cobra aqui dentro; senti uma cousa mole passar no meu pé.

Uaiua – Estado em que fica a água dos afluentes com os primeiros “repiquetes”. Os peixes boiam como envenenados. Os tambaquis, com os beiços grossos, são mortos a cacete, de bubuia. Água má, ruim, maligna.

Uamiri – Seta feita de palmeira inajá e que é lançada pela zarabatana. A parte posterior dessa pequenina flecha envenenada é envolvida numa bola de paina de sumaúma. É acionada pelo sopro. Própria para caça.

Uapé – Vitória-régia, mururu ou mururé. Nome enfim que o índio dá às ninfeáceas.

Uaturá – Cesto carregado nas costas e preso a uma envira que passa na testa. Próprio para conduzir produtos de lavoura.

Uaxini – L. G. Cinco.

Ubá – Canoa de um tronco só de árvore. Escavada a fogo, pelo índio é na ubá, de vários tamanhos, que a tribo toda se locomove. Nela pesca a silvícola e nela se retira para o fundo da hinterlândia, à proporção que o invasor civilizado lhe toma a terra. A ubá é negra, feia, sem quilha, sem banco, sem conforto, sem estética. Impelem-na a remo de mão.

Ubim – (*Geonoma*) – Palmeirita que dá excelentes fibras. A sua folha, sem ser

grande, é muito usada como forro dos paineiros que contêm farinha-d’água.

Uirapuru – (*Pachysylvia rubifrons*) – Passarinho castanho, do tamanho duma patativa. Seu canto argentino, de notas metálicas, reboante na floresta, lhe dá um prestígio de lenda. Dizem que todos os alados quando o ouvem se calam e vêm atraídos escutar-lhe as notas musicais. Em Santarém, no Baixo Amazonas, vendem o uirapuru embalsamado como talismã. Preparam-no para dar felicidade no jogo, no comércio e no amor.

Umari – (*Paroqueiba sericea*) – Árvore mediana. O fruto alaranjado com pintas escuras, do tamanho de um ovo de pato, tem um cheiro ativo. A polpa é doce e oleosa. Silvestre. Na cidade de Belém do Pará, há um bairro chamado Umarizal.

Unicorne – (*Palamedea cornuta*) – Pernalta colorida de preto e branco do tamanho de um peru. Patas fortes e negras. Anda aos pares. Come capim e insetos. Tem um chifre na testa e esporões nas asas. Seu grito, repetido e respondido pelo companheiro, é imitado assim pelo caboclo: João Gomes, que tu comes? Minhoca, minhoca. João Gomes, que tu comes? Minhoca, minhoca...

Uru – Cesto de talas ou palha, com tampa, onde os pescadores guardam, na canoa e na barraca, certos artigos miúdos: cachimbo, anzol, fósforos, tabaco, isqueiro, canivete, baralho, dinheiro.

Uruá – Molusco. Gasterópode. Gênero *ampullaria*. De carapaça em espiral, cônica, cor branco-gesso sujo, não ultrapassa, no seu maior diâmetro, as antigas

moedas de cobre de 40 réis. Terrestre, vivendo na mata e nos campos, gosta muito dos jardins citadinos da Planície, onde passa a vida escondido nos trevos ou subindo às árvores de porte reduzido como roseiras, jasmineiros, etc.. O termo “uruá” também é aplicado ali no sentido lésbico.

Urubu – (*Cathartes foetens*) – Ave. Todo negro, cabeça pelada, nutre-se de cadáver, de qualquer matéria, em decomposição. Na Amazônia ele está em toda parte; no campo, na floresta, na cidade, onde haja enfim um bicho morto. Aparentemente prestativo em virtude de comer as podridões, limpando assim os pastos, terreiros e florestas dos restos orgânicos que infectam o ar, está hoje provado, no entanto, que o urubu é o veículo de várias moléstias e até de epidemias. Dizem que a propagação do quebra-bunda se deve a ele.

Urubu-jereba – (*Cathartes aura*) – Tem a cabeça vermelha com pescoço violáceo. Vive no mato e nos campos longe do homem.

Urubu-rei – (*Sarcorhamphus papa*) – Grande voador de linda plumagem colorida. Vive na floresta.

Urucu – (*Bixa orellana*) – Planta arbustiva de cujos frutos se extrai uma tinta vermelha, empregada na tatuagem de cer-

tos índios. Usam-na também na cozinha, à maneira do açafraão, para colorir certos pratos.

Urupema – Peneira. Crivo de talas por onde se coa o açai, a mandioca, a bacaba. No Pará, as amassadeiras de açai chamam gurupema.

Urutaí – (*Nyctibius grandis*) – Conhecido por mãe da lua. Pássaro noturno, de pouco mais de meio metro de comprimento, mede cerca de um metro entre as pontas das asas abertas. É tido por fantasma. Dá uns gritos no mato que antes parecem risadas, remoques com qualquer cousa de sinistro. A sua pele seca ao sol defende as donzelas contra as seduçõs. Com as penas da cauda do urutaí varre-se o chão sobre o qual estão atadas as redes das recém-casadas, a fim de que elas sejam honestas, fiéis aos maridos e boas mães. Muito quieto, a tradição apoia-se nesse fato para julgá-lo propício à tranquilidade da mulher, namorada, noiva ou casada.

Utinga – L. G. Água branca. Clara. Cristalina. É o nome do igarapé que fornece água à cidade de Belém.

Uxi – (*Saccoglottis uxi*) – Árvore de grande porte. O fruto, elipsóide, de casca esverdeada, tem uma polpa de gosto esquisito e saboroso. É silvestre.

.....

V

Vágado – Vertigem, desmaio, delíquio. Gente, minha vista vai escurecendo. Parece que é vágado. Me deu um vágado quando atravesssei o igarapé, bem no meio da paxlubeira caída. Só sendo a mãe-d'água, compadre. A Iara também faz isso. Quando menos uma criatura espera vem um vágado, ela carrega a gente, e some no fundo. O Quintino da outra banda foi assim. Nunca mais boiou.

Vaga-lume – (*Pyrophorus noctilucus*) – Também se chama pirilampo. Alguns têm o ponto fosforescente no protórax, outros no abdômen. Há diversas espécies. Uns vivem no campo, nas gramíneas, outros na floresta, no tronco dos paus. Em certas noites escuras, de verão, são tantos que parecem pingos de luz sobre a terra. Lembram uma chuva de estrelas. O lume verde-pálido de uns contrasta com a luz viva, branca ou vermelha, de outros.

Vapor – Transatlântico, gaiola, lancha, qualquer embarcação, em suma, no baixo Amazonas, movida a vapor. Compadre, vapor está apitando na fazenda do coronel Isaque Peres. Ouvi barulho de vapor no rumo do paraná. Aí vem vapor, comadre; e é o da linha. No ocidente da Planície os seringueiros, na maioria nordestinos, chamam ao vapor “navegação”. Navegação tá buzinando, gente.

Varadouro – Atalho. Trilha aberta na mata para ligar dois rios, cortando a mesopotâmia perpendicularmente. Vereda que liga duas estradas de seringa. Caminho que

salva por terra uma cachoeira. Por ele se vararam as canoas da parte de baixo para a parte de cima. Entra no varadouro que encurta caminho. O varadouro está cerrado.

Varanda – Sala de refeições das casas nos povoados, vilas e cidades da Planície. Pano que ladeia a rede, enfeitando-a. Há varandas simples, de labirinto, de crochê, de penas.

Varejão – Vara comprida com que se impele a canoa nos lugares rasos.

Várzea – Terra nova levantada pela sedimentação fluvial. Planície que alaga nas cheias. Quase todas as margens do Amazonas e seus tributários são orladas de várzea, sobre a qual a vegetação é surpreendente de vida.

Vasqueiro – Difícil de encontrar. Cousa que era abundante e vai desaparecendo. Peixe está ficando vasqueiro, cunhado. Açaí anda vasqueiro, comadre.

Vaticano – “Gaiola” de 900 a 1000 toneladas, construído na Holanda, que ao presente trafega na Amazônia. É o maior navio fluvial do momento. Confortável, camarote e camarim telados, máquinas sobre o convés, três toldas, boa mesa, ela representa a projeção sempre ascendente da grande empresa de navegação chamada Companhia do Amazonas. Movido por duas hélices, embora de pouca marcha – oito a nove milhas – poucas embarcações oferecem comodidades iguais, tão amplo, arejado, limpo se mostra em todos os departamentos. De noite, iluminados a luz elétrica, parece palácio flutuante, advindo-lhe certamente dessa impressão, que deixam, o nome de Vaticano. Companhia

estrangeira, sua modelar administração na Amazônia está sendo feita por brasileiro. Seu diretor, em Belém, é o engenheiro Guilherme Paiva; seu superintendente, o comandante Alberto Autran.

Vela – Pano propulsor das embarcações. Asa de navio. Abundante no estuário do Amazonas, à proporção que se navega pela formidável corda a dentro, ela vai desaparecendo. Cessa completamente nos estreitos de Breves, a 120 milhas de Belém, onde só existe o remo de mão porque aí o vento mal penetra. Depois desse meandro de canais ela ressurge. Gurupá, Prainha, Monte Alegre, Santarém, Óbidos, Faro, Parintins possuem algumas canoas a vela. Chega mesmo a Manaus. Daí para cima é rara, não só porque a corrente é forte, privando a embarcação do bordejo, como porque os ventos alísios escasseiam, atraídos pelos focos de campinas e savanas para onde se desviam e onde assobiam e gapam.

Veneziana – Gelosia. Persiana. Folha exterior da janela guarnecida de tabuinhas entreabertas a fim de ventilar o interior da habitação. Abre essa veneziana, Joaquina, para correr o ar. Talvez refresque mais...

Vento – Correr no Amazonas o vento de baixo para cima, isto é, do oriente para o ocidente. Conhecido por alísios, eles sopram ao arpejo da corrente. Depois de atravessar o Atlântico, onde se carregam de umidade, enfiam-se pela grande artéria fluvial. No verão, de julho a dezembro, sopra com violência, refrescando a região. Diariamente para das 17 horas às 21, fazendo a tarde amazônica profundamente quente. O fato, entretanto sofre um grande exceção no estuário do Tocantins, ou seja pela parte leste de Marajó, onde o vento conhecido por Marajó cai das 16 horas

em diante refrescando deliciosamente a temperatura do fim do dia e das primeiras horas da noite. Belém, capital do Pará, goza desse fenômeno pela sua posição geográfica. No alto Amazonas e seus afluentes, na região das nascentes fluviais, existe a friagem, queda brusca da temperatura que vai às vezes a uma semana, e se repete, de acordo com o ano, duas, três, cinco vezes, de maio a setembro. São as correntes aéreas que se invertem. Os ventos que sopravam do mar, vêm, nessa época, de cima das cordilheiras, afiados nas neves e nos gelos da montanha. Esta repentina mutação climática produz a morte de animais e a paralisia da vida. Em certos anos a friagem vai até Parintins; noutros, mal chega a Manaus.

Ventrecha – Ventre. Barriga do pirarucu. É uma das partes mais estimadas desse peixe quando fresco. Assada de grelha, em fogo vivo, é um dos petiscos da Amazônia. Comem-na com molho de limão, pimenta, sal, com farinha-d'água torrada. A janta hoje é ventrecha de bodeco. Gordo, minha xera, que parece a Justina da outra banda.

Vesgo – Estrábico. Mirolha. Que olha pra o norte e enxerga pra o sul. Zanaga.

Vigilenga – Canoa de pescador. Boca aberta, as velas parecem asas de morcego. Quase redonda, amara-se Atlântico a fora dias e dias. Os primeiros modelos saíram da Vigia. Daí lhe vem o nome. Em geral tem o casco negro e o pano avermelhado, tingido de murici. Também conduz caranguejo em cofos.

Vintém – Pequena moeda de cobre de vinte réis.

Virado – Desnortado. Iludido. Enamorado. Coronel já reparou no semblante do coletor? O homem parece que está vi-

rado. Vive falando só, de olho comprido, apalermado. Foi virado pela Chiquinha Muçua.

Virou a frege – Perturbou. Anarquizou. Viraram a frege o baile do compadre Caninana. Não ficou um copo. Diz que foram os “embirricas”. Ninguém diz virou frege, ou, mesmo, virou em frege. Pois não se diz entrega a domicílio por entrega em domicílio? E não há um gramático ou filólogo que venha à fala. Seria bom.

Visagem – Aparecimento de espectro. Manifestação de almas do outro mundo. Nessa barraca tem visagem. Dizquê foi um preto fugido que morou aí e morreu sem confessar os pecados dele. Na cumeeira é só coruja. Logo no bater das trindades principais um choro que para o coração. Na volta da meia-noite é cada urro que parece novinho preso.

Visita – Inspeção feita a bordo dos navios, quando chegam às capitais, pelos representantes da saúde, da Alfândega, da polícia. À menor demora vem logo o dichote, o protesto do passageiro. Sim, senhor, são sete horas e nada de visita. País perdido! Parece que estamos na China. O governo da república devia acabar com semelhante comédia! Mas isto não é nada, comenta outro “sabido”, porque, enfim, a gente vem do Sul. Mas um “gaiola” que vai a Itacoatiara e

no regresso tem de ser visitado... Isso sim, é que é pura costa da África. Vem, porém, a lancha e todos correm a abraçar os representantes do governo da república.

Vitória-régia – (*Japuna-caá*) – Grande charão verde, flutuante, com a borda de ferrugem. Dá uma flor que é branca pela manhã e rósea pela tarde. Aquática, só vive em sociedade. Muitos lagos existem recobertos desses grandes pratos glaucos. Uma criança poderia, de folha em folha, atravessar certos lagos sem tocar na água. Lapunacaá dos índios, os jacarés, os poraques e as cobras se abrigam sob ela. Chamam-na ainda forno de jacaré. Ninfeia.

Vulcões – Não existem na Amazônia. No Brasil mesmo não há memória de nenhum, embora as ilhas de Fernando de Noronha e da Trindade, em virtude de suas rochas de basalto, fonólitos e traquites, em forma de lavas, denunciem vulcões extintos, como aliás sucede em muitos pontos do Brasil. No ocidente da planície peruana, que extrema com a planície equatorial brasileira, a muralha andina é cheia de vulcões. A cordilheira, porém, fica tão distante, que os próprios fenômenos sísmicos na Amazônia são raríssimos, e, ainda assim, tão brandos que mal chegam para rachar a parede de uma casa, como sucedeu em Manaus, há cerca de dez anos.

.....

X

Xarão – Nome que se dá, na Amazônia, às bandejas. Vou te mandar um xarão de doce. Chegou um xarão de canjiquinhas que é uma beleza! Olho-de-sogra está assim, naquele xarão grande.

Xenxém – Patacão de cobre de cunho diferente. Tinha um x ao centro. Vá trocar este dinheiro que é xenxém. Não recebo este dinheiro xexém. Aquele bicudo só vive empurrando dinheiro xexém na gente.

Xera – Pessoa que tem o mesmo nome. Homônimo. No Sul chamam xará. Gentes, como minha xera voltou gorda. Na Planície se usa muito meu nome. Adeus, meu nome, isto é, minha xera.

Xerimbabo – Animal doméstico, criado ou amansado em casa.

Xeta – Dinheiro. Aquele sujeito parece que não tem xeta no bolso. Amanheci hoje sem xeta.

Xingutânia – Região do Xingu. Baía do Xingu. O príncipe Adalberto da Prússia, nas suas observações hidrográficas, subiu o Xingu, estudando-lhe a velocidade do caudal, a cor das águas, as cachoeiras, a profundidade. Memória essa de raro valor, mas inacessível pela edição reduzida.

Xué – Ordinário. Reles. Desgracioso. Que tipo xué, parece do tempo do ronca. Que festa xué, era só gengibirra... Música não passou de violão e cavaquinho. Xué assim, nunca vi.

.....

W

Walter Raleigh – (Sir) – Inglês. Poeta. Navegante. Diplomata. Explorador. Famoso cortesão da corte inglesa. Andou na terra das Guianas da banda do Atlântico. Esteve na bacia do Orenoco. Se bem não tenha penetrado a planície amazônica, as suas estrofes, as suas narrativas, as suas pitorescas e maravilhosas histórias, contadas aos pés da soberana do vasto Império Britânico, estão cheias das lendárias zonas brasileiras. Favorito de Isabel da Inglaterra, a rainha ouvia-lhe os versos líricos e os contos sobre as mulheres guerreiras do Novo Mundo com fogo nos olhos, com a alma iluminada, sem prever o triste fim do grande homem do seu reino e do seu coração, executado depois, na vigência de Jaime I.

Z

Zarabatana – Tubo de madeira de cerca de três metros de longo e quatro cen-

William Chandless – Apesar do botânico Wallis já ter penetrado dois anos antes o Purus, só em 1864 este rio foi aberto à ciência por William Chandless. Determinou-lhe esse engenheiro os pontos astronômicos e levantou-lhe a carta em companhia do brasileiro Manuel Urbano, se bem que o nosso patricio João Cameté fosse o primeiro batador do longo afluente – representativo dos rios de planície. Barrento, cheio de voltas, no tempo das cheias os “gaiolas” sulcam-lhe o caudal durante um mês. Chandless andou também no Juruá e na Mundurucânia, além de outras explorações no Vale. O seu prognóstico, de que o Purus somente daí a séculos seria povoado, falhou. Poucos anos depois dessa profecia o grande rio era invadido e habitado, tal o interesse que a borracha desperitou no mundo.

tímetros de diâmetro por onde os índios atiram as flechas conhecidas por uamiri, próprias para abater aves ou pássaros. Impelem-nas soprando.

.....

TRANSCREVEMOS, EM SEGUIDA, ALGUNS ARTIGOS DE CRÍTICA ESTAMPADOS NA IMPRENSA DO RIO, POR HOMENS DE LETRAS, PUBLICISTAS E JORNALISTAS, A RESPEITO DO 1º VOLUME DE *O MEU DICIONÁRIO DE COUSAS DA AMAZÔNIA*. EIS:

REGISTRO LITERÁRIO – Rio – Oficinas Gráficas Alba
– Raimundo Morais – *O Meu Dicionário de Causas da Amazônia*.

JOÃO RIBEIRO.
Da Academia Brasileira de Letras

GRANDE e maravilhoso esse dicionário das cousas das amazônicas. A um só tempo linguístico, histórico, geográfico, biológico e social, é na realidade um livro que todos devemos ler página por página, para avaliar o imenso mar mediterrâneo de infinitos recursos e que bastaria para formar a pátria mais rica e formosa do mundo.

Raimundo Morais é o verdadeiro estilista da Amazônia, que traz nas hipérboles de expressão a grandeza de sua terra. É prosador e poeta ao mesmo tempo porque nele são inseparáveis os dois títulos do seu mérito.

Muito há que aprender nesse livro, aprender, meditar e acreditar.

Segundo os seus métodos do registro amazônico nada esqueceu o insigne vocabulista. Ali estão vocábulos e plantas, e animais, lendas, usos e costumes, credices e verdades, de mistura com os grandes nomes dos sábios que perlustraram a imensa planície.

Notamos na relação dos grandes naturalistas um pequeno defeito: o de classificá-lo segundo o seu prenome em vez do apelido. Era o sistema que seguia Inocêncio no seu dicionário bibliográfico e que tantas penas e trabalhos causam aos que manuseiam livros tais. Queremos saber quem foi Wallace, o êmulo de Darwin, havemos de procurá-lo como Alfredo, que foi o nome de batismo. E assim Bates e assim Agassiz e todos os outros.

Raras vezes é o nome da pia o principal na celebridade dos homens. A classificação por apelidos é a melhor, embora tenha alguns inconvenientes graves como o de Carvalho e Araújo para Alexandre Herculano.

Pelo menos, impunha-se a remissão que Raimundo Morais fará em segunda edição, que muitas outras terá o seu livro magnífico.

Até agora, tendo-o recebido nos últimos dias, lemos as trinta ou quarenta páginas da letra A o que é o suficiente para retrancar a fisionomia integral do Meu Dicionário, rico, variado, esplêndido, vigoroso como nunca foi feito nessa matéria.

Há, se não nos enganamos *Lembranças da terra amazônica* de Bernardino de Sousa que ficam infinitamente distantes do livro de Raimundo Morais.

Nem sempre estamos de acordo com o autor, duvidando aliás da nossa opinião pessoal. O juízo que ele formula acerca de Antônio Vieira parece-nos excessivamente severo e de estranho rigor. O jesuíta era de fato cortesão e áulico e inimigo do *elemento laico* que (afinal escravizava os índios). Grande orador, gozando de enorme prestígio social foi provavelmente o fiteiro de que nos artigos nos fala o dicionarista.

Outro artigo interessante da letra A é o Ajuricaba, o tuxaua, rebelde, uma espécie de Calabar, enaltecido pelos lusófonos que não tardariam com a independência. Ajuricaba favorecia o domínio holandês, e é mais um produto da lenda e da poesia que da verdade histórica. Aliás, a sua sentença está lavrada pelo dicionário nestes termos: “Na Guiana estão há séculos os holandeses sob o mesmo céu e sob o mesmo clima da planície equatorial, e, nem de longe, fizeram ainda a civilização que nós brasileiros, oriundos dos lusos, já fizemos no vale amazônico.”

O mesmo é possível dizer da atitude do Calabar pernambucano.

O holandês não foi nunca um povo colonizador. Embora se lhe não possam negar as virtudes de tolerância, nada realizaram de grandioso

e muito menos souberam conservar e defender as suas colônias. Destas a última que perderam foi o Transval.

O subsídio linguístico do *Meu Dicionário* é muito suculento. Veja-se a palavra *Axi*, interjetiva de uso popular brasileiro no extremo norte e o *Ainda* que os nossos traduzem da língua geral *rain*. O indígena diz *catu rain*, é bom *ainda* e esse habitual foi conservado pelo gente do extremo norte, como observou José Veríssimo. A palavra é provavelmente abreviatura de *eeraen* com sentido afirmativo de *sim* e posteriormente confundiu-se com a expressão portuguesa *ainda* por simples aproximação fonética.

Quiséramos ver mais desenvolvido o termo *Anhangá* que está bem definido, mas necessita a comparação com o sentido habitual nas terras do Sul, onde há notável diferenciação.

No extremo norte o *Anhangá* é o Deus protetor da caça contra os caçadores. E esta nota preciosa para os etnólogos e folcloristas: “Tudo para o índio em matéria de sobrenatural e adoração, é mãe. O mato tem mãe, a água tem mãe, o lago, o rio têm mãe. Os bichos têm mãe.”

Na realidade os índios chamavam ao dia e ao Sol *Guaraci*, mãe do dia, *Iraci*, mãe do mel e é nome de abelha. Um esforço acerca dessa palavra não seria supérfluo. Mas, não é lícito pedir desenvolvimentos onde o autor não achou oportuno, preferindo ser breve como era o seu direito. E nem todos os leitores teriam a mesma curiosidade que temos.

A aproximação fonética que notamos acima a respeito de *rain* e *ainda* é a que se verifica em *ara* dia e *ora* português, usados um e outro promiscuamente, e assim anota Raimundo Morais, na linguagem popular: “*Ara* vá pro inferno!”

No português antigo havia idêntica confusão de *ora* e *ara*. Em Gil Vicente e outros: *aramá* – ora má ou má hora.

São infinitas as sugestões que me dá a leitura desse grande livro e dicionário, de Raimundo Morais, de que apenas deletreamos a primeira letra alfabética.

O primeiro volume abrange as letras A-F. Que venha sem demora o que falta com as preciosidades desse tesouro.

E’ uma obra mestra como se havia de esperar.

Do *Jornal do Brasil* – Rio.

.....

Notas de um “diarista”

UM ESCRITOR VITORIOSO QUE INVERTE A FRASE DE CESAR. – O SR. RAIMUNDO MORAIS VENCEU, VIU E CHEGOU. – *O MEU DICIONÁRIO DE COUSAS DA AMAZÔNIA*. – A AMAZONIA COMO CONSUMIDOR DE REGIONALISMO DO SUL. – O BRASIL É UM SÓ!

HUMBERTO DE CAMPOS
Da Academia Brasileira de Letras

O

SR. RAIMUNDO MORAIS desarticulou no Brasil a mecânica dos sucessos literários. À semelhança daqueles belicosos capitães romanos que, das ásperas montanhas da Armênia ou das úmidas florestas da Germânia ou das Gálias, se impunham, no coração de Roma, à admiração tumultuosa das tribos e ao respeito austero do Senado, ele conseguiu, de um ponto remoto da selva amazônica, impor-se ao país inteiro. E quando de lá partiu, e atravessou o Rubicão, não foi para vencer, mas, unicamente, para ver o que havia vencido. Não veio fazer o seu nome no Rio de Janeiro: trouxe-o feito, pronto, consolidado. Como nos séquitos dos triunfadores, as tropas, clangorando aos ventos, anunciaram a sua chegada. E o Sr. Raimundo Moraes, consoante delataram as folhas, “chegou, e acha-se entre nós”.

* * *

Não é o desembarque do homem, mesmo o do autor das *Notas de um jornalista*, da *Planície Amazônica*, das *Cartas da Floresta* e do *País das*

Pedras Verde, que me cabe divulgar. Entre espíritos que se votam às letras não existem indivíduos, mas obras e ideias. E é um novo livro do Sr. Raimundo Morais, o seu [*O meu*] *Dicionário de Cousas da Amazônia*, que me compete anunciar nesta hora, dando-lhe as boas-vindas antes, mesmo, de proceder à leitura demorada que requerem não somente a obra aparecida, mas, também, as responsabilidades de um crítico literário em disponibilidade forçada. Um livro útil, nestes tempos, é como hóspede novo em hotel de cidade pequena: abre-se-lhe logo a porta entre alvissaras. Depois de apanhado o freguês é que o dono do hotel lhe vai examinar os precedentes.

Ao escrever os quatro volumes que lhe compõem atualmente a bibliografia, pretendeu o autor da *Planície Amazônica* fazê-los acompanhar de um glossário de termos neles empregados. Pouco a pouco, porém, esse trabalho se foi distendendo e volumando, de modo a formar matéria para dois tomos. Pelo desenvolvimento dado às definições, o vocabulário transformou-se em dicionário enciclopédico. E é o primeiro tomo dessa obra, compreendendo as letras A-F, que acaba de ser editado.

Organizando esse curioso trabalho de observação e de cultura, não pretendeu o autor, ao que parece, dar-lhe feitiço austero, sisudo, circunspecto. Ao lado do que era útil, quis ele pôr o agradável e, mesmo, o alegre, o jocoso, o jovial. Ocorreu-lhe, possivelmente, seguir o exemplo de Voltaire, no *Dicionário Filosófico*, e o de Rivarol, no *Pequeno dicionário dos grandes homens da Revolução*. Daí o escândalo que talvez constitua aos olhos graves dos homens exclusivamente de estudo, e a alegria com que o lerá o grande publico, para o qual o Sr. Raimundo Morais, cansado de trabalhar para as “élites” literárias, organizou, agora, este seu livro.

* * *

O Meu Dicionário de Cousas da Amazônia não é, como se poderá supor, composto exclusivamente de termos peculiares à bacia do Amazonas, que já possui, aliás, obra desse gênero, embora cronologicamente atrasada, e limitada à ilha do Marajó, no pequeno *Glossário* de Vicente Chermont de Miranda. É, mais, um dicionário de brasileirismos, que a Amazônia utiliza. E, sob esse ponto de vista, constitui ele um índice para o estudo da formação social da região. Encontram-se, na verdade, ali regionalismos característicos de todos os estados do Brasil: cearenses, mara-

nhenses, pernambucanos, baianos, cariocas, paulistas, mineiros e gaúchos – fato que denuncia a afluência de emigrantes de todas essas origens, que levaram com o seu sangue, com a sua atividade e com o seu braço, a sua curiosa contribuição vocabular.

O novo livro do Sr. Raimundo Morais contém, em suma, a documentação lexicográfica de um fenômeno que eu havia assinalado, já, há alguns anos: a Amazônia é, sob o ponto de vista humano, uma das regiões mais incaracterísticas do Brasil. A onda imigratória que a assaltou durante meio século varreu o que ela possuía de mais original, e que era o homem nativo, e os modos de existência que dele derivavam. Só a natureza permaneceu de pé, afrontando o invasor e derrotando-o no momento em que ele fraquejou. Das tradições e vozes do homem amazônico pouco, muito pouco, resistiu e sobrevive.

Essa verdade, que o livro do Sr. Raimundo Morais documenta, vem torná-lo, por isso mesmo, ainda mais interessante aos olhos e à inteligência do grande público brasileiro. Ele mostra a unidade da nossa linguagem, a facilidade com que os homens se têm comunicado através das distâncias, permutando os seus modismos, os seus aforismos, os seus termos de gírias, e que, por tudo isso, a alma brasileira é só uma, e o Brasil é um só.

De *O Jornal* – Rio.

O MEU DICIONÁRIO DE COUSAS DA AMAZÔNIA

GUSTAVO BARROSO

Da Academia Brasileira de Letras

Raimundo Morais é uma das mais belas figuras literárias contemporâneas do Brasil. Conhecendo a Amazônia a fundo, sua vida, sua natureza, seus costumes, seu folclore, suas tradições, sua gente, a fauna, a flora, a geologia e a potamografia daquela planície formidável, ninguém como ele jamais pintou, descreveu e sentiu a natureza daquele mundo esquecido. Durante muitos anos, comandando vapores mercantes, Raimundo Morais navegou no rio-mar, passou seus estreitos e furos, explorou lugares e paranás, viveu em comunhão íntima com o meio e com o habitante.

De tanto amá-lo e senti-lo, um dia seu coração transbordou de emoção. E foi quando ele a transmitiu ao público num estilo brilhante e claro, com uma propriedade de expressão rara e com um entusiasmo que logo o puseram na primeira fila dos nossos homens de letras. Traçando este rápido esboço de sua invulgar figura literária, devemos lembrar do êxito de seus livros sobre a Amazônia, principalmente das *Cartas da floresta*, do *País das pedras verdes* e do *Na planície amazônica*, em cujas páginas rolam as águas assombrosas, cantam as iaras e os irapurus, passa a boiúna sinistra, desliza o Jurupari misterioso, o Curupira bate com a ivirapeme da selva e o índio nu revela o segredo das malocas selvagens.

Todos esses livros magníficos são como janelas que ele abraça para a luz, convidando os leitores a nelas se debruçarem para contemplar a mataria viridente, os bichos de penas e de cerdas, o homem agitando-se através dos tempos naquele espaço imenso, os acidentes da história e toda a poesia das lendas.

Não fenece com os anos o amor de Raimundo Morais pela Amazônia assombrosa. Dia a dia, colhendo notas, meditando, estudando, informando-se, ele vai completando a sua grande obra patriótica e serena. Assim, nos dá agora o primeiro volume do seu [*O meu*] *dicionário de cousas da Amazônia*, em que, ora ponderado e sério ora jocoso e irônico, fixem inúmeros verbetes os termos do linguajar, as formas do pensamento, a memória dos objetos, a

feição dos viventes, tudo quanto pertence de perto ou de longe ao vale verde em que rolam as massas líquidas da maior bacia fluvial do Planeta.

O meu dicionário de cousas da Amazônia triunfará tanto, se não mais que os outros volumes do notável escritor. E, entre os que tragam palmas votivas ao seu triunfo, estamos de coração lamentando somente que cada região do Brasil não possua um Raimundo Morais para fixá-la em capítulos duradouros no pensamento nacional.

Do *Fon-Fon* – Rio.

PIGMALIÃO

ALVES DE SOUSA

O que me entusiasma na obra de Raimundo Morais é a alegria, a penetrante, contagiosa alegria de saúde e de beleza, com que ele realça sem excesso e divulga sem hipérbole os esplendores exuberantes da Amazônia.

Passa de cem anos que a Amazônia, mal conhecida, mal propagada, denegrada invariavelmente no clima, na terra, no homem, apoucada como deserto ou tapera, temida como fim do mundo, desdenhada como terra de ninguém, é uma região infernal, povoada de monstros, ensombreada de mistérios, sequestrada no pântano mefítico entre a fera e a febre, com imensas possibilidades de riqueza apenas entrevistas no pavor da brenha e prodigiosas maravilhas naturais celebradas em epinícios alegóricos de encantamentos à distância, ou de passagem.

Numa palavra: a Amazônia era uma “assombração”. Tudo formidável, mas inçado de perigos; tudo belo, mas tenebroso, apocalíptico; tudo opulento, mas fabuloso, fantástico, inacessível, irrealizável.

Mais de um século de literatura científica, econômica, ficcionista sobre a Amazônia, marcando-o nos seus fenômenos caprichosos, nas suas seivosas energias, nas suas fascinações tentaculares; no entanto, embustes, preconceitos, exageros, equívocos, maledicências, superficialidades caluniosas não cessaram de deformar a sua harmonia estonteante e amesquinhar a sua grandeza desmedida, embora a gravidade dos sábios, a ponderação dos técnicos, a probidade dos escritores.

Permaneceu, assim, a Amazônia um vasto mundo a ser “revelado” ao próprio Brasil, aguardando – e por longos anos – um cronista da sua vida original, do seu meio social incontrastável no país, mas um cronista que simultaneamente fosse o paladino pugnaz das suas realidades, tão amiúde desfiguradas no extremo oposto do lirismo e do negativismo.

Raimundo Morais operou, com poucos livros, essa revelação reparadora. Cronista e paladino da Amazônia, o êxito nacional da sua obra é, em tese, a vitória de uma campanha lidada com inteligência, com experiência e com patriotismo.

Seu processo é simples, de uma simplicidade que logo esclarece, persuade, convence, cujo segredo está não só na amplitude e variedade do conhecimento assimilado e sistematizado através de tudo que, dentro e fora do Brasil, se tem escrito sobre o grande vale setentrional, mas, ainda, no estudo objetivo e no testemunho direto do fâcies físico e do ambiente social do portentoso Mar Doce.

A assimilação do estranho e a experiência própria, num espírito de rara sagacidade, forte poder de observação, transbordante entusiasmo nas pesquisas mais porfiosas e tenazes da geografia, da geologia, da arqueologia, da zoologia, da botânica, da história, do plasma sociólogo, da tradição, dos usos e costumes da Amazônia, fatalmente haviam de produzir a obra harmoniosa de erudição e vulgarização que se fazia imprescindível para contrabater o erro, aclarar a ignorância, sacudir a indiferença.

O processo preferido eliminou dúvidas, obscuridade e palpites. Teve o paisagista magistral da *Planície* o escrúpulo de possibilitar aos seus leitores, que se recrutam em todos os quadrantes do pensamento e do sentimento brasileiro, amplas facilidades para a compreensão e estima de uma exata Amazônia, exposta, explicada, examinada, julgada a plena luz, com os meios e recursos acessíveis à discussão e ao controle de especialistas e profanos.

Não tem outra significação o *Dicionário* que com o próximo volume se concluirá. Além de elucidação complementar, é nova exaltação da Amazônia, salientada como uma das reservas maiores e mais ricas do idioma que um dia será privativo da nossa terra.

Em diversos estados a regionalização da linguagem já existe apurada, concatenada em seus termos singulares e em suas locuções características, formando fontes e núcleos de inapreciável subsídios para a personalização do nosso modo de falar e escrever de amanhã.

Ora, a obra de Raimundo Morais é um reservatório opulento de termos e expressões singulares adstritos a todas as manifestações de vida da Amazônia, e cujo peculiar inconfundível, no linguajar da gente, na denominação das cousas, na nomenclatura variada, interessante e pitoresca de todos os seus elementos de existência, atividade e produtividade, é, pode-se dizer, o espelho da sua pujança, a própria demonstração da sua força e da sua vitalidade.

Nada mais compreensível, pois, do que *O meu dicionário de cousas da Amazônia*. Depois das *Notas de um Jornalista*, da *Planície*, das *Cartas da floresta* e do *País das pedras verdes*, isto é, depois da “revelação”, era necessário escudar nessa prova, nesse elucidário, nesse guia o magnífico esforço que se impôs o escritor para atrair sobre a região um interesse, um apreço, uma simpatia, uma solidariedade fundados no conhecimento e na evidenciação das realidades, sem as deturpações imaginativas do invencionismo forasteiro e as patranhas preconceituosas da ignorância empática.

Falando da Amazônia ao Brasil, Raimundo Morais penetrou-se da conveniência de ser explícito e minudente; e, por isso, à esplêndida florada das suas narrativas sobre a “terra anfíbia”, a selva multiforme e o homem heroico, associou, coerentemente, a caçoula cheirosa dos seus verbetes regionais.

Coroa-se, desse modo, com escrúpulos, noção de alcance e eficiência, o êxito da campanha. E de vez que as elites nacionais se familiarizam, o que é indubitável, com os trabalhos do prosador insigne, e porque neles vive, inteira, a Amazônia numa palpitação e numa veemência de beleza e de verdade, pode envaidecer-se o artista, o esteta, o criador de tantas páginas empolgantes – por haver plenamente atingido a culminância do seu ideal (que é a sua missão reparadora) de cronista e paladino, batalhando por uma cousa e vendo-a triunfante sob os lampejos da sua pena e os estímulos do seu coração.

Raimundo Morais nasceu, cresceu, viveu, educou-se, trabalhou, venceu na Amazônia. Aprimorou seu temperamento mental viajando pelo dédalo potâmico que serpeia nos seus livros.

Entre o comando de “gaiolas” e a biblioteca flutuante, observando e lendo, estudando e corrigindo, foi que se aparelhou para a pugna e para o triunfo.

Não conheço exemplo de vontade mais obstinada e enérgica no preparo cultural para a vitória, sobrepondo-se ao meio e às contingências para, beneditinamente, buscar, descobrir, colher, “trilhar”, acumular, dilatar conhecimentos científicos e subsídios mitológicos, todo um material abundante e complexo, de que a plasticidade do seu talento faria a transformação literária num estilo pessoal, elegante, que, na regra bufoniona, revela o homem.

Quem assim pacientemente e inteligentemente se “equipou”, se “organizou” para o cometimento cuja floração mais típica é o *Pais das pedras verdes*, podia, como pode, perdulariamente, prodigar a alegria da saúde e da beleza ao luminoso esforço de realçar sem excesso e divulgar sem hipérbole os esplendores exuberantes da Amazônia.

Ao contato da sua arte, não mais se dirá que a matéria inerte, “sombria, inóspita, selvagem”, a região dos monstros e mistérios fabulosos, deixou de receber o supremo sopro vivificador.

Pigmalião enamorado deu-lhe forma, formosura e graça. O hausto divino da verdade transmitiu-lhe movimento e vida.

Trasladou-se o mito. Egressa da moldura clássica do Chipre, Galateia veio esplender entre as orquídeas, as ninfeias e as lianas que cingiram simbolicamente na lenda e na guerra a fronte belicosa das amazonas.

De *O bibliográfico* – Rio.

O ELUCIDÁRIO DE UM ESTETA

CARLOS D. FERNANDES

A obra literária de Raimundo Morais, onde se nos depara o aturado trabalho de uma surpreendente imaginação sobre uma realidade portentosa, precisava de um elucidário para melhor admirada e compreendida.

A Amazônia, objeto dos seus estudos e inspiração continua sendo um mundo à parte do mundo com a sua fisiografia meio ignota de região quase quaternária da Terra, onde a forma de certos animais e de certas plantas não tem ainda a sua fixação definitiva, tal é a mutabilidade daquela evolutiva ambiência. A água erosiva e genética do rio-mar, repartindo-se em defluentes inumeráveis, aquietando-se em pequenas angras lodosas, esparzindo em “furos”, que conjugam lagos e caudais, dificultando-se em igarapés, espaiando-se em igapós, dissolve e remove a terra em que desliza, fazendo recuar para o âmago da selva impenetrável o drama intenso e patético da vida porfiosa, multiforme, tumultuária.

Assim, pois, aquele intricado sistema de estradas líquidas mal deixa entrever as peripécias espantosas e deslumbrantes, dissimuladas na hileia palustre ou na floresta misteriosa e construtiva, que tira das mesmas águas a força com que susta ou anula a sua dinâmica, paradoxal devastação.

É de ver as surpresas e curiosidades que se latem naqueles recessos, vedados pela ferocidade das onças, pela insídia das cobras, pela picada dos insetos, pela flacidez dos marneis, pelo agoiro de certos pios, urros e berros enigmáticos.

Dessa permanente dificuldade da observação objetiva de tão singulares e retraídos fenômenos pronanam a incerteza e a imprecisão dos informes científicos ou impressionistas, que nos têm chegado daquela tão feraz, tão famosa e caluniada região do Brasil. Os costumes dos seus remanescentes aborígenes, as singularidades da sua fauna e da sua flora, o capricho e a maravilha das suas águas não se mostram espontaneamente aos olhos ávidos do primeiro excursionista, que apenas lobriga, da sua canoa ou da sua lancha, os tracajás cautelosos, pervagantes nas ribanceiras;

os jacarés torporizados nos remansos; os botos resfolegantes, que emergem na esteira líquida. Por isso mesmo Orellana “inventou a lenda das amazonas brasileiras” e a primeira carta da Amazônia levantou-a o padre Samuel Fritz, “do banco de uma igarité”, como nos recorda o autor do *O meu dicionário de cousas da Amazônia*, inventariando tudo que se tem escrito e conjeturando sobre a Planície do seu amor, do seu enlevo.

Argamassando ele próprio aqueles mesmos matérias, ainda englobados e confusos numa classificação aleivosa, cerebrina ou deficiente, entendeu Raimundo Morais instruir lealmente o seu leitor na síntese e minúcias dos seus belos livros, todos plasmados na autenticidade daquela imensidão fascinante. Obedece a esse probo desígnio a elaboração da obra em foco, que tanto vem exaltar e robustecer os créditos já notórios do eminente publicista.

O meu dicionário de cousas da Amazônia não é, porém, um calepino rígido e frio, onde se agrupem alfabeticamente nomes e locuções, modismos e vulgarismos da pátria mnemórica dos barés e nheengabás; mas um repositório completo de tudo que se refere próxima ou remotamente àquele imenso trecho brasílico, onde ainda permanecem inviolados os melhores e mais idôneos padrões da nossa originalidade nacional.

Fazendo aquela ingente colheita de vocábulos, de fatos, de usos, de tradições, de lendas, de abusões, de mitos, de regionalismos pitorescos, axiomáticos, porque desdobrava em análise a grande síntese da sua obra, Raimundo Morais recortou cada verbete nos moldes impecáveis do seu estilo, engenhando um pequeno conto instrutivo de cada informe.

E como o seu indutivo conhecimento da Amazônia não se fez em dias de apressado labor em terra estranha, ouvindo língua estranha e provando o influxo de consuetudes estranhas; mas em longos anos de trato direto e interativo com aquele povo fragmentado dos barrancos, com aquelas turvas águas silenciosas, com aqueles cedros milenários e canaranas festivas, tudo visto e revisto da ponte de comando do seu navio, a sua notícia é um instantâneo fotográfico da realidade, acrescida do comentário, faceto ou grave, que esclarece a dúvida ou evidencia a verbera o díslate.

É, pois, este livro um elucidário e uma documentação da obra literária tão impressionante e assinalada do autor inconfundível e sobremodo aplaudido e considerado de *País das pedras verdes*, a penúltima joia

da sua apurada lavranteria. Nele se condensa e articula a mesma história da Amazônia, com a sua etnologia, a sua hidrografia, os seus monógrafos, os seus cronistas, a sua hipótese cosmológica, as etapas da sua evolução, todas as modalidades e inerências da sua típica natureza.

Vocabulário ajustado por um esteta, que tem no seu idioma uma intuição genial, escrevendo-o com uma segurança gramatical e vernácula, que as louçanias de forma e a fundura de conceitos duplicam e sobredoi-ram, *O meu dicionário de cousas da Amazônia* é um compêndio que vem suprir a penúria dos nossos léxicos, particularmente lacunosos em matéria de brasilidade, redigidos como têm sido, *ab initio*, por glotólogos lusos, que não podem colher nas próprias fontes a contínua e mais veemente floração da nossa vivaz terminologia.

Levando ao extremo o seu escrúpulo de lexicógrafo, Raimundo Morais não se adstringe à menção do termo mas para logo ratifica o sentido e a aceção, ministrando o persuasivo exemplo das locuções correntes onde vem empregado. Ainda este cuidado seria somenos, se omitisse o autor a etimologia dos seus vocábulos, muitos dos quais se derivam da língua geral e não podem por isso prescindir do respectivo esclarecimento: tais como *curi*, *cutuba*, *arapuca*, *arubé*, etc. Outros, designando animais e vegetais, estão incluídos nas nomenclaturas zoológica e botânica, anu-preto (*Crotophaga ani*), aperema (*Nicoria punctularia*), apuizeiro (*Ficus fagifolia*), araçá (*Psidium araçá*). Tais evocam sábios, artistas, viajantes ilustres, que perlustraram a Amazônia e recapitulam em breves linhas os feitos ou falhas desses percussores.

Avultam nessa plêiade Humboldt, o patriarca dos sertanistas amazônicos; Agassiz, um dos mais argutos classificadores da ictiologia do rio-mar; Orellana, temerário argonauta do El Dorado; Castelnau, que notou o enterramento vertical dos cadáveres carajás; muitos outros, brasileiros e europeus, e até mesmo o americano Henry Ford, incluso no magistral verbete *Fordlândia*, no qual se encontra focalizada com o mais seguro critério e a mais digna imparcialidade a atuação intensiva daquele empreendedor formidável, que atualmente constrói, ao longo do Tapajós, no Pará, uma cidade majestosa pela grandeza do seu futuro, com a sua riqueza industrializada na exploração científica dos seringais sistemáticos. Abordando o instante problema da nossa borracha, ora depreciada, pelo

seu exagerado custo de produção, Raimundo Morais descortina o plano redentor de Ford, graças ao qual, em próximo futuro, levaremos de vencida os nossos concorrentes da África e da Malásia, oferecendo aos mercados de toda a parte, por um preço ínfimo e sem competidor, a melhor borracha do mundo, o látex coagulado da insigne e intransplantável *hevea brasiliensis*.

Como se vê, até mesmo as noções de comércio, de tecnologia e crematística contribuem para o primor, lhaneza e profusão d'*O meu dicionário de cousas da Amazônia*.

Abre-se em pórtico marmóreo sobre a vastidão da matéria um preâmbulo, que dispensa quaisquer encômios, pelas proporções da sua magnificência. Imagine-se a que requintes não ascendeu a ideiação opulenta de Raimundo Morais, paraninfando o seu livro perante o público, histórico as penosas conquistas da sua ilustração, recapitulando o seu multifário cabedal de conhecimentos naquela douta e consultiva especialidade de sua lavra... Esse titânico empreendimento granjeia inquestionavelmente um lugar de honra insubstituível no coração e na biblioteca de todos os nossos intelectuais.

MOTIVOS AMAZÔNICOS

CARLOS PONTES

Escritor por acidente, como a si próprio qualificara Euclides da Cunha, no discurso de recepção da Academia Brasileira, Raimundo Morais é um dos casos mais interessantes das letras contemporâneas.

Nascido e criado na planície amazônica, vivendo desde criança a bordo dos gaiolas que cortam os grandes rios, familiarizou-se bem cedo com a enormidade daquelas selvas, com o espetáculo daquela natureza, que a tantos surpreendeu e aterrou.

Por uma destinação hereditária, fez-se comandante de navio, sulcou as águas profundas e levou com rara capacidade técnica o seu barco aos pontos mais remotos do vale.

Os arquivos da sua sensibilidade, enriquecidos por contínuas e fortes emoções deram-lhe à imaginação as seivas mais vigorosas e, ao revelar-se o escritor, este já possuía uma alma bem formada e exuberante, hoje transfundida em tantas páginas opulentas.

Um incidente profissional revelou, um dia, o homem de letras. Criticando a colocação de um determinado farol, que a capitania do Porto do Pará inaugurara, supondo satisfazer rigorosamente a sua finalidade, traçou umas notas que se alongaram em artigo. Levou o seu trabalho a uma redação que o acolheu com simpatia e o publicou. Viu no dia seguinte o jornal com o artigo, releu-o com volúpia. A letra de fôrma o seduziu, não lhe resistindo mais à fascinação. O navegante estava perdido, a nova sereia, embalando-o, desviara-o da rota...

Como Conrad e Claude Farrère, do convés do seu navio saiu escritor, a todos surpreendendo-se mais si mesmo.

A Amazônia de Raimundo Morais pode-se dizer, é uma Amazônia familiar; conhece-a e examina-a sem terror.

O escritor encontrou o seu assunto, sem o procurar; o próprio assunto o perseguiu, a ele se oferecendo, imperativamente, acabando por empolgá-lo de todo.

O vale imenso que antigamente, na época vertiginosa da prosperidade da borracha, fora a canaã dos aventureiros de todos os matizes, no

delírio das fortunas fáceis, transformou-se hoje – empobrecido e miserável – num motivo dramático de sensacionalismo literário.

A natureza, tendo resistido à loucura dos homens, vive ali a desafiar as musas vadias e a trêfega meia ciência dos naturalista improvisados.

Descobriu-se absurdamente, dentro da própria pátria, uma fonte farta de exotismo para uma literatura ainda sem caráter.

O autor do *Pais das pedras verdes* não foi fazer a Amazônia, a Amazônia o fez. Dela trata com a espontaneidade com que um bardo provençal cantaria as graças da Provença.

A ela deve a sua glória de escritor. Não foi um caçador de sensações, antecipadamente apercebido, e sim um produto nativo da terra férax, como aquelas robustas árvores da planície maravilhosa, alimentadas pelos grandes rios, batidas pelos grandes ventos e iluminadas pelos grandes sóis.

* * *

No primeiro contato com a Amazônia, Euclides da Cunha sentiu-se decepcionado. A um amigo, a quem escrevera, então, confessou que nada poderia dizer de uma natureza que se escondia...

O autor d'*Os Sertões*, com a intensidade da visão imaginativa, preparava-se, talvez, para as emoções fragmentadas de aspectos e cenários gigantescos, mas variados.

Defrontou-se, porém, com uma grandeza, na enormidade de cuja representação sentiu a mais esmagadora monotonia. Ante aquela massa formidanda e uniforme, afrouxaram-se-lhe as cordas dos nervos vibrantes.

Euclides tinha um certo sentido trágico das coisas. O seu colorido desesperado, a *vis* carlyliana das deformações voluptuosas, o estilo entrecortado de espasmos fulgurantes, a vibração da frase bárbara e numerosa, tudo parecia concertar-se organicamente para os espetáculos terríveis da natureza, mas, apesar disto, o seu drama era quase todo de superfície, a que uns tantos efeitos verbais davam a ilusão da intensidade. Nas arestas daquela prosa angustiada havia lampejos esquilianos e ingenuidades biso-nhas. Subordinava as ideias à música da palavra, e o pensador, não raro, contentava-se com as aparências sonoras do pensamento. O metaforismo abusivo, a pompa teatral dos períodos, a orquestração intencional dos vo-

cábulos, a ideação aleatória e fugaz bem traíam o primitivo, a que um fácil messianismo emprestava um vago tom divinatório.

Como Michelet, segundo uma observação de Taine, procurava mais o patético e o efeito do que a verdade. E assim é que a Amazônia, que deveria ser para uma inteligência daquele porte um campo experimental de ideias fecundas, limitou-se apenas a um pretexto alegórico para algumas páginas de beleza literária.

A Amazônia é um dos trechos mais infelizes do Planeta. A sua opulência foi a causa da sua miséria.

Quantas energias admiráveis se dissiparam esterilmente no seio daquelas florestas, quantas ambições se abismaram anônimas no mistério daquelas águas!

Reveladas à ganância dos homens, como um tesouro fácil, abriu-se para a devastação e para o saque. Paraíso dos flibusteiros, dos charlatães e dos mercadores, a Amazônia teve um destino inglório, sem organização, no rigor político da expressão viveu aleatoriamente, desaparelhada e sem defesa.

A sua fortuna foi, apenas, um delírio de parálítico: passada a frase de exaltação, sucumbiu na mais vil tristeza, e aí está esmagada sob as ruínas da própria grandeza.

O El Dorado, que as hipérboles da cupidez decantaram, estirola-se, como os campos de Hus, sob as cóleras divinas. E ante as agonias do gigante, o Brasil, que se acostumara às exclamações inúteis, continua a exclamar comovido...

Há mais de sessenta anos percorreu aquele vale imenso um jovem político do Império, ambicioso da sua pátria e estudioso das nossas coisas, percorreu com o senso de um homem de Estado, que tem o sentido do futuro. Da sua viagem trouxe um livro rico de sugestões e de conselhos, de observações preciosas e de ideias práticas e claras.

Era como a vibração de uma voz profética que ressoava do fundo do Vale para despertar os estadistas sestrosos do Brasil, tão viciados nos jogos frívolos da pequena política, quanto distantes das grandes realidades.

Tavares Bastos viu a Amazônia e compreendeu-a. Que seria aquele rincão se os homens de governo possuíssem a elevação mental do parlamentar alagoano? Decerto que as profecias de um Humboldt já es-

tariam em parte realizadas, e não sofreríamos humilhação do espetáculo desconcertante de uma terra opulenta e de um povo miserável.

A política no Brasil deveria ter feito da Amazônia uma espécie de laboratório de homens de Estado, na prática de cujos problemas se exercitassem e se seleccionassem as mais vigorosas capacidades, e não um posto secundário de sinecura colonial, subordinado aos caprichos do Centro e aos apetites de vaidades facciosas.

O Império teimou por muito tempo em conservar fechado o Amazonas, apesar do clamor patriótico de Tavares Bastos. Aquela política chinesa de isolamento dos nossos estadistas assustadiços, que receavam que nos despojassem de tamanhas riquezas, figurou longamente como medida sábia!...

A primeira república recebeu do Império a Amazônia, como um deserto opulento, onde apenas a máquina burocrática dava a impressão epidérmica de organização. A República deu forma orgânica à desordem e deixou que, numa febre de prodigalidades insensatas e imprevidências criminosas, a Amazônia conseguisse esta coisa, que a todo mundo pareceria um absurdo tremendo, que se arruinasse completamente...

* * *

A obra de Raimundo Morais, tão viva, arrastou-me a tantas considerações. Ela é todo um vasto poema da Amazônia, na multiplicidade dos seus aspectos; nela há as palpitações daquelas selvas poderosas que estuam na Planície fabulosa.

Dos escritores de coisas amazônicas, ele se afirma como seu intérprete mais perfeito o seu mais ardente rapsodo. Não há segredo naquelas selvas nem surpresas naqueles rios, tudo conhece, porque tudo viveu numa lírica intimidade de apaixonado.

Voluptuoso da luz e do som vibra ao fragor daquelas águas revoltas e aos clarões daquele sol alucinante, como um deus selvagem. Escritor visual, sobretudo, as suas paisagens são de uma intensidade de colorido sem igual.

Na *Planície amazônica*, no *País das pedras verdes* passam os quadros mais impressionantes da região. Toda a vida tumultuária do setentrão corre cinematograficamente naquelas páginas, em que o poder evocativo e

a capacidade magnética de comunicação do escritor conseguem empolgar o leitor mais frio.

Os tipos pitorescos da Planície, como o regatão mendaz e traficante, são verdadeiras águas-fortes, admiráveis nos recortes mordentes do caráter. Amplas rasgam-se as descrições animadas de uma forte claridade. Familiar de toda a flora amazônica, pela sua tonalidade e nuances distingue os trechos mais característicos da região, sendo capaz de orientar-se na sua rota pelos incidentes da paisagem. Um determinado espécime vegetal vale como um farol, por ele surpreende os inconvenientes ou as vantagens da passagem. À sua obra, que é grande pela significação e valor da sua objetividade, Raimundo Moraes junta agora como um complemento elucidativo, o seu novo livro – *O meu dicionário de cousas da Amazônia*.

Trata-se, não de um simples e rígido glossário, mas de uma enciclopédia pitoresca, por vezes pessoal, pela jovialidade do tom, cheia de indicações curiosas e de ensinamentos úteis.

Peculiaridades semânticas, modismos populares, anotações científicas sobre a fauna e a flora amazônicas, observações geográficas, lendas, tradições, biográficas ligeiras, etc., tudo se encontra harmonicamente nesse novo trabalho do invocador da Amazônia, que é hoje um dos mais fortes escritores do Brasil.

Do Jornal do Comércio – Rio.

A AMAZÔNIA

COSTA REGO

Entre os erros de minha vida, que são muitos, está não conhecer a Amazônia.

A viagem seria curta, mas nós preferimos, em regra, ver o Reno, fazendo uma viagem maior.

A Amazônia é, contudo, bem mais interessante. Vi-a, agora, pela mão – eu melhor diria pela pena – de Raimundo Morais. E' um encanto percorrê-la desta forma.

Raimundo Morais tem, para descrevê-la, a paixão e o conhecimento da terra; tem igualmente o estilo.

Se o estilo é o homem e todo homem está em seu estilo, esse, de Raimundo Morais é grandioso e bizarro como a terra que descreve. Lembra o de Euclides da Cunha, n'*Os Sertões*, mas não se parece com ele, porque não é cerrado e agreste, como as caatingas da Bahia; é ondulado e corrente, como o estuário donde emergiu.

Este especialista da Amazônia merece a Academia. Não sou eu quem lá o colocará, mas muito me engano ou dentro em breve a Academia o há de seduzir. Que o seduza, menos por ele do que por ela, tanto a feição marcada do escritor reclama que o festejem e consagrem.

A Amazônia conquistaria, ainda, desta forma, a atenção da inteligência. Seu problema é porventura um dos mais brasileiros, daqueles onde mais se esboçam as possibilidades da raça e onde mais, também, se estendem os desalentos dos não realizadores, tudo isto porque é grande. No meio daquela natureza, para repetir a frase do escritor britânico, só o homem é pequeno.

Mas não intoxicuemos a coragem das gerações presentes com o veneno das frases passadas. O mundo vive de suas idades, das idades primitivas como das idades modernas, desde a da pedra lascada até à do ferro. Devemos estar, também, na idade da borracha.

A borracha é a Amazônia!

- Não; não é. Foi...

Perdão, ainda é.

Os fenômenos econômicos subordinam-se à função econômica do meio. A borracha da Amazônia propagava-se, nativa, por toda a terra amazônica. O homem não a cultivava: ia apenas colhê-la, como colheria a água do rio. O inglês, senhor dos mares, vinha buscá-la em navios, a troco de seu ouro. Levou-a um dia para suas terras asiáticas. A borracha, transplantada para lá, cresceu, produziu. O inglês achou mais interessante que seus navios tomassem a rota do Oriente, abandonando a da Amazônia.

E foi assim que a borracha do Brasil faliu.

Faliu, porque, mesmo quando só crescia na Amazônia, estava nas mãos do inglês. Era nossa, por ficção do direito territorial, mas era, de fato, do inglês, porque só o inglês lhe dava o valor extrínseco de mercadoria. Ela só era na verdade borracha a partir do momento em que os guindastes a deixavam cair dentro dos portões dos barcos ingleses. Antes disto, era um pequeno pedaço de natureza; era como a areia do fundo do estuário, era quase um machado de sílex.

Desde o momento em que o inglês, possuindo-a em sua Ásia, desatracou da Amazônia seus cargueiros, a borracha do Brasil retornou à situação primitiva de coisa realmente sem dono e, pois, sem valor. A função econômica do meio faltava-lhe à vida, como a base às paredes de uma casa. A Amazônia não era bastante populosa para ter vapores batendo nos mares os vapores do inglês, nem para possuir as indústrias da borracha competindo com as indústrias inglesas.

Mas o mundo transformou-se. Os fenômenos da vida da humanidade estão sujeitos às leis econômicas como os da vida do homem às leis do crescimento. Dentro destes fenômenos, é possível o aparelhamento da Amazônia para produzir, manufaturar, consumir e exportar sua borracha.

Um nome popular e americano está ligado à tentativa desse empreendimento. Não faltou quem o considerasse com desconfiança. O mal da Amazônia, diz com espírito Raimundo Morais, tem sido o receio de que alguém a tome.

Mas ela só valerá quando alguém de fato a tomar—, a tomar no bom sentido, isto é, aparelhando-a como instrumento de concorrência. Quem menos a tomaria, em um sentido ambíguo, seria precisamente o americano, que dela precisa, intacta, independente, nacional, para afrontar o inglês contra o qual ele já luta por outras formas.

São estas pequenas faces do problema da Amazônia que os livros de Raimundo Morais – *A planície amazônica*, o *País das pedras verdes* e *O meu Dicionário de cousas da Amazônia* – amplamente revelam ao Brasil, revelando, ao mesmo tempo, um escritor que será uma glória.

Do *Correio da Manhã* – Rio.

REVELAÇÃO DA AMAZÔNIA

AZEVEDO AMARAL

Seria difícil encontrar exemplo de outro povo alheio ao meio físico que lhe serve de cenário histórico, como o que oferecemos aos que nos observam surpreendidos pelo nosso desconhecimento das cousas brasileiras. Há nessa negligência do estudo dos elementos materiais que nos cercam, talvez, o efeito de uma desarmonia profunda do homem provindo de outros continentes com o ambiente americano, em que ainda mal se aclimatou e cujos aspectos deixam insensível a sua mentalidade formada na paisagem de outras regiões. O europeu, familiar com todas as árvores das suas florestas e conhecedor do canto de qualquer dos pássaros da sua terra, surpreende não somente com a ignorância que o brasileiro revela da natureza do país, como, sobretudo pelo seu desdém por tais assuntos.

Em nossa legislação, nos processos de governo e nas atitudes políticas que assumimos, reflete-se esse divórcio do homem e da terra, que os métodos tradicionais da nossa pedagogia parecem empenhados em acentuar pelo sacrifício sistemático dos assuntos brasileiros aos temas exóticos na formação educativa das novas gerações. Meninos, que perdem tempo precioso quebrando a cabeça com a decifração inútil dos períodos rebarbativos da língua morta de Tácito, são mantidos em absoluta ignorância do vocabulário ainda não de todo emudecido do indígena, que todo o momento se lhes depara na nossa nomenclatura geográfica e na classificação popular das plantas e dos animais. A corografia do Brasil é aprendida não como se este fora o recanto da Terra que melhor devêssemos conhecer, mas como um apêndice secundário senão desprezível da geografia universal. Assim, toda a nossa cultura se apoia em noções superficiais e ideias errôneas sobre as bases físicas da existência nacional.

Quando a ignorância das cousas brasileiras se estende ao desconhecimento de fatos relativos às zonas mais adiantadas e mais populosas do país, não podem causar o mistério que envolve em nosso espírito as regiões remotas da Amazônia ou do extremo oeste. Há, entretanto, nessa densa ignorância um aspecto humilhante e comprometedor tanto dos créditos da nossa cultura, como do zelo pelas cousas que nos pertencem. A Amazônia, por exemplo, tem sido objeto do estudo de numerosos viajantes e cientistas

estrangeiros, que em seus livros têm dado conta de uma considerável massa de fatos concernentes à topografia, à hidrografia, à flora, à fauna, às possibilidades econômicas e aos costumes das populações dispersas por aquela vasta região, em que o homem parece encontrar-se ainda em condições tão próximas da existência aquática dos primitivos lacustres. Esses livros são lidos por gente de outras raças e de outras línguas, mas quase desconhecidos do nosso pequeno círculo intelectual. Daí resulta que enquanto nós brasileiros desconhecemos por completo tudo que se refere a uma das zonas mais importantes da República, no estrangeiro não são raros os que nos poderiam dar proveitosas lições sobre assunto em que deveríamos ser os mestres. A grande iniciativa de Henry Ford e o desenvolvimento da colonização japonesa na bacia do grande rio são apenas casos particulares, em que se evidencia como a disparidade estranha entre a nossa ignorância e a informação dos alienígenas sobre o vale amazônico envolve a perspectiva de consequências econômicas e políticas, que não podem deixar indiferente aqueles para quem a manutenção da unidade brasileira constitui assunto de alguma relevância.

Quem se dispõe a revelar ao Brasil uma parcela ao menos do mistério da Amazônia, presta, portanto, um dos melhores serviços nesta fase de preocupações mais sérias em torno do problema da organização nacional. É o que vem fazendo, há algum tempo, o Sr. Raimundo Morais, que reúne conjunto admiravelmente apropriado de aptidões intelectuais e de traços de sensibilidade para traduzir em linguagem acessível e ao mesmo tempo impressionante a perturbadora polimórfica da vida amazônica.

Na planície amazônica, Cartas da floresta, e País das pedras verdes representam contribuições não apenas literárias, para o patrimônio intelectual da nação, como talvez mais substanciais subsídios para o estudo científico de uma sociologia amazônica. Esta expressão afigura-se rigorosamente exata, porque tão peculiares são as condições mitológicas da região em apreço, que o desenvolvimento ulterior da civilização naquelas paragens terá forçosamente de seguir rumos acentuadamente diferentes do que observamos no resto do Brasil.

Um dos fatos mais interessantes e ao mesmo tempo de maior alcance que a obra do Sr. Raimundo Morais e notadamente o seu dicionário da Amazônia, cujo primeiro tomo acaba de ser publicado, põe em relevo é o predomínio absoluto do fato hídrico em todo o determinismo socio-gênico da atividade humana na bacia do Amazonas. Que os rios desempe-

nham um grande papel em todas as regiões do globo é noção banal, que se poderia aprioristicamente deduzir da importância econômica da função dos cursos d'água. Mas o que o Sr. Raimundo Morais assinala, antes com a força reveladora de um poeta que pela ação persuasiva do analista, no magnífico prefácio do seu dicionário, é coisa muito diferente do que se passou e ainda ocorre em outros continentes. Na Amazônia, a água não é apenas a grande formadora das associações humanas, facilitando as viagens, evitando os perigos e as surpresas da travessia das florestas, diminuindo as fadigas da escalada das montanhas. Na vasta planície inundada pelo degelo dos Andes, a água se torna o próprio "habitar" do homem, no qual as terras passam a ser meros acidentes, formando o relevo do panorama lacustre em que, em pleno século XX, a civilização vai penosamente surgindo com características sem paralelo no mundo atual e fascinantemente invocadoras de fases remotas da aventura humana.

Creio que essas condições físicas, que o Sr. Raimundo Morais não foi por certo o primeiro a observar e a registrar, mas que antes dele ninguém fixara tão fortemente no nosso idioma, envolve consequências definitivas sobre a evolução econômica e portanto social e política daquela vasta região setentrional da República. Entre a Amazônia e o Brasil que chamarei de terra firme haverá sempre uma profunda diferença de condições materiais, refletindo-se na formação de tipos diferenciados de civilização. Reconciliar as dissonâncias entre o mundo aquático das grandes províncias equatoriais e a civilização continental que lhe fica ao sul, é um dos problemas que terão de preocupar os estadistas do Brasil futuro. Esperemos sejam eles mais capazes de arcar com tão duras questões, de que jamais cogitaram os políticos, letrados ou semi-analfabetos, mas identificados todos pela mesma falta de contato com as realidades do meio brasileiro.

Do *Diário de Notícias*, de Porto Alegre, março – 1931.

O MEU DICIONÁRIO DE COUSAS DA AMAZÔNIA

CARLOS MALHEIRO DIAS

O Sr. Raimundo Morais acaba de publicar o 1º volume do seu anunciado Dicionário. O pronome possessivo com que cuidou, por elegante e proba modéstia, reduzir a significação desta sua obra, não diminui a importância que ela vem ocupar na bibliografia amazonense. Antes de entregar ao prelo este *vade mecum* preciosíssimo, o Sr. Raimundo Morais publicara *Na planície amazônica* e *o País das pedras verdes*, dois livros admiráveis pela linguagem e pelo saber. Se, como escreve no prefácio magistral do Dicionário, “a Amazônia é o trecho do Planeta mais percorrido pelos sábios”, não menos certo é que os descritivos que dela se encontram nos seus livros lhe designam um lugar de honra na bibliografia opulenta que, desde Orellana, os épicos aventureiros, os geógrafos, os naturalistas, os etnógrafos, os homens de letras constituíram em quatro séculos de explorações audazes e porfiadas. Conhecendo tão completamente a obra de todos os seus antecessores como a própria região amazônica, onde reside, o Sr. Raimundo Morais descreve-a em condições excepcionais, pois que reúne à alheia experiência adquirida os resultados de uma longa e paciente contemplação. Navegador, durante muitos anos, do fabuloso rio, ninguém tão fielmente como ele o soube retratar. No convívio com a natureza amazônica, a sua linguagem adquiriu uma riqueza que esplendidamente se adequa aos seus cenários. Mesmo na procurada, na voluntária concisão dos milhares de verbetes que compõem o Dicionário, a nobreza do seu estilo nunca se banaliza, sem sacrifício da simplicidade e da clareza. Estamos em frente de uma obra que representa o fruto concentrado de vinte anos de leituras, de estudos, de observações, onde a nomenclatura botânica e zoológica, a história, a hidrografia, a etnografia, a biografia, o folclore, a terminologia popular e indígena são as notas de um grande hino consagrado à Amazônia. Não cabe, evidentemente, numa breve notícia a homenagem devida a trabalho desta extensão e desta intensidade. Este é um livro que repele os elogios vulgares, os adjetivos inocuamente laudatórios. A sua leitura não desperta apenas admiração, mas também respeito.

Passada a introdução belíssima, entra-se na selva compacta da sabedoria. Não, decerto, uma sabedoria hermética, pedantesca, livresca e inacessível a quem quer instruir-se, mas uma sabedoria intrínseca, controlada pela experiência, animada pelo sentimento contagioso da realidade.

Joaquim Nabuco disse, um dia, que *Os Lusíadas* cheiram a maresia. Do *Dicionário* do Sr. Raimundo Morais se pode dizer que ele parece guardar nas suas páginas o rumor da corrente fluvial e o fragor das suas cachoeiras. É um livro dedicado à documentação da história e da vida de um rio, do mais caudaloso rio do Planeta, que arrasta as suas águas através da mais impenetrável floresta do mundo.

Esperamos coligir a documentação fotográfica necessária para podermos apresentar condignamente aos leitores de *O Cruzeiro* algumas das páginas mais atraentes da obra com que o Sr. Raimundo Morais acaba de enriquecer as letras e a cultura nacional.

De *O Cruzeiro* – Rio.

MINIATURA DO ENORME

LUÍS MORAIS

Começemos por um lugar-comum: O Sr. Raimundo Morais é o estilizador máximo dos assuntos da Amazônia. A eloquência das suas descrições, o colorido dos grandes e iluminados painéis literários em que ele focaliza a paisagem amazônica, a sensibilidade com que interpreta os fenômenos da natureza prodigiosa da região, são excepcionais.

Raimundo Morais forjou o seu estilo para a Amazônia: esse tema é o vitalizado da sua imaginação, a fonte do seu dinamismo verbal, a inspiração da sinfonia wagneriana em que ele narra a vida das cidades e das selvas do vale misterioso. N' *O meu dicionário de cousas da Amazônica*, no prefácio arquitetural dessa obra, Raimundo Morais supera-se a si mesmo. O escritor conhece a sua Amazônia; sobretudo tem vivido a sua Amazônia com emoção.

Os motivos regionais, tirados das constatações científicas, ou da história, ou da fábula, ou da geografia, são familiares ao espírito desse pedagogo de uma gleba desconhecida, que corrige a ciência dos naturalistas, elucida as contradições da história, explica a lenda e os enigmas geográficos.

Raimundo Morais é pintor de telas amplas, onde os seres aparecem em cortejo rumoroso, onde os pedaços de terra, sulcados de artérias-monstros e crivados de árvores-monstros, dão ideia da grandeza cósmica. Os seus livros anteriores – *Na planície amazônica* e *País das pedras verdes* são enormes telas. O escritor, n' *O meu dicionário de cousas da Amazônia* teve de recorrer às miniaturas. Experimentando embora perigosamente um gênero que não é próprio ao fôlego potente do seu espírito, feito para os remédios livres em horizontes vastos, Raimundo Morais pode orgulhar-se do volume que acaba de publicar. Leiam-se, por exemplo, n' *O meu dicionário* de pequeninas obras-primas *Fordlândia* e *Frotas de Salomão* e se identificará, com surpresa e com volúpia, dentro das páginas do elucidário, o rapsodo, o sociólogo e o exegeta do país das pedras verdes.

Redator-chefe do *Monitor Mercantil*

O PROSADOR DO DIA

ANGIONE COSTA

Raimundo Morais inverteu a ordem dos fatores para chegar ao mesmo resultado: vencer. No Brasil os escritores se fazem no Rio. Os da província, aparecem, crescem, destacam-se, mas só se ajustam rigorosamente à profissão quando os batiza a celebridade da metrópole. Para conquistar o Velo de Ouro, partem cedo dos estados e aqui se instalam para os combates decisivos da glória. Raimundo Morais fugiu à regra. Fez-se escritor na província. Começou quando muitos acabam desnorteados, desesperançados. A golpes de bravura, Raimundo conquistou seu lugar. *Notas de um jornalista*, vindo mais tarde, consegue ser bem recebido pela crítica. Raimundo já era um escritor. Tinha personalidade. Conhecia o seu estilo. Daí, Raimundo considerar as *Notas de um jornalista* como seu primeiro livro. Ele marcava as qualidades fortes que se desdobrariam no grande livro publicado a seguir: *Na planície amazônica*.

Com as *Notas de um jornalista*, Raimundo se fez um escritor paraense. Com *Na planície amazônica*, um escritor brasileiro. Foi lido no país todo. Discutido. Aclamado. Estava célebre. Mas continuava no Norte. O rio, só de longe em longe, o interessava. De lá da Amazônia, onde se fizera, queria impor-se aos meios literários do país. Trabalhava. Estudava. Fugia à dispersão dos primeiros tempos. Recolhia-se cada vez mais ao conselho dos livros, ao conforto dos bons escritores. Abandona a primitiva profissão, primeiro, como jornalista militante, diretor de jornais. Depois, como escritor de linhagem, a escrever livros bons. Embrenha-se na política. Foge à política. Volta à política. Separa-se dela definitivamente, parece-me que sem saudades, para integrar-se na profissão de homem de pensamento.

Publica *Cartas da floresta*, seguido pelo *País das pedras verdes*. Já não pleiteia celebridade, não disputa a vã glória das letras. Quer pensar para seu país o viver das belas-letas. Consegue-o. Seu nome, conduzido pelos seus livros, focaliza a opinião. Força o elogio da imprensa do Rio, avara sempre para quem não está aqui a solicitá-lo. Ganha dinheiro. Vence. Logra divulgar o *Na planície amazônica* pelo Brasil inteiro. Três edições, 19 mil exemplares. E tudo isto sem o cabotinismo obrigatório da avenida. Só. Isolado no seu país das pedras verdes. Raimundo dominara.

Agora, está lançando em todas as livrarias, aqui, no Rio Grande, no Pará, em Goiás, em Minas, em São Paulo, em Sergipe, nos derramados cafundós desse Brasil *O meu dicionário de cousas da Amazônia*. E' uma conquista nova. Uma vitória a mais obtida pelo batalhador cheio de qualidades, pelo homem de vontade forte, pelo homem que sabe chegar onde quer, afastando dificuldades, escalando perigos, ladeando abismos, galgando entraves, mas firmando, a golpes de talento, uma personalidade marcada.

O meu dicionário de cousas da Amazônia é um dicionário de coisas do Brasil. Todos os brasileirismos estão ali reunidos. O mineiro reconhece os seus modismos. O gaúcho também. E o nordestino sente que não foi em outra linguagem que lhe embalaram a rede ao nascer. É, assim, um livro brasileiro, feito para o Brasil. E serve também para atestar o ecletismo humano da Amazônia, mostrando como aquela terra tem sido terra de toda gente, explorada, perlustrada, perquirida, muito embora, quase sempre negada e muito pouco compreendida. A Amazônia oferece, com o novo livro de Raimundo Morais, a maior contribuição reunida em volume, do falar brasileiro. O nosso dicionário, de agora por diante, será fácil fazer. Basta pegar *O meu dicionário de cousas da Amazônia*, e transformá-lo em nosso dicionário do linguajar brasileiro. Maior serviço o escritor não poderia prestar às letras de seu país, neste momento de acordo ortográfico luso-brasileiro. E só.

Da *A Pátria* – Rio.

JARDIM DAS VAIDADES

PEREGRINO JÚNIOR

E' raro, é extremamente raro, entre nós, o escritor que resiste com galhardia a um confronto pessoal com a sua própria obra. Os escritores brasileiros, em geral, são muito diferentes dos seus livros. E não apenas isso: são menos interessantes que os seus livros. No Brasil não há paralelismo entre a beleza das obras e a beleza dos autores. Daí certas decepções e certos desapontamentos inevitáveis.

* * *

Pouquíssimos são os artistas brasileiros dos quais se possa contar o episódio, que se narra do Sr. Leopoldo Gattuzzo. Eu não sei se vocês conhecem a anedota. Contá-la-ei. Duas moças foram certa vez visitar uma exposição de quadros do Sr. Leopoldo Gattuzzo. Depois de passarem os olhos, com interesse medíocre, pelas obras do sempre jovem pintor patricio, as moças descobriram um ângulo do salão um belo, de elegância irreprochável, que lhes disseram ser o Sr. Gattuzzo. As moças contemplaram com particular simpatia o perfil apolíneo do artista e, ao deixarem a exposição, exclamaram sem malícia: - Com franqueza, o pintor é melhor do que os quadros!

* * *

Não são muitos escritores, no Brasil, que podem fazer jus a esse belo e invejável elogio. E é por isso, confesso que eu não gosto de conhecer pessoalmente os poetas, os escritores, os artistas que admiro. Tenho horror às decepções irremediáveis! Prefiro admirá-los na distância. Como as montanhas, que de longe são sempre belas e azuis, os homens, também, são mais interessantes e atraentes quando não os conhecemos de perto...

* * *

Eu fiquei triste e inquieto, por isso, quando me disseram que o Sr. Raimundo Morais se achava no Rio. Esse admirável escritor, estilista fulgurante, que, com o mágico prestígio da sua arte, conseguira o milagre de integrar a Amazônia na vida nacional, vinha ao Rio naturalmente desfazer a aura de simpatia que a sua obra lhe criara lá longe. O Sr. Raimundo

Morais era, de resto, nas nossas letras, um caso de exceção: fizera-se célebre, no humilde retiro da sua província, sem pedir licença ao Rio. Quando os críticos da Avenida lhe sancionaram a celebridade, ele já era um escritor notável e glorioso. Mas eu receava que ele pessoalmente viesse estragar o prestígio que a sua obra lhe assegurava na distância...

* * *

O Sr. Raimundo Morais, porém, pode agora sorrir, satisfeito: triunfou nesta segunda prova também. Vindo trazer-nos o primeiro volume d'*O meu dicionário de cousas da Amazônia*, ele nos deu impressão amável. E' um *gentleman*. Polido, discreto, fino, não tem nada de provinciano nem de empático. E' um com o qual é grato conversar. E a prova disto é que a sua vinda ao Rio, em lugar de diminuir-lhe o prestígio, aumentou-lhe a aura de simpatia, admiração e apreço que lhe cerca o nome. Depois, a sua última obra é verdadeiramente notável, e de uma utilidade excepcional. É um livro útil, claro, harmonioso. Eu confesso que é com cordial alegria que saúdo, hoje, esse ilustre e brilhante escritor!

Da *A Pátria* – Rio

O MEU DICIONÁRIO DE COUSAS DA AMAZÔNIA

ADAUTO FERNANDES

Autor da *Terra Verde*

Para aqueles que, como eu, se dedicam ao estudo das nossas coisas brasílicas, *O meu dicionário de cousas da Amazônia*, de Raimundo Morais, é, incontestavelmente, a fonte mais importante e mais segura que temos organizado à feitura e riqueza do nosso idioma, nessa parte, verdadeiramente nacional.

A obra do grande escritor de *Na planície amazônica* representa o esforço paciente e cuidadoso de um espírito de análise e gabinete, encantado à observação das coisas nativas da planície, puramente nossas, cheias de brasilismo, e, dentro das quais sentimos reponer a utilidade do conhecimento que a obra difunde, aumentando a finalidade patriótica de uma contribuição léxica de que tanto se ressentia a nossa literatura.

O folclore amazônico, até então abandonado, entra em grande parte no vocabulário desse livro, revelando ao estudioso o segredo do linguajar do caboclo, já nomeando seres de existência real, mas desconhecidos do resto do Brasil, já identificando coisas do conhecimento peculiar e único do homem das selvas. A interlândia amazônica, quase impenetrável no segredo infinito de deslumbramentos profundos, é, tanto no chapadão que se escancela para os lados de Chiquito, na Bolívia, como no declive sensível das ombreiras que se abrem à ourela vermelha das barrancas solapadas, a mesma planície florestada, alta, imensa, verde, como um grande monstro vestido de clorofila e seiva, querendo escalar os céus.

Dentro do ambiente misterioso dos igapós e terras firmes, ou em meio das clareiras abertas dos rios e lagos, o homem da planície representa um tipo característico, verdadeiramente nacional, que, dia a dia, vai aumentando o cabedal desse idioma que falamos e, malgrado o esforço luso dos gramáticos, tende para a independência completa da língua brasileira.

A contribuição que Raimundo Morais apresenta ao público brasileiro é de um valor inestimável, e, bem de perto, representa o abandono em que se encontra tão maravilhosa fonte de grandeza nativista.

Os idiomas não são produtos de regras preestabelecidas, mas, a resultante direta da evolução do linguajar dos povos, já criando termos novos, apropriados, já importando elementos fônicos de outras raízes, ou mesmo, por neologismos próprios, contribuindo à maior soma de cada vocabulário. Nesse particular a obra de Raimundo Morais, tão pingue de novidades, é digna de estudo e do apreço que merecem os bons livros. “Cuíra”, é a própria impaciência, demonstrando o desejo de alguém ver uma pessoa. Em todo o Brasil ninguém já que conheça isso, a não ser aqueles que se dedicam ao estudo do tupinismo. No entanto, é um termo de uso corrente na planície, como “casco” é o termo que significa a mais humilde embarcação da Amazônia. O seu diminutivo, porém, significa coisa diametralmente oposta. “Casquinho” é a mulher elegante, fina, miúda, bonitinha, de vida misteriosa... conforme explica o autor.

Com a publicação do *O meu dicionário de cousas da Amazônia*, Raimundo Morais não se revela simplesmente o estilista impecável, o escritor profundo e admirável, mas, sobretudo, o brasileiro que ama o Brasil, contribuindo, neste momento, com trabalho real e indiscutível mérito. *O meu dicionário de cousas da Amaonia*, merece ser lido pelo muito que contém de belo e útil.

Do *Correio do Brasil* – Rio

.....
Índice onomástico
.....

A

ADALBERTO (príncipe da Prússia) –
13, 19, 170
ADANSON – 11
ADRIANO JORGE – 28
AGAPITO (major) – 31
AGASSIZ, Luís (naturalista) – 12, 22,
53, 107, 113, 122, 156, 158
ALUÍSIO – Ver FERREIRA, Aluísio
ANDRADE, José Júlio de (coronel) – 28,
29, 91
ANDRADE, Mário de – 160
ANTÔNIO CONSELHEIRO – 24
ARMAUD – 11-12
AUGUSTO – 109
AUTRAN, Alberto (comandante) – 168
AZEVEDO, João Lúcio de – 109

B

BARATA – Ver MAGALHÃES, Joaquim
Cardoso de
BARBOSA RODRIGUES – Ver RO-
DRIGUES, J. Barbosa
BARRANDE – 41
BARROSO, Gustavo – 34, 114
BATES, Henry Walter (naturalista) – 60,
102, 122
BELZEBU – 94
BERNAUD, Alfredo – 109
BISMARCK (conde de) – 13, 19
BLAINVILLE – 162
BONPLAND, Aimé – 13, 21, 53, 138
BRANNER, John C. – 12, 22, 36, 53,
84, 107, 109, 158
BUCKLE, Thomas – 8, 58

BUFFON – 73

C

CACELLA, Alcino (Dr.) – 29, 78
CAMETÁ, João – 171
CARLOS – Ver FERNANDES, Carlos
D.
CASTELNAU, Francisco (conde) – 12,
85
CERVANTES – 121
CHANDLESS, William – 12, 85, 171
CHERMONT, Afonso – 78
CLARKE, John M. (naturalista) – 22
COLOMBO, Cristóvão – 88
CONDAMINE, Carlos Maria de la – 53,
66
COUDREAU, Henry A. – 13, 101
COUTO DE MAGALHÃES – 14, 45,
64
CRULS, Luís – 13, 113
CUNHA GOMES – 113
CUNHA, Luís Pereira da (capitão) – 21

D

DARWIN, Charles – 13, 22, 53, 58, 86,
106
DEL CHINCHON (condessa) – 115
DERBY, Orville A. – 13, 22, 53, 85, 107,
108
DIAS, Euclides Figueiredo – 104
DOWELL, Samuel Mac (professor) –
151

F

FERNANDES, Carlos D. – 15, 23

FERREIRA PENA – Ver PENA, Domingos Soares Ferreira

FERREIRA, Alexandre Rodrigues – 13, 21

FERREIRA, Aluísio (capitão) – 35

FESCHL – 115

FIGUEIREDO, Cândido de – 94

FORD, Henry – 83, 101, 102, 158

FREDERICO HARTT – Ver HARTT, Carlos Frederico

FRERICHS – 115

FRITZ, Samuel (padre) – 13, 150

G

GERMANA – 21

GERVAIS, M. Paulo – 12, 85

GOELDI, Emílio – 13, 14, 51, 60, 74

GONÇALVES DIAS – 98, 122

GRUNBERG, Theodor Kock (etnógrafo) – 160

GURICH, G. – 12, 85

H

HAECKEL – 22, 53, 106

HARTT, Carlos Frederico – 13, 30, 52, 53, 63, 107, 110, 129, 157, 158

HERNDON – 23

HIPÓCRATES – 115

HOMEM DE MELO (barão) – 108

HOMERO – 80

HOONHOLTZ, Antônio Luís Von (almirante) – 34

HUBER, Jacques – 14, 106

HUMBOLDT, Alexandre (barão) – 13, 20, 21, 52, 53, 66, 101, 119, 122, 138

I

INGLÊS DE SOUSA – 129

ISABEL (rainha) – 141, 171

J

JAIME I – 171

JOÃO AFONSO – 109

JOÃO BORGES – 109

JOÃO DANIEL – 109

JOÃO LÚCIO – 109

JOÃOS (os) – 109

JORGE V – 92

JOSÉ (D.) – 40

JOSÉ JÚLIO – Ver ANDRADE, José Júlio de

K

KELSCH – 115

KINER – 115

L

LA PALISSE – 15

LADISLAU NETO – 13, 90, 111, 157

LE BON, Gustavo – 8

LEÃO, Acilino de (Dr.) – 21

LOBATO (coronel) – 35

LUDOVICO – Ver SCHWENNHA-
GEN, Ludovico

LUTEMBERGER (frei) – 108

M

MACHADO DE ASSIS – 140

MACIEL, Maximino – 35

MAETERLINCK – 66

MAGALHÃES, Joaquim Cardoso de (ca-
pitão) – 35

MALAQUIAS (capitão) – 29

MARCO POLO – 8, 88

MARIA LEOPOLDINA (arquiduquesa)
– 53

MARTINS COSTA – 108

MARTIUS, Carlos Frederico Philippe von – 13, 14, 23, 53, 66, 67, 74, 105, 114, 146

MAURY, M. F. – 122

MAXIMILIANO (príncipe da Áustria) – 121

MAXIMILIANO JOSÉ (rei) – 53

MECKEL – 115

MENDONÇA, Francisco Xavier Furta-
do de – 40

MONTENEGRO, Augusto – 74

MORFEU – 94

MULLER, Fritz (naturalista) – 41

N

NABUCO, Joaquim – 122

NATTERER, Johannes (naturalista) –
11, 60

NÉRI, Silvério (Dr.) – 35

O

OFIR – 87

OLIVEIRA, Álvaro de – 108

ONFROY, Henrique (D.) – 87

ORELLANA, Francisco – 13, 17, 23, 85

ORIOLLA (conde de) – 13, 19

ORTON, James – 12, 22, 85, 106, 107

ORVILLE – Ver DERBY, Orville A.

P

PAIVA, Glycon de – 14

PAIVA, Guilherme (engenheiro) – 168

PARVAIM – 87

PEDRO I (D.) – 53

PENA, Domingos Soares Ferreira – 13,
53, 73, 74

PERIAÇU, A. (médico) – 51

PIMENTA BUENO – 108

PLATÃO – 8, 87, 90

PLUTARCO – 88

POMBAL (marquês de) – 40

PORTO, Durval Pires – 116

R

RALEIGH, Walter – 66, 141, 171

RAMALHO ORTIGÃO – 50

RAMIZ GALVÃO – 75, 108

RATHBUN – 53, 107

RECLUS, Elisée – 15, 75, 102, 106, 129

RENAN – 88

RIBEIRO, João – 95

RICE, Hamilton – 14, 160

RODRIGUES, J. Barbosa – 12, 13, 66,
105

RONDON, Cândido Mariano (general)
– 14, 46, 47

ROQUETE PINTO – 124

ROSS – 115

S

S. TOMÉ – 7

SÁ DE MENESES (governador) – 150

SAINT-HILAIRE, Augusto de – 30, 43

SALDANHA DA GAMA – 108

SAMPAIO, Francisco Xavier Ribeiro –
85

SANTA ROSA, Henrique A. – 101

SANTANA MARQUES – 78

SANTOS, César – 58

SCHOMBURGK, R. – 60

SCHWENNHAGEN, Ludovico – 90,
91, 92

SILVA, Alfredo Salustiano da – 71

SILVA, Antônio Morais e – 93

SMITH, Herbert – 53, 107

SÓCRATES – 15, 73

SPIX, João Batista – 14, 53, 74

SPRUCE, Richard – 146

SWIFT – 8

T

TARDSCHISCH – 87
TAVARES BASTOS – 83, 122, 159
TEFÉ (barão de) – 34
TEIXEIRA, Pedro – 91
THORON – 88, 89, 90, 91, 92
TOSCANELLI – 88
TROMP (almirante) – 20

U

URBANO, Manuel – 171
URSÚA, Pedro de – 133

V

VASCONCELOS, Santos Estanislau
Pessoa de (desembargador) – 151
VEIGA CABRAL (Dr.) – 29

VERÍSSIMO, José – 20, 129, 152
VICTOR HUGO – 34
VIEIRA, Antônio (padre) – 7, 25, 91
VIEIRA, Celso – 30
VIGO, Juan del – 115
VON HOONHOLTZ – Ver HOO-
NHOLTZ, Antônio Luís Von
VON MARTIUS – Ver MARTIUS, Car-
los Frederico Philippe Von

W

WALLACE, Alfredo Russel – 13, 21, 60,
122, 146
WALLIS, Gustavo (botânico) – 60, 171
WAPPAEAUS, J. E. – 23, 43, 51, 108,
121, 134
WIRCHOW – 115

O meu dicionário de cousas da Amazônia,
de Raimundo Morais, foi composto em Garamond,
corpo 12/14, e impresso em papel vergê areia 85 g/m², nas oficinas da
SEEP (Secretaria Especial de Editoração e Publicações), do Senado Federal,
em Brasília. Acabou-se de imprimir em março de 2013, de
acordo com o programa editorial e projeto gráfico do
Conselho Editorial do Senado Federal.

Sobre a Amazônia

A Amazônia e a integridade do Brasil

Artur César Ferreira Reis - Volume 20.

A Amazônia na era pombalina

Marcos Carneiro de Mendonça - Volume 49.

*A questão geopolítica da Amazônia, da soberania difusa
à soberania restrita*

Nelson de Figueiredo Ribeiro - Volume 64.

Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas (de 1825 a 1829)

Hércules Florence - Volume 93.

Um paraíso perdido - Ensaio amazônicos

Euclides da Cunha - Volume 113.

*Amazônia ameaçada - Da Amazônia de Pombal
à soberania sob ameaça*

Gilberto Paim - Volume 116.

Amazônia, patrimônio universal?

Jarbas Passarinho - Volume 135.

Norte do Brasil através do Amazonas

Vítor Godinho e Adolfo Lindenberg - Volume 159.

